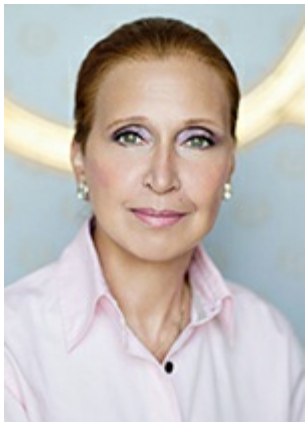

grande
mulher
Uma história de aceitação e autodescoberta
DANIELLE
STEEL
A AUTORA MAIS POPULAR EM TODO O MUNDO
BERTRAND EDITORA



DANIELLE STEEL é a mais popular das autoras contemporâneas e já entrou no *Guinness World Records* por ter tido um ou mais livros seus durante 381 semanas consecutivas na lista de *best-sellers* do *New York Times*.

Em 2002, a autora foi galardoada com a prestigiante **Ordre des Arts et des Lettres** pelo seu contributo de uma vida para a cultura mundial.

É ainda fundadora de duas instituições de solidariedade, em memória do seu filho Nick: a **Nick Traina Foundation**, que apoia doentes do foro psiquiátrico e crianças vítimas de maus-tratos, e a **Yo! Angel!**, que ajuda os sem-abrigo.

A autora, mãe de nove filhos, vive em São Francisco e Paris.

www.daniellesteel.net
www.daniellesteel.com

Título original: Big Girl
1.ª edição em papel: março de 2014
Autora: Danielle Steel
Tradução: Rita Rocha
Revisão: Eda Lyra
Design da capa: Getty Images

© 2010 by Danielle Steel
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-2830-6

Como sempre, para os meus
filhos maravilhosos, Trevor,
Todd, Beatie, Nick, Sam, Victoria,
Vanessa, Maxx e Zara,
que me apoiam sempre e me
dão tantas alegrias, ternura, amor,
bondade e momentos extraordinários.
Nos bons e nos maus momentos,
apoiamo-nos sempre uns aos outros.
Obrigada por serem uma bênção
enorme na minha vida.

Com muito amor,
Mãe/d.s.

CAPÍTULO 1

Jim Dawson era bonito desde o dia em que veio ao mundo. Filho único, fora sempre alto para a idade, tinha um corpo perfeito e, à medida que foi crescendo, tornou-se um atleta excecional. Era o centro do mundo dos pais. Estavam ambos já na casa dos quarenta quando ele nasceu, sendo uma bênção e uma surpresa, após anos a tentarem ter um filho. Já tinham perdido as esperanças quando apareceu o bebé perfeito. A mãe olhou-o embevecida na primeira vez que o pegou ao colo. O pai adorava jogar à bola com ele. Ele era a estrela da equipa de basebol e, na escola, conforme crescia, as raparigas caíam-lhe aos pés. Tinha cabelo escuro, olhos castanhos aveludados e uma covinha pronunciada no queixo, como uma estrela de cinema. Na universidade, foi capitão da equipa de futebol e não foi admiração nenhuma quando começou a namorar com a rainha do baile de finalistas, uma rapariga bonita, cuja família se mudara de Atlanta para o sul da Califórnia no seu ano de caloira. Ela era pequenina e elegante, tinha os olhos e o cabelo tão escuros quanto os dele e a pele como a da Branca de Neve. Era dócil e delicada e nutria uma admiração enorme por ele. Ficaram noivos no dia em que se licenciaram e casaram no Natal desse mesmo ano.

Nessa altura, Jim trabalhava numa agência de publicidade e Christine passou os seis meses depois das aulas a preparar o casamento. Ela também tinha acabado o curso, mas o seu único interesse durante os quatro anos da faculdade era encontrar um marido e casar. E faziam um par deslumbrante, com uma aparência impecável, tipicamente americana. Completavam-se na perfeição, e quem os via lembrava-se logo dos casais das capas de revistas.

Depois de casarem, Christine quis ser modelo, mas Jim nem quis ouvir falar nisso. Ele tinha um bom emprego e ganhava bem e não queria que a mulher trabalhasse. O que iriam as pessoas pensar dele se a mulher trabalhasse? Que ele não a conseguia sustentar? Ele queria-a em casa à sua espera todas as noites, e era o que ela fazia. Quem os conhecia dizia que eles eram o casal mais bonito que alguma vez se vira.

Nunca houve dúvidas sobre quem usava as calças lá em casa. Jim ditava as regras e Christine sentia-se confortável nessa situação. A mãe morrera quando ela era ainda muito nova. E a mãe de Jim, que Christine tratava por mãe Dawson, estava constantemente a enaltecer o filho. Christine rapidamente passou a venerá-lo, tal como os pais dele tinham feito. Ele era um marido terno, dava-lhe tudo o que ela queria, era divertido, um atleta perfeito e foi sempre subindo firmemente na agência de publicidade. Era simpático e amável com as pessoas desde que o admirassem e não o criticassem. Mas a maior parte delas não tinha razão para o criticar.

Jim era um jovem bem-parecido, fazia amigos com facilidade, punha a mulher num pedestal e tratava muito bem dela. Tudo o que esperava dela era que fizesse o que ele dissesse, que o venerasse e o adorasse, e que o deixasse gerir tudo. O pai dela também tinha tido ideias semelhantes e ela foi educada para ser a mulher dedicada de um homem como ele. A vida deles era tudo o que ela imaginara ou ainda mais do que isso. Não havia surpresas desagradáveis com Jim, nem comportamentos estranhos, nem desilusões. Ele protegia-a, cuidava dela e dava-lhe tudo do bom e do melhor. A relação entre eles funcionava na perfeição. Cada um sabia qual o seu papel na relação e cumpria as regras. Ele era o adorado e ela a adoradora.

Nos primeiros anos, não tiveram pressa nenhuma em ter filhos e teriam esperado mais se as pessoas não começassem a fazer comentários sobre a razão de eles ainda não os terem. Jim sentia esses comentários como uma crítica ou como uma insinuação de que não poderiam ter filhos. Contudo, ambos gostavam da independência de que desfrutavam sem os filhos a prendê-los. Jim levava-a com frequência a viajar aos fins de semana, faziam férias divertidas e iam jantar fora uma ou duas vezes por semana, apesar de Christine ser uma ótima cozinheira e de ter aprendido a fazer todos os pratos preferidos de Jim. Nenhum deles sofria com a falta dos filhos, apesar de concordarem que, um dia, iriam tê-los. Contudo, cinco anos depois de terem casado, até os pais de Jim começaram a ficar preocupados que eles pudessem estar a ter as mesmas dificuldades que os haviam impedido de terem uma família durante vinte anos. Jim garantiu-lhes que não tinham quaisquer problemas, que estavam apenas a divertir-se e que não tinham pressa em ter filhos. Tinham vinte e sete anos e gostavam de se sentir livres e sem entraves.

Mas os interrogatórios constantes começaram, por fim, a afetá-lo, e ele disse a Christine que estava na altura de aumentarem a família. E, como sempre, Christine concordou. O que Jim achasse que era o melhor, sê-lo-ia para ela também. Christine engravidou de imediato, mais cedo do que eles esperavam. Foi mais fácil do que tinham planeado, pois pensaram que poderia demorar entre seis meses a um ano. E, apesar das preocupações da sogra, foi uma gravidez fácil para Christine.

Quando ela entrou em trabalho de parto, Jim levou-a para o hospital e optou por não ficar na sala de parto quando o bebé nascesse, o que também parecia o plano certo para Christine. Ela não queria que ele fizesse nada que o deixasse incomodado. Ele queria um menino e ela também o desejava para lhe poder agradar. Nem sequer pensaram que pudesse ser uma menina e preferiram não saber o sexo do bebé antecipadamente. Com toda a sua virilidade, Jim esperava que o seu primogénito fosse um filho e Christine decorou o quarto do bebé em tons de azul. Estavam ambos plenamente confiantes de que seria um rapaz.

O bebé não tinha dado a volta e teve de ser feita uma cesariana, por isso, Christine ainda estava no recobro a dormir devido à anestesia quando deram a notícia a Jim. E quando ele viu o bebé que a enfermeira lhe mostrava através do vidro do berçário, por uns breves minutos, pensou que esse bebé tinha sido trocado. Tinha a cara redonda com bochechas gorduchas que não se parecia com nenhum deles, e um tufo de cabelo muito louro. E, mais surpreendente do que o seu aspeto e cor, era uma menina. Não era o bebé que esperavam e, enquanto olhava para ele através da janela do berçário, só conseguia pensar que a criança era parecida com a rainha

Vitória de Inglaterra. Assim que o disse a uma das enfermeiras, ela repreendeu-o e disse-lhe que a filha dele era linda. Não estando habituado aos esgares dos recém-nascidos, ele discordou. Ela parecia-lhe filha de outra pessoa qualquer e não parecia nada filha dele e de Christine. Completamente desiludido, sentou-se sorumbático na sala de espera até o chamarem ao quarto de Christine. Assim que ela viu a cara dele, percebeu de imediato que era uma menina e que, aos olhos do marido, ela havia falhado.

— É uma menina? — murmurou ela, ainda zonza da anestesia, e ele anuiu sem dizer nada. Como haveria de contar aos amigos que o filho dele afinal era uma menina? Era um grande choque para ele e um desprestígio para a sua imagem, algo que ele não podia controlar, o que nunca lhe acontecia. Jim gostava de orquestrar tudo e Christine estava sempre pronta a alinhar com ele.

— Sim, é uma menina — disse ele, recompondo-se finalmente, enquanto os olhos de Christine se embaciavam de lágrimas. — Parece a rainha Vitória. — E continuou a brincar com Christine. — Não sei quem é o pai, mas parece que ela tem olhos azuis e cabelo louro.

Ninguém nas duas famílias era louro, à exceção da avó dele, o que lhe parecia um bocado forçado. Mas não duvidou de Christine. Esta criança era, obviamente, um recuo no mapa genético de ambos, e, definitivamente, não parecia filha deles. As enfermeiras tinham dito que ela era muito bonita, mas Jim não estava convencido. Só várias horas depois é que a trouxeram para junto de Christine, que a olhou maravilhada, enquanto a agarrava nos braços e lhe tocava nas mãos pequeninas. A bebé estava bem aconchegada num cobertor cor-de-rosa. Christine tinha acabado de levar uma injeção para impedir a produção de leite, uma vez que haviam decidido que ela não iria amamentar. Jim não queria e ela também não tinha vontade. Ela queria recuperar a forma o mais depressa possível, pois Jim sempre gostara dela delicada e ágil e não a achara atraente durante a gravidez, apesar de ela ter tido muito cuidado com o peso. Tal como Jim, também ela achava difícil de acreditar que aquela bebé gorducha, branquinha e loura fosse deles. Tinha as pernas compridas e fortes como Jim, mas as suas feições em nada se pareciam com as deles. Quando a viu, a mãe Dawson depressa concordou com Jim e disse que se parecia com a avó paterna dele, mas que esperava que, mais tarde, isso não acontecesse. A avó tornara-se uma mulher roliça e pesada e ficara conhecida pelos dotes culinários e de costura e não pela sua aparência.

Um dia depois do nascimento, o choque de ser uma menina já tinha passado um pouco, apesar de os amigos de Jim brincaram com ele no escritório, dizendo-lhe que ele tinha de tentar ter um rapaz. Christine estava preocupada que ele ficasse zangado com ela por causa disso, mas ele garantiu-lhe docemente que estava satisfeito por ela e a bebé estarem bem e que iriam tirar o melhor partido da situação. A forma como o disse fez com que Christine sentisse que tinha passado para segundo lugar e a mãe Dawson reforçou essa ideia. Não era segredo nenhum que Jim queria um filho e não uma filha, quase como confirmação da sua virilidade e capacidade de fazer um rapaz. E como nunca lhes tinha passado pela cabeça que poderiam ter uma filha, não tinham escolhido nomes de meninas para a bebé gorducha e loura que estava ao colo da mãe.

Ele tinha brincado a dizer que ela era parecida com a rainha Vitória, mas ambos

concordaram que gostavam desse nome. Jim foi ainda mais longe e sugeriu que o nome completo fosse: Victoria Regina Dawson, em homenagem à rainha Vitória. Vitória, a Rainha. O nome parecia estranhamente apropriado quando olhavam para ela, e Christine concordou com ele. Ela queria que o marido ficasse feliz, pelo menos, com a escolha do nome, já que não tinha ficado com o sexo. Ainda sentia que o tinha desapontado por ter tido uma menina. Mas, cinco dias depois, quando saíram do hospital, ele parecia já lhe ter perdoado.

Victoria era uma bebé fácil e feliz, bem-disposta e pouco exigente. Começou a andar e a falar cedo e as pessoas costumavam comentar que ela era uma menina muito fofa. Continuou muito lourinha e a penugem que tinha quando nasceu transformou-se numa coroa de caracóis louros. Tinha os olhos grandes e azuis, cabelo louro muito claro e pele branca e macia. Havia quem comentasse que ela parecia inglesa e, nessa altura, Jim dizia sempre que o nome dela vinha da rainha Vitória, com quem ela se parecia, e ria-se a bom rir. Tornou-se a sua piada preferida sobre a bebé, e ele adorava partilhá-la, enquanto Christine sorria recatadamente. Ela amava a filha, mas o amor da sua vida fora sempre o marido, e isso não tinha mudado. Ao contrário de algumas mulheres que se concentravam totalmente nos filhos, a principal preocupação dela era Jim e só depois a bebé. Christine era a companheira perfeita para um narcisista como Jim. Ela só tinha olhos para ele. E, apesar de ele ainda querer um filho para se sentir completo e jogar à bola com ele, nenhum deles tinha pressa. Victoria encaixou-se com facilidade na vida deles e causou poucas perturbações, e ambos tinham medo que dois filhos, principalmente de idades muito aproximadas, fossem demasiado difíceis de acompanhar, por isso, continuavam satisfeitos apenas com Victoria. A mãe Dawson ainda deitou mais achas para a fogueira ao dizer que era uma pena não terem tido um rapaz, porque assim não teriam de pensar em ter um segundo filho, uma vez que os filhos únicos eram sempre mais inteligentes. E, claro, o filho dela era filho único.

À medida que foi crescendo, Victoria parecia ser muito inteligente. Era tagarela, amável, e, aos três anos, tinha conversas em que parecia muito mais velha. Dizia coisas engraçadas e estava sempre atenta a tudo o que a rodeava. Christine ensinou-a a ler aos quatro anos e, aos cinco, o pai contou-lhe que tinha o nome de uma rainha. Victoria sorria com grande alegria sempre que ele dizia isso. Ela sabia como eram as rainhas. Nos contos de fadas que lia, eram bonitas e usavam lindos vestidos. E, às vezes, também tinham poderes mágicos. Ela sabia que lhe tinham dado o nome da rainha Vitória, mas não fazia ideia de como ela era. Sabia que devia ser parecida com a avó do pai, mas também nunca tinha visto uma fotografia dela e perguntava-se se essa bisavó também tinha sido uma rainha.

Aos seis anos, Victoria ainda era redondinha e rechonchuda. Tinha as pernas fortes e diziam-lhe com frequência que era grande para a idade. Nessa altura, andava no primeiro ano e era mais alta do que a maioria das crianças. E também era mais pesada do que algumas delas. As pessoas diziam que ela era «matulona», o que ela interpretava sempre como um elogio. Ainda andava no primeiro ano, quando um dia, ao folhear um livro com a mãe, viu a rainha que lhe dera o nome. O nome dela estava escrito claramente por baixo da fotografia. Vitória Regina, tal como o nome de Victoria.

A rainha tinha ao colo um cão da raça *pug* que era incrivelmente parecido com ela. A fotografia tinha sido tirada nos últimos anos de vida da rainha. Victoria sentou-se a olhar para a página durante muito tempo sem dizer uma palavra.

— É ela? — perguntou, por fim, à mãe, com os seus enormes olhos azuis a fitarem-na. Christine anuiu com um sorriso. Afinal de contas, era só uma piada. Ela era parecida com a avó de Jim e com mais ninguém.

— Foi uma rainha muito importante em Inglaterra há muito tempo — explicou Christine.

— Nem sequer tem um vestido bonito, não tem coroa e o cão dela também é feio. — Victoria estava desolada ao dizer isto.

— Já era muito velha nessa altura — disse a mãe de Victoria a tentar suavizar o momento. Percebeu que a filha estava abalada e isso deixou-lhe um aperto no coração. Ela sabia que Jim não era mal-intencionado, mas, por momentos, a piadinha dele tinha tido um efeito contrário e Victoria parecia ter ficado chocada. Ficou a olhar imenso tempo para a fotografia e duas lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto. Christine não disse nada quando viraram a página e esperou que Victoria se esquecesse da fotografia que vira. Mas ela nunca esqueceu. E a perceção que ela tinha de como o pai a via, como uma rainha, nunca mais foi igual.

CAPÍTULO 2

Um ano depois de Victoria ter visto a fotografia da rainha Vitória, o que mudou a ideia que tinha de si própria para sempre, os pais informaram-na de que ia ter um irmãozinho ou irmãzinha. Victoria ficou radiante. Muitos colegas da escola tinham irmãos, ela era das poucas que não tinha, e adorava a ideia de ter um bebé para brincar como se fosse um boneco a sério. Estava no segundo ano quando os pais lhe deram a notícia. Uma noite, já tarde, quando os pais pensavam que ela estava a dormir, ouviu-os dizer que o novo bebé fora um acidente, mas ela não tinha a certeza do que essas palavras assustadoras queriam dizer. Ficou com medo que o bebé estivesse magoado e que até pudesse nascer sem braços ou sem pernas, ou que talvez não pudesse andar quando crescesse. Não sabia se o acidente tinha sido mau, mas não queria perguntar. A mãe chorara por causa disso e o pai parecia preocupado. Ambos disseram que a vida lhes corria bem apenas com Victoria. Era uma criança fácil que nunca os incomodava e fazia o que eles mandavam. Aos sete anos, não lhes dava qualquer problema. Durante toda a gravidez, o pai disse sempre que esperava que fosse um rapaz. A mãe parecia querer também um menino, mas, desta vez, decorou o quarto do bebé em tons de branco em vez de azul. Já tinha aprendido essa lição quando Victoria os surpreendeu e saiu uma menina. A mãe Dawson previa que seria novamente uma menina e Victoria desejava que assim fosse. Os pais decidiram de novo não querer saber o sexo antes do nascimento. A mãe de Victoria tinha medo de uma má surpresa, agarrando-se todo o tempo à esperança de que agora fosse um menino.

Victoria não sabia bem porquê, mas os pais não pareciam tão entusiasmados com o bebé quanto ela. A mãe queixava-se que estava gorda e o pai brincava com Victoria, dizendo que esperava que o bebé não fosse parecido com ela. Ele nunca se esquecia de lhe recordar que ela era parecida com a avó dele. Havia poucas fotografias dela, mas aquelas que Victoria tinha finalmente visto mostravam uma mulher corpulenta, de avental, que parecia não ter cintura, com umas ancas enormes e um nariz abatatado. Não sabia o que era pior, ser igual à bisavó paterna ou ser parecida com a rainha feia que vira na fotografia a posar com o cão. Depois de ver as fotografias da bisavó, ficou obcecada com o tamanho do seu próprio nariz. Era pequeno e redondo e ela achava que era como uma cebola plantada no meio da cara. A bem do bebé, Victoria esperava que ele não herdasse o mesmo nariz. Mas como o bebé era um «acidente», havia coisas muito mais graves com que se preocupar. Os pais nunca lhe explicaram o acidente, mas ela nunca se esqueceu da conversa que ouvira. Victoria ficou ainda mais determinada em dedicar-se ao bebé e a fazer tudo o que fosse preciso para o ajudar. Esperava que as lesões do

acidente não fossem muito graves. Talvez fosse apenas um braço partido ou um galo na cabeça.

Desta vez, a cesariana de Christine foi planeada e os pais explicaram a Victoria que a mãe ia ficar no hospital durante uma semana e que ela não poderia ver nem a mãe nem o bebé até voltarem para casa. Disseram que eram as regras e ela perguntou-se se seria para lhes dar tempo de tratar as lesões que o bebé teria sofrido no tal acontecimento misterioso de que ninguém parecia querer falar ou explicar.

No dia em que o bebé nasceu, o pai chegou a casa às seis da tarde, quando a avó de Victoria lhe estava a preparar o jantar. Avó e neta olharam para ele ansiosas e a desilusão dele tornou-se evidente quando lhes disse que era uma menina. Mas depois sorriu e disse que a bebé era linda e, desta vez, muito parecida com ele e com Christine. Ele parecia extremamente aliviado, apesar de não ser um menino. E disse que lhe iam pôr o nome de Grace por ela ser tão bonita. A avó Dawson também sorriu, orgulhosa da sua habilidade para adivinhar o sexo do bebé. Ela sempre tivera a certeza de que era uma menina. Jim descreveu-a com cabelo escuro, olhos grandes e castanhos como os pais, a mesma pele branquinha da mãe e os lábios finos, cor-de-rosa, desenhados na perfeição. Disse que ela era tão bonita que podia entrar em anúncios de bebés. A beleza dela compensava o facto de não ser um menino. Não fez referência nenhuma a qualquer lesão da bebé no acidente que durante os últimos oito meses tanto havia preocupado Victoria, o que a fez ficar aliviada. Só queria que a bebé estivesse bem e, pelos vistos, parecia ser muito bonita.

No dia a seguir, telefonaram à mãe no hospital e ela pareceu muito cansada. Desta forma, Victoria ficou ainda mais determinada em fazer tudo o que pudesse para ajudar quando elas regressassem a casa.

Grace era ainda mais bonita do que disseram quando Victoria a viu pela primeira vez. Era extremamente delicada e muito perfeita. Parecia um bebé dos livros ou dos anúncios, como tinha dito o pai. A avó Dawson debruçou-se de imediato sobre ela e tirou-a dos braços de Christine, enquanto Jim a ajudava a sentar-se e Victoria tentava vê-la melhor. Estava ansiosa para agarrar a bebé, dar-lhe beijinhos nas bochechas, falar-lhe suavemente e mexer-lhe nos dedos pequeninos. Nem por um instante teve ciúmes dela, só alegria e orgulho.

— É linda, não é? — disse Jim, cheio de orgulho, para a mãe, que concordou de imediato. Desta vez, não houve nenhuma referência à avó paterna e nem era preciso. A bebé Grace parecia uma boneca de porcelana e todos concordaram que era a bebé mais bonita que já tinham visto. Não era nada parecida com a irmã mais velha, que tinha olhos grandes e azuis e cabelo cor de trigo. Era até difícil imaginar que as duas eram irmãs ou que Victoria pertencia a esta família, pois todos eles tinham os olhos e o cabelo escuros e ela era muito loura. O corpo rechonchudo de Victoria também não era nada parecido com o deles. Ninguém comparou esta bebé com a rainha Vitória, nem sequer falaram do nariz achatado. A bebé tinha o nariz de fada ou de uma escultura, tal como Christine. Desde o dia em que nasceu, era evidente que Grace era um deles, enquanto Victoria parecia ter sido deixada à porta de casa por outra pessoa. Grace era perfeita e, ao olhar com adoração para ela nos braços da avó, Victoria só sentiu amor. Mal podia esperar para a poder agarrar. Já a adorava muito antes de ela nascer e agora aqui estava

ela finalmente.

Jim não resistiu a troçar da filha mais velha, tal como sempre. Ele era assim mesmo e adorava fazer piadas à custa de alguém. Os amigos achavam-no muito divertido e ele não hesitava sobre quem era o objeto das suas piadas. Virou-se para Victoria, com um sorriso maléfico, enquanto ela olhava ternamente para a bebé.

— Pelos vistos, foste a nossa fornada experimental — disse ele, afagando-lhe o cabelo com carinho. — Desta vez, acertámos em cheio na receita — comentou satisfeito, enquanto a avó Dawson explicava que uma fornada experimental era o que se fazia para verificar a combinação dos ingredientes e a temperatura do forno. Nunca saía bem à primeira, por isso, deitava-se fora essa fornada experimental e tentava-se de novo. De repente, Victoria ficou apavorada. Como Grace tinha saído tão perfeita, será que eles a iam deitar fora? Mas ninguém disse nada sobre isso, enquanto a mãe, a avó e a irmã bebé subiam para o andar de cima. Victoria seguiu-as aterrorizada. Manteve-se a uma distância discreta e observou tudo o que faziam. Queria aprender para fazer sozinha. Tinha a certeza de que a mãe a iria deixar ajudar quando a avó se fosse embora. Antes de Grace nascer, ela já tinha perguntado e a mãe tinha concordado.

Vestiram a bebé com um *babygro* cor-de-rosa, embrulharam-na numa manta e Christine deu-lhe um biberão de leite que trouxera do hospital. Depois, ajudou-a a arrotar e deitou-a no berço. Foi a primeira oportunidade que Victoria teve de olhar bem para a recém-chegada. Era mesmo o bebé mais bonito que ela já tinha visto, mas, mesmo que não fosse, mesmo que tivesse o nariz grande da bisavó ou fosse parecida com a rainha Vitória, ela amá-la-ia de igual modo. Já amava. A beleza dela não era nada importante para Victoria, só mesmo para a família.

Enquanto a mãe e a avó falavam, Victoria enfiou com cuidado o dedo no berço ao lado da mão da bebé. Esta olhou para ela e prendeu os dedos pequeninos à volta do seu dedo. Foi o momento mais emocionante de sempre para Victoria, que sentiu, de imediato, o laço entre as duas e que o mesmo iria fortalecer-se e durar para sempre. Jurou em silêncio tomar conta dela durante toda a vida e nunca deixar que ninguém a magoasse ou a fizesse chorar. Queria que a vida da bebé Grace foi perfeita e estava disposta a fazer tudo o que fosse preciso para garantir isso. Grace fechou os olhos e adormeceu, e Victoria ficou ali a olhar para ela. Estava muito feliz por não ter restado nenhuma lesão do acidente e por Grace estar finalmente ali.

Pensou no que o pai tinha dito sobre ela ser a fornada experimental e perguntou-se se seria verdade. Talvez só a tivessem tido a ela para se assegurarem de que Grace seria como eles queriam. E, se assim foi, tinham de facto acertado. Era a coisa mais fofinha que Victoria já vira, e os pais e a avó diziam o mesmo. Por um breve instante, Victoria desejou que outra pessoa tivesse sido a fornada experimental e que os pais sentissem por ela o mesmo que, sem dúvida, sentiam por Grace. Desejou ter sido um sucesso e não um fracasso da receita ou da temperatura do forno. E, independentemente das intenções iniciais que os levaram a tê-la primeiro, ela apenas desejava que eles nunca a deitassem fora. Tudo o que ela agora queria era passar o resto da vida com Grace e ser a melhor irmã mais velha do mundo. E estava feliz por a bebé não ter ficado também com o nariz da bisavó.

Desceu para almoçar com os pais e com a avó, enquanto a bebé dormia tranquilamente no

andar de cima, depois de ter sido alimentada e de lhe terem mudado a fralda. A mãe tinha-lhe explicado que a bebé iria dormir muito nas primeiras semanas. Ao almoço, a mãe falou em recuperar a forma o mais depressa possível e Jim serviu champanhe aos adultos e sorriu para Victoria. Havia sempre algo de ligeiramente irónico na forma como ele olhava para ela, como se partilhassem uma anedota ou ela fosse a anedota. Victoria nunca percebeu isso bem, mas gostava que ele sorrisse para ela. E agora estava feliz por ter Grace. Era a irmãzinha com que sonhara a vida toda, alguém para amar e que a iria amar tal como ela a amava.

CAPÍTULO 3

A mãe de Victoria ensinou-a a tratar da bebé sozinha. Quando Grace tinha três meses, Victoria sabia mudar fraldas, dar-lhe banho, vesti-la, brincar com ela durante horas e dar-lhe de comer. As duas eram inseparáveis. Isso permitia a Christine uma pausa essencial nos dias mais atarefados. A ajuda de Victoria a cuidar da bebé dava a Christine a possibilidade de jogar *bridge* com as amigas, ter aulas de golfe e praticar desporto quatro vezes por semana. Já nem se lembrava de como os bebés davam tanto trabalho. E Victoria adorava ajudá-la. Assim que chegava a casa da escola, lavava as mãos, pegava na irmã e tratava do que fosse preciso. O primeiro sorriso de Grace foi para Victoria, e era óbvio que a bebé a adorava e que Victoria era completamente louca por Grace.

Grace continuou uma bebé perfeita. Com um ano, sempre que Christine levava as filhas ao supermercado, alguém parava para falar com ela. Como viviam em Los Angeles, havia, com frequência, caça-talentos em qualquer sítio. Convidavam Christine para filmes, séries de televisão, anúncios, cartazes e para trabalhos de publicidade. Jim também tinha uma boa quantidade de convites, sempre que mostrava a fotografia dela. Victoria observava fascinada as pessoas que se aproximavam delas e tentavam convencer a mãe a deixar Grace protagonizar vários tipos de anúncios, programas de televisão ou filmes, mas Christine recusava sempre delicadamente. Ela e Jim não tencionavam explorar a bebé, mas ficavam sempre lisonjeados com as ofertas e contavam aos amigos. Observar estas situações e depois ouvir falar sobre elas fazia com que Victoria se sentisse invisível. Era como se ela não existisse quando os caça-talentos falavam com a mãe. A única criança que viam era Grace. Victoria não se importava, no entanto, às vezes, pensava como seria aparecer na televisão ou no cinema. Era divertido Grace ser tão bonita e Victoria adorava arranjá-la como se ela fosse uma boneca, com laços nos caracóis pretos. Era uma bebé linda e tornou-se uma criança igualmente adorável. Victoria ficou emocionada quando ouviu a irmãzinha dizer o nome dela pela primeira vez. Grace ria-se alegremente sempre que a via e era muito apegada à irmã mais velha.

Quando Grace tinha dois anos e Victoria nove, a avó Dawson adoeceu e morreu passado muito pouco tempo, deixando Christine sem ajuda para a bebé a não ser Victoria. A única ama que tinham tido fora a mãe de Jim, por isso, com a morte da sogra, Christine teve de procurar uma pessoa de confiança para quando saíssem à noite. Houve um desfile de raparigas adolescentes que iam lá para casa para usar o telefone, ver televisão e deixar Victoria a tomar conta da bebé, o que as duas irmãs preferiam de qualquer maneira. À medida que foi crescendo,

Victoria foi-se tornando cada vez mais responsável, e Grace ficava cada vez mais bonita de ano para ano. Era muito bem-disposta, estava sempre a rir ou a sorrir, a maior parte das vezes instigada pela irmã mais velha, que era a única pessoa que a conseguia fazer rir até às lágrimas ou parar as birras. Christine não sabia lidar com ela tão bem como a filha mais velha e ficava feliz por deixar Victoria tomar conta dela. Nessa altura, o pai ainda brincava com frequência com o facto de ela ser a «fornada experimental». Victoria sabia bem o que isso queria dizer, que Grace era bonita e ela não, que eles tinham acertado à segunda tentativa. Uma vez falou disso a uma amiga que ficou horrorizada, muito mais do que Victoria que já estava habituada à expressão. O pai não hesitava em usá-la. Christine tinha-se oposto uma ou duas vezes, mas Jim assegurou-lhe que Victoria sabia que ele estava a brincar. Mas, na verdade, Victoria acreditava nele. Nesta altura, ela estava já convencida de que era o erro e Grace a derradeira proeza. Essa impressão era reforçada por todas as pessoas que admiravam Grace. A sensação que Victoria tinha de que era invisível acentuou-se profundamente. As pessoas comentavam que Grace era linda e adorável, mas não sabiam o que haviam de dizer sobre Victoria, acabando por não dizer nada e por a ignorar.

Victoria não era feia, só não tinha qualquer beleza especial. Tinha um ar doce e agradável, cabelo louro e liso, que a mãe apanhava em tranças, ao contrário dos caracóis escuros de Grace. O cabelo de Victoria foi ficando mais liso com o passar dos anos. Tinha olhos grandes, inocentes e azuis da cor do céu de verão, mas os olhos pretos de Grace e dos pais sempre lhe pareceram mais exóticos e atraentes. Os dela eram diferentes. Os pais e a irmã eram elegantes, o pai era alto e a mãe e a bebé eram delicadas, tinham uma constituição delgada e eram pequeninas. Grace era o reflexo dos pais. Victoria era diferente. Era entroncada e tinha os ombros largos para uma criança. Mas o seu aspeto era saudável, com as bochechas rosadas e as maçãs do rosto salientes. A única característica que sobressaía nela eram as suas pernas compridas e finas como as de um potro, o que não condizia com o seu corpo entroncado, segundo a avó. Tinha o tronco curto, o que realçava ainda mais o comprimento das pernas. Mas, apesar da sua constituição forte, era rápida e graciosa. Mesmo em criança, era pesada para a idade, mas não o suficiente para ser considerada gorda, sem, no entanto, haver nela fosse o que fosse de delicado. O pai levantou sempre problemas por ela ser demasiado pesada para lhe pegar ao colo, enquanto atirava Grace ao ar como uma pena. Christine tinha tendência para ser magra, mesmo depois de ter as bebés, e estava sempre em grande forma graças ao seu treinador e às aulas de ginástica. Jim era alto e esguio e Grace nunca foi uma bebé rechonchuda.

Mas o que dava mais nas vistas era Victoria ser diferente de todos eles. O suficiente para que toda a gente reparasse. E, mais do que uma vez, as pessoas perguntavam aos pais, com ela presente, se era adotada. Victoria sentia-se como aqueles cartões que mostravam na escola com uma maçã, uma laranja, uma banana e um par de galochas, e a professora perguntava qual era o objeto estranho ao conjunto. Na sua família, Victoria era sempre o par de galochas. Foi uma sensação estranha que a acompanhou durante toda a vida — ser diferente, não se encaixar. Se ao menos um dos pais fosse parecido com ela, podia sentir que pertencia à família. Mas isso não acontecia e ela não se sentia em harmonia. Nunca ouviu ninguém dizer-lhe que era linda como

diziam a Grace. Grace era perfeita e Victoria era a irmã mais velha nada atraente, que não se assemelhava a nenhum deles.

Victoria tinha grande apetite, o que contribuía para o seu corpo mais volumoso. Comia bastante a todas as refeições. Gostava de bolos, doces, gelados e pão, especialmente o acabado de sair do forno. Na escola, deliciava-se com um grande almoço. Nunca resistia a um prato de batatas fritas, a um cachorro-quente ou a um *sundae* com uma cobertura quente. Jim também gostava de comer bem, mas era alto e nunca engordava. Christine vivia, principalmente, à base de peixe cozido, legumes cozidos no vapor e saladas, tudo o que Victoria detestava. Ela preferia hambúrgueres com queijo, esparguete com almôndegas e, mesmo em criança, repetia o prato, com frequência, apesar de o pai lhe franzir o sobrolho ou de se rir e de a ridicularizar. Ninguém na família parecia engordar à exceção dela. Victoria nunca dispensava uma refeição. Sentir o estômago cheio dava-lhe uma sensação de conforto.

— Um dia, vais arrepender-te desse apetite todo, minha menina — avisava-a o pai. — Não queiras ser gorda quando fores para a universidade. — A universidade parecia-lhe ainda muito distante e o puré de batata estava ali mesmo à frente dela, ao lado da travessa de frango frito. Mas Christine tinha sempre muito cuidado com o que dava à bebé. Ela dizia que Grace tinha uma estrutura diferente e que era igual a ela, contudo, Victoria dava-lhe às escondidas chupa-chupas e rebuçados, que Grace adorava. Gritava de alegria quando via um chupa-chupa a aparecer no bolso de Victoria. E mesmo quando só tinha um, Victoria dava-o à irmã.

Victoria nunca fora popular na escola, e os pais raramente a deixavam levar amigos lá a casa, por isso, a sua vida social era limitada. A mãe dizia que ter duas crianças a desarrumar lá em casa já era suficiente para ela. E também nunca gostava de nenhum dos amigos de Victoria quando os conhecia. Encontrava sempre defeitos neles, por uma razão ou por outra, por isso, Victoria deixou de perguntar se os podia convidar. Assim, ninguém convidava Victoria a seguir às aulas, uma vez que ela não retribuía. Além disso, ela queria ir depressa para casa para ajudar a cuidar da bebé. Tinha amigos na escola, mas as amizades não se estendiam para lá do horário das aulas. O drama nos primeiros anos de escola foi ser a única criança do quarto ano a não receber um postal no Dia dos Namorados. Chegou a casa lavada em lágrimas e a mãe disse-lhe para não ser tonta. Grace era a companhia dela e, no ano seguinte, Victoria disse a si mesma que não se importava e ganhou forças para enfrentar a desilusão. Nesse ano, acabou por receber um postal de uma menina que era tão alta como ela. Todos os rapazes eram mais baixos. A outra menina era muito mais alta do que Victoria, que era mais larga.

O drama que ela enfrentou a seguir foi ver o peito crescer quando tinha onze anos. Fazia tudo o que podia para o esconder, usava camisolas largueironas por cima da roupa, camisas grandes de flanela, tudo dois tamanhos acima. Mas o peito continuava a crescer para grande desgosto de Victoria. No sétimo ano, já tinha corpo de mulher. Pensava, com frequência, na bisavó, corpulenta, com as ancas largas, a cintura grossa e o peito volumoso. Victoria rezava para que nunca ficasse tão grande como a bisavó tinha sido. A única diferença eram as pernas compridas e finas que pareciam não parar de crescer. Victoria não sabia, mas essa era a sua melhor característica. Os amigos dos pais referiam-se sempre a ela como «uma matulona» e ela

nunca percebeu bem a que parte do corpo se referiam: às pernas compridas, ao peito grande ou ao corpo cada vez mais volumoso. E antes que ela conseguisse perceber para que parte é que estavam a olhar, já a atenção deles se tinha virado para Grace com ar de fada. Ao lado dela, Victoria sentia-se um monstro ou um gigante. Com a sua altura e com o seu corpo de mulher, parecia sempre muito mais velha do que as meninas da sua idade. O professor de artes do oitavo ano tratava-a por rubenesca e ela não se atreveu a perguntar-lhe o que significava, nem queria saber. Tinha a certeza de que era apenas uma forma mais artística de lhe chamar matulona, termo que mais tarde passou a odiar. Ela não queria ser matulona. Queria ser pequena como a mãe e a irmã. Tinha um metro e setenta quando parou de crescer no oitavo ano, o que não era anormal, mas era mais alta do que a maioria das colegas e de todos os rapazes da mesma idade. Sentia-se uma aberração.

Victoria andava no sétimo ano quando Grace entrou para o jardim de infância e foi ela que a levou para a sala de aula. A mãe deixara-as na escola e Victoria teve o prazer de levar Grace a conhecer a professora e viu-a a entrar na sala com cautela e a virar-se para trás para atirar um beijinho à irmã mais velha. Durante todo o ano, cuidou dela no recreio e levava-a para casa depois do ATL da tarde. E o mesmo se passou durante o oitavo ano, quando Grace entrou para o primeiro ano. Mas, no outono, Victoria ia frequentar a escola secundária noutro lado e não iria estar junto de Grace, nem iria vê-la se passasse junto da sala de aula durante o dia. Ia ter muitas saudades dela. Assim como Grace teria, pois dependia da irmã mais velha e adorava vê-la a espreitar para a sala de aula. As duas meninas choraram no último dia de aulas do oitavo ano de Victoria e Grace disse que não queria voltar para a escola sem ela no outono. Mas Victoria explicou-lhe que ela tinha de voltar. O oitavo ano era o final de uma etapa para Victoria, e que ela tinha apreciado muito. Sempre se sentiu feliz só de saber que Grace estava ali pertinho.

Nesse verão, Victoria fez a primeira dieta. Viu na contracapa de uma revista um anúncio a um chá de ervas e encomendou-o com a sua mesada. O anúncio dizia que era garantido perder cinco quilos e ela queria entrar na nova escola mais magra e com um ar mais sofisticado do que quando andava no ciclo. Com a puberdade e uma forma mais voluptuosa, tinha engordado uns cinco quilos, segundo o médico. O chá de ervas fê-la perder mais peso do que o esperado e deixou-a extremamente doente durante várias semanas. Grace dizia que ela estava verde, que parecia muito doente e perguntou-lhe porque é que estava a beber aquele chá que cheirava tão mal. Os pais não sabiam o que ela tinha, pois Victoria não contara o que fizera. A infusão horrível tinha-lhe provocado disenteria e, durante várias semanas, não pôde sair de casa, alegando que estava com gripe. A mãe disse ao pai que eram nervos provocados pela próxima entrada na nova escola. Mas, por fim, embora a tenha deixado tão doente, o chá de ervas fez com que perdesse quatro quilos, e assim Victoria já gostava da sua aparência.

Os Dawson viviam na periferia de Beverly Hills num bairro habitacional agradável. Viviam naquela casa desde que Victoria nasceu. Jim estava agora à frente da agência de publicidade. Tinha uma carreira gratificante e Christine ocupava-se das duas meninas. Na opinião deles, formavam a família perfeita e não tencionavam ter mais filhos. Tinham quarenta e dois anos, estavam casados há vinte e tinham uma vida agradável. Estavam contentes por não terem mais

filhos e muito satisfeitos com as duas filhas. Jim gostava de dizer que Grace tinha a beleza e Victoria a inteligência. Havia espaço para as duas no mundo. Queria que Victoria fosse para uma boa universidade e tivesse uma carreira de sucesso.

— Vais ter de contar com a tua inteligência — assegurava-lhe ele, como se ela não tivesse mais nada para oferecer ao mundo.

— Vais precisar de mais do que isso — acrescentara Christine. Por vezes, preocupava-se com o facto de Victoria ser tão inteligente. — Os homens não gostam das raparigas inteligentes — dizia ela preocupada. — Também tens de ser atraente. — Passara o ano todo a aborrecê-la por causa do peso e agora estava satisfeita por ela ter perdido aqueles quatro quilos, sem ter a menor ideia do que Victoria fizera no mês anterior para emagrecer. Ela queria que Victoria também fosse elegante e não apenas inteligente. Preocupavam-se muito menos com Grace que, com o seu encanto e beleza, mesmo aos sete anos, parecia que podia conquistar o mundo. Jim era o seu escravo solícito.

No fim do verão, antes de Victoria começar as aulas, a família foi passar duas semanas a Santa Barbara e todos se divertiram bastante. Jim alugou uma casa em Montecito, tal como já havia feito, e todos os dias iam para a praia. Jim comentou a forma física de Victoria e, a partir daí, ela passou a usar uma *t-shirt* por cima do fato de banho e recusou-se a tirá-la. Jim tinha comentado que o peito dela estava grande e depois tentou ser mais simpático, dizendo que as pernas dela eram fantásticas. Falava muito mais vezes do corpo dela do que das suas notas excelentes. Jim esperava que ela tivesse boas notas, mas deixava sempre bem clara a desilusão com a aparência de Victoria, como se ela tivesse falhado em alguma coisa e isso se refletisse nele. Ela já ouvira esta conversa variadíssimas vezes no passado. Ele e a mãe davam longos passeios pela praia todos os dias enquanto Victoria ajudava Grace a construir castelos na areia com flores, rochas e pauzinhos de chupa-chupas. Grace adorava brincar com Victoria, o que deixava a irmã mais velha muito feliz. Os comentários do pai sobre a sua aparência deixavam-na sempre muito triste. E a mãe fingia não ouvir, nunca a animava e nunca a defendia. Victoria apercebia-se logo de que a mãe também estava desapontada com a aparência da filha.

Nesse verão, Victoria conheceu um rapaz em Montecito de quem gostou e que estava a passar férias na casa em frente. Jake era da mesma idade de Victoria e, no outono, ia estudar para Cait no sul da Califórnia. Perguntou-lhe se lhe podia escrever e ela anuiu e deu-lhe a sua morada de Los Angeles. Falaram pela noite dentro sobre como estavam nervosos com a escola secundária. Victoria admitiu, enquanto partilhavam uma garrafa de cerveja roubada do bar dos pais dele e um cigarro, que nunca fora popular. Ele não percebia porquê. Achava que ela era inteligente e divertida, gostava de falar com ela e achava-a simpática. Victoria nunca tinha bebido cerveja, nem nunca tinha fumado, e vomitou quando chegou a casa. Mas ninguém reparou. Os pais estavam deitados e Grace estava quase a dormir no quarto do lado. No dia seguinte, Jake foi-se embora. Iam visitar os avós dele ao lago Tahoe, antes de as aulas começarem. Victoria já não tinha avós, o que, por vezes, lhe parecia ser uma bênção, já que assim havia apenas os pais para fazerem comentários à sua aparência. A mãe achava que ela devia cortar o cabelo e começar a fazer exercício físico no início do outono. Queria que ela

fizesse ginástica ou *ballet*, sem se aperceber como Victoria ficava pouco à vontade à frente das outras raparigas de *body* de malha. Victoria morreria. Preferia manter a sua figura do que perder peso dessa forma. Tinha sido mais fácil ficar doente com aquele chá de ervas terrível.

Depois de Jake se ir embora, Montecito tornou-se monótono para Victoria. Ela perguntava-se se iria ter notícias dele quando as aulas começassem. Passou o resto do tempo em Montecito a brincar com Grace. Victoria não se importava que a irmã fosse sete anos mais nova e divertia-se sempre muito com ela. Os pais costumavam comentar com os amigos que os sete anos de diferença entre elas resultavam muito bem. Victoria nunca tivera ciúmes da irmãzinha e agora, com catorze anos, era uma ama de confiança. Sempre que queriam sair, deixavam Grace com a irmã mais velha, coisa que acontecia cada vez com mais frequência à medida que as meninas iam crescendo.

Tiveram um grande susto nessas férias quando, numa tarde, Grace se aventurou demasiado à beira-mar com a maré baixa. Victoria estava com ela, mas tinha ido rapidamente buscar protetor solar para espalhar na irmã. A maré subiu e a corrente ficou mais forte. Uma onda derrubou Grace e, num instante, ela desapareceu ao ser puxada pelo mar e atirada para debaixo das ondas. Victoria viu o que aconteceu e desatou a gritar enquanto corria para dentro de água. Mergulhou e, quando veio ao de cima, a engolir água e a agarrar com força no braço de Grace, uma outra onda derrubou-as às duas. Nessa altura, os pais também já se tinham apercebido do que acontecera e Jim já vinha a correr para a água, com Christine logo atrás. Precipitou-se pela rebentação e agarrou as duas meninas com os seus braços fortes e tirou-as da água enquanto Christine observava horrorizada e em silêncio, completamente imobilizada. Jim virou-se primeiro para Grace.

— Não voltes a fazer isso! Não brinques sozinha na água! — E, de seguida, virou-se para Victoria com um olhar cruel.

— Como é que pudeste deixá-la sozinha aqui? — Victoria estava a chorar, abalada com o que tinha acontecido, com a *t-shirt* molhada colada ao corpo por cima do fato de banho.

— Fui buscar o protetor solar — respondeu entre soluços. Christine nada disse e envolveu Grace, que tinha os lábios azuis, com uma toalha. Ficara demasiado tempo dentro de água.

— Ela quase se afogou! — gritou o pai, a tremer de medo e de fúria. Raramente se zangava com as filhas, mas estava perturbado por quase ter acontecido um desastre, tal como todos. Não disse nada sobre Victoria se ter precipitado de imediato para a água para a ir buscar e de a ter tirado das ondas mesmo antes de ele chegar. Jim estava demasiado perturbado com o que quase tinha acontecido e Victoria também. Grace tinha-se refugiado nos braços da mãe, que a agarrava com força embrulhada na toalha. Os caracóis pretos estavam molhados e colados à cabeça.

— Desculpa, pai — disse Victoria baixinho.

Ele virou-lhe as costas e afastou-se enquanto a mãe confortava a irmãzinha, e Victoria limpou as lágrimas dos olhos com a mão.

— Desculpa, mãe — disse baixinho. E Christine anuiu e deu-lhe uma toalha para se limpar. A mensagem neste gesto era clara.

A nova escola era mais fácil do que Victoria esperava em alguns aspetos. As aulas estavam bem organizadas, ela gostava da maioria dos professores e as disciplinas eram mais interessantes do que nos anos anteriores. Academicamente, adorava a escola e estava entusiasmada com o trabalho. Socialmente, sentia-se como um peixe fora de água e ficou espantada com as outras raparigas quando as viu no primeiro dia de aulas. Pareciam muito mais desembaraçadas do que todas as outras com quem tinha convivido. Algumas usavam roupas provocadoras e pareciam ser mais velhas do que eram. Todas as raparigas usavam maquilhagem e muitas delas pareciam demasiado magras. A anorexia e a bulimia tinham, claramente, entrado nas suas vidas. Victoria sentiu-se deslocada no primeiro dia de aulas e tudo o que queria era ter um ar «fixe», como todas as outras. Observou com cuidado as roupas que escolhiam, muitas das quais lhe ficariam horríveis, apesar de as minissaias poderem assentar-lhe muito bem. Victoria optara por calças de ganga e uma *t-shirt* larga para esconder as suas curvas. Tinha o cabelo louro comprido caído pelas costas, a cara limpa e fresca e calçava uns ténis abotinados, que tinha comprado no dia anterior com a mãe. Mais uma vez, estava desalinhada. Tinha escolhido mal a roupa e estava diferente de todas as outras raparigas. As que viu à porta da escola quando chegou davam a impressão de que iam entrar num concurso de moda. Pareciam ter dezoito anos e algumas delas era óbvio que tinham. Mas mesmo as raparigas da sua idade pareciam muito mais velhas do que na realidade eram. E tudo o que conseguiu ver inicialmente foi um bando de raparigas magras e sensuais.

— Boa sorte — desejou a mãe a sorrir quando a deixou na escola. — Tem um ótimo primeiro dia. — Victoria queria esconder-se no carro. Tinha o horário preso na mão a tremer e um mapa da escola. Esperava conseguir encontrar o caminho sem ter de pedir indicações. Tinha medo de desatar a chorar quando aquele terror lhe apertou o coração.

— Vai correr tudo bem — confortou-a Christine quando Victoria saiu do carro tentando agir naturalmente à medida que subia as escadas apressada, passando pelas outras raparigas, sem estabelecer contacto visual e sem parar para as cumprimentar. Pareciam um exército de raparigas «fixes» e ela parecia tudo menos «fixe».

Nesse dia, viu algumas dessas raparigas no refeitório à hora do almoço e deu uma grande volta para as evitar. Serviu-se de um pacote de batatas fritas, uma sanduíche, um iogurte, e um pacote de bolachas de chocolate para mais tarde. Sentou-se sozinha numa mesa, até outra rapariga se vir sentar junto dela. Era mais alta do que Victoria e magricela. Tinha aspeto de conseguir jogar basquetebol contra a maioria dos rapazes e perguntou a Victoria se podia sentar-se:

— Posso sentar-me aqui?

— Sim, claro — respondeu Victoria, abrindo o pacote de batatas fritas. A outra rapariga tinha duas sanduíches no tabuleiro, mas, pela aparência dela, nada do que comia a fazia engordar. Não fosse o cabelo castanho comprido e ela quase parecia um rapaz. Também não tinha maquilhagem e usava calças de ganga e ténis.

— É o teu primeiro ano aqui? — perguntou-lhe a outra rapariga enquanto desembrulhava a primeira sanduíche, e Victoria anuiu, sentindo-se paralisada pela timidez.

— Chamo-me Connie. Sou capitã da equipa feminina de basquetebol como já deves ter reparado. Tenho um metro e oitenta e cinco e é o meu segundo ano aqui. Bem-vinda a esta escola. Como é que está a correr até agora?

— Bem — respondeu Victoria, tentando não parecer muito impressionada. Não lhe queria revelar que estava assustadíssima e que se sentia estranha. Pensou se Connie também se havia sentido assim aos catorze anos. Parecia-lhe extremamente descontraída e confortável, mas também estava sentada com uma caloira, o que fez Victoria pensar se ela teria amigos. E, se tivesse, onde é que eles estavam? Ela parecia ser mais alta do que todos os rapazes.

— Parei de crescer aos doze anos — continuou ela, tentando manter uma conversa. — O meu irmão mede dois metros e joga na Universidade da Califórnia com uma bolsa de basquetebol. Praticas algum desporto?

— Voleibol, mas não muito. — Ela sempre fora mais académica do que atleta.

— Temos aqui ótimas equipas. Talvez queiras experimentar basquetebol também. Temos muitas raparigas da tua altura — acrescentou ela, e Victoria quase disse: «mas não com o meu peso». Ela estava terrivelmente consciente do aspeto de todos os outros alunos e, ao olhá-los à entrada, sentiu que tinha o dobro do tamanho deles. Sentia-se menos deslocada com esta rapariga que, pelo menos, não parecia anorética, nem estava vestida como se fosse sair à noite. Parecia ser simpática.

— Demora algum tempo a nossa habituação à escola — confirmou Connie. — No primeiro dia em que aqui cheguei, senti-me muito estranha. Todos os rapazes que via tinham metade do meu tamanho e as raparigas eram muito mais bonitas do que eu. Mas aqui há lugar para todos — atletas, *misses*, jovens bem-comportados, e até um clube de *gays* e lésbicas. Vais descobrir tudo e fazer amigos.

Victoria estava satisfeita por Connie se ter sentado com ela. Sentia que, pelo menos, já tinha uma nova amiga. Connie já tinha acabado de comer e Victoria sentiu-se envergonhada ao perceber que, com o nervosismo, só tinha comido as batatas fritas e as bolachas. Decidiu comer o iogurte e guardar o resto.

— Onde moras? — perguntou Connie interessada.

— Em Los Angeles.

— Eu venho de Orange County todos os dias. Vivo com o meu pai. A minha mãe morreu no ano passado.

— Sinto muito — disse Victoria com compaixão. A rapariga levantou-se e Victoria sentiu-se uma anã ao lado dela. Connie deu-lhe um papel com o número de telefone, que Victoria agradeceu enquanto o guardava no bolso.

— Liga-me, se puder ajudar em alguma coisa. Os primeiros dias são sempre difíceis. Depois, melhora. E não te esqueças de experimentar as equipas.

Victoria não se imaginava a fazê-lo, mas ficou agradecida pela receção amigável desta rapariga, que se aproximou dela para a fazer sentir-se melhor. Victoria já não acreditava que ela se tinha sentado ali por acaso. Enquanto falavam, passou um rapaz giro que cumprimentou Connie.

— Olá, Connie! — disse ele ao passar com os livros na mão. — Estás a recrutar pessoal para a equipa?

— Podes crer! — Ela riu-se. — É o capitão da equipa de natação — informou ela quando ele se afastou. — Também és capaz de gostar. Vai espreitar.

— Ainda me afogava — retorquiu Victoria, com ar acanhado. — Não sou lá grande nadadora.

— De início, não tens de ser. Aprendes. É para isso que servem os treinadores. Fiz parte da equipa de natação no meu primeiro ano, mas não gosto de me levantar cedo. Os treinos são às seis da manhã e, às vezes, às cinco, se houver reunião a seguir.

— Acho que dispenso — comentou Victoria a rir-se, mas gostava de saber que tinha opções. Era um mundo completamente novo. E toda a gente parecia gostar de ali estar e ter encontrado um lugar. Ela só esperava encontrar um também, fosse lá qual fosse. Connie informou-a de que havia folhas de inscrição para todos os clubes no quadro de informações à porta do refeitório. À saída, mostrou-lho e Victoria parou para ver. Clube de xadrez, de póquer, de cinema, de línguas estrangeiras, de filmes de terror, de literatura, de latim, de romances, de arqueologia, de esqui, de ténis, de viagens e até um clube gótico. Havia dezenas de clubes. Os dois que mais interessaram Victoria foram o de cinema e o de latim. Mas era demasiado tímida para pôr o nome nas listas. No ano anterior, tinha estudado latim e tinha gostado. E achava que o clube de cinema era capaz de ser engraçado. E para nenhum deles precisava de tirar a roupa ou de usar um uniforme que lhe ficaria muito mal. Não se ia inscrever na equipa de natação por essa razão, apesar de, na verdade, até nadar bastante bem, melhor do que havia admitido a Connie. Também não lhe agradava a ideia dos calções de basquetebol. Achava que o clube de esqui podia ser divertido. Todos os anos, ia esquiar com os pais. Em novo, o pai tinha sido campeão de esqui e a mãe também era muito boa. Tal como Victoria, Grace andava desde os três anos a aprender.

— Até à próxima — disse Connie, enquanto se afastava com as pernas de girafa.

— Obrigada! — gritou Victoria, apressando-se de seguida para a aula.

Estava bem-disposta quando a mãe a foi buscar às três horas.

— Como correu? — perguntou a mãe de uma maneira agradável, aliviada por ver que Victoria parecia feliz. Era óbvio que não tinha sido tão assustador quanto ela esperava.

— Muito bem — respondeu Victoria satisfeita. — Gosto das aulas. São muito melhores do que na outra escola. De manhã, tive Biologia e Química e, à tarde, Literatura Inglesa e Espanhol. O professor de Espanhol é um bocado esquisito. Não nos deixa falar inglês na aula, mas os outros foram simpáticos. E estive a ver os clubes. Sou capaz de escolher esqui, cinema e, talvez, latim.

— Parece que tiveste um primeiro dia razoável — disse Christine à medida que se dirigiam à antiga escola para ir buscar Grace. Quando estacionaram em frente à escola, Victoria sentiu, de repente, que tinha amadurecido uns mil anos desde junho. Sentia-se muito mais crescida. Grace estava lavada em lágrimas quando Victoria entrou para a ir buscar.

— O que é que aconteceu? — perguntou Victoria, pegando nela ao colo. Era tão pequenina com sete anos que Victoria conseguia fazê-lo facilmente.

— Tive um dia horrível. O David atirou-me um lagarto, a Lizzie tirou-me a sanduíche de manteiga de amendoim e a Janie bateu-me! — disse ela escandalizada. — Estive o dia todo a chorar! — acrescentou enfaticamente.

— Também eu chorava se me acontecesse tudo isso — garantiu-lhe Victoria enquanto se dirigiam para o carro.

— Quero que voltes. — Fez beicinho para a irmã mais velha. — Sem ti, isto não tem piada.

— Quem me dera poder voltar — respondeu Victoria, mas deu conta de que já não tinha bem a certeza. A nova escola tinha-lhe parecido boa, melhor do que ela esperava. Tinha várias possibilidades e agora queria explorá-las. Afinal, talvez fosse possível conseguir integrar-se.

— Também tenho saudades tuas. — Era triste pensar que nunca mais voltariam a andar na mesma escola. A diferença de idades entre elas era muito grande.

Victoria sentou-a no banco de trás e Grace relatou as suas infelicidades à mãe, que se mostrou, de imediato, compreensiva. Victoria não pôde deixar de reparar, tal como sempre, que a mãe nunca tinha sido tão terna com ela como era com Grace. A relação delas era diferente e mais simples para a mãe. Por Grace ser muito parecida com os pais, facilitava a forma como eles se relacionavam com ela. Grace era um «deles» e Victoria fora sempre a estranha no meio. Victoria perguntava-se se Christine, antes de ela nascer, saberia ser mãe ou se tinha aprendido com o nascimento de Grace, mas talvez sentisse apenas mais semelhanças com ela. Era impossível saber, mas, fosse como fosse, Christine fora sempre mais objetiva com ela, mais crítica, mais distante e mais exigente, tal como o pai. E, aos olhos dele, Grace não fazia nada de errado. Talvez tivessem os dois ficado mais brandos com a idade. Mas o facto de ela ser um reflexo deles parecia fazer parte da questão. Quando Victoria nasceu, eles estavam na casa dos vinte e agora estavam na dos quarenta. Talvez isso fizesse diferença ou talvez eles não gostassem tanto dela. Não tinham dado a Grace o nome de uma rainha feia, nem mesmo por piada.

Nessa noite, o pai perguntou-lhe como tinha corrido a escola e ela falou-lhe nas aulas e nos clubes. Ele achou as escolhas dela boas, em especial latim, apesar de achar que o clube de esqui seria divertido e uma boa forma de conhecer rapazes. A mãe achava que latim era demasiado intelectual e que ela devia inscrever-se em coisas mais sociáveis para poder fazer amigos. Ambos tinham consciência de que Victoria tinha tido poucos amigos e que agora podia conhecer mais pessoas. No ano seguinte, ela já podia conduzir e não ia precisar que eles a levassem para lado nenhum. Eles mal podiam esperar e Victoria também gostava dessa ideia. Não queria que o pai fizesse comentários sarcásticos sobre ela aos amigos, tal como fazia sempre que a levava a algum lado, apesar de ele pensar que eram divertidos. Ela nunca lhes achou piada.

No dia seguinte, Victoria inscreveu-se nos três clubes que lhe interessavam, mas não foi para nenhuma das equipas de desporto. Decidiu fazer apenas Educação Física, apesar de ter a possibilidade de se inscrever no *ballet*. Seria um verdadeiro pesadelo andar aos saltinhos pelo ginásio em *body* de malha e *tutu*. Ficou horrorizada quando o assistente do professor de Educação Física lhe sugeriu isso.

Demorou algum tempo, mas Victoria acabou por fazer amigos. Desistiu do clube de cinema, porque não gostava dos filmes que eram escolhidos para exibir. Foi numa das viagens do clube de esqui a Bear Valley, mas os colegas mostravam-se arrogantes e nunca falavam com ela. Em vez disso, inscreveu-se no clube de viagens. E adorava o clube de latim, apesar de serem só raparigas, e fez latim o ano todo. Conheceu pessoas, mas também não era fácil fazer amigos na escola secundária. Muitas das raparigas andavam em pequenos grupos fechados e pareciam *misses*, e esse não era o estilo dela. As raparigas mais estudiosas eram tão tímidas quanto ela e era difícil conhecê-las. Connie acabou por ser uma boa amiga durante dois anos até receber uma bolsa para ir para Duke, indo-se embora quando concluiu o secundário. De vez em quando também tinha notícias de Jake, mas nunca mais se encontraram. Prometiam sempre que haviam de se encontrar, mas nunca mais se viram.

No segundo ano do secundário, saiu pela primeira vez com um rapaz, quando um colega da aula de Espanhol a convidou para o baile, o que foi um acontecimento. Connie disse que ele era um rapaz fixe e, de facto, foi até se embebedar na casa de banho com outros rapazes e ter sido expulso do baile. Victoria viu-se forçada a ligar ao pai para a ir buscar.

No verão antes do penúltimo ano do secundário, deram-lhe o primeiro carro. No ano anterior, tinha tido aulas de condução e já tinha tirado a carta, por isso, estava habilitada a conduzir. A partir de então, começou a ir sozinha de carro para a escola. Era um *Honda* velho que o pai lhe tinha comprado, e ela estava muito entusiasmada.

Não era uma coisa que ela falasse com ninguém, mas, nesse penúltimo ano, o corpo dela alargou ainda mais. Durante o verão, engordou cinco quilos. Arranjara um trabalho de verão numa geladaria e em todas as pausas comia gelado. A mãe estava preocupada e dizia que esse era um trabalho errado para ela. Era uma tentação demasiado grande para Victoria, tal como o aumento de peso confirmava.

— Cada dia que passa, mais te pareces com a tua avó. — Era só o que o pai lhe dizia, mas era o essencial. Todos os dias, levava para casa bolos de gelado em forma de palhaços para Grace. Ela adorava-os e, por muitos que comesse, não engordava um só quilo. Nessa altura, tinha nove anos e Victoria dezasseis.

Mas a maior vantagem do emprego de verão foi ter ganhado dinheiro suficiente para uma viagem a Nova Iorque com o clube de viagens durante as férias de Natal. Essa viagem mudou-lhe a vida. Ela nunca tinha ido a uma cidade tão fantástica e gostou muito mais de Nova Iorque do que Los Angeles. Ficaram num hotel Marriott perto de Times Square e fartaram-se de andar quilómetros. Foram ao teatro, à ópera e ao *ballet*, andaram de metro, foram ao cimo do Empire State Building, visitaram o Metropolitan Museum, o Museum of Modern Art e as Nações Unidas. Victoria nunca se tinha divertido tanto na vida. Até apanharam uma tempestade de neve. Quando regressou a Los Angeles, Victoria vinha extasiada. Nova Iorque era o melhor sítio onde já tinha estado e, um dia, havia de ir viver para lá. Até disse que era capaz de ir estudar para lá, se conseguisse entrar na Universidade de Nova Iorque ou na Barnard, o que talvez fosse difícil, apesar das notas dela. Durante meses, andou nas nuvens com esta experiência.

Mesmo a seguir ao Ano Novo, conheceu o primeiro namorado a sério. Mike também fazia

parte do clube de viagens, mas não tinha ido a Nova Iorque. Ele andava a planear ir a Londres, Atenas e Roma com o clube durante o verão. Os pais dela não a deixavam ir. Diziam que era muito nova, embora já tivesse quase dezassete anos. Mike estava no último ano do secundário e os pais eram divorciados, por isso, o pai tinha-lhe dado autorização. Victoria achava que ele era muito adulto e mundano e apaixonou-se perdidamente por ele. Pela primeira vez na vida, ele fê-la sentir-se bonita. Dizia que adorava a aparência dela. Ia para a Universidade Metodista do Sul no outono, por isso, eles passavam muito tempo juntos, embora os pais dela não aprovassem. Achavam que ele não era suficientemente inteligente para ela. Victoria não queria saber. Ele gostava dela e fazia-a feliz. Passavam muito tempo no carro dele a namorar, mas ela não ia até ao fim. Tinha receio de dar esse passo e dizia que não se sentia preparada. Em abril, ele trocou-a por uma rapariga que estava preparada. Levou a namorada nova ao baile e Victoria ficou em casa com o coração partido. Ele foi o único rapaz que a convidou para sair o ano inteiro.

Victoria nunca teve muitos namorados, nem muitos amigos. E passou o verão a fazer a dieta de South Beach. Aplicou-se e perdeu três quilos, mas, assim que acabou a dieta, recuperou-os novamente e ainda ganhou mais um quilo. Queria perder peso para o último ano e o professor de Educação Física disse-lhe que ela tinha seis quilos a mais. Perdeu dois quilos no início do ano a comer doses mais pequenas e a consumir menos calorias, e prometeu perder mais antes de acabar o ano. E teria conseguido, se não tivesse apanhado mononucleose em novembro, se não tivesse de ficar em casa e se não comesse gelado para se sentir melhor da garganta. O destino tinha conspirado contra ela. Foi a única rapariga da turma a engordar três quilos com a mononucleose. O peso era uma batalha que ela parecia não conseguir vencer. Mas, desta vez, estava determinada a consegui-lo e, durante as férias de Natal, foi nadar todos os dias e continuou no mês seguinte. Antes das aulas, corria à volta da pista. A mãe ficou orgulhosa quando ela perdeu cinco quilos.

Estava determinada a perder mais três quilos, até o pai olhar para ela um dia e lhe perguntar quando é que ela ia começar a fazer exercício para emagrecer. Ele nem reparara nos cinco quilos que ela já tinha perdido. Depois disso, Victoria desistiu de nadar e de correr e voltou a comer gelado depois das aulas, batatas fritas ao almoço e doses maiores, que a satisfaziam. Que diferença fazia? Ninguém reparava e ninguém a convidava para sair. O pai ofereceu-se para a levar ao ginásio dele e ela disse que tinha muito trabalho da escola, o que até era verdade.

Andava a esforçar-se bastante para manter as notas e tinha-se candidatado a sete universidades: Universidade de Nova Iorque, Barnard, Universidade de Boston, Northwestern, George Washington, em Washington, DC, Universidade de New Hampshire e Trinity. Todas as universidades a que se tinha candidatado eram na região centro-oeste ou na zona leste. Não se candidatou a universidades na Califórnia e os pais ficaram aborrecidos. Não sabia bem porquê, mas sabia que tinha de sair dali. Há muito que se sentia diferente e, apesar de saber que ia ter saudades deles, especialmente de Grace, queria uma vida nova. Era a oportunidade dela e ia agarrá-la enquanto podia. Estava farta de competir e de ir para a escola com raparigas que pareciam estrelas de cinema e modelos e que aspiravam a sê-lo um dia. O pai queria que ela se

candidatasse à Universidade do Sul da Califórnia e à Universidade da Califórnia, mas ela recusou. Queria ir para a universidade com pessoas a sério que não viviam obcecadas pela aparência. Queria ir para a universidade com pessoas como ela, que se preocupavam com o que pensavam.

Não entrou em nenhuma das primeiras escolhas em Nova Iorque, nem em Boston, que ela teria gostado muito, nem na George Washington. As suas escolhas finais reduziram-se à Northwestern, New Hampshire e Trinity. Gostava da Trinity, mas queria uma escola maior. Em New Hampshire podia fazer-se esqui, mas escolheu a Northwestern, que lhe pareceu a indicada para ela. A melhor coisa que tinha a favor era que ficava bem longe e era uma escola ótima. Os pais disseram que estavam orgulhosos, embora estivessem preocupados por ela sair da Califórnia e não percebiam porque é que ela queria ir embora. Não se apercebiam de como a fizeram sentir-se, durante tanto tempo, deslocada e indesejável. Grace era como a única filha deles e Victoria sentia-se como o cão da família. Nem sequer era parecida com eles e já não aguentava mais. Talvez pudesse regressar a Los Angeles depois da universidade, mas, por agora, sentia que tinha de partir.

Ficou entre os três melhores alunos da turma dela e, por isso, pediram-lhe para fazer um discurso depois do melhor aluno. Deixou a assistência estupefacta com a seriedade e a importância daquilo que disse. Falou de como se sentira diferente e deslocada durante toda a sua vida e como se tinha esforçado tanto para se adaptar. Disse que nunca fora atleta, nem queria ser. Não era «fixe», nem popular, não vestia as mesmas roupas que todas as outras raparigas. Só no segundo ano do secundário começou a usar maquilhagem, e, mesmo assim, não a usava todos os dias. Tinha adorado as aulas de Latim, apesar de isso fazer com que todos pensassem que ela era uma tonta. Fez uma lista de todas as coisas que a faziam sentir-se diferente, sem dizer que ainda se sentia mais deslocada na sua própria casa.

E, a seguir, agradeceu à escola por a ajudar a ser quem era e a encontrar o seu caminho. Disse que agora iam para um mundo novo, onde *todos* se sentiriam diferentes, onde ninguém se encaixaria, onde tinham de ser eles próprios para ter sucesso e seguir o seu caminho. Desejou sorte aos colegas na viagem de autoconhecimento e desejou sorte a ela própria também. E quando todos se tivessem encontrado a si próprios, quando descobrissem quem eram e se tivessem transformado nas pessoas que deveriam ser, esperava poder encontrá-los um dia.

— Até lá, meus amigos — continuou ela, à medida que as lágrimas corriam pelos rostos dos colegas e dos pais —, felicidades! — Muitos dos colegas desejaram tê-la conhecido melhor. O discurso também impressionou os pais de Victoria com a sua eloquência. E trouxe para casa a perceção de que ela iria partir em breve, o que os deixou enternecidos quando a felicitaram pelo discurso. Christine percebeu que a ia perder e que ela poderia nunca mais voltar a casa. O pai ficou, de repente, muito calado, quando se encontraram depois da cerimónia, após terem atirado os chapéus ao ar já sem a borla que seria guardada com o diploma. Jim deu-lhe umas palmadinhas nas costas.

— Grande discurso — elogiou-a. — Todos os esquizoides da tua turma vão sentir-se bem — acrescentou, enquanto Victoria lhe arregalava os olhos. Às vezes, ela perguntava-se se ele

seria estúpido ou mesmo mau. Ele nunca deixou de a criticar. Agora ela apercebia-se disso.

— Sim, pai, como eu — disse ela baixinho. — Eu sou um deles. Dos esquizoides e aberrações. O que queria dizer é que não faz mal ser-se diferente e, a partir de agora, convém que sejamos diferentes se queremos ser alguém. Foi das poucas coisas que aprendi na escola. Ser diferente não faz mal.

— Mas não demasiado diferente, espero — acrescentou ele nervoso. Durante toda a sua vida, Jim Dawson tinha-se adaptado e dava muita importância ao que as pessoas pensavam sobre ele. Nunca tinha tido um pensamento original. Era um homem vocacionado inteiramente para a empresa. E não concordava com a filosofia de Victoria, apesar de admirar o discurso dela e a forma como ela tinha falado. Conseguiu perceber nesta façanha que ela tinha herdado alguma coisa dele. Ele também era conhecido pelos discursos excelentes. Mas Jim nunca gostou de se destacar ou de ser diferente. Não encaixava nele. Victoria estava bem ciente disso e por isso é que nunca se sentira muito à vontade com eles, e agora ainda se sentia menos, porque era diferente dos pais em muitos sentidos. Sendo assim, estava prestes a começar a aventura mais importante da sua vida e a sair de casa para o conseguir. Estava disposta a forçar-se a sair da zona de conforto, se isso significasse, finalmente, encontrar-se e encontrar um sítio onde pertencesse. Tudo o que sabia é que não era ali com eles. Por muito que tivesse tentado, simplesmente ela não era um deles.

Victoria percebeu que Grace estava a crescer como eles e que se encaixava na perfeição. Ela e os pais eram como clones. Victoria esperava que um dia a irmã mais nova conseguisse abrir as asas e voar. Mas, por agora, tinha de ser Victoria a fazê-lo. Mal podia esperar, apesar de, por vezes, também ser uma sensação aterradora. Estava assustada por sair de casa, mas também entusiasmada. A rapariga que, durante toda a vida, eles diziam ser parecida com a rainha Vitória ia partir. Quando saiu da escola pela última vez, sorriu e murmurou:

— Cuidado, mundo! Aí vou eu!

CAPÍTULO 4

O verão que Victoria passou em casa antes de ir para a universidade teve um sabor agridoce por vários aspetos. Os pais foram muito mais simpáticos com ela do que durante todos os anos até então, apesar de o pai a ter apresentado a um colega de trabalho como a sua fornada experimental. Mas também disse, mais do que uma vez, que estava orgulhoso dela, o que surpreendeu Victoria, pois nunca pensou tal coisa dele. A mãe parecia triste por vê-la partir, embora nunca lho tenha dito abertamente. Tudo isto fez com que Victoria pensasse que parecia que todos tinham perdido o barco. A infância e os anos do secundário tinham acabado e ela perguntava-se por que razão teriam eles desperdiçado tanto tempo a concentrarem-se nas coisas erradas: a aparência dela, os amigos ou a falta deles, o peso como a grande preocupação deles, assim como as parecenças com a bisavó, que ninguém conhecera e com quem ninguém se preocupava, só porque tinham o nariz parecido. Porque é que eles se preocupavam tanto com as coisas erradas? Porque é que não se aproximaram mais dela, não foram mais carinhosos, não a apoiaram mais? E agora já não havia tempo para construir a ponte entre eles, que deveria ter existido desde sempre, mas que nunca existiu. Eram estranhos uns para os outros e ela não conseguia imaginar que mais tarde isso mudasse. Ela ia sair de casa e poderia nunca mais vir a morar com eles.

Victoria ainda tinha vontade de ir viver para Nova Iorque depois da universidade. Era o sonho dela. Viria a casa nas férias, veria os pais no Natal e no Dia de Ação de Graças e quando eles a visitassem, se visitassem, e já não havia tempo para porem no banco o amor que deveriam ter guardado este tempo todo. Ela achava que eles a amavam, eram os pais dela e ela tinha vivido dezoito anos com eles, mas, durante toda a vida, o pai ridicularizara-a, e a mãe vivera sempre desiludida por ela não ser mais bonita, queixava-se de que ela era inteligente demais e costumava dizer-lhe que os homens não gostavam de mulheres inteligentes. A infância com eles fora uma maldição. E agora que estava de partida, eles diziam que iam ter saudades dela. Mas quando o diziam, ela não conseguia deixar de pensar porque é que eles não lhe tinham dado mais atenção quando ela lá estava. Agora já era tarde. Será que eles gostavam mesmo dela? Ela nunca teve muita certeza disso. Adoravam a Grace. Mas, e a ela?

Aquilo que Victoria mais detestava era ter de deixar Grace, o anjinho da vida dela, que caíra dos céus quando ela tinha sete anos e que, desde então, a amava incondicionalmente, assim como Victoria a amava a ela. Não suportava a ideia de a deixar e de não a ver todos os dias, mas sabia que não tinha alternativa. Grace tinha agora onze anos e já percebia como Victoria era

diferente deles e como o pai, por vezes, era mau para ela. Ela detestava quando o pai dizia coisas que magoavam Victoria ou quando troçava dela ou mostrava como ela não era parecida com eles. Aos olhos de Grace, Victoria era bonita e não importava se era gorda ou magra. Grace achava que ela era a rapariga mais bonita do mundo e não havia ninguém de quem ela gostasse mais.

Victoria sentia-se apavorada por a deixar e aproveitou todos os dias que passaram juntas. Levava-a a almoçar fora, à praia, faziam piqueniques, levou-a à Disneylândia e passou o máximo tempo possível com ela. Uma tarde, em Malibu, estavam deitadas na praia, uma ao lado da outra a olhar para o sol, quando Grace se virou para ela e lhe fez uma pergunta que Victoria também tinha feito a si mesma em criança.

— Achas que foste adotada e nunca te disseram? — perguntou Grace com o seu ar inocente, enquanto a irmã mais velha sorria. Trazia uma *t-shirt* larga por cima do fato de banho, como sempre fizera, para esconder o que estava por baixo.

— Quando era pequenina, achava que sim — admitiu Victoria —, porque sou tão diferente deles. Mas acho que não sou adotada. Sou, talvez, um retrocesso esquisito a outra geração, como a avó do pai ou outra pessoa qualquer. Acho que sou filha deles, apesar de não termos muito em comum. — Ela também não era parecida com Grace, mas as irmãs eram almas gémeas e tinham sido durante toda a vida ainda curta de Grace e ambas sabiam isso. Victoria só esperava que Grace não viesse a ser como eles. Não conseguia ver como seria possível, pois eles tinham uma grande influência nela e, assim que Victoria se fosse embora, eles iriam agarrar-se ainda mais a ela e moldá-la à imagem deles.

— Estou contente por seres minha irmã — disse Grace muito triste. — Quem me dera que não fosses para a universidade e que ficasses aqui.

— Quando penso que te vou deixar, também desejava ficar aqui. Mas venho a casa no Dia de Ação de Graças e no Natal e tu podes ir visitar-me.

— Não vai ser a mesma coisa — lamentou Grace, enquanto uma lágrima lhe corria pelo rosto. Ambas sabiam que era verdade.

Quando Victoria fez as malas para ir para a universidade, a família toda parecia estar de luto. Na véspera da partida, o pai levou a família a jantar ao Hotel Beverly Hills e tiveram um serão agradável todos juntos. Nessa noite, não fez piadas à custa de ninguém. No dia seguinte, os três levaram-na ao aeroporto e, assim que saíram do carro, Grace desatou a chorar e abraçou-se a Victoria.

O pai fez o *check-in* por ela, enquanto as duas raparigas continuavam a chorar no passeio e Christine olhou com tristeza para a filha.

— Quem me dera que não te fosses embora — confessou ela com ternura. Christine gostava de tentar de novo, se pudesse. Sentia Victoria a escapar-lhe para sempre. Nunca tinha pensado como seria este dia. O sofrimento apanhou-a de surpresa.

— Em breve, venho a casa — disse Victoria, abraçando-a, ainda a chorar, e depois voltou a abraçar a irmãzinha.

— Ligo-te hoje à noite assim que chegar ao meu quarto — prometeu ela. Grace anuiu, mas

não conseguia parar de chorar. Até mesmo os olhos do pai estavam lacrimejantes quando ele se despediu com a voz embargada.

— Tem cuidado contigo. Liga, se precisares de alguma coisa. E se não gostares de lá estar, podes sempre pedir transferência para uma universidade de cá. — Ele esperava que ela não gostasse. Era como se a partida dela da Califórnia fosse uma rejeição dele. Eles queriam que ela ficasse em Los Angeles ou perto, o que não era o que Victoria queria, nem o que ela precisava.

Depois de distribuir beijinhos a todos, Victoria passou pela segurança e acenou até deixar de os ver. Eles não saíram do aeroporto até ela desaparecer de vista. A última pessoa que ela viu foi Grace a sair do aeroporto entre os pais. Todos parecidos, com o cabelo preto e os corpos elegantes. A mãe ia de mão dada com Grace e Victoria percebeu que a irmã ainda estava a chorar.

Embarcou no voo para Chicago a pensar em todos eles e, quando o avião levantou voo, ela espreitou pela janela para a cidade que abandonava na busca das ferramentas de que precisava para uma nova vida noutro lugar. Não sabia onde é que isso seria, mas sabia que não era ali, nem com eles.

Os anos de Victoria na universidade foram exatamente o que ela esperava. A escola era ainda melhor do que sonhara ou alguma vez esperara. Era grande e estendia-se irregularmente por uma vasta área, e as aulas que teve foram o seu bilhete para a liberdade. Ela queria adquirir os conhecimentos de que precisava para arranjar um emprego e ter a sua vida em qualquer lado exceto Los Angeles. Tinha saudades de Grace, e, às vezes, também dos pais, mas quando pensava em viver com eles, todas as fibras do seu corpo lhe demonstravam que ela nunca mais poderia viver com eles. Gostava das visitas frequentes que fazia a Chicago, de descobrir tudo sobre a cidade. Era animada e sofisticada e ela adorava-a, apesar das temperaturas muito baixas.

No ano de caloira, foi a casa no Dia de Ação de Graças e reparou, de imediato, que Grace estava mais alta e mais bonita, se é que isso era possível. A mãe tinha cedido, por fim, e tinha-a deixado entrar numa campanha publicitária da Gap Kids. De repente, a fotografia de Grace estava por todo o lado e ela podia vir a ter uma carreira de modelo, mas o pai queria uma vida melhor para ela. E jurou que nunca mais deixaria uma filha ir para uma universidade tão longe de casa. Informou Grace de que teria de estudar na Universidade da Califórnia, Pepperdine, Pomona, Scripps, Pitzer ou Universidade do Sul da Califórnia. Ele não a ia deixar sair de Los Angeles. À sua maneira, ele sentia mesmo saudades de Victoria. Não tinha muito a dizer-lhe quando ela telefonava, mas esperava que ela fosse em breve a casa e passava logo o telefone à mãe, que lhe perguntava o que andava ela a fazer e se tinha emagrecido. Esta última pergunta era a que Victoria mais detestava, sobretudo porque não tinha emagrecido. E então fez uma dieta rigorosa nas duas semanas antes de ir a casa.

Quando regressou a Los Angeles nas férias de Natal, a mãe reparou que ela tinha emagrecido. Tinha andado a fazer exercício no ginásio da universidade, mas admitiu que não tinha saído ainda com nenhum rapaz. Tinha muito trabalho para se preocupar com isso. Contou-lhes que tinha decidido ser professora e o pai discordou de imediato. Deu-lhes um novo tópico para discordarem e distraiu-os do peso e da falta de saídas com rapazes.

— Nunca hás de ganhar um bom salário como professora. Devias licenciar-te em Comunicação e trabalhar em publicidade ou como relações públicas. Posso arranjar-te um emprego. — Ela sabia que as intenções dele eram boas, mas não era o que ela queria fazer. Gostava da ideia de ensinar e de trabalhar com crianças. Mudou de assunto e falaram do frio que se fazia sentir na região centro-oeste — ela não imaginara tamanho frio até chegar lá. Na semana antes de ir a casa, as temperaturas estiveram sempre muito abaixo de zero. Ela gostava de ir aos jogos de hóquei. Não gostava muito da colega de quarto, mas estava determinada a tirar proveito de tudo. Já conhecia algumas pessoas da residência, mas estava, sobretudo, a tentar adaptar-se à escola e a viver longe de casa. Disse que tinha saudades de comida decente e, desta vez, ninguém fez comentários quando ela se serviu três vezes do estufado. Também se sentia feliz por poder fazer uma pausa no ginásio enquanto estava em casa. Apreciava o clima de Los Angeles como nunca.

Como prenda de Natal, o pai deu-lhe um computador novo e a mãe um casaco comprido. Grace fez uma colagem de fotografias das duas, desde que nascera, num quadro para ela pendurar no quarto. Quando se foi embora depois do Natal, Victoria não sabia se voltaria nas férias da Páscoa. Disse que talvez fosse viajar com uns amigos. Na verdade, ela queria ir a Nova Iorque para tentar arranjar um emprego de verão, mas não mencionou isso. O pai prometeu que, se ela não fosse a casa em março, eles iriam visitá-la depois e passar o fim de semana a Chicago. Desta vez, foi ainda mais difícil deixar Grace. As duas irmãs tinham muitas saudades uma da outra e os pais confessaram que também tinham saudades dela.

O segundo semestre do ano de caloira foi difícil para Victoria. O inverno daquela região era desolador e frio, ela estava muito sozinha, não tinha conhecido muitas pessoas, ainda não tinha amigos chegados e apanhou uma gripe forte em janeiro. Quando ficou doente, perdeu o ritmo de ir ao ginásio e começou a viver de *fast food*. No fim do segundo semestre, já tinha engordado seis quilos e nenhuma roupa lhe servia. Sentia-se enorme, tinha onze quilos a mais. Não tinha alternativa senão voltar a fazer exercício e começou a nadar todos os dias. Conseguiu perder cinco quilos rapidamente com uma dieta laxante e uns comprimidos que uma rapariga da residência universitária lhe deu e que a fizeram sentir-se terrivelmente mal. Conseguiu que a roupa lhe voltasse a servir e andava a pensar em ir a um nutricionista para perder os outros seis quilos, embora arranjasse sempre uma desculpa para não o fazer. Estava muito ocupada, estava muito frio, tinha um trabalho para entregar. Era uma batalha constante contra o peso. E, mesmo sem ter a mãe em cima dela e o pai a ridicularizá-la, estava infeliz com o seu corpo e não saiu com nenhum rapaz durante todo o ano.

Foi a Nova Iorque, tal como queria, nas férias da Páscoa e conseguiu um trabalho para o verão como rececionista num escritório de advogados. O salário era razoável e ela estava

ansiosa. Só em maio é que contou aos pais e Grace ligou-lhe a chorar. Tinha acabado de fazer doze anos e Victoria estava com dezanove.

— Quero que venhas para casa! Não quero que vás para Nova Iorque!

— Vou a casa em agosto antes de voltar para a universidade — prometeu ela, mas Grace estava triste por ela não ir antes. Tinha participado em mais uma campanha publicitária a nível nacional. Os pais depositavam-lhe o dinheiro numa conta bancária e ela gostava de ser modelo, achava divertido. Mas tinha saudades da irmã. A vida em casa não tinha tanta piada sem ela.

Foram visitar Victoria a Chicago, tal como o pai prometera, para passar um fim de semana prolongado em abril, e até nevou. O inverno parecia interminável, e, quando acabou finalmente os exames, Victoria estava muito entusiasmada por sair de Chicago no fim de semana do Memorial Day. Ia começar a trabalhar em Nova Iorque logo a seguir ao feriado.

Comprou umas saias, umas camisas e uns vestidos de verão apropriados ao trabalho no escritório de advogados. E tinha recomeçado a controlar o peso, não comendo sobremesas, pão e massas. Era uma dieta baixa em hidratos de carbono que parecia estar a resultar. Pelo menos, ia na direção certa e já há um mês que não comia gelados. A mãe ficaria orgulhosa dela. Também tinha começado a pensar que, apesar de se queixar com o que ela comia, a mãe tinha sempre um bom lote de gelados na arca frigorífica. E servia-lhe todas as coisas que engordavam e que Victoria adorava comer. Pusera sempre a tentação à frente de Victoria. Pelo menos, agora só se podia culpar a si própria por aquilo que comia, pensava ela. E tentava ser aplicada e sensata, sem recorrer a dietas loucas ou a pedir comprimidos a alguém. Ainda não tinha tido tempo para ir ao nutricionista, mas prometera que iria para o trabalho a pé todos os dias. Ia trabalhar entre a Park Avenue e a East 53rd Street, e ia ficar numa residencial em Gramercy Park, que ficava a uns trinta quarteirões de distância, um percurso de dois quilómetros e meio. Cinco, se fizesse a ida e a volta a pé.

Victoria gostou do trabalho de verão. As pessoas no escritório eram simpáticas. Ela era competente, responsável e eficiente. Basicamente, atendia o telefone, entregava envelopes aos mensageiros e recebia-os para os advogados do escritório. Acompanhava os clientes aos gabinetes dos advogados, anotava mensagens e recebia as pessoas na receção. Era um trabalho fácil, mas havia muita coisa a fazer e, na maior parte dos dias, acabava por sair tarde. E, quando saía, sob o calor tórrido do verão, estava demasiado cansada para andar e apanhava o metro para casa. Mas conseguia ir a pé para o trabalho nos dias em que não se atrasava, pelo menos algumas vezes. Quando demorava mais tempo a vestir-se e a pentear-se, tinha de ir de metro para chegar a horas.

Victoria era bem mais nova do que a maioria das secretárias do escritório de advogados, por isso, não fez quaisquer amigos. As pessoas andavam sempre ocupadas e não tinham tempo para conversar. Falava com uma ou outra no refeitório dos funcionários à hora do almoço, mas toda a gente estava sempre cheia de pressa e com muita coisa para fazer. Victoria também não conhecia ninguém em Nova Iorque, mas não se importava. Aos fins de semana, passeava no Central Park ou ouvia concertos deitada numa manta na relva. Foi a todos os museus, visitou os Cloisters, explorou o SoHo, Chelsea e Greenwich Village e andou pelo campus da Universidade

de Nova Iorque. Ainda gostava de ser transferida para ali, mas achava que podia perder créditos e não sabia se tinha média suficiente. O plano era ficar em Northwestern nos próximos três anos ou sair mais cedo se conseguisse entrar nas aulas de verão, e depois mudar-se para Nova Iorque e procurar um emprego. Após permanecer um mês naquela cidade, não tinha dúvidas de que era ali que queria trabalhar. Às vezes, durante a hora de almoço, via listas de escolas em Nova Iorque. Estava determinada a dar aulas numa escola particular. E ninguém a ia afastar do seu plano.

Quando acabou o trabalho no escritório de advogados, voltou para Los Angeles para passar as últimas três semanas das férias de verão. Grace atirou-se aos braços da irmã assim que ela apareceu à porta. Victoria ficou surpreendida por ver que a casa lhe parecia mais pequena, os pais mais velhos, e Grace, de repente, parecia mais crescida do que há quatro meses. Mas não se comparava a Victoria na mesma idade, com o corpo completamente desenvolvido e o peito grande. Grace era esbelta como a mãe, com a mesma silhueta ágil e o rosto fino. Mas, apesar do corpo esguio, parecia mais madura. Na primeira noite de Victoria em casa, Grace admitiu ter um fraquinho por um rapaz de catorze anos que conhecera no clube de natação e de ténis onde a mãe a levava todos os dias. Victoria tinha demasiada vergonha em admitir que, durante o ano inteiro, nunca saíra com um rapaz. Depois de muito a pressionarem, pensando que ela estava a ser tímida, acabou por inventar um rapaz imaginário com quem havia saído na universidade. Disse que ele jogava hóquei e que cursava Engenharia. O pai avisou-a imediatamente de que todos os engenheiros eram chatos. Mas, pelo menos, ficaram a pensar que ela andava a namorar. Contou que ele tinha ido passar o verão com a família no Maine. Os pais pareceram aliviados por ela andar a sair com um rapaz, mas ela acrescentou que não tinha saído com ninguém em Nova Iorque. No entanto, namoriscar na universidade fazia com que ela parecesse mais normal do que a realidade das noites passadas a estudar sozinha no quarto.

A mãe puxou-a à parte para lhe dizer que tinha engordado um bocadinho em Nova Iorque. Por isso, quando foram ao clube para Grace poder ver o «namorado», Victoria ficou de camisola e calções, em vez de vestir o fato de banho, como sempre fazia quando engordava. E quase todos os dias, a caminho de casa, Victoria e Grace comiam um gelado. Mas a irmã mais velha nunca tocou no gelado da *Häagen-Dazs* que a mãe tinha guardado na arca frigorífica. Não queria que eles a vissem a comê-lo.

As semanas na Califórnia passaram a voar e a família ficou novamente triste por a ver partir. Desta vez, Grace estava mais calma, mas era difícil pensar que não veriam Victoria por mais três meses, até ao Dia de Ação de Graças. Ela estaria muito atarefada com o imenso trabalho da universidade e Grace ia entrar para o sétimo ano. Para Victoria, era difícil acreditar que Grace iria frequentar o secundário daí a dois anos.

A colega de quarto de Victoria no segundo ano era uma rapariga com um ar nervoso, de Nova Iorque. Era óbvio que tinha um distúrbio alimentar e era assustadoramente magra. Passados uns dias, admitiu que estivera internada num hospital durante o verão e Victoria via-a de dia para dia mais magra. Os pais estavam constantemente a telefonar-lhe para saber se ela estava bem. Ela dizia que tinha um namorado em Nova Iorque e parecia tristíssima por estar ali.

Victoria tentou ignorar a atmosfera de tensão que a colega criava. Era uma crise prestes a rebentar. Só de olhar para ela, Victoria tinha ainda mais vontade de comer. Quando regressou a Los Angeles pelo Dia de Ação de Graças, a colega de quarto tinha decidido deixar a universidade e voltar para Nova Iorque. Para Victoria era um alívio saber que ela não estaria ali quando voltasse. Era difícil viver com a tensão que ela emanava.

Foi entre o Dia de Ação de Graças e o Natal que Victoria conheceu o primeiro rapaz que lhe despertou interesse desde que ela ali chegara. Ele andava em Direito, no terceiro ano, e tinha aulas de Literatura Inglesa com ela. Era um rapaz alto e bonito, com sardas e cabelo ruivo, de Louisville, Kentucky, e ela adorava ouvir a voz dele arrastada quando ele falava. Faziam parte do mesmo grupo de estudos e um dia ele convidou-a para irem tomar café. O pai tinha vários cavalos de corrida e a mãe vivia em Paris. Ele andava a pensar ir passar o Natal com ela. Falava fluentemente francês e tinha vivido em Londres e em Hong Kong. Para Victoria, tudo nele parecia diferente. Era uma pessoa amável e afável.

Falaram das suas famílias, e ele confessou que, desde que os pais se tinham divorciado, a sua vida estava de pernas para o ar. A mãe andava constantemente a mudar de sítio pelo mundo fora. Já se tinha casado de novo e divorciado. Na opinião dele, a vida de Victoria parecia muito mais estável, e até era, mas ela também não via a sua infância como tendo sido feliz. Sentira-se sempre uma estranha na sua própria casa. E ele sempre fora um recém-chegado onde quer que estivesse. Depois do oitavo ano, mudou cinco vezes de escola. O pai tinha casado há pouco tempo com uma rapariga de vinte e três anos. Ele tinha vinte e um. Admitiu que a madrasta se tinha atirado a ele e que ele quase dormira com ela. Estavam os dois bêbedos e, por um qualquer milagre de bom senso, ele conseguiu não ceder à tentação, mas agora estava nervoso por a ir ver outra vez. Portanto, decidira passar o Natal com a mãe em Paris, apesar de ela ter um namorado francês de quem ele também não gostava muito.

Era muito engraçado a contar as suas histórias, mas havia qualquer coisa de trágico nas aventuras que descrevia de rapaz perdido apanhado entre os pais malucos e irresponsáveis. Costumava dizer que ele era o exemplo perfeito de que as pessoas com muito dinheiro estragam os filhos. Desde os doze anos que andava a ser acompanhado por um psicólogo. Chamava-se Beau. Apesar de alguns momentos românticos e de umas carícias mais arrojadas na véspera de ela se ir embora, até à altura em que Victoria regressou a Los Angeles pelo Natal, eles ainda não tinham dormido juntos. Ele prometeu telefonar-lhe de Paris. Para Victoria, ele era um romântico maravilhoso e muito exótico. Estava fascinada por ele. E, desta vez, quando os pais lhe perguntassem com quem é que ela andava a sair, ela podia dizer que saía com um estudante de Direito. Os pais iriam achar muito respeitável, embora ela não os conseguisse imaginar a gostar dele. Era demasiado excêntrico para eles.

Beau telefonou-lhe durante as férias. Tinha ido para Gstaad com a mãe e o namorado dela. Parecia aborrecido e um bocadinho perdido. Passou o tempo a mandar-lhe mensagens com coisas que a faziam rir. Grace queria saber se ele era bonito, mas acabou por admitir que não gostava de cabelos ruivos. Desta vez, Victoria teve cuidado com a dieta. Recusava sobremesas e até o pai ficava surpreendido por a sua «matulona» recusar. Era impossível afastar a ideia que

ele fazia dela — de alguém que comia o que não devia e que tinha sempre excesso de peso.

Victoria perdeu dois quilos durante os dez dias que passou em Los Angeles. Ela e Beau chegaram a Northwestern no mesmo dia com poucas horas de intervalo um do outro. Durante as férias, ela não tinha pensado em mais nada senão nele e perguntava-se quanto tempo demorariam até acabarem os dois na cama. Estava contente por se ter guardado para ele. Beau seria o seu primeiro homem, e ela imaginava-o meigo e sensual na cama. Quando ele foi ao quarto dela, beijaram-se, riram e trocaram carícias, mas ele disse que estava cansado devido ao *jet-lag* e não aconteceu nada nessa noite. Nem nas muitas semanas que se seguiram. Estavam permanentemente juntos, estudavam juntos na biblioteca e, como ela já não tinha colega de quarto, às vezes ele adormecia na outra cama. Passavam muito tempo aos beijos e a acariciarem-se e ele adorava o peito dela, mas nunca passavam disto. Disse-lhe que ela devia usar minissaias, pois tinha as pernas mais fantásticas que ele já vira. Parecia completamente encantado com ela e, pela primeira vez na vida, Victoria estava a emagrecer a sério. Queria estar bem para ele. E, realmente, andava a sentir-se bem.

Faziam batalhas de bolas de neve e iam patinar no gelo, iam a jogos de hóquei, restaurantes e bares. Ele apresentou-a aos amigos. Iam a todo o lado juntos e divertiam-se sempre bastante. Mas, por muito perto que chegassem, nunca faziam amor. Ela não sabia bem porquê e tinha medo de perguntar. Pensava se ele a achava muito gorda ou se a respeitava exageradamente, ou se teria receio, talvez aquela vez com a madrasta de vinte e três anos o tenha traumatizado, ou até mesmo o divórcio dos pais. Havia algo que o detinha e Victoria não fazia ideia do que era. Evidentemente que ele a desejava e a maneira como se envolviam fisicamente intensificava-se cada vez mais e era cada vez mais apaixonada, mas a fome pelo outro nunca chegava a ser consumada e Victoria andava a dar em doida. Uma noite, no quarto dela, estavam já só em roupa interior, ele envolveu-a nos braços e ficou ali sem se mexer durante muito tempo até que saiu da cama.

— O que se passa? — perguntou ela baixinho, pois era evidente que era qualquer coisa com ela. Alguma coisa de errado nela. Talvez o excesso de peso. Subitamente voltou a sentir todos os seus pressentimentos de não ser suficientemente boa quando ele se sentou na beira da cama.

— Estou a apaixonar-me por ti — confessou ele muito triste, escondendo a cabeça entre as mãos.

— Eu também estou a apaixonar-me por ti. Que mal tem? — E sorriu para ele.

— Não te posso fazer isto — continuou ele com meiguice e ela afastou-lhe o cabelo ruivo que lhe caía sobre os olhos. Ele parecia o Huck Finn ou o Tom Sawyer. Apenas um rapaz.

— É claro que podes. Não faz mal. — Ela tentava reconfortá-lo, permanecendo ambos sentados em roupa interior.

— Faz, sim. Eu não posso... Não compreendes. É a primeira vez que isto me acontece... com uma mulher... Sou homossexual. E por muito que pense que te amo agora, mais cedo ou mais tarde vou acabar por dormir novamente com um homem. Não te quero fazer isso, por muito que te deseje neste momento. Não vai durar entre nós.

Por um longo momento, ela não soube o que dizer. Ultrapassava tudo o que ela pudesse

imaginar e era muito mais complicado do que qualquer relação que havia pensado com ele. Mas ele estava a ser honesto. Sabia que mais cedo ou mais tarde iria querer novamente um homem. Sempre quis.

— Nunca devia ter começado isto, mas apaixonei-me por ti no dia em que te conheci.

— Então, porque é que a nossa relação não há de resultar? — perguntou ela com ternura, grata pela honestidade dele, mas, mesmo assim, magoada.

— Porque não vai resultar. Eu não sou assim. É uma fantasia louca e deliciosa, mas não é verdadeira para mim. Nunca poderia ser. Estava enganado ao pensar que podia. Tu vais magoar-te e eu não quero que isso aconteça. Temos de parar — disse ele olhando-a com os seus grandes olhos verdes. — Vamos ser amigos, pelo menos. — Mas ela não queria ser amiga dele. Estava apaixonada por ele e o corpo dela ansiava pelo dele, já há um mês. Ele sentia-se dolorosamente confuso e culpado por aquilo que quase tinha feito e pelo engano que havia alimentado durante um mês.

— Pensei que pudesse resultar, mas não pode. Assim que vir um rapaz que quero, desapareço de imediato. E isso não é bom, Victoria. Mereces muito mais.

— Porque é que tem de ser tão complicado? Se estás apaixonado por mim, porque é que não haveria de resultar? — Ela estava quase a chorar de desilusão e de frustração.

— Porque não és um homem. És a derradeira fantasia feminina para mim, com o teu corpo voluptuoso e o teu peito grande. És o que eu acho que devia desejar, mas, na verdade, não desejo. Desejo um homem. — Ele estava a ser o mais honesto possível e a referência dele ao seu corpo «voluptuoso» era a coisa mais bonita que já lhe haviam dito. Mas, por muito voluptuoso que fosse o corpo dela e por muito grande que fosse o seu peito, ele não a desejava. Era uma rejeição embrulhada em elegância, mas, contudo, era uma rejeição.

— É melhor ir-me embora — disse ele vestindo-se enquanto ela o observava. Arranjou-se num instante e deixou-se ficar em pé a olhar para ela deitada na cama. Victoria não se tinha mexido, nem dito uma só palavra. — Telefono-te amanhã — disse-lhe ele. Ela perguntava-se se isso seria verdade e o que devia fazer se ele lhe ligasse. Ele já tinha dito tudo ali. Ela não queria ser só uma amiga. Achava que eram muito mais do que isso juntos. Durante uns tempos, ele parecera louco de paixão por ela.

— Devia ter-te contado logo de início. Mas eu queria que resultasse e não queria que tu te afastasses.

Ela anuiu, incapaz de encontrar as palavras certas e a esforçar-se por não chorar. Seria muito humilhante, ela ainda na cama de sutiã e tanga. Da porta, ele olhou para ela durante um breve instante e saiu. Victoria enfiou-se debaixo dos cobertores e chorou. Era frustrante e deprimente, mas ela também sabia que ele estava certo. Teria sido muito pior se ela tivesse dormido com ele e quisesse algo que não podia ter. Era melhor assim. No entanto, sentia-se rejeitada e terrivelmente mal.

Ficou acordada durante horas a pensar no tempo que passaram juntos e nas confidências que partilharam, nas horas infindáveis que passaram apenas a namorar, mas que os deixavam excitados, nos braços um do outro. Agora, tudo lhe parecia desprovido de significado. Apagou

as luzes e, por fim, adormeceu. Beau não lhe ligou na manhã seguinte e quem lhe ligou foi Grace. O coração de Victoria parecia uma pedra dentro do peito enquanto pensava na noite anterior.

— Como está o Beau? — perguntou Grace com o tom de voz juvenil próprio dos seus doze anos.

— Acabámos — contou Victoria, com uma voz quase tão triste quanto ela.

— Que pena... Ele parecia simpático.

— E era. É!

— Discutiram? Talvez ele volte. — Grace queria animar a irmã mais velha. Detestava quando Victoria estava triste.

— Não, não vai voltar. E tu, como estás? — perguntou Victoria, mudando de assunto, Grace fez-lhe um relatório completo dos rapazes do sétimo ano e, quando desligaram, Victoria pôde chorar a sua perda em paz. Beau não lhe telefonou nesse dia, nem nos vários dias a seguir e, então, ela deu conta de que teria de o ver nas aulas. Entrou em pânico, mas encheu-se de coragem e foi para a aula, onde a professora referiu que Beau tinha desistido da cadeira de Literatura Inglesa. Victoria sentiu o coração a desfazer-se de novo. Mal o conhecia, mas era, contudo, uma grande perda. Quando saía da aula, pensou se alguma vez o voltaria a ver. Talvez não. E depois, olhou em frente e viu-o ao fundo do corredor a observá-la. Devagar, Beau foi ao encontro dela, enquanto Victoria permanecia imóvel à espera. Ele tocou-lhe no rosto suavemente com a mão e pareceu que lhe queria dar um beijo, mas não deu.

— Desculpa — disse ele com toda a sinceridade. — Desculpa ter sido tão estúpido e egoísta. Pensei que seria mais fácil para os dois se desistisse da aula. Se te serve de consolo, para mim, também não está a ser nada fácil. Só não queria que fosse mais complicado daqui a uns tempos.

— Está tudo bem — respondeu ela e sorriu. — Está tudo bem. Amo-te, se é que isso significa alguma coisa para ti.

— Significa e muito — admitiu, e encostou os lábios ao rosto dela e foi-se embora. Victoria voltou para a residência universitária sozinha. Estava a nevar enquanto ela caminhava ao longo da rua gelada, a pensar em Beau e esperando que os seus caminhos não se voltassem a cruzar. Estava tanto frio que ela nem sentiu as lágrimas que lhe corriam pelo rosto. Agora tinha de o esquecer e tentar ultrapassar a sensação de fracasso. Quaisquer que fossem as razões dele, Beau nunca a tinha desejado. E a sensação de não ser desejada ou amada era-lhe demasiado familiar. A experiência com Beau foi uma confirmação de tudo o que ela sempre receara.

CAPÍTULO 5

Os dois últimos anos de Victoria na universidade passaram a correr. Arranjou novamente um trabalho de verão em Nova Iorque no final do segundo ano. Desta vez, trabalhou como rececionista numa agência de modelos. Foi tão agitado quanto o trabalho anterior no escritório de advogados tinha sido calmo. Divertiu-se bastante. Fez amizades entre os modelos que eram da mesma idade que ela, e os agentes também eram divertidos. Todas as pessoas lhe disseram que era maluca quando revelou que queria ser professora, e ela teve de admitir que trabalhar numa agência de modelos era muito mais entusiasmante.

Duas das modelos convidaram-na para ir morar com elas e Victoria deixou o quarto deprimente do hotel. E, apesar das festas a que iam, dos horários que faziam, das roupas que vestiam e dos homens com quem saíam, Victoria ficou impressionada com a quantidade de trabalho que elas tinham e com o que se esforçavam. As raparigas que tinham sucesso trabalhavam muito e eram aplicadas no que faziam. Depois do trabalho, pareciam umas malucas, mas as que eram realmente boas chegavam sempre a horas às sessões fotográficas e eram incansáveis a trabalhar até estar tudo concluído, mesmo em sessões de doze ou catorze horas. O trabalho de modelo, afinal, não era tão divertido quanto parecia.

Victoria ficou espantadíssima com a magreza delas. As duas raparigas que viviam com ela em Tribeca quase nunca comiam, o que a fazia sentir-se culpada com tudo o que ela comia. Tentou seguir-lhes o exemplo, mas chegava ao jantar completamente esfomeada. As colegas de casa ou não comiam nada ou comiam alimentos dietéticos e em pequenas quantidades. Parecia que sobreviviam com quase nada e já tinham experimentado todos os medicamentos e todos os laxantes para manter o peso. Victoria tinha uma constituição diferente. Não conseguia sobreviver com as porções pequenas que elas ingeriam. Mas seguiu o melhor que pôde as dicas de dieta mais sensatas que elas lhe deram, evitando os hidratos de carbono e comendo muito menos. Assim, quando regressou a Los Angeles para passar um mês antes das aulas começarem, estava com bom aspeto. Odiara ter de deixar Nova Iorque, pois tinha-se divertido muito. O diretor da agência disse-lhe que, se ela alguma vez quisesse trabalhar para eles, seria contratada de imediato. Grace adorava ouvir as histórias todas. Ia entrar no oitavo ano e Victoria já ia a meio do curso na faculdade e continuava a querer ser professora em Nova Iorque. Mais do que nunca, era ali que ela sabia que queria estar. Os pais já tinham perdido a esperança de a ter de novo em casa. E Grace também o sabia.

As duas irmãs tiveram um mês maravilhoso até Victoria regressar novamente à

universidade. Grace estava mais bonita do que nunca e não tinha o acanhamento próprio das raparigas da sua idade. Era esguia e elegante, fazia *ballet* e tinha uma pele perfeita. Os pais deixavam-na fazer alguns trabalhos de modelo de vez em quando. Grace admitiu rapidamente que odiava a escola. Tinha uma vida social agitada, uma quantidade enorme de amigos e meia dúzia de rapazes sempre a ligar-lhe para o telemóvel que, finalmente, os pais lhe tinham oferecido. Era completamente diferente da vida monástica de Victoria na escola, apesar de a sua situação ter melhorado no último ano.

Saiu com dois rapazes, um a seguir ao outro, contudo, nada de sério. Mas conseguiu sair quase todos os fins de semana, o que era um grande avanço em relação aos anos anteriores. Finalmente, perdeu a virgindade com um dos rapazes com quem saía, mas não o amava. Não voltou a encontrar Beau. Nem tinha a certeza se ele continuava na universidade. De vez em quando, via alguns dos amigos dele ao longe, mas nunca falou com eles. Fora uma experiência estranha e ela ainda se sentia incomodada quando pensava nisso. Ele tinha sido um sonho bonito. Os rapazes com quem saiu depois disso eram muito mais reais. Um deles era jogador de hóquei, como o rapaz que ela inventara no primeiro ano. Ele gostava mais de Victoria do que ela dele. Tinha crescido em Boston, era um bocadinho grosseiro e costumava beber demais e ficar agressivo, fazendo com que ela deixasse de sair com ele. O rapaz com quem ela saiu depois e com quem acabou por dormir era agradável mas chato. Estudava Bioquímica e Física Nuclear e ela não tinha muito para lhe dizer. A única coisa de que cada um gostava em relação ao outro era de sexo. Por isso, ela concentrava-se nos estudos e acabou por deixar de sair com o físico também passados alguns meses.

Victoria ficou na universidade para aulas de verão no final do penúltimo ano. Queria aliviar a carga para o último ano e concentrar-se em estudar para professora. Era difícil de acreditar como o tempo tinha corrido tão depressa. Já só lhe faltava um ano para se licenciar e ela queria concentrar-se em arranjar um emprego em Nova Iorque. Começou a enviar cartas no outono. Tinha uma lista de escolas particulares onde esperava vir a dar aulas quando acabasse o curso. Sabia que o salário não era tão bom quanto nas escolas públicas, mas achou que seria suficiente para ela. Pela altura do Natal, já tinha enviado cartas para nove escolas. Estava disposta a ser professora substituta em várias delas, se tivesse de esperar que abrisse uma vaga a tempo inteiro.

As respostas chegaram todas em janeiro. Não foi aceite em oito escolas. Apenas uma das escolas não tinha ainda respondido e ela já não estava à espera que o fizesse, quando, pela altura das férias da Páscoa, ainda não lhe tinham dito nada. Pensou que poderia ligar à agência de modelos onde tinha trabalhado para ver se podia colaborar com eles durante um ano até que abrisse uma vaga numa das escolas. De qualquer forma, pagavam melhor do que no ensino e talvez pudesse dividir novamente a casa com as modelos.

Por fim, chegou a última resposta. Sentou-se a olhar para o envelope tal como fizera quando tinham chegado os resultados das candidaturas à universidade. Tinha aberto os envelopes, um a um, com muita cautela, tentando adivinhar o que estava em cada um deles. Achava que seria muito pouco provável que esta escola a aceitasse. Era uma das escolas particulares de elite de

Nova Iorque, e ela não sonhava que contratassem uma professora acabada de sair da universidade. Agarrou num chocolate que tinha guardado na secretária e abriu o envelope. Desdobrou a única página e preparou-se para não ser aceite. *Cara Miss Dawson, obrigado pela sua candidatura, mas lamentamos informá-la que, de momento...* Formulou a resposta mentalmente e depois ficou especada a olhar para a carta, completamente incrédula. Não lhe ofereciam um emprego, mas convidavam-na a ir a Nova Iorque para uma entrevista. Explicavam que uma das professoras de Inglês ia entrar em licença de maternidade no outono, por isso, apesar de não terem um lugar a longo prazo para lhe oferecer, era possível que a pudessem contratar por um ano, se a entrevista corresse bem. Ela nem acreditava no que os seus olhos liam; soltou um grito e dançou pelo quarto, ainda com o chocolate na mão. Pediam-lhe que os avisasse se pudesse ir a Nova Iorque para uma reunião nas próximas duas semanas.

Victoria correu para o computador e escreveu uma carta a dizer-lhes que seria um prazer ir a Nova Iorque. Imprimiu a carta, assinou-a, meteu-a num envelope e vestiu o casaco para ir a correr ao correio. Acrescentou também o seu número de telemóvel e de *e-mail*. Estava ansiosa por ir a Nova Iorque. Se conseguisse este emprego, era um sonho tornado realidade. Era isto que ela queria. Nova Iorque e não Los Angeles. Tinha passado os quatro anos na Northwestern a sonhar em ir para Nova Iorque. Estava muito agradecida à professora que ia entrar em licença de maternidade e desejava conseguir o lugar. Só o facto de ter tido notícias desta escola já era motivo para festejar, por isso, quando saiu para ir pôr a carta no correio, foi buscar uma piza. Começou depois a pensar se teria sido preferível ter telefonado. Mas, agora, a escola já tinha o número dela, por isso, podiam marcar a entrevista que ela apanharia um avião para Nova Iorque no dia seguinte. Levou a piza para o quarto e sentou-se a sorrir para a carta. Só por ter uma oportunidade de um lugar como professora numa escola particular de Nova Iorque fazia deste dia o mais feliz da sua vida.

Três dias depois, ligaram-lhe da escola a marcar a entrevista para a segunda-feira seguinte. Ela confirmou a sua presença e decidiu passar o fim de semana em Nova Iorque. Ocorreu-lhe, então, que a reunião ficara marcada para o Dia dos Namorados, um dia horrível para ela desde o quarto ano. Mas, se ela conseguisse ficar com o emprego, mudaria para sempre a sua opinião sobre o Dia dos Namorados. Esperava que fosse um bom presságio. Assim que desligou o telefone, marcou a passagem de avião, deitou-se em cima da cama a sorrir e a pensar no que haveria de vestir para a entrevista. Talvez uma saia, uma camisola e uns saltos altos, ou umas calças, uma camisola e uns sapatos rasos. Não sabia até que ponto devia ir sofisticada para um emprego numa escola particular de Nova Iorque e não tinha ninguém a quem perguntar. Precisava de improvisar e acertar. Era tudo o que podia fazer para não ir correr para trás e para a frente no corredor a gritar de entusiasmo. Em vez disso, deixou-se ficar em cima da cama a rir descontroladamente.

CAPÍTULO 6

A Escola Madison na East 76th Street, perto do rio East, era uma das escolas particulares mais conceituadas de Nova Iorque. Ia do nono ano ao décimo segundo e era uma escola de preparação para a universidade. Era cara, tinha uma reputação excelente, era mista, e os alunos provinham da elite de Nova Iorque, aos quais se juntava uma mão-cheia de alunos bolseiros que tinham a sorte de se qualificar. Assim que eram aceites, os alunos tinham todas as oportunidades académicas e extracurriculares possíveis, entrando posteriormente nas universidades com mais prestígio no país. Era considerada uma das melhores escolas de Nova Iorque, sendo altamente financiada e, por isso, os laboratórios de Ciência e de Informática tinham equipamentos modernos que competiam com as universidades. O Departamento de Línguas era excecional, oferecendo mandarim, russo e japonês, assim como todas as línguas europeias, e o Departamento de Inglês era extraordinário. Muitos dos alunos tinham-se tornado escritores de sucesso. O pessoal docente também era excecional, com licenciaturas de várias universidades importantes. E, tal como era típico da maior parte das escolas particulares, era muito mal pago. Mas a oportunidade de ali trabalhar era considerada uma verdadeira recompensa. Só o facto de conseguir uma entrevista já foi um grande feito para Victoria, e conseguir o trabalho, ainda que temporário por um ano, ultrapassava os seus melhores sonhos. Se ela tivesse de escolher uma escola em que quisesse dar aulas, seria esta a sua eleita.

Apanhou um avião após a última aula antes do fim de semana e chegou a Nova Iorque na sexta-feira à noite. Nevava, todos os voos estavam atrasados várias horas, e fecharam o aeroporto após o avião dela ter aterrado. Ficou aliviada por não ter sido desviada para outra cidade qualquer. Na rua, as pessoas lutavam por um táxi. Victoria tinha reservado um quarto no hotel onde já tinha ficado em Gramercy Park. Eram já duas da manhã quando conseguiu lá chegar. O quarto era pequeno e feio, mas o preço era acessível. Vestiu o pijama, sem sequer se preocupar em desfazer as malas, lavou os dentes, meteu-se na cama e dormiu até ao meio-dia.

Quando acordou, o sol brilhava com força sobre os sessenta centímetros de neve, que tinha continuado a cair durante toda a noite. A cidade parecia um postal ilustrado. Lá fora, as mães empurravam os filhos em trenós; havia quem fizesse batalhas de bolas de neve, baixando-se atrás dos carros enterrados na neve, cujos donos iriam ter de passar horas a libertá-los. O limpa-neves tentava desobstruir as ruas e espalhava sal pelo chão. Para Victoria, era um dia perfeito de inverno em Nova Iorque. Felizmente, tinha levado umas botas para a neve com que costumava andar quase todos os dias na universidade, por isso, estava preparada. À uma hora

da tarde, partiu a pé em direção ao metro, que tinha apanhado todos os dias para o trabalho quando ali vivera. Saiu na East 77th Street e caminhou para leste em direção ao rio. Antes de mais, queria ver a escola.

Era um edifício grande, bonito e bem preservado, com várias entradas. Com este ar cuidado e imponente, até podia ser uma embaixada ou uma moradia de gente importante. Tinha sido remodelado recentemente e estava em condições impecáveis. À entrada, havia apenas uma placa discreta de bronze onde estava inscrito «Escola Madison». Victoria sabia que a escola tinha quase quatrocentos alunos inscritos. Um jardim coberto servia de espaço ao ar livre durante o almoço e o recreio. Recentemente, tinham construído também, no sítio onde antes era um parque de estacionamento, um ginásio para todo o tipo de atividades desportivas. A escola oferecia todas as comodidades e oportunidades. Erguia-se sólida e silenciosa naquela tarde de sol, mas cheia de neve, enquanto um contínuo limpava o passeio junto dela. Victoria sorriu para ele enquanto olhava especada para a escola, e ele retribuiu-lhe o sorriso. Ainda nem conseguia acreditar na sorte de poder vir a trabalhar ali e na cidade de que mais gostava no mundo. Victoria vestia o casaco branco comprido que a mãe lhe tinha dado e sentia-se como um boneco de neve. O casaco não a favorecia em nada, mas era quente. Quando o usava, sentia-se como o homem da Michelin ou um cozinheiro gordo, mas dava-lhe muito jeito e era o casaco mais quente que tinha para as temperaturas árticas da universidade. Trazia também um gorro de lã branco enfiado quase até aos olhos, deixando uma madeixa do cabelo louro a espreitar por cima da testa.

Victoria ficou uma eternidade a olhar para a escola, até que decidiu voltar para o metro para ir até Midtown. Queria ir comprar qualquer coisa para vestir na segunda-feira. Não estava satisfeita com a roupa que tinha trazido e uma das opções ficava-lhe demasiado apertada. Ela queria estar impecável para a entrevista, mesmo sabendo como era pouco provável contratarem-na, uma vez que tinha acabado de sair da universidade, e provavelmente deveria haver muitos outros candidatos. Mas as suas notas e referências eram boas e ela estava cheia de entusiasmo e excitação como qualquer jovem à procura do seu primeiro emprego como professora. Não dissera aos pais que ia a Nova Iorque, porque o pai continuava a insistir para ela procurar qualquer coisa noutra área, com um salário melhor e mais possibilidades de progredir no futuro. O sonho de ter uma carreira como professora não correspondia, pelos padrões dos pais, a qualquer coisa de que se pudessem gabar ou que melhorasse a imagem deles. «A minha filha é professora» não significava nada para eles, mas trabalhar na Escola Madison em Nova Iorque era tudo para Victoria. Tinha sido a primeira escolha dela quando mandou as candidaturas para as melhores escolas particulares de Nova Iorque e preenchia todos os requisitos de um emprego de sonho, mesmo que o salário fosse baixo. Ela haveria de conseguir viver com ele se lhe dessem essa oportunidade.

Victoria caminhou em direção ao metro através da neve, saiu na East 59th Street, subiu pelas escadas rolantes até ao Bloomingdale's e começou a procurar algo que pudesse vestir. Frequentemente, a roupa de que gostava não era confecionada no seu número. Nessa altura, usava o quarenta e quatro, apesar de a roupa lhe ficar um bocado apertada. Por vezes,

engordava um bocadinho no inverno, e tinha de usar o número quarenta e seis. A pressão de usar roupas mais leves e mostrar o corpo em fatos de banho e calções, não podendo esconder tudo debaixo de um casaco, ajudava-a normalmente a vestir um número mais pequeno no verão. Desejou ter sido mais disciplinada nos últimos tempos. Já tinha prometido a si própria que iria perder peso até à cerimónia de entrega dos diplomas e, especialmente agora, se conseguisse o emprego em Nova Iorque. Não queria ter excesso de peso quando começasse o primeiro emprego como professora.

Após infindáveis diligências desencorajadoras e de algumas provas verdadeiramente perturbadoras, encontrou umas calças cinzentas e um *blazer* comprido azul-escuro para vestir com uma camisola de gola alta azul-clara, da cor dos seus grandes olhos. Comprou umas botas de salto alto, que davam um toque juvenil ao conjunto. Ficava com um ar digno, respeitável, não demasiado sofisticado, mas suficientemente elegante. Era o tipo de roupa que ela supunha que fosse usado pelos professores naquela escola. Voltou para o metro contente com os sacos das compras, dirigindo-se para o hotel. As ruas ainda estavam cheias de limpa-neves, de carros soterrados e grandes quantidades de neve espalhadas por todo o lado. A cidade estava um caos. Mas Victoria sentia-se muito bem com as compras que fizera. Ia usar uns brincos de pérolas que a mãe lhe tinha dado. E o *blazer* azul-escuro de bom corte escondia-lhe variadíssimos pecados. O conjunto era jovem, profissional e elegante.

Na manhã da entrevista, Victoria acordou com um nó no estômago. Lavou e secou o cabelo, prendeu-o num rabo de cavalo, que apertou com um laço de seda preto. Vestiu-se com cuidado, pôs o casaco comprido por cima e saiu para o sol de fevereiro. O tempo tinha aquecido e transformara a neve em lama com rios de gelo nas bermas. Tinha de ter cuidado para não levar com os borrifos dos carros que passavam enquanto ia até ao metro. Pensou em apanhar um táxi, mas sabia que de metro a viagem seria mais rápida. Chegou à escola dez minutos antes da entrevista marcada para as nove horas e a tempo de ver centenas de jovens a entrar. Quase todos usavam calças de ganga e algumas das raparigas traziam minissaias e botas, apesar do tempo frio. Falavam e riam, com um sortido tresloucado de penteados e cores de cabelo, carregando os livros. Pareciam miúdos de uma escola qualquer e não filhos da elite. Os dois professores ao portão que controlavam as entradas estavam vestidos da mesma maneira que os alunos, com calças de ganga e casacos compridos, ténis ou botas. Havia uma boa sensação, informal e saudável. Os dois monitores eram um homem e uma mulher. A professora usava o cabelo comprido apanhado numa trança; o professor tinha o cabelo rapado. Victoria reparou que ele tinha um pequeno pássaro tatuado na parte de trás da cabeça. Estavam os dois a conversar animados enquanto faziam entrar os alunos que se tinham deixado ficar para trás. Victoria entrou atrás deles, com a roupa nova, desejando causar boa impressão. A reunião era com Eric Walker, o diretor, e tinham-lhe referido que também iam querer que ela se encontrasse com o reitor. Anunciou a sua chegada à rececionista e esperou numa cadeira à entrada. Cinco minutos depois, um homem com os seus quarenta anos veio cumprimentá-la. Vestia calças de ganga, camisola preta, casaco de *tweed* e botas para caminhada. Sorriu calorosamente e convidou-a a entrar no seu gabinete, apontando para uma cadeira de pele já gasta à frente da sua secretária.

— Obrigado por ter vindo de Northwestern — disse ele enquanto ela ia despindo o casaco comprido para poder mostrar o *blazer* novo. Esperava que ele não a achasse demasiado sofisticada para a escola que, afinal, era muito mais informal do que ela pensara. — Estava com receio de que não conseguisse vir por causa da tempestade de neve — continuou ele de maneira agradável. — E, já agora, feliz Dia dos Namorados. Íamos fazer um baile no sábado, mas tivemos de cancelar. Os miúdos dos arredores e do Connecticut não conseguiam cá chegar. Cerca de um quinto dos nossos alunos vem de fora. Tivemos de remarcar o baile para o próximo fim de semana. — Victoria reparou que o diretor tinha o currículo dela em cima da secretária e que estava bem preparado para a reunião. Viu também que tinha as notas que ela lhe enviara. Ela fizera uma pesquisada na Internet e sabia que ele estudara em Yale e tinha um mestrado e um doutoramento de Harvard. Era o doutor Walker, apesar de não ter usado o título na correspondência que lhe enviara. As referências dele eram impressionantes. Já publicara dois livros sobre educação no secundário para leigos e um guia para pais e alunos sobre o processo de candidatura à universidade. Victoria sentia-se insignificante na sua presença, embora ele tivesse um comportamento amigável e caloroso prestando-lhe toda a sua atenção.

— Então, Victoria — começou ele, encostando-se na cadeira antiga de pele atrás da bonita secretária inglesa que disse ter sido do seu pai. As coisas no gabinete pareciam caras e muito usadas, estando mesmo bastante gastas. Tinha estantes atafulhadas com livros. — O que a faz querer ser professora? E porquê aqui? Não preferia estar em Los Angeles, onde não tem de andar a limpar a neve para chegar à escola? — Ele riu-se ao dizer isto e ela também. Victoria gostou dele e queria impressioná-lo, mas não sabia bem como fazê-lo. Tudo o que havia trazido com ela era entusiasmo e verdade.

— Adoro crianças. Sempre disse que queria ser professora quando fosse grande. Sabia que era o mais acertado para mim. Não me interesso por negócios, nem em fazer carreira dentro de uma empresa, embora isso seja o que os meus pais acham que eu deveria fazer e o que eles respeitam. Penso que se eu for importante na vida de um jovem, será muito melhor e mais significativo do que qualquer outra coisa. — Apercebeu-se pelo olhar dele de que era a resposta certa e ficou satisfeita. E o que ela dizia era verdade.

— Mesmo que isso signifique ter um salário miserável, ganhar muito menos do que qualquer outra pessoa?

— Sim, mesmo com um salário miserável. Não me importo. Não preciso de muito para viver. — Ele não lhe perguntou se os pais a iam ajudar, esse problema não era dele.

— Ganharia mais se trabalhasse no ensino público — disse ele com sinceridade, e ela também já o sabia.

— Não quero fazer isso. Não quero voltar para Los Angeles. Desde o secundário que quero vir viver para Nova Iorque. Teria feito aqui o ensino superior se a Universidade de Nova Iorque ou a Barnard me tivessem aceitado. Eu sei que isto é o mais acertado para mim. E a Madison foi a minha primeira escolha.

— Porquê? As crianças ricas não são mais fáceis do que as outras. São miúdos espertos e são expostos a muita coisa. Independentemente das notas que tenham, e também temos miúdos

fracos, eles são perspicazes e não é possível enganá-los. Apercebem-se se não sabemos as nossas matérias e põem-nos à prova. São mais confiantes e mais arrojados do que os miúdos com menos possibilidades, o que pode ser difícil para um professor. E os pais também são mais rigorosos aqui. São muito exigentes, querem o melhor que lhes podemos dar e empenham-se por completo em consegui-lo. Incomoda-a a diferença de apenas quatro ou cinco anos que teria de alguns dos alunos? A vaga que temos envolve alunos do décimo e décimo primeiro anos, e talvez tenhamos de a pôr também numa turma de Inglês do décimo segundo. Podem dar muito trabalho, especialmente nesta escola onde alguns são bastante maduros para a idade. Estes miúdos estão muito expostos a um estilo de vida sofisticado com tudo o que isso acarreta. Acha que consegue? — perguntou ele candidamente, e Victoria confirmou, olhando-o com seriedade com os seus grandes olhos azuis.

— Penso que sim, doutor Walker. Penso que consigo lidar com tudo isso. Tenho a certeza, se me der uma oportunidade.

— A professora que poderá vir a substituir estará de licença apenas durante um ano. Não posso prometer-lhe nada depois disso, por muito bem que execute as suas tarefas durante o ano. Portanto, isto não é um compromisso a longo prazo da nossa parte, mas apenas por um ano. Depois disso, teremos de ver o que possa surgir, se há mais alguém a sair ou a entrar de licença. Por isso, se pretende um compromisso a longo prazo, será melhor procurar noutro lado. — Ela não podia dizer que todas as suas outras opções a tinham recusado.

— Ficaria contentíssima com um ano — respondeu ela com sinceridade. Ela não sabia, mas eles já haviam verificado as suas referências com a agência de modelos e o escritório de advogados e tinham ficado impressionados por serem muito boas em termos de confiança, retidão, profissionalismo e honestidade. Também tinha completado os estágios em escolas e as referências sobre eles tinham sido excelentes. Agora Eric Walker só precisava de decidir se ela era a professora certa para aquela escola. Parecia uma rapariga inteligente e delicada. E ele ficou comovido por ver o quanto ela queria aquele emprego.

Após quarenta e cinco minutos com ela, Eric Walker passou-a à sua assistente, que lhe foi mostrar a escola. Era um edifício impressionante com salas de aula bem tratadas, cheias de alunos atentos a usar equipamento moderno muito caro. Qualquer professor daria tudo para poder entrar naquele ambiente. Todos os alunos lhe pareciam inteligentes, atentos e bons miúdos. De seguida, encontrou-se com o reitor, que lhe falou dos alunos e do tipo de situações que ela enfrentaria. Eram iguais aos alunos do secundário de qualquer outra escola, só que com mais dinheiro e mais oportunidades e, em alguns casos, situações familiares muito complicadas. Mas as vidas familiares difíceis não eram exclusivas a ricos ou a pobres.

Ao fim da segunda entrevista, agradeceram-lhe por ter ido até lá, disseram-lhe que iam entrevistar outros candidatos e que depois a avisavam. E depois de lhes agradecer também, Victoria deu por si na rua a olhar para a escola e a rezar para que conseguisse o emprego. Não tinha ideia se conseguia ou não; foram tão simpáticos com ela que era difícil ver se tinham sido apenas educados ou se estavam mesmo entusiasmados com ela. Não sabia. Caminhou até à Quinta Avenida e depois seguiu em direção a norte mais cinco quarteirões até ao Metropolitan

Museum, onde viu uma nova ala da exposição egípcia. Almoçou sozinha no bar e seguiu de táxi até ao hotel.

Sentou-se no banco de trás a ver Nova Iorque a passar e as pessoas nas ruas apressadas como formigas. Só desejava que um dia pudesse fazer parte delas. Esperava ter notícias da Escola Madison dentro de semanas. Apercebeu-se, então, de que, se não conseguisse aquela vaga, teria de começar a ir a entrevistas a novas escolas, em Chicago e, talvez, até mesmo em Los Angeles, apesar de a última coisa que ela queria fosse voltar para casa. Mas se não surgisse mais nada, não teria alternativa. Ficou apavorada com a ideia de viver novamente em Los Angeles e, pior ainda, com a possibilidade de viver em casa dos pais e enfrentar os mesmos problemas que sempre tivera. Viver com eles seria demasiado deprimente.

Fez a mala e apanhou um táxi para o aeroporto. Ainda ficou com uma hora livre antes do voo e, como estava tão ansiosa por causa da entrevista, a pensar se tinha corrido bem ou não, foi ao restaurante mais perto da porta de embarque e pediu um hambúrguer com queijo e um *sundae* com cobertura quente, e devorou-os num instante. Sentiu-se estúpida depois de os comer. Não precisava daquilo, nem das batatas fritas que vinham a acompanhar. Mas estava esfomeada e nervosa, e a comida deu-lhe uma sensação de conforto e alívio de todos os pavores. E se ela não conseguisse aquele emprego? Disse a si própria que encontraria outra coisa qualquer. Mas a Escola Madison era o que ela mais queria. Se lhe dessem só uma oportunidade... Mas sabia como era pouco provável contratarem-na, acabada de sair da universidade.

Quando chamaram para o voo, levantou-se, agarrou na bagagem de mão e dirigiu-se para a porta de embarque. Agora, o que tinha de fazer era esperar e voltar para Northwestern. Pensando bem, e pela primeira vez, não tinha sido um mau Dia dos Namorados. E seria o melhor de todos se conseguisse ficar com o emprego. Quando entrou no avião, ainda se sentia nervosa, mesmo depois do hambúrguer com queijo e do *sundae*. Não tinham ajudado. E, enquanto apertava o cinto, lembrou-se de que agora tinha de fazer dieta a sério e começar a correr. A cerimónia de entrega dos diplomas era já daí a três meses. Mas quando lhe deram um pacote de frutos secos e outro de *pretzels*, ela não conseguiu recusar. Comeu-os distraída enquanto pensava na entrevista, esperando que tudo tivesse corrido bem e rezando para que ficasse com a vaga.

CAPÍTULO 7

Foi o próprio Eric Walker, o diretor da Escola Madison, que telefonou a Victoria na primeira semana de março. Disse-lhe que tinha sido uma escolha difícil entre ela e os vários professores, mas ele estava contente por lhe transmitir que a vaga era dela, o que a deixou completamente extasiada. O diretor disse-lhe também que já lhe tinha sido enviado um contrato por correio.

Ia ser a professora mais nova no Departamento de Inglês e iria ter quatro turmas de alunos do décimo ao décimo segundo ano. Tinha de se apresentar no dia 1 de setembro para a reunião de professores e as aulas começavam na semana a seguir. Dentro de seis meses, ia dar aulas na Escola Madison, em Nova Iorque. Mal conseguia acreditar. E, incapaz de guardar as boas notícias para ela, ligou aos pais nessa noite.

— Eu estava com receio que fizesses uma coisa dessas — disse o pai num tom reprovador. Parecia mesmo desapontado, como se ela tivesse sido levada pela polícia por se despir num supermercado e agora estivesse presa. Aquilo soara-lhe a qualquer coisa como *porque é que foste fazer uma estupidez dessas?* — Nunca hás de ganhar nada de jeito como professora, Victoria. Tens de arranjar um emprego a sério, em publicidade ou relações públicas, ou qualquer coisa no ramo da Comunicação. Podes fazer muita coisa. Podes trabalhar no departamento de relações públicas de uma grande empresa. Até podes ir trabalhar para o McDonald's e ganhar mais do que ganharás como professora. É um desperdício de tempo. E porquê em Nova Iorque? Porque não aqui? — Ele nem sequer lhe perguntou que tipo de escola era e não lhe deu crédito por ter conseguido o primeiro emprego numa escola de grande qualidade com muitos concorrentes. Só lhe disse que era o trabalho errado na cidade errada e que ela iria ser sempre pobre. Mas ser professora era a carreira que ela tinha escolhido e era uma das melhores escolas particulares do país.

— Desculpe, pai — disse ela, como se tivesse feito alguma coisa mal. — É uma escola muito boa.

— A sério? Quanto é que te vão pagar? — perguntou ele secamente. Ela não lhe queria mentir, por isso, disse a verdade. Também sabia que iria ser difícil viver assim, mas valia a pena os sacrifícios e ela não tencionava pedir-lhes nada. — Isso é ridículo! — respondeu ele, completamente indignado e passou o telefone à mulher, que estava preocupada quando lhe falou.

— O que se passa, querida? — perguntou-lhe a mãe.

— Nada. Arranjei um emprego espetacular a dar aulas numa escola maravilhosa em Nova

Iorque. O pai só acha que eles não me pagam o suficiente, é só isso. Mas é uma excelente oportunidade terem-me contratado.

— É uma pena que queiras ser professora — opinou a mãe, fazendo eco das ideias do pai, conseguindo transmitir a Victoria que havia falhado e que era uma desilusão para eles. Tiravam-lhe o prazer de tudo, tal como sempre tinham feito, e a sensação de realização por aquilo que tinha conseguido. — Podias ganhar muito mais dinheiro a fazer outra coisa qualquer.

— Gosto muito deste emprego, mãe. Adoro a escola — reforçou ela, passando um tom jovem e esperançoso e tentando agarrar-se à excitação, ao entusiasmo e ao orgulho que sentira quando lhe ligaram da escola.

— Isso deve ser bom, querida. Mas não podes ser professora para sempre. A certa altura vais ter de arranjar um trabalho a sério. — Desde quando é que ser professora não era um trabalho «a sério»? Para eles, tudo o que interessava era dinheiro e quanto é que se ganhava.

— A tua irmã ainda agora ganhou cinquenta mil dólares por uma sessão fotográfica de dois dias para uma campanha nacional — disse-lhe a mãe. Era mais do que Victoria ia ganhar durante um ano. E Grace fazia-o apenas por diversão e para amealhar numa conta para a universidade que os pais tinham criado para ela. Para Grace, ser modelo era uma brincadeira, pela qual era muito bem paga e que só fazia de vez em quando. Victoria ia trabalhar muito para receber o salário. A discrepância e a dicotomia eram ultrajantes para ela. Mas não era segredo nenhum que um professor era mal pago e ela já o sabia quando escolhera esta profissão como carreira. De qualquer modo, não tinha as oportunidades de ser modelo que Grace tinha. Não eram uma alternativa para ela. E ensinar era a sua vocação, não era apenas um trabalho. Esperava que fosse boa a dar aulas.

— E onde vais viver? — perguntou-lhe a mãe, parecendo preocupada. — Consegues pagar um apartamento com o salário de professora? Nova Iorque é uma cidade muito cara.

— Arranjo uma casa para dividir com colegas. Em agosto, volto para lá para me instalar antes de começar a trabalhar.

— Quando é que vens para casa?

— A seguir à cerimónia de entrega dos diplomas. Quero passar o verão convosco. — Este ano, Victoria não planeava arranjar um emprego de verão. Queria dar uns passeios com Grace e passar algum tempo com eles antes de se mudar oficialmente para Nova Iorque. Podia nunca mais viver em Los Angeles ou não ter tempo suficiente para estar com eles, apesar de poder vir a ter os verões livres se continuasse a dar aulas. Mas também talvez tivesse de arranjar uns trabalhos no verão para complementar os seus rendimentos. Era o último verão que passaria em casa sem ter de trabalhar e os pais não se importavam.

Victoria não foi a casa nas férias da Páscoa. Trabalhou como empregada de mesa num *snack-bar* no campus universitário, para poder amealhar algum dinheiro. Ia precisar de todos os cêntimos que pudesse juntar para Nova Iorque. Mas as refeições grátis que lhe davam no *snack-bar* afastaram-na novamente da dieta. Durante duas semanas, viveu a rolo de carne e puré de batata com molho, merengue de limão e tarte de maçã. Era difícil resistir, especialmente às panquecas de mirtilo ao pequeno-almoço às seis da manhã quando começava a trabalhar. O

sonho de perder uns quilinhos até à cerimónia de entrega dos diplomas ia-se, assim, desvanecendo com rapidez. E era desencorajante estar sempre em dieta, ter programas novos de exercício físico e passar a vida na árdua tarefa de redimir os seus pecados.

Depois de se matar no ginásio durante todo o mês de abril e de ter cuidado com o que comia, conseguiu, finalmente, perder cinco quilos. Estava orgulhosa de si mesma. No dia 1 de maio, foi alugar o traje académico para a cerimónia. Estava uma fila interminável para a entrega dos trajes alugados e, quando chegou finalmente a vez dela, o homem que estava a tratar disso olhou para ela a tentar adivinhar o tamanho.

— Uma matulona, não é? — disse ele com um sorriso arreganhado e ela teve de conter as lágrimas. Não respondeu, nem fez comentário nenhum, quando ele lhe deu um XL de que ela não precisava. Mas era suficientemente alta para o usar, por isso, não se queixou. Pelo menos, ficava-lhe enorme. Ela queria vestir uma saia vermelha curta, umas sandálias de salto alto e uma blusa branca por baixo do traje. A saia era curta, mas ninguém a veria até ela tirar o traje. Adorava a cor e ficava com umas pernas fantásticas.

Arrumou as coisas todas e mandou-as para casa dois dias antes da cerimónia, um dia antes de os pais chegarem. Grace vinha com eles, claro. E estava mais bonita do que nunca quando Victoria a viu, com uns calções curtos e uma *t-shirt* branca. Tinha quinze anos e, apesar do tamanho, parecia ter dezoito. Ainda podia fazer anúncios de roupas de criança e fazia-o com frequência. Victoria sentia-se um elefante ao lado dela e da mãe, mas adorava Grace de qualquer maneira. As duas irmãs quase ficaram sem fôlego quando se abraçaram.

Nessa noite, levaram Victoria a um restaurante simpático, onde muitos outros alunos estavam também a jantar. Victoria tinha perguntado se podia levar uns amigos, mas o pai disse que preferiam ficar sozinhos com ela. E respondeu-lhe o mesmo para o almoço do dia da cerimónia. Justificou-se dizendo que queriam Victoria só para eles, mas o que ele queria dizer, como sempre, é que não estava interessado em conhecer os amigos dela. Não era novidade nenhuma para Victoria. Não obstante, ela estava contente por poder estar com eles. Grace estava sempre a abraçar-se a ela. As duas irmãs eram inseparáveis quando se encontravam. Grace começava a pensar na universidade. Queria ir para a Universidade do Sul da Califórnia, e os pais estavam satisfeitos por ficar perto de casa. O pai disse que ela era uma verdadeira rapariga da Califórnia, o que fazia com que Victoria parecesse uma traidora por ter ido estudar para a região centro-oeste, em vez de a felicitarem pelo seu sentido de aventura e por ter ido para uma universidade onde era difícil entrar.

A cerimónia de entrega dos diplomas da Faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Weinberg, em Northwestern, foi cheia de pompa, circunstância e emoção. Christine já estava a chorar quando o desfile começou e Jim estava invulgarmente orgulhoso com os olhos enevoados quando a filha passou por ele em traje académico. Grace tirou uma fotografia e Victoria sorriu, tentando manter um ar solene.

Cerca de mil alunos receberam o diploma nesse dia da mão de Weinberg por ordem alfabética. Victoria apertou a mão ao reitor que lho entregou. E gritou mais alto do que toda a gente duas horas depois quando atiraram os chapéus ao ar e se abraçaram uns aos outros. Na

maior parte do tempo que passou em Northwestern, sentiu-se solitária, contudo, tinha feito amigos. Trocaram *e-mails* e números de telemóvel, prometendo manterem-se em contacto, mesmo que isso parecesse pouco provável. E assim, de repente, foram largados no mundo, com os seus diplomas, prontos a assumir os seus lugares nas carreiras escolhidas.

Nessa noite, Victoria jantou novamente com a família no Jilly's Café e pareceu mesmo uma celebração a sério, pois havia outros licenciados a fazer o mesmo nas mesas ao lado. Na manhã seguinte, apanhou o avião de volta a Los Angeles com a família. Victoria passara a noite no Hotel Orrington com eles, dividindo o quarto com Grace, uma vez que teve de deixar o quarto na residência universitária a seguir à cerimónia de entrega dos diplomas. As duas raparigas conversaram pela noite dentro, até adormecerem ao lado uma da outra. Estavam ansiosas por passar os próximos três meses juntas. Victoria não tinha dito a ninguém, mas tencionava passar o verão a seguir à risca um programa para perder peso, para ficar no seu melhor quando começasse a dar aulas na Escola Madison em setembro. O pai tinha comentado, ao vê-la tirar o traje académico depois da cerimónia, que ela estava mais forte do que nunca. Como sempre, disse-o com um largo sorriso. E depois elogiou-lhe as longas pernas, como de costume, mas o primeiro comentário era muito mais poderoso do que o segundo. Ela nem sequer ouvia o elogio depois que o insulto a atingia.

No voo de regresso a casa, sentou-se entre o pai e Grace, e a mãe ficou do outro lado do corredor a ler uma revista. As duas raparigas quiseram sentar-se juntas. Nem sequer pareciam da mesma família. À medida que ia crescendo, Grace ia-se tornando cada vez mais a imagem da mãe. Em qualquer idade, Victoria nunca fora a imagem de ninguém.

O pai inclinou-se para falar com Victoria assim que o avião descolou. Ela e Grace tinham estado a falar baixinho e estavam a pensar em ver um filme.

— Enquanto estiveres em Los Angeles, tens tempo para procurar um emprego decente. Podes sempre dizer àquela escola em Nova Iorque que mudaste de ideias. Pensa nisso — disse ele num tom conspiratório.

— Gosto do emprego em Nova Iorque, pai — insistiu Victoria. — É uma escola excelente, e, se voltar atrás na minha decisão, o meu nome ficará para sempre manchado no meio do ensino. Quero este emprego.

— Não queres ser pobre para o resto da tua vida, pois não? — continuou ele com um olhar de desprezo. — Não te podes dar ao luxo de ser professora e eu não te vou financiar para sempre — afirmou ele perentoriamente.

— Não espero que o faça, nem sequer agora, pai. Há mais pessoas a viver com os salários de professor. Eu também o posso fazer.

— E porque haverias de o fazer? Posso arranjar-te umas entrevistas para a próxima semana. — Ele estava a destruir um sucesso dela ao ter conseguido um emprego em Nova Iorque. Para ele, nem sequer era um emprego. Estava sempre a dizer-lhe para arranjar um emprego «a sério» para receber um salário decente.

— Obrigada pela oferta — respondeu ela educadamente —, mas quero manter o que tenho por agora. Posso sempre pensar noutra coisa mais tarde, se vir que não consigo viver disto. E

posso sempre arranjar um emprego de verão para juntar mais dinheiro.

— Isso é ridículo! Pode parecer-te bem aos vinte e dois anos, mas, acredita em mim, não vai ser assim quando tiveres trinta ou quarenta. Podes ir a uma entrevista lá na agência de publicidade, se quiseres.

— Não quero trabalhar em publicidade — retorquiu ela firmemente. — Quero ser professora. — Era a milionésima vez que ela lhe dizia aquilo. Ele encolheu os ombros e ficou com ar de aborrecido. Victoria e Grace puseram os auscultadores e viram um filme. Estava aliviada por não ter de falar mais com ele sobre isto. Em relação a ela, os pais só se interessavam por duas coisas: o seu peso e quanto dinheiro ia ganhar no emprego que arranjara. O terceiro tópico que, ocasionalmente, vinha à baila era a falta de vida amorosa, o que, na opinião deles, era o resultado do primeiro assunto: o peso e o tamanho dela. Sempre que surgia este tema, o pai dizia-lhe que, se perdesse alguns quilos, ela arranjaria logo um namorado. Victoria sabia que não era necessariamente verdade, uma vez que havia muitas raparigas que tinham silhuetas perfeitas e metade do tamanho dela e não conseguiam arranjar um namorado. E havia outras raparigas também com excesso de peso que estavam felizes e casadas ou noivas, ou tinham alguém na vida. Ela sabia que o romance não estava diretamente ligado ao peso, havia muitos outros fatores. E a sua falta de autoestima e o facto de estarem sempre a criticá-la não ajudava nada. Os pais nunca ficavam orgulhosos dela, nem satisfeitos com o que ela fazia, apesar de ambos o terem dito quando ela se licenciou em Northwestern. Preferiam que ela tivesse estudado na Universidade da Califórnia ou na Universidade do Sul da Califórnia e que tivesse encontrado outro emprego que não aquele em Nova Iorque, de preferência em Los Angeles, numa área diferente. Tudo o que ela fazia nunca estava certo ou não era suficientemente bom para eles. E parecia que não se apercebiam de como as críticas constantes eram dolorosas para ela e que era exatamente por isso que ela não queria viver mais em Los Angeles. Queria pôr o país inteiro entre eles. Desta forma, só tinha de os ver no Dia de Ação de Graças e no Natal e, talvez, um dia, não fosse a casa nem mesmo nessas ocasiões. Mas, por agora, ela queria estar com Grace. Assim que Grace saísse de casa, Victoria não sabia se voltaria lá ou com que frequência o faria. Eles tinham tido bastante sucesso a afastá-la de casa e nem sequer se apercebiam disso.

As duas filhas sentaram-se no banco de trás do carro no caminho do aeroporto para casa. Os pais falavam à frente sobre o que iam fazer para jantar. Jim ofereceu-se para grelhar umas costeletas no churrasco, virou-se para trás e, a piscar o olho à filha mais velha, disse:

— Não preciso de te perguntar, já sei que estás com fome. E tu, Grace, que tal costeletas ao jantar? — perguntou ele a Grace. Victoria permaneceu a olhar pela janela, como se tivesse acabado de levar um murro no estômago. Era esta a reputação que tinha e a imagem que eles tinham dela, de alguém que estava sempre com fome.

— Costeletas parece-me bem, pai — respondeu Grace vagamente. — Mas podemos mandar vir comida chinesa se não te apetecer fazer um churrasco. Ou eu e a Victoria podemos ir jantar fora, se tu e a mãe estiverem cansados. — Ambas teriam preferido esta última opção, mas não queriam insultar os pais. E Jim insistiu que ficaria muito contente por fazer os grelhados, desde

que ele e Victoria não fossem os únicos a comer. Era o segundo murro que lhe dava em cinco minutos. Se era assim que começava, tinha um longo verão pela frente. Era uma lembrança de que nada havia mudado. Quatro anos na universidade, um diploma, e eles ainda a tratavam como a devoradora incontrolável.

Nessa noite, sentaram-se no terraço a jantar. Christine decidiu comer apenas salada. Disse que tinha comido muito no avião. Grace e Victoria comeram as costeletas que o pai grelhara. Grace serviu-se de uma batata assada, mas Victoria só tirou salada para acompanhar a costeleta.

— Estás doente? — perguntou o pai assustado. — Nunca te vi recusar uma batata.

— Estou bem, pai — respondeu Victoria baixinho. Não gostou do comentário e tinha decidido começar a sua última dieta assim que chegasse a casa. E manteve-se firme, mesmo quando lhe ofereceram gelado à sobremesa, e teriam comentado isso também se ela tivesse aceitado.

Depois do jantar, as duas raparigas sentaram-se no quarto de Grace a ouvir música. Apesar de os gostos de Grace serem mais juvenis e mais estouvados, as duas partilhavam muitas coisas em comum. Victoria estava feliz por estar em casa com ela.

Nesse verão, passaram muito tempo juntas, assim que Grace acabou as aulas, umas semanas após a cerimónia de licenciatura de Victoria. A família foi até Santa Barbara no fim de semana prolongado do Memorial Day. E, quando regressaram, Victoria levava Grace para todo o lado. Tornou-se a sua motorista particular e a sua companhia e, durante dois meses, as raparigas mostraram-se inseparáveis. Victoria encontrou-se com alguns dos antigos colegas que também tinham regressado a Los Angeles após a licenciatura ou que tinham ficado a estudar por ali. Não tinha muitos amigos chegados, mas era bom ver caras conhecidas, principalmente antes de se mudar de vez. Dois amigos dela iam continuar a estudar e ela achou que um dia também gostava de estudar mais, mas na Universidade de Nova Iorque ou Colúmbia. Viu também vários rapazes que conhecia do secundário que nunca lhe prestaram atenção. Um deles convidou-a para jantar e ir ao cinema, mas não tinham muito a dizer um ao outro. Ele tinha optado pelo sector imobiliário e era obcecado por dinheiro. Não ficou nada bem impressionado com a escolha profissional dela. A única pessoa que parecia admirar tal escolha era a irmã mais nova, que considerava uma profissão digna. Todas as outras pessoas achavam que era disparatado e lembravam-lhe que ela ia ser pobre para sempre.

Para Victoria, estar em casa durante o verão era uma oportunidade de juntar memórias que iria para sempre estimar. Ela e Grace partilharam sonhos, medos e esperanças e as irritações de ambas com os pais. Grace achava que eles a tinham mimado demais e odiava a forma como a elogiavam. A maior mágoa de Victoria era que eles não tivessem tido esse mesmo comportamento com ela. As experiências das duas irmãs na mesma família eram realmente diferentes. Era difícil de acreditar que tinham os mesmos pais. E, apesar de Grace ser a pessoa responsável por tornar Victoria invisível e supérflua perante os pais, Victoria nunca se serviu disso contra ela e adorava Grace pela rapariguinha que era e tinha sido, a bebé que lhe aparecera como um anjo quando ela tinha sete anos.

Para Grace, o verão que partilharam depois de Victoria receber o diploma era a última

oportunidade para se pendurar na irmã mais velha. Tomavam o pequeno-almoço juntas todas as manhãs. Riam-se muito. Victoria levava Grace com os amigos ao clube de natação. Jogava ténis com eles e estes ganhavam-lhe sempre, porque se mexiam mais do que ela. Ajudou Grace a comprar roupa nova e decidiram o que estava na moda e o que não estava. Leram revistas e comentaram os novos estilos. Foram a Malibu e a outras praias e, às vezes, ficavam apenas deitadas no terraço sem dizer nada, sabendo que estavam juntas a adorar todos os minutos.

Foi um verão fácil para Christine, uma vez que Victoria fazia tudo para Grace, o que lhe deixava o tempo livre — não para estar com as filhas, mas para jogar *bridge* com as amigas, o seu passatempo preferido. E, apesar de todos os protestos, o pai tratou de arranjar várias entrevistas para Victoria, a fim de lhe arranjar um emprego «melhor» do que aquele que a esperava em Nova Iorque. Victoria agradeceu-lhe e discretamente cancelou-as a todas. Não queria desperdiçar o tempo de ninguém, nem o seu. O pai ficou zangado e disse-lhe novamente que ela estava a tomar as decisões erradas para o seu futuro e que nunca iria ganhar nada de jeito como professora. Ela já estava habituada a ouvir essas coisas e nada a demoveu. Era a filha por quem eles nunca tinham sentido orgulho, que até mesmo ignoravam e de quem troçavam.

Um dia, nesse verão, Victoria confessou a Grace que, se tivesse dinheiro, gostava de fazer uma operação plástica ao nariz, e que talvez um dia a fizesse. Disse que gostava do nariz de Grace e que queria um assim. Grace ficou comovida ao ouvir tal confissão e disse a Victoria que ela era bonita de qualquer maneira, mesmo com o nariz que tinha. Não precisava de um novo. Grace achava que ela era perfeita. Era o amor incondicional que durante toda a vida tinham dado uma à outra que ajudava Victoria e Grace a sentirem-se bem. O amor dos pais era sempre condicional, dependendo da aparência delas, de os seus sucessos serem válidos segundo os padrões deles e de, em todo esse processo, elas passarem uma boa imagem deles. Durante toda a vida, Grace deliciava-se com os elogios dos pais, pois ela era um acessório que os valorizava. E como Victoria era diferente e não se encaixava na vida deles, toda a vida ansiara pelo amor dos pais, mas não pelo de Grace. Grace dedicara-lhe sempre muito amor e venerava-a em todos os aspetos. Victoria adorava-a, queria proteger a irmã, não queria que ela ficasse igual aos pais. Adorava poder levar Grace com ela. Ambas ficavam apavoradas só de pensar no dia da partida para Nova Iorque.

Grace ajudou Victoria a escolher roupas que fossem apropriadas para o seu trabalho de professora. Ela aguentou-se firme e, desta vez, manteve a dieta e quase vestia um quarenta e dois no início de agosto. Ainda lhe ficava apertado, mas servia. Durante o verão, perdeu vários quilos, apesar de o pai lhe perguntar com frequência se ela não ia emagrecer antes de ir para Nova Iorque. Não reparou num único quilo que ela perdeu; nem a mãe, que estava sempre preocupada com o peso da filha, independentemente de como ela estivesse. O rótulo que lhe tinham posto ainda em criança mantinha-se para sempre como uma tatuagem. Era uma «matulona», que era a maneira de eles lhe chamarem gorda. Ela sabia que mesmo que pesasse quarenta e cinco quilos, eles a veriam sempre como uma «matulona». Eram o espelho das imperfeições e dos defeitos dela e nunca das vitórias. As únicas vitórias que eles viam eram as

de Grace. Era assim que eles eram.

A família foi para o lago Tahoe uma semana antes de Victoria partir. Divertiram-se bastante. A casa que o pai alugara era bonita. As duas raparigas fizeram esqui aquático no lago gelado, enquanto o pai dirigia o barco. A melhor parte de Victoria ser professora, segundo Grace, era poderem continuar a passar as férias de verão juntas e Victoria prometeu recebê-la em Nova Iorque. Até podia ir visitar a escola onde ela ia dar aulas e, talvez, assistir a uma das suas aulas caso fosse permitido. Ela esperava que sim.

E, por fim, chegou o dia da partida. Era um dia que Victoria e Grace haviam receado, por todas as despedidas por que não queriam ter de passar. A caminho do aeroporto foram estranhamente em silêncio. Tinham passado a noite toda acordadas e deitadas na mesma cama para poderem falar. Victoria disse a Grace que podia mudar-se para o quarto dela, porque gostava mais dele, mas Grace não lhe queria roubar o quarto. Queria que ela tivesse um espaço em casa para onde pudesse sempre voltar. Abraçaram-se durante muito tempo no aeroporto, com as lágrimas a correrem-lhe pelos rostos. Apesar de terem feito juras uma à outra ao longo do verão, ambas sabiam que a vida delas nunca mais voltaria a ser a mesma. Victoria ia começar uma nova etapa como adulta noutra cidade e ambas concordaram que era o melhor para ela. A única coisa de que estavam certas, e que nunca iria mudar, era do amor que sentiam uma pela outra. O resto seria diferente a partir de agora. Tinha de ser. A partir do momento em que Victoria pusesse um pé no avião, tornar-se-ia uma adulta. E quando regressasse a casa, seria apenas de visita. Não havia mais nada aqui a não ser memórias dolorosas e a sua irmã Grace. Os pais tinham-na abandonado emocionalmente no dia em que ela nasceu, quando viram que não era como tinham planeado, que não se parecia nada com eles. Tinha sido inaceitável para eles, um crime que nunca lhe perdoariam, nem sequer tinham tentado. Eles sempre a fizeram sentir-se indesejada e não suficientemente boa para eles.

— Toma cuidado contigo, querida, e vai-nos dizendo como estás — pediu a mãe, abraçando-a sem se aproximar demais, como sempre fizera, como se Victoria fosse demasiado grande para ela lhe pôr os braços à volta, ou como se o tamanho dela pudesse ser contagioso. Havia muito pouco no íntimo de Christine para dar a alguém senão a Jim. Ela deu-lhe tudo o que tinha e acabava por dar sempre menos às filhas, mesmo a Grace, e ficava muito feliz quando Victoria a substituía junto de Grace.

— Quando desistires de dar aulas, arranjo-te um emprego — disse o pai enquanto a abraçava. — Não vai demorar muito tempo — continuou ele com um sorriso enorme. — Vais fartar-te de passar fome. — Apesar das palavras, passou-lhe um cheque para a mão. Eram mil dólares, uma prenda muito generosa e que a deixou muito feliz. Iria ajudá-la a pagar o hotel ou a renda de um apartamento que ainda tinha de encontrar.

Victoria abraçou-se pela última vez a Grace e depois teve de se soltar e passar a zona de segurança. Quando, a chorar, se voltou para acenar, Grace também estava a chorar e o pai tinha o braço por cima dos ombros da mãe. Grace estava sozinha e o olhar entre as duas irmãs dizia tudo. Victoria sabia que seriam aliadas para sempre. Tocou no coração, atirou um beijinho a Grace e foi-se embora para a sua nova vida. Sabia que a vida em Los Angeles fazia agora parte

do passado.

CAPÍTULO 8

Victoria demorou duas semanas a encontrar um apartamento em Nova Iorque e, no final da primeira semana, já começava a entrar em pânico. Não podia ficar para sempre num hotel, embora o cheque do pai tivesse ajudado. Tinha guardado o dinheiro que ganhara nos empregos dos verões passados e também no emprego das férias da Páscoa e teria também, a partir de então, o salário como professora. Ligou para a escola para saber se algum professor andava à procura de alguém para dividir uma casa, mas disseram-lhe que não. Ligou para a agência de modelos onde tinha trabalhado e um dos agentes disse que tinha uma amiga que andava à procura de uma pessoa para dividir casa e, por sorte, era numa zona bastante perto da escola. Ele deu-lhe o número de telefone da amiga e Victoria ligou de imediato. Já viviam três pessoas nesse apartamento e andavam à procura de uma quarta. Informaram-na de que o quarto vago era pequeno e que iria dividir a casa com dois homens e uma mulher. A renda estava dentro do seu orçamento. Combinou ir vê-lo essa noite quando todos regressassem a casa depois do trabalho. Por sorte, a casa ficava apenas a seis quarteirões da escola onde ia dar aulas. Mas ela não queria ficar demasiado entusiasmada antes de a ver. Parecia demasiado bom para ser verdade.

Quando lá chegou, viu que o edifício era velho e anterior à guerra, estava em boas condições, mas já tinha visto melhores dias. Ficava na East 82nd Street, perto do rio. A porta da rua estava fechada e ela tocou à campainha e depois subiu no elevador. O corredor era escuro, mas limpo. Foi uma jovem que lhe abriu a porta. Vestia um fato de treino e disse que estava de saída para o ginásio. Estava em boa forma e parecia ter uns trinta anos. Disse que se chamava Bunny, diminutivo de Bernice, que ela odiava, e que trabalhava numa galeria de arte na Alta da cidade. Os dois rapazes também vieram conhecê-la. Bill tinha andado na universidade com Bunny em Tulane e era analista em Wall Street. Contou que estava noivo há pouco tempo e que iria mudar de casa no ano seguinte. Acrescentou que costumava ficar em casa da namorada, sobretudo aos fins de semana. O outro rapaz, Harlan, era *gay*, licenciara-se recentemente e trabalhava para o Metropolitan Museum no Instituto do Traje. Todos eles pareciam sérios, simpáticos e educados. Ela contou-lhes que ia dar aulas na Escola Madison. Bill ofereceu-lhe um copo de vinho e, uns minutos depois, Bunny saiu para o ginásio. A rapariga tinha uma silhueta incrível e os dois rapazes também eram bonitos. Harlan tinha um grande sentido de humor e um sotaque do sul que a fazia lembrar Beau, que ela nunca mais tinha visto desde o pseudocaso interrompido. Harlan nascera no Mississípi. Victoria contou-lhes que vinha de Los Angeles e que estava desesperada para encontrar um sítio para morar antes de começar a

trabalhar na semana seguinte.

O apartamento era grande e soalheiro, tinha uma sala de estar dupla, um escritório pequeno, uma sala de jantar, uma cozinha que já tinha visto melhores dias e quatro quartos de tamanho modesto, e tinha renda controlada. O quarto que lhe mostraram era pequeno, como a tinham avisado, mas as outras divisões eram agradáveis e espaçosas, e eles disseram-lhe que não se importavam que ela recebesse amigos em casa, apesar de eles raramente o fazerem, e que saíam muito. Nenhum deles era de Nova Iorque. O quarto que lhe mostraram não estava mobilado e Harlan sugeriu-lhe ir à IKEA, como ele tinha feito, quando se mudara para ali há um ano. A renda que lhe propuseram era facilmente suportável, mesmo com o salário dela, e o bairro era seguro, com lojas e restaurantes à volta. Era o apartamento ideal para jovens, e eles comentaram que todos naquele prédio eram jovens ou pessoas que moravam lá desde sempre. Era perfeito para Victoria e, quando ela perguntou se podia ficar, os dois rapazes aceitaram. Bunny já tinha concordado antes de ter saído para o ginásio. O agente de modelos que a tinha recomendado disse-lhes que ela era boa rapariga e muito simpática. Ela sorriu radiante ao apertar as mãos aos dois rapazes. Eles não quiseram receber nenhum depósito como caução, e disseram-lhe que se podia mudar de imediato. Assim que comprasse uma cama, podia lá ficar. Harlan falou-lhe de uma empresa para onde podia ligar, dar o número do cartão de crédito e eles entregavam-lhe um colchão nessa mesma tarde. Bem-vinda a Nova Iorque!

Victoria deu-lhes um cheque com a renda do primeiro mês, eles deram-lhe as chaves e, quando voltou para o hotel, sentia a cabeça a andar à roda. Tinha um emprego, um apartamento e uma vida nova. Agora só precisava de comprar mobília para se poder mudar. Ligou aos pais nessa mesma noite e Grace ficou contente por ela. O pai fez-lhe uma série de perguntas, onde era, com que tipo de pessoas ia viver. A mãe não ficou muito entusiasmada por saber que dois dos colegas da casa eram homens. Victoria sossegou-a ao contar que um estava noivo e o outro não se interessava por mulheres, e que todos eles pareciam pessoas fantásticas. Os pais pareceram-lhe reservados. Eles preferiam que ela vivesse sozinha do que com estranhos, mas sabiam que ela não tinha condições financeiras para isso, e o pai não queria pagar-lhe a renda em Nova Iorque. Estava na altura de ela iniciar o seu percurso de vida.

No dia a seguir, alugou uma carrinha e foi à IKEA. Comprou todas as coisas básicas de que precisava para o quarto e ficou maravilhada por lhe terem custado tão pouco. Comprou dois candeeiros, um tapete, cortinas, dois espelhos de parede, roupa de cama, um sofá confortável, duas mesinhas de cabeceira, uma cómoda bonita e um armário pequeno com espelho, pois o quarto só tinha um guarda-roupa e ela esperava, assim, ter espaço para arrumar tudo. A má notícia é que o mobiliário todo tinha de ser montado, mas Harlan tinha-lhe dito que o faz-tudo do prédio lhe montava os móveis se ela lhe desse uma boa gorjeta.

Na IKEA, ajudaram-na a carregar as compras na carrinha e, uma hora depois, estava no apartamento a descarregar a mobília com a ajuda do porteiro. Demoraram mais uma hora a levar tudo para cima e, tal como Harlan dissera, o faz-tudo foi lá com a caixa de ferramentas e começou a montar o que era preciso. Victoria ligou à empresa que entregava colchões e estruturas de camas e eles chegaram ainda mesmo antes do faz-tudo ter acabado. Às seis horas,

quando Bunny chegou a casa do trabalho, Victoria estava sentada no meio do quarto novo a admirar como tinha ficado. Escolhera mobília branca e cortinas de renda brancas, um tapete azul e branco e o quarto tinha ficado com um ar arejado da Califórnia. Até tinha comprado uma colcha às riscas azuis e brancas com almofadas a condizer. Ao canto do quarto, tinha um sofá confortável azul, onde podia ler se não quisesse estar na sala. Também já tinha comprado uma televisão pequena que podia ver deitada na cama. O cheque do pai tinha ajudado bastante nas compras. Ela estava extática, sentada em cima da cama, e sorriu quando Bunny entrou.

— Pareces uma campista toda contente — brincou Bunny também a sorrir. — Gosto das tuas coisas.

— Eu também — disse Victoria agradada. Era a primeira casa a sério que tinha. Até agora só tinha tido quartos de hotel ou de residência universitária e este era consideravelmente maior. Iria partilhar a casa de banho com Bunny. Os dois rapazes partilhavam a outra, e Victoria reparou que estava imaculada e que Bunny era muito meticulosa. Era tudo perfeito.

— Vais cá ficar hoje? — perguntou Bunny interessada. — Vou ficar em casa, se quiseres ajuda para arrumar as coisas.

Victoria tinha passado a tarde a arrumar tudo, já tinha lençóis onde dormir nessa noite e um conjunto de toalhas novas que queria passar primeiro pela máquina de lavar da lavandaria da cave.

— Tenho de ir buscar as minhas coisas ao hotel. — Já tinha feito o *check out* de manhã para poder poupar dinheiro e deixara as malas com o porteiro. — Vou buscá-las daqui a pouco e depois volto. — Quando os rapazes chegaram, também foram admirar o quarto novo. Tinha um ar fresco, limpo e moderno e Harlan disse que parecia uma casa de praia de Malibu. Ela até tinha comprado uma fotografia emoldurada, para pendurar na parede, de uma praia de areia com o mar azul que lhe dava uma sensação de paz. Cheirava a mobília nova no quarto, a mobília pintada de fresco. Conseguia ver da janela a rua e os telhados do bairro. O prédio estava no lado norte da rua virado para sul, por isso, ela sabia que seria soalheiro.

Os novos colegas de apartamento disseram-lhe que iam ficar em casa nessa noite e estavam a planear fazer um jantar, se ela se quisesse juntar a eles, por isso, ela saiu para ir buscar as coisas ao hotel, devolver a carrinha e regressar a tempo do jantar.

Quando voltou, espalhava-se pela casa um bom cheiro a comida. Pelos vistos, os três eram bons cozinheiros. A noiva de Bill, Julie, tinha-se juntado a eles e os quatro estavam na cozinha a rir e a beber vinho, quando Victoria entrou com as quatro malas. Tinha trazido a roupa toda de inverno, caso precisasse dela antes de voltar a casa no Dia de Ação de Graças. Bunny disse que fizera bem, porque o tempo podia arrefecer em outubro.

Victoria tinha parado para comprar uma garrafa de vinho para eles, e colocou-a em cima da mesa da cozinha. Era vinho espanhol. Todos disseram que gostavam e abriram-na de imediato. Rapidamente esvaziaram a garrafa, o que não era difícil quando partilhada por quatro pessoas. Victoria tinha ficado tentada a comprar gelado, mas não o fez. A mudança era desgastante, mas até agora tinha corrido tudo bem.

Sentaram-se os cinco à mesa para jantar às dez horas, quando já todos tinham fome. Até lá,

foi um constante entrar e sair da cozinha. Bunny é que estava a cozinhar quase tudo e os rapazes ainda foram ao ginásio antes do jantar. Eram todos muito aplicados em relação ao exercício físico e a noiva de Bill tinha um corpo espetacular. Julie trabalhava para uma empresa de cosmética. Todos achavam ótimo Victoria ir dar aulas e disseram-lhe que era corajosa, uma vez que os alunos seriam quase da idade dela.

— Os miúdos aterrorizam-me — confessou Bunny. — Quando entram na galeria, escondo-me logo. Partem sempre qualquer coisa e depois eu é que me meto em sarilhos. — Revelou que estudara História de Arte e que tinha um namorado em Boston que estudava Direito e que a vinha visitar aos fins de semana ou ia ela ter com ele.

Todos pareciam ter as vidas bem encaminhadas. Ao jantar, Harlan comentou que tinha acabado com o parceiro há seis meses, que se mudara para ali e que estava a fazer uma pausa no amor. Disse que não namorava com ninguém e Victoria admitiu que também não namorava. Nenhum dos seus romances tinha resultado até agora e ela não gostava da teoria do pai, que dizia que era por causa do peso e da aparência dela. Ela sentia-se como se tivesse sido amaldiçoada. O pai achava que ela não era suficientemente bonita e a mãe considerava-a demasiado inteligente, o que talvez afastasse a maioria dos homens. Era demasiado feia ou demasiado inteligente, mas, em qualquer dos casos, ninguém ainda se tinha apaixonado por ela. Até então, só tinha tido aquilo a que chamava paixonetas, tirando o falso começo desditoso com Beau e a relação breve com o estudante de Física e algumas saídas com rapazes que não deram em nada. Esperava que a sua sorte mudasse em Nova Iorque. E mudou — encontrou um apartamento maravilhoso e três colegas fantásticos para o dividir. Victoria gostou mesmo deles. O jantar estava delicioso. Bunny fez *paella* com marisco fresco, um prato perfeito para um dia de verão, e sangria, que beberam depois do vinho. Antes da *paella*, serviu gaspacho. E, como sobremesa, preparou gelado de bolachas e natas, que, infelizmente, era um dos preferidos de Victoria e, quando o puseram na mesa, ela não conseguiu resistir.

— É como oferecerem heroína a um toxicodependente — queixou-se Victoria, enquanto se servia de uma taça grande. Antes disso, todos eles limparam os pratos. A *paella* estava deliciosa. Assim como o gelado.

— Eu também adoro gelado — confessou Harlan, mas não tinha nada ar disso. Parecia que não comia há dez anos. Tinha um metro e noventa, o que lhe permitia muito espaço de manobra. Mas Victoria não comia gelado há imenso tempo, por isso, decidiu satisfazer o seu desejo e mimar-se. Afinal de contas, estavam a festejar. Mais tarde, felicitou-se em silêncio por não se ter servido pela segunda vez, apesar de a primeira dose ter sido grande. Entre os cinco, acabaram com o gelado. Julie comeu uma boa dose também, mas nenhum deles parecia ter tendência para engordar. Eram pessoas elegantes, bronzeadas e que se vestiam bem. Todos confirmaram que iam religiosamente ao ginásio e tanto Bill como Bunny acrescentaram que isso os ajudava a controlar as tensões. Harlan confessou que detestava fazer exercício, mas sentia que era uma obrigação estar em forma. Bunny comentou que andavam a pensar comprar em conjunto uma passadeira para não terem de ir ao ginásio todos os dias. Victoria achou uma boa ideia. Assim, não lhe podia escapar se houvesse uma no apartamento. Era um grupo animado,

ocupado, cheio de ideias, planos e projetos. Victoria estava ansiosa por viver com eles. Ia ser uma experiência mais feliz do que viver sozinha num apartamento minúsculo. Desta forma, podia ter mais espaço e companhia sempre que quisesse. E quando não quisesse, podia ir para o quarto, que agora estava bonito e acolhedor, graças à IKEA. Estava encantada com o que tinha comprado e como tinha ficado tudo arrumado. Fora uma boa ideia, e ela agradeceu a Harlan pela sugestão.

— Sempre às ordens — disse ele a sorrir. — Costumava decorar montras de lojas. Fiz as montras todas do SoHo e as montras da Chanel. Quando crescer, quero ser *designer* de interiores. Neste momento ando ocupado no Instituto do Traje. Mas tenho sempre outras ideias e projetos. — Ele parecia ser uma pessoa muito criativa e Victoria gostava da forma como ele se vestia.

Ali sentada na cozinha com eles, ficou com esperança de conseguir controlar o peso, por viver com eles e por tentar ir ao ginásio com a frequência com que eles iam. Ela sabia que estava constantemente a oscilar de peso e que pesava sempre mais do que devia, mas tinha um pressentimento de que eles seriam uma boa influência para ela, se se afastasse das sobremesas. Todos os colegas de casa eram elegantes. Sempre invejara pessoas assim. Era naturalmente uma matulona, graças à bisavó paterna, e o peito dela fazia-a parecer ainda mais gorda. Tinha uma silhueta que teria resultado bem noutra época. Pensava muitas vezes se a bisavó também tinha umas pernas compridas e esguias como ela. Pelas fotografias não dava para ver, porque, naquele tempo, as mulheres usavam sempre saias compridas. Agora que Victoria tinha perdido algum peso durante o verão, podia usar novamente saias mais curtas. Mas sabia que nunca havia de conseguir se continuasse a comer gelados. Sentiu-se culpada por causa do gelado de bolachas e natas que acabara de comer. Amanhã tinha de procurar um ginásio ou ir correr. Talvez Bunny a pudesse levar ao dela. Subitamente, Victoria sentiu-se extasiada com tudo o que tinha de fazer ali. E, dentro de poucos dias, ia começar numa escola nova, desta vez como professora e não como aluna. Era emocionante!

Após longas conversas, por volta da uma da manhã, recolheram todos aos quartos. Julie ficou com Bill naquela noite. Victoria instalou-se na sua nova cama de casal, aninhou-se debaixo dos cobertores e deitou-se a sorrir. Todas as coisas no quarto lhe pareciam bem e estavam exatamente como ela queria. Era o seu pequeno mundo acolhedor na nova vida que estava a construir para ela. Era apenas o começo. Em breve, teria um emprego novo, amigos novos, alunos novos e, um dia, talvez até um namorado. Era difícil de imaginar. Encontrar o apartamento tinha sido um primeiro passo e, de repente, tinha-se tornado uma nova-iorquina.

Nessa noite, enquanto adormecia, sentiu saudades de Grace e pensou em ligar-lhe, mas estava já com muito sono e tinha falado com ela de manhã, durante as compras na IKEA. Grace ficara muito contente por ela, e Victoria prometera-lhe mandar fotografias do apartamento e do quarto. Adormeceu a pensar na irmã e numa visita dela. No sonho de Victoria, andavam as duas às compras e, de repente, ela estava muito mais magra, quase como se tivesse um corpo novo, de acordo com a sua nova vida. A empregada da loja trouxe-lhe um número quarenta e quatro e Victoria informou-a de que agora vestia o trinta e oito, e todas as pessoas na loja aplaudiram.

CAPÍTULO 9

Victoria teve dois dias de reuniões antes de as aulas começarem. Conheceu os outros professores e tentou fixar a que departamentos pertenciam, que disciplinas tinham a cargo e a que anos ensinavam. Teve tempo ainda para estudar os livros que ia utilizar e que haviam sido escolhidos pela professora que ia substituir durante um ano. Até já tinha delineado o programa da disciplina, que durante vários dias a tinha preocupado. Ia ser muito mais fácil do que ela pensara. Apresentou-se e conversou à vontade com os outros professores. O Departamento de Inglês, com oito professores, era dos maiores. Eram todos consideravelmente mais velhos do que Victoria e na maioria mulheres, havendo apenas três homens. Victoria reparou que todos os professores do sexo masculino que trabalhavam na Madison eram *gays* ou casados, mas não tinha ido para ali para arranjar um namorado, censurava-se ela, estava ali para dar aulas.

À noite, depois das reuniões, estudava novamente os livros, voltava a delinear o programa das aulas e fazia apontamentos de trabalhos de casa e questionários que queria dar aos alunos, mas, antes disso, queria conhecê-los e avaliá-los. Ia ter quatro turmas, uma do décimo ano, uma do décimo primeiro ano e duas do décimo segundo ano. Tinham-na avisado na universidade, nos estágios que fizera, que os alunos do décimo segundo ano eram sempre mais difíceis. Estavam desejosos de sair da escola e continuar a vida na universidade. Na segunda metade do ano, já com as respostas das universidades, tornava-se quase impossível conseguir a atenção deles e pô-los a trabalhar. Ia ser um ano cheio de desafios para Victoria e ela estava ansiosa por meter mãos ao trabalho. Não pregou olho praticamente durante toda a noite antes de as aulas começarem.

No primeiro dia de aulas, Victoria levantou-se às seis da manhã. Fez um pequeno-almoço saudável com ovos, torradas, cereais e um sumo de laranja. Fez uma cafeteira de café a contar também com os colegas de casa. Às sete horas, estava vestida e à mesa do pequeno-almoço, às sete e meia estava de novo no quarto a escrever uns apontamentos. Às sete e quarenta e cinco, estava na rua a caminho da escola. Chegou à escola às oito horas em ponto, e os alunos entravam às oito e meia.

Foi diretamente para a sala de aula e começou a andar nervosa para trás e para a frente, até que ficou a olhar pela janela. Esperava vinte e quatro alunos naquela manhã. Havia mesas para todos e algumas a mais, e uma secretária grande para ela virada de frente para a sala de aula. Era uma aula de escrita e ela tinha trabalhos de composição para eles. Sabia que ia ser difícil captar a atenção dos alunos depois das férias de verão e que ia ter nesse dia alunos que estavam

na etapa final. Andavam no décimo segundo ano, iam começar a contactar universidades e a tratar das candidaturas. Ela iria ter de lhes escrever cartas de recomendação, o que a tornava um elemento importante nas vidas desses alunos, dando-lhe um impacto direto no futuro deles, por isso, tinham de ser sérios e aplicados na sua aula. Victoria sabia os nomes deles e ia poder associá-los às caras. Estava a olhar para o horizonte pela janela, quando, de repente, ouviu uma voz atrás dela.

— Pronta para o massacre? — Victoria virou-se e viu uma mulher de cabelo grisalho. Vestia umas calças de ganga, uma *t-shirt* branca, com o nome de uma banda e sandálias. Parecia que ainda estava de férias. Realmente, estava um dia quente em Nova Iorque. Sorriu quando Victoria se voltou com um olhar espantado. Victoria tinha vestido uma saia preta curta de algodão, um *top* largo de linho branco e calçava uns sapatos rasos. O *top* folgado escondia os mais variadíssimos pecados e a saia razoavelmente curta deixava ver as suas pernas. Mas ela não tencionava seduzir os alunos, apenas ensiná-los.

— Olá! — disse Victoria com um ar surpreendido. Já tinha visto aquela senhora nas reuniões de professores, mas ainda não a tinha conhecido, nem se lembrava a que departamento pertencia e não queria perguntar.

— Sou de Estudos Sociais. Estou na sala do lado. Se começarem a fazer distúrbios, posso vir ajudar. Chamo-me Helen. — Foi com um sorriso nos lábios que se aproximou para a cumprimentar com um aperto de mão. Devia ter quase a idade da mãe de Victoria, talvez uns quarenta e muitos. A sua mãe fizera há pouco tempo cinquenta anos. — Estou aqui há vinte e dois anos, por isso, se precisar de uma cábula ou de um guia, peça-me. Há aqui boas pessoas, menos os alunos e os pais. Alguns deles, claro. Alguns miúdos são ótimos, apesar das circunstâncias privilegiadas em que vivem.

Quando acabou de falar, soou uma campainha estridente e, uns minutos depois, começaram a ouvir-se passos a subirem as escadas. Parecia que vinham todos a correr.

— Obrigada — respondeu Victoria, sem saber o que mais dizer. A afirmação que fizera sobre os alunos e os pais era condenável e era uma tomada de posição estranha para uma professora que trabalhava numa escola cheia de alunos ricos.

— Adoro os meus alunos, mas às vezes é difícil fazer com que eles lidem com a realidade. Será assim muito real os nossos pais terem um barco, um avião e uma casa nos Hamptons e passarmos todos os verões no sul de França? Para estes miúdos é assim mesmo. A realidade em que o resto do mundo vive está completamente fora dos seus horizontes. Cabe-nos a nós apresentá-los ao mundo real. E, às vezes, não é fácil. Mais cedo ou mais tarde, conseguimos lá chegar com alguns. Mas não é frequente o mesmo acontecer com os pais deles. Eles não se importam, nem querem saber como vivem os outros. Devem achar que não é problema deles. Mas os miúdos têm o direito de saber e de fazer escolhas.

Victoria não discordava e não tinha pensado muito sobre os estilos de vida destes alunos e de como isso lhes afetava a perspetiva que tinham do mundo. Mas Helen parecia-lhe ligeiramente angustiada e ofendida com eles. Victoria começou a pensar se ela não estaria com inveja das vidas privilegiadas que eles tinham. E, enquanto pensava nisso, a primeira aluna

entrou na sala e Helen voltou para a sala dela.

Era uma rapariga chamada Becki. Tinha cabelo louro e comprido até à cintura, e vestia uma *t-shirt* cor-de-rosa, calças de ganga brancas e sandálias italianas. Tinha a cara e o corpo mais bonitos que Victoria alguma vez vira. Sentou-se a meio da sala, o que significava que não estava ansiosa por participar, mas também não fazia parte do grupo dos mandriões que se sentavam sempre na última fila. Ao sentar-se, sorriu para Victoria. Tinha um ar descontraído e dava a ideia de que se sentia a dona do mundo. Era a arrogância própria dos alunos do décimo segundo ano que Victoria tinha visto. Apenas quatro anos separavam as duas jovens, e Victoria tremeu ao pressentir a autoconfiança de Becki, mas logo se lembrou de que ali era ela a professora. Além disso, eles também não sabiam a idade dela. Apercebeu-se de que teria de ganhar o respeito deles.

Entretanto, quatro rapazes entraram de rompante pela porta, quase em simultâneo, e sentaram-se. Olharam todos para Becki, que obviamente conheciam, e olharam para Victoria com alguma curiosidade. De seguida, entrou um grupo de raparigas a rir e a falar. Cumprimentaram Becki, ignoraram os rapazes, olharam para Victoria e sentaram-se na última fila. Para a nova professora, isso significava que queriam continuar a falar e a trocar papelinhos ou talvez até a mandar mensagens durante a aula. Tinha de estar atenta a estas alunas. Entraram mais raparigas e mais rapazes e alunos mais atrasados que chegavam sozinhos ou em grupo. E, por fim, passados dez minutos, a primeira turma estava ali. Victoria saudou-os com um grande sorriso e apresentou-se. Escreveu o nome no quadro e a seguir virou-se para eles.

— Quero que todos se apresentem para poder associar as caras aos nomes que tenho aqui. — Apontou para uma rapariga na fila da frente do lado esquerdo. — Vamos dar a volta à sala. — E assim fizeram. Disseram os nomes, enquanto Victoria olhava para a lista que tinha na secretária.

— Quem é que sabe a que universidade se vai candidatar? — Levantaram-se menos de metade dos braços. — E se falarmos sobre isso? — Apontou para um rapaz na fila de trás que já estava com ar entediado. Ela ainda não sabia, ele tinha sido namorado de Becki no ano anterior, mas tinham acabado antes do verão e agora estavam os dois descomprometidos. Becki tinha voltado há pouco tempo da casa do pai no sul de França. E, tal como muitos alunos da Madison, os pais estavam divorciados.

O rapaz a quem Victoria perguntara sobre as candidaturas à universidade desbobinou uma lista enorme. Harvard, Princeton, Yale, Stanford, Duke, Dartmouth e talvez o MIT. Tinha todas as universidades importantes na lista, por isso, ela perguntou-se se ele estava a dizer a verdade ou se estava a gozar com ela. Ainda não conhecia a maneira de ser de cada um, mas lá chegaria.

— Então, e a faculdade do circo em Miami? — perguntou ela com uma cara espantada, provocando a gargalhada geral. — É capaz de ser divertida.

— Quero estudar Engenharia Química e talvez faça primeiro um pequeno curso em Física, ou, então, o contrário.

— Como são as tuas notas a Inglês? — perguntou-lhe ela. Era o tipo de aluno que pensava que a disciplina da língua era uma chatice. Mas era obrigatória, até para ele.

— Não são muito boas — admitiu ele timidamente. — Sou melhor a ciências.

— E vocês? — dirigiu-se ela aos outros. — Como são as vossas notas nesta disciplina? — Era uma pergunta justa e eles foram sinceros com ela. Alguns disseram que eram fracas, outros disseram que eram boas, mas ela não podia saber a verdade, pelo menos por enquanto.

— Se querem entrar nessas universidades, e eu presumo que vários de vocês o ambicionam, têm de ter boas notas a Inglês. Portanto, vamos trabalhar juntos este ano. Estou aqui para melhorar as vossas capacidades de escrita. Vai ajudar-vos com o texto que têm de escrever para as candidaturas e eu terei muito gosto em ajudar-vos, se quiserem. — Era uma perspetiva interessante sobre o objetivo da disciplina e o essencial não se perdera. Deixaram-se ficar sentados a ouvi-la com atenção.

Ela falou do valor de saber escrever com clareza e coerência, não numa prosa com floreados, mas ser capaz de escrever uma história interessante com início, meio e fim. — E acho que também nos podemos divertir este ano. Escrever não tem de ser uma chatice. Para algumas pessoas, eu sei que é difícil. — Nisto, olhou para o rapaz que queria ir para o MIT, a escrita não era obviamente a sua preferência. — Podem dar um toque de humor ao que escrevem ou fazê-lo com ironia. Podem escrever um comentário social sobre o estado do mundo ou uma história que inventem do princípio ao fim. Mas, seja o que for que escrevam, façam-no de forma simples e clara, e tornem-no especial para que os outros queiram ler. E é nessa linha que vos vou pedir que escrevam qualquer coisa que nos agrade a todos. — E mal o disse, virou-se e escreveu no quadro que ocupava toda a parede atrás da sua secretária. Escreveu com uma letra clara para que todos pudessem ler: «As minhas férias de verão.» E, assim que acabou de escrever, começaram todos a refilar e ela virou-se novamente de frente para eles.

— Há aqui uma peculiaridade, uma pequena reviravolta. Não quero saber das férias de verão que realmente passaram, que podem ter sido tão aborrecidas como as minhas com a família em Los Angeles. Quero que escrevam sobre as férias que gostavam de ter tido. E, quando acabarem, eu também quero desejar ter tido essas férias. E quero que me façam perceber o porquê. Porque é que queriam ter essas férias ou desejavam ter tido? Podem escrever como um ensaio na primeira pessoa ou como uma história na terceira pessoa. Quero coisas empolgantes. Eu sei que são capazes se tentarem.

Fez um grande sorriso e disse uma coisa que ninguém esperava.

— Podem sair. — Ficaram por um momento a olhar para ela, abismados, e, de seguida, levantaram-se em algazarra e começaram a empurrar-se para fora da sala de aula. Victoria bateu com a mão na secretária e disse-lhes que o trabalho era para entregar na próxima aula que seria daí a três dias. Lá começaram a refilar mais uma vez e ela teve de ser mais específica.

— Não tem de ser muito grande — acrescentou enquanto eles se atropelavam.

— Quem me dera ter passado as férias de verão num bordel em Marrocos — disse um rapaz, e todos se riram da irreverência dele. Brincar com os professores era o que todos os alunos gostavam de fazer em qualquer idade. Era algo que Victoria não teria imaginado que ele dissesse, mas não reagiu. Os miúdos daquela idade gostam de espantar os adultos. Ela não demonstrou que ele tinha conseguido.

— Também pode resultar — disse Victoria com calma —, desde que eu acredite em ti. Se não acreditar, estás com azar. Aí é que está a dificuldade. Convençam-me, façam-me gostar, deixem-me apaixonada pelas personagens ou por vocês. Esse é o objetivo de escrever, convencer o leitor de que aquilo que escreveram para ele é verdadeiro. E para o conseguirem, também têm de acreditar. Divirtam-se — disse ela, enquanto os restantes alunos saíam.

Victoria tinha um intervalo entre as aulas e estava sentada à secretária a tomar uns apontamentos, quando Helen, a professora da sala do lado, entrou. Parecia interessada em tudo aquilo que Victoria fazia. Carla Bernini, a professora em licença de maternidade, era a sua melhor amiga e Victoria ficou a pensar se ela estava a defender o terreno da amiga ou se andava a vigiá-la.

— Como é que correu? — perguntou ela, sentando-se numa das cadeiras.

— Acho que correu muito bem — respondeu Victoria com sinceridade. — Não me atiraram com nada, nem me acertaram com foguetes. Não houve bombinhas de mau cheiro. Fiz uma aula curta, o que ajuda sempre. — Também já o havia feito nos estágios. Não era possível ficar ali muito tempo a falar sobre escrita. Tinha de partir para a escrita, por muito difícil e assustador que fosse. — O trabalho que lhes dei era fácil. Vai mostrar-me o que eles são capazes de fazer.

— Deve ser difícil vir substituir uma pessoa — disse Helen, e Victoria encolheu os ombros.

— Tento não pensar muito sobre isso. Cada um de nós tem o seu próprio estilo.

— E qual é o seu? — perguntou Helen com interesse, como se estivesse a entrevistá-la.

— Ainda não sei. Hoje é o meu primeiro dia. Acabei o curso em maio.

— Bolas! Deve estar muito nervosa. Mas que matulona corajosa! — Aquele tom fê-la lembrar-se do pai, mas não se importou. Ela sabia que tinha feito um bom trabalho. Helen podia desafiá-la como quisesse. Victoria sabia que também teria de provar ser capaz perante os outros professores, não só perante os alunos. Mas, até agora, achava que tinha corrido tudo bem.

A aula seguinte de Victoria foi uma hora depois e, desta vez, muitos dos alunos chegaram atrasados. Também andavam no décimo segundo ano.

O trabalho que lhes deu foi diferente. Desta vez, o tópico era o que quero ser quando for grande e porquê. — Quero que pensem bem nisto. E quero respeitar-vos e admirar-vos quando acabar de ler o que escreveram. Podem fazer-me rir. Mantenham uma escrita leve, a menos que queiram ser cangalheiros ou embalsamadores. Mas, tirando isso, quero rir-me. — E assim saiu a segunda turma. Tinha-se aguentado bem com os dois grupos e ficou a conhecer as duas turmas do décimo segundo ano. Pareceram ser bons miúdos e não lhe deram problemas. Mas sabia que podiam vir a dar, se quisessem, e ela era muito nova. Ainda não lhe eram obedientes, mas também ainda era cedo. Victoria esperava que a seu tempo lhe obedecessem. Sabia também que o nível de respeito deles iria depender dela. Era sua função fazer com que eles se comportassem.

Helen ficou ali a falar com ela por alguns minutos e depois ambas arrumaram as coisas e saíram das salas de aulas. Victoria foi ver a sua caixa do correio e sentou-se na sala dos professores a ler uma pilha de memorandos do diretor e do reitor. Havia vários avisos, principalmente sobre mudanças na política da escola. À tarde, teve uma reunião do

Departamento de Inglês. Quando, por fim, saiu do edifício, precisou de apenas dez minutos para chegar a pé a casa. Adorava viver perto. Queria ir a pé para a escola todos os dias.

Quando Victoria chegou ao apartamento, os colegas perguntaram-lhe como tinha corrido o dia. Estavam todos lá.

— Na verdade, foi fantástico — respondeu Victoria satisfeita. Grace ligou-lhe uma hora depois a perguntar o mesmo. Tinha corrido bem e ela tinha gostado dos alunos. Podem ter andado pelo mundo com os pais, ter tido todas as aulas possíveis e imagináveis, mas, ainda assim, havia qualquer coisa de inocente e cativante neles. Ela queria que eles aprendessem a pensar com inteligência, a terem bom senso para poderem ter a vida que quisessem, fosse ela qual fosse e onde quer que fosse. A sua função, tal como ela a julgava, nesta escola ou noutra qualquer, era abrir-lhes portas para o mundo. E queria abrir-lhes muitas e muitas portas. Já tinham começado.

CAPÍTULO 10

Victoria conheceu os alunos do décimo e décimo primeiro anos no segundo e no terceiro dia de aulas e ficou surpreendida por achar mais difícil lidar com eles do que com os alunos do décimo segundo ano. Os alunos do décimo primeiro ano estavam preocupados com a pesada carga de trabalho que iam ter nesse ano, que ia contar mais do que qualquer outro na candidatura às universidades, e estavam com receio de que Victoria lhes desse demasiados trabalhos de casa. Os alunos do décimo ano eram pouco amistosos, quase beligerantes, e não havia grupo mais difícil de ensinar do que raparigas de quinze anos. Era a idade de que toda a gente menos gostava, e Victoria era da mesma opinião, excetuando a sua irmã Grace que parecia ser mais simpática do que as raparigas da idade dela. Eram desagradáveis. Victoria até ouviu duas raparigas a comentarem o físico dela ao saírem da sala de aula. Falaram suficientemente alto para ela ouvir, e Victoria teve de se lembrar de que eram apenas umas fedelhas, mas a verdade é que os comentários delas pareceram-lhe punhais. Uma das raparigas referiu-se a ela como «gorda»; a outra disse que ela parecia um tanque com aquela roupa. Nessa noite, Victoria despiu a roupa e pô-la no monte de coisas para dar. Sabia que não se ia sentir à vontade para a usar de novo. E quando foi à cozinha, acabou a caixa de gelado de um dos colegas, com um sabor de que ela nem sequer gostava.

— Tiveste um mau dia? — perguntou Harlan, enquanto se servia de uma chávena de chá e enchia outra para ela.

— Sim, mais ou menos. As miúdas do décimo ano sabem ser muito más. Hoje conheci essa minha turma. — Estava com um ar realmente infeliz, a bebericar o chá e a comer os *brownies* que tinha comprado a caminho de casa.

— Dever ser difícil ser assim tão nova e dar aulas numa escola a alunos quase da mesma idade — comentou ele, mostrando-se compreensivo.

— Pois é. Mas a turma de décimo segundo ano até foi muito boa. Os mais novos foram muito piores. São mesmo desagradáveis. E os do décimo primeiro ano estão sempre cheios de medo, porque é o ano mais importante antes da faculdade e, por isso, sentem muita pressão, quer da nossa parte, quer da parte dos pais.

— Não queria por nada ter o teu trabalho — disse ele com um sorriso pesaroso. — Os miúdos são difíceis. Estar à frente de trinta era o suficiente para dar cabo de mim.

— Ainda não tenho muita experiência — admitiu Victoria —, mas acho que vou adorar. O meu estágio foi divertido, mas tinha uma turma de nono ano. É muito diferente, e estes miúdos

são muito mais avançados. São mais sofisticados do que os do meu estágio em Chicago. Estes vão manter-me sempre em alerta. Só quero que as minhas aulas sejam interessantes para eles. Os miúdos nestas idades podem ser implacáveis.

— Cá para mim, isso parece-me perigoso — disse ele e fingiu arrepiar-se, fazendo com que Victoria se risse.

— Não são assim tão maus — retorquiu ela a defendê-los. — São apenas miúdos.

Mas, no dia seguinte, quando voltou a ter as turmas do décimo segundo ano, ficou tentada a concordar com Harlan. Esperava que os dois grupos entregassem os trabalhos que ela tinha pedido, mas só menos de metade de cada turma o tinha feito. Quando Victoria se apercebeu disso, ficou muito desiludida.

— Há alguma razão para não o teres feito? — perguntou a Becki Adams.

— Tinha muitos trabalhos para as outras disciplinas — respondeu Becki a encolher os ombros, enquanto a rapariga sentada ao lado dela se ria.

— Tenho de vos lembrar de que esta disciplina é obrigatória? A vossa nota de inglês neste período vai depender do que vocês aqui fizerem.

— Como queira — disse Becki e virou-se para a outra rapariga a sussurrar qualquer coisa. E olhou para Victoria ao mesmo tempo, dando-lhe a sensação de que estavam a falar dela. Tentou recompor-se, recolheu os trabalhos que alguns tinham feito e agradeceu aos alunos que tinham completado o que ela pedira.

— Para aqueles que não fizeram, têm até segunda-feira. E, a partir de agora, espero que entreguem os trabalhos a horas. — Estragou-lhe os planos para o fim de semana, mas só menos de metade da turma tinha entregado o trabalho.

Debateu, então, o poder de uma dissertação e distribuiu alguns exemplos, explicando porque é que resultavam e apontando a força de cada um deles. Desta vez, a turma inteira ignorou-a. Duas raparigas ao fundo da sala estavam a usar os *iPods*, três rapazes riam-se de uma piada qualquer, muitas das raparigas escreviam bilhetinhos e Becki pegou no *BlackBerry* e começou a mandar mensagens. Victoria sentiu que tinha levado uma bofetada e não sabia bem o que fazer. Eles eram apenas cinco anos mais novos do que ela e comportavam-se como autênticos fedelhos.

— Estamos aqui com algum problema? — disse ela calmamente. — Ficaram com a ideia de que não têm de prestar atenção a esta aula? Ou sequer serem educados? Será que se preocupam com as vossas notas? Eu sei que estão no último ano e que as notas do décimo primeiro ano entram nas candidaturas à universidade, mas um chumbo a esta disciplina não vai beneficiar a candidatura e podem recusar-vos na universidade da vossa escolha.

— A professora é apenas uma substituta até a senhora Bernini voltar — disse um rapaz ao fundo da sala.

— A professora Bernini não vai voltar este ano. Podem ser más notícias para todos nós ou boas se vocês decidirem tirar partido disto. Vocês é que sabem. Se preferirem chumbar à disciplina, a decisão é vossa. Podem explicá-la ao reitor. E aos vossos pais. Até é muito simples: fazem o trabalho, recebem as notas. Não se preocupam, não entregam os trabalhos e

chumbam. De certeza que a professora Bernini pensava assim também — disse Victoria à medida que passava por Becki e lhe tirava o *BlackBerry*.

— Não pode fazer isso! Estava a mandar uma mensagem à minha mãe — queixou-se ela irritada.

— Mandas depois da aula. Se houver alguma emergência, vais à receção. Não é permitido mandar mensagens nas minhas aulas. E isso também é válido para ti — disse ela a apontar para uma rapariga na segunda fila, que tinha estado a trocar mensagens com Becki. — Vamos lá a esclarecer isto. Nada de *BlackBerrys*, nada de telemóveis e nada de *iPods* nas minhas aulas. Nada de mandar mensagens. Estamos aqui para trabalhar a escrita.

Eles não ficaram muito impressionados e, enquanto ela falava, tocou a campainha e todos se levantaram. Ninguém esperou que ela desse a aula por terminada. Os alunos saíram da sala e Victoria ficou desanimadíssima a arrumar na pasta os trabalhos que tinha recebido. Ficou ainda mais deprimida quando teve a segunda turma do décimo segundo ano, que foi igualmente perturbadora. Já tinha sido identificada como a professora com quem podiam brincar, com quem podiam ser mal-educados e que se podia ignorar.

Era como se tivesse corrido um memorando entre todos os alunos do décimo segundo ano para gozarem com ela. Estava quase a chorar quando Helen entrou na sala depois de os alunos terem saído. Victoria estava a arrumar as coisas, com um ar aborrecido.

— Foi um mau dia? — perguntou ela com um ar gentil. Victoria ainda não tinha percebido se ela e Helen eram aliadas, mas ela tinha um ar simpático.

— Não correu lá muito bem, não — admitiu Victoria pegando na pasta com um suspiro.

— Tem de os controlar antes de eles darem cabo de si. Os alunos do décimo segundo ano podem ser muito difíceis se se descontrolarem. Os alunos do décimo primeiro ano estão sempre stressados e os do décimo são miúdos. Os do nono ano são uns bebés e passam metade do ano assustados. São fáceis. — Ela sabia bem o que dizia e Victoria sorriu.

— Que pena as turmas da senhora Bernini não serem do nono ano. Além disso, tenho dose dupla de décimo segundo ano.

— Se os deixar, eles comem-na ao pequeno-almoço — avisou-a Helen. — Tem de se impor. Não seja muito simpática e não tente ser amiga deles. Especialmente porque é muito nova. Os miúdos aqui na Madison podem ser espetaculares e a maioria é inteligente, mas muitos deles são manipuladores e acham que são donos do mundo. Se não tiver cuidado, eles dão cabo de si e os pais deles também. Não admita que abusem de si. Acredite. Tem de ser forte. — Helen falava com um ar sério.

— Acho que tem razão. Menos de metade dos alunos fez o trabalho que lhes tinha pedido e passaram a aula a mandar mensagens, a escrever bilhetinhos e com os *iPods* nos ouvidos. Não podiam estar menos interessados. — Helen sabia como era difícil para uma professora nova e também já tinha passado pelo mesmo.

— Tem de ser forte — repetiu ela, seguindo Victoria para fora da sala e dirigindo-se à sala dela. — Dê-lhes trabalhos grandes, desafie-os, dê-lhes negativas se não entregarem os trabalhos. Ponha-os na rua, se não estiverem a prestar atenção ou se não fizerem os trabalhos.

Confisque-lhes as coisas. Isso vai abrir-lhes os olhos.

Victoria anuiu. Detestava ser assim, mas suspeitava que Helen tinha razão.

— E, durante o fim de semana, esqueça os sacaninhas. Faça qualquer coisa boa para si — disse num tom maternal. — E, segunda-feira pela manhã, seja severa com eles. Fixe bem isto, eles vão sentar-se direitos e prestar atenção.

— Obrigada — disse Victoria e sorriu de novo. — Bom fim de semana. — Gostou do conselho de Helen. Ficou com melhor impressão dela agora do que da primeira vez.

— Igualmente! — respondeu Helen e voltou para a sua sala para arrumar as coisas.

Victoria regressou a casa acabrunhada. Sentia-se um verdadeiro fiasco com as duas turmas do décimo segundo ano, e com os outros anos também não tinha corrido muito melhor. Começou a pensar por que razão queria ser professora. Tinha sido idealista e entusiasta e, afinal, não estava a dar certo. O final da semana correu mal e ela estava com receio de não os conseguir controlar, como Helen sugerira, e de que tudo piorasse. E com estes pensamentos, parou para comprar qualquer coisa para jantar, acabando por levar três fatias de piza, três caixas de gelado *Häagen-Dazs* de diferentes sabores e um pacote de bolachas *Oreo*. Quando chegou a casa, pôs a piza no forno e abriu a caixa de gelado de chocolate. Já ia a mais de meio quando Bunny chegou a casa vinda do ginásio. Victoria tinha pensado durante toda a semana em ir com ela, mas nunca teve tempo por andar a trabalhar nos planos das aulas e à noite estava demasiado cansada. Bunny não fez nenhum comentário quando a viu a comer o gelado, mas Victoria sentiu-se de imediato culpada, tapou-o e guardou-o no congelador.

— Como correu a tua semana? — perguntou Bunny amavelmente. Pareceu-lhe que Victoria estava com um ar aborrecido.

— Foi complicada. Os miúdos são difíceis e eu sou muito nova.

— Lamento. Tenta fazer qualquer coisa divertida este fim de semana. O tempo vai estar ótimo. Eu vou para Boston, o Bill está em casa da Julie e acho que o Harlan vai para Fire Island. Tens a casa só para ti. — Não eram propriamente boas notícias para Victoria que se sentia sozinha, deprimida e com saudades de casa. Sentia muito a ausência de Grace.

Depois de Bunny sair para ir apanhar o avião para Boston, Victoria comeu a piza e ligou para casa para falar com Grace. Foi a mãe que atendeu e perguntou-lhe como estava. Victoria disse que estava bem e, de seguida, veio o pai ao telefone.

— Já estás pronta para desistir e voltar para casa? — perguntou ele com uma forte gargalhada. Ela não queria admitir isso, mas estava com vontade. Sentira-se completamente desadaptada na sala de aula e um perfeito fiasco. As palavras do pai trouxeram-na de volta à realidade. Não ia desistir.

— Ainda não, pai — respondeu ela, tentando parecer mais feliz do que estava. Depois veio Grace ao telefone e Victoria quase desatou a chorar. Tinha mesmo muitas saudades dela e viu-se, de repente, sozinha num apartamento numa nova cidade e sem amigos.

Falaram durante muito tempo. Grace contou-lhe o que andava a fazer na escola, conversaram sobre os professores e sobre as aulas, e a irmã mais nova confidenciou-lhe que havia um rapaz de quem ela gostava que andava no décimo primeiro ano. Havia sempre um rapaz novo na vida

de Grace e nunca na vida da irmã. Há muito tempo que Victoria não se sentia tão miserável e estava com pena de si própria. Mas não falou à irmã mais nova de como a semana tinha sido uma confusão. Depois de desligarem, Victoria tirou o gelado de baunilha do congelador, abriu-o, foi para o quarto, ligou a televisão e enfiou-se na cama vestida. Passou para um canal de cinema e acabou de comer o gelado enquanto via um filme. Quando olhou para a caixa vazia ao lado da cama, ficou com sentimentos de culpa. Foi o jantar dela. Quase que sentia as ancas a alargarem ali deitada. Ficou completamente enojada consigo própria. Vestiu o pijama, voltou a enfiar-se na cama e puxou os cobertores para cima da cabeça. Só acordou na manhã seguinte.

Para se redimir dos pecados do dia anterior, no sábado foi fazer uma caminhada no Central Park e deu uma corrida à volta do lago. O tempo estava maravilhoso e ela não pôde deixar de reparar nos vários casais que passeavam à sua volta, sentindo-se triste por não ter um namorado. Parecia que toda a gente tinha alguém e ela era a única pessoa que ficava de fora, tal como sempre acontecera. Foi a chorar que chegou a um dos extremos do parque e decidiu ir a pé para casa de *t-shirt*, calções de desporto e ténis. Prometeu a si mesma que nessa noite não iria comer mais gelado. E tencionava cumprir essa promessa. Quando à noite se sentou sozinha na casa vazia a ver um filme, não comeu um gelado. Em vez disso, devorou um pacote de bolachas *Oreo*.

Passou o domingo a corrigir os trabalhos que alguns alunos do décimo segundo ano tinham feito. Ficou surpreendida com a qualidade e a criatividade deles. Alguns tinham talento a sério e as composições que fizeram eram sofisticadas. Victoria estava impressionada e disse-o na primeira aula de segunda-feira de manhã. Os alunos tinham entrado sem ordem alguma e esparramaram-se nas cadeiras com um desinteresse notório. Havia, pelo menos, uma dezena de *BlackBerrys* em cima das mesas. Ela deu a volta à sala, recolheu-os um a um e pô-los em cima da sua secretária. Os donos reagiram de imediato e ela assegurou-lhes que lhos devolvia no fim da aula. Alguns dos *BlackBerrys* já estavam a vibrar em cima da secretária.

Victoria elogiou-os pelas composições e eles ficaram satisfeitos, enquanto os restantes entregavam os trabalhos atrasados. Todos menos dois alunos tinham cumprido o combinado. Os dois alunos que falharam eram rapazes altos e bonitos que lhe pareceram arrogantes e cínicos quando disseram que não tinham feito nada.

— Há algum problema? O cão comeu-te o trabalho de casa? — perguntou Victoria calmamente.

— Não — respondeu um dos rapazes chamado Mike MacDuff. — Estivemos nos Hamptons e eu passei o sábado todo a jogar ténis e o domingo a jogar golfe com o meu pai. No sábado à noite, saí.

— Fico muito contente por ti, Mike. Nunca fui aos Hamptons, mas já ouvi dizer que é maravilhoso. Fico satisfeita por teres tido um bom fim de semana. Tens negativa no trabalho. — E, dito isto, virou a sua atenção para o resto da turma e distribuiu cópias de um conto que queria que eles lessem, enquanto Mike lhe franzia o sobrolho. O rapaz sentado ao lado dele estava com um ar pouco à vontade, pois viu logo que também teria negativa.

Ela ajudou-os a fazer a análise da história e mostrou-lhes porque é que resultava. Era uma

boa história e eles pareceram gostar. Desta vez prestaram atenção e ela sentiu-se melhor com a turma. Até Becki contribuiu com algumas observações sobre o conto. Victoria mandou-os escrever um conto como trabalho de casa. À saída, Mike parou à frente da secretária dela e, com uma voz áspera, perguntou se ela lhe tirava a negativa caso ele fizesse o outro trabalho atrasado.

— Desta vez não, Mike — respondeu ela num tom simpático, sentindo-se ao mesmo tempo um monstro, mas lembrou-se do aviso de Helen na sexta-feira para ser inflexível. Decidiu fazer de Mike e do outro aluno um exemplo, pois nem sequer se tinham incomodado em fazer o trabalho.

— Que chatice! — disse ele alto e bom som, saindo de rompante da sala de aula e batendo com a porta. Victoria manteve o seu ar sereno e preparou-se para a segunda aula que começou uns minutos depois.

Esta turma era mais difícil do que a anterior. Havia uma rapariga que estava determinada em aborrecer Victoria e em humilhá-la. Fez vários comentários sobre mulheres com excesso de peso antes de Victoria começar a falar. Fingiu não ouvir os comentários dela. Essa aluna chamava-se Sally Fritz. Tinha cabelo ruivo-escuro, sardas e uma tatuagem de uma estrela nas costas de uma mão.

— Afinal onde é que estudou? — perguntou insolentemente a Victoria quando começou a aula, interrompendo por completo o que ela estava a dizer.

— Em Northwestern. Estás a pensar candidatar-te para lá?

— Nem pensar! — disse Sally bem alto. — Lá, o tempo é muito frio.

— Sim, o tempo é muito frio, mas eu adorei. É uma boa universidade, se nos habituamos ao clima.

— Vou candidatar-me para a Califórnia e para o Texas.

Victoria anuiu.

— Sou de Los Angeles. Há escolas muito boas na Califórnia — disse ela com um ar simpático.

— O meu irmão andou em Stanford — continuou Sally a falar como se não estivessem numa aula e nem isso lhe interessasse. Era muito impertinente.

Victoria continuou com a aula, e distribuiu o mesmo conto que tinha dado à turma anterior. Este grupo foi mais enérgico e mais crítico em relação ao texto, o que gerou debates interessantes na aula, e embrenharam-se bem nele, apesar das intenções de a torturar e de serem alunos difíceis. Conseguiu arrastá-los a todos para a análise da história e para uma troca de ideias animada, e alguns deles ainda estavam a falar sobre o conto ao saírem da aula. Victoria ficou satisfeita. Não se importava de ser desafiada pelos alunos ou até mesmo de discutir com eles, desde que tivessem pontos de vista válidos. O objetivo das aulas era fazer com que eles questionassem o que sabiam e o que pensavam ser as suas crenças. Passou na sala de Helen a caminho da sala dos professores, onde ia corrigir trabalhos.

— Obrigada pela dica do outro dia — disse ela timidamente. — Ajudou bastante.

— A dica de ser severa com eles?

Victoria riu-se.

— Acho que não fui severa com eles, mas dei duas negativas na minha primeira aula por não terem entregado o trabalho. — A segunda semana tinha sido muito mais difícil do que ela imaginara.

— É um começo — comentou Helen a sorrir. — Estou orgulhosa. Vai fazer com que os outros despertem.

— Acho que teve esse efeito, sim. E também estou a confiscar todos os *iPods* e *BlackBerrys* que vejo.

— Eles detestam isso — corroborou Helen. — Preferem mandar mensagens aos amigos do que prestarem atenção ao que estamos a dizer. — As duas mulheres riram-se. — E o fim de semana foi bom?

— Foi razoável. No sábado, fui ao parque e no domingo corrigi uns trabalhos. — E comi duas caixas de gelado, piza e um pacote de bolachas. Mas isso não lhe disse. Sabia que era uma forma de ver como estava desanimada. Comia sempre mais quando se sentia triste, apesar de depois prometer que não voltaria a fazê-lo. Conseguia prever um regresso aos números quarenta e quatro e quarenta e seis no futuro. Tinha trazido os quatro tamanhos com ela. Queria evitar atingir o quarenta e seis de novo, o que iria acontecer rapidamente e com facilidade se continuasse a comer assim. Sabia que tinha de começar a fazer dieta de novo. Sentia-se girar num carrossel de onde parecia nunca conseguir sair. Sem amigos, sem namorado e sem vida social, sentindo-se insegura com o novo trabalho, estava em risco de voltar a engordar em Nova Iorque, apesar das boas resoluções de não o fazer, mas que nunca duravam muito tempo. Ao primeiro sinal de crise, mergulhava numa caixa de gelado, num pacote de bolachas ou numa piza. E, no fim de semana, tinha comido estas três coisas, o que lhe tinha ativado um alarme no cérebro para ter cuidado antes que a situação se descontrolasse.

Helen pressentiu que ela estava sozinha, parecia-lhe uma boa rapariga, muito nova e inocente.

— Talvez possamos ir ao cinema no próximo fim de semana. Ou a um concerto no parque — ofereceu-se ela.

— Gostava muito — concordou Victoria com um ar feliz. Sentia-se como a nova criança a chegar ao bairro e era mesmo. E era também a professora mais nova da escola. Helen tinha o dobro da idade dela, mas gostava de Victoria. Achava-a inteligente e percebia que ela estava a esforçar-se e que era dedicada ao ensino. Era ingénua, mas Helen achou que iria aprender a seu tempo. No início, era sempre um desafio para toda a gente, especialmente dar aulas aos alunos mais velhos. Eram os mais difíceis. Mas Victoria tinha ar de conseguir aguentar se controlasse os miúdos.

— Vai para a sala dos professores? — perguntou esperançosamente a Helen.

— Ainda tenho mais uma aula. Vou lá ter depois. — Victoria anuiu e dirigiu-se para a sala dos professores. Estava deserta. Toda a gente tinha ido almoçar e ela estava a tentar não ir. Tinha trazido uma maçã e tinha jurado que ia portar-se bem. Sentou-se a comê-la, enquanto lia os trabalhos. Mais uma vez, estavam surpreendentemente bons. Tinha alunos muito inteligentes.

Só esperava ser também inteligente para os ensinar e para lhes prender a atenção durante o ano todo. Sentia-se muito insegura. Agora que tinha de enfrentar uma sala cheia de pessoas a sério, era muito mais difícil do que esperara e ia precisar de muito mais do que de disciplina para os manter na linha. Helen dera-lhe umas dicas úteis e Carla Bernini tinha deixado o programa das aulas preparado antes de entrar em licença de maternidade, mas Victoria sabia que tinha de juntar muito ânimo e entusiasmo a essas aulas para poder prender a atenção dos alunos. Tinha muito receio de não ser suficientemente boa para o conseguir e de vir a falhar. Mais do que tudo, queria ser boa neste emprego. Não se importava de receber pouco; esta era a vocação dela e, portanto, queria ser uma excelente professora, daquelas que os alunos recordam durante vários anos. Não fazia ideia se seria capaz, mas estava a esforçar-se ao máximo. O ano letivo ainda agora tinha começado.

Nas duas semanas seguintes, Victoria lutou para ter a atenção dos alunos. Confiscou telemóveis e *BlackBerrys*, deu-lhes trabalhos difíceis e, um dia, quando a turma do décimo segundo ano estava muito agitada, levou-os a dar uma volta ao bairro e obrigou-os a escreverem sobre isso. Tentava ter ideias o mais criativas possível e conhecer bem todos os alunos das quatro turmas. Passados dois meses, começou a ter a sensação de que alguns deles gostavam dela. Aos fins de semana, dava voltas à cabeça para tentar arranjar novas ideias, novos livros para ler e novos projetos. Às vezes, surpreendia-os com testes e trabalhos inesperados. As aulas eram tudo menos aborrecidas. No final de novembro, sentiu que estava a chegar a algum lado e a ganhar respeito. Nem todos os alunos gostavam dela, mas pelo menos prestavam atenção e respondiam-lhe. Na altura em que se meteu no avião para ir a casa no Dia de Ação de Graças, sentia-se realizada até ver o pai. Ele olhou-a com surpresa quando foi ter com ela ao aeroporto, juntamente com a mãe e a irmã, que se atirou aos braços de Victoria com muita alegria enquanto esta lhe dava muitos beijinhos.

— Bolas! Os gelados devem ser mesmo bons em Nova Iorque! — comentou ele a rir-se, e a mãe ficou com uma expressão magoada, não por causa do comentário dele, mas por causa da aparência de Victoria. Tinha engordado de novo tudo o que emagrecera, enquanto corrigia trabalhos à noite e aos fins de semana e preparava as aulas. Andava a viver de comida chinesa e batidos duplos de chocolate. A dieta que tencionava começar nunca aconteceu. Estava completamente concentrada nas aulas e nos alunos e não nela própria. E continuou a comer todos os alimentos errados para se sentir com energia, conforto e força.

— Parece que sim, pai — respondeu Victoria vagamente.

— Porque é que não cozes um peixinho no vapor com legumes, querida? — perguntou a mãe. Victoria ficou espantada por o peso dela ser a única coisa em que eles pensavam depois de terem estado quase três meses sem a ver. Grace olhava para ela irradiando alegria. Não se importava com o peso de Victoria, adorava-a simplesmente. As duas irmãs foram até à zona de recolha da bagagem de braço dado, contentes por estarem juntas.

No Dia de Ação de Graças, Victoria ajudou a mãe a preparar o peru e desfrutou desse dia e da refeição com eles, milagrosamente sem comentários negativos do pai. O tempo estava agradável e a família sentou-se no jardim depois do almoço. A mãe quis saber como era dar

aulas.

— Estás a gostar? — Ainda se sentia pasmada por a filha querer ser professora.

— Estou a adorar! — Sorriu para a irmã e continuou: — Os meus alunos do décimo ano são horríveis, uns monstrinhos como tu. Estou sempre a tirar-lhes os *iPods*, para eles prestarem atenção.

— Porque é que não os pões a escrever letras de canções? — sugeriu Grace, deixando a irmã a olhar para ela surpreendida. — Foi o que a minha professora fez e nós adorámos.

— Que ideia brilhante! — Victoria mal podia esperar para experimentar com eles. Tinha planeado pôr os alunos do décimo primeiro e do décimo segundo anos a escrever poesia nas semanas antes do Natal, mas letras de canções para o décimo ano era uma ideia excelente. — Obrigada, Grace!

— O que quiseres saber dos alunos do décimo ano, pergunta-me — disse ela cheia de orgulho, pois agora era um deles.

O pai conseguiu afastar-se do tema do peso durante o resto da estadia e a mãe disse discretamente que ela devia ir a reuniões dos Obesos Anónimos, o que magoou Victoria, mas, tirando isso, foi um fim de semana agradável, com bom tempo, e sentindo-se confortável especialmente com Grace. No domingo, a família levou-a ao aeroporto. Tencionava voltar daí a quatro semanas para passar o Natal com eles, por isso, desta vez não houve lágrimas na despedida. Ia passar as férias todas com eles, já que tinha duas semanas livres. No avião, Victoria voltou a pensar na sugestão de Grace de pôr os alunos a escrever letras de canções.

Apresentou a ideia à turma do décimo ano na quarta-feira de manhã e eles ficaram em êxtase. Era uma coisa que dominavam e, pela primeira vez, ficaram entusiasmados com o trabalho. Os alunos do décimo primeiro e do décimo segundo anos ficaram menos entusiasmados com a poesia que tinham de escrever. Entretanto, começou também a ajudá-los com as candidaturas à universidade. Victoria nem tinha para onde se virar com tanto trabalho.

As letras das canções que os alunos escreveram ficaram fantásticas. Um rapaz levou uma guitarra para a aula e tentaram fazer música para aquelas letras. O trabalho foi um grande sucesso e os alunos pediram-lhe para prolongar o projeto até às férias do Natal, e ela concordou. Deu notas excelentes à maioria deles pelos belíssimos trabalhos. Nunca tinha dado tantas notas máximas. Os trabalhos de poesia também ficaram surpreendentemente bons. Pela altura das férias do Natal, Victoria sentia que ganhara a confiança deles e, assim, todos se portavam muito melhor na sala de aula. Helen também reparou nisso. Os alunos saíam com um ar feliz das suas aulas.

— O que lhes fizeste? Deste-lhes alguma droga?

— Aceitei a sugestão da minha irmã de quinze anos. Pus os alunos do décimo ano a escrever letras de canções — respondeu Victoria orgulhosa, deixando Helen impressionada com a criatividade dela.

— Isso é de génio! Quem me dera poder fazer o mesmo nas minhas aulas.

— Roubei a ideia da professora da minha irmã, mas resultou. E os miúdos mais velhos têm andado a escrever poesia. Alguns deles são mesmo talentosos.

— Tal como tu — disse Helen com um ar de admiração. — És uma excelente professora. Espero que o saibas. E fico contente por estares a aprender a controlar as turmas. É melhor para eles e para ti. Mesmo na idade deles, precisam de limites, disciplina e estrutura.

— Tenho andado a trabalhar nisso — disse Victoria —, mas, às vezes, acho que faço asneiras. Dar aulas exige muito mais criatividade do que eu pensei.

— Todos nós fazemos asneiras — disse Helen com sinceridade. — Não faz de ti uma má professora. Continua a batalhar e hás de descobrir o que resulta até conseguires vencê-los. É o melhor que podes fazer.

— Adoro o que faço — admitiu feliz —, mesmo que por vezes eles me enlouqueçam. Mas, ultimamente, não me parecem tão arrogantes. Um dos miúdos até disse que queria ir para Northwestern só porque eu disse que tinha gostado da universidade.

Helen ouvia-a de sorriso estampado no rosto. Conseguia ver a paixão de Victoria pela profissão nos olhos dela e isso aqueceu-lhe o coração.

— Espero que o Eric seja esperto e te contrate, mesmo depois de a Carla voltar. Seria doido se te perdesse — disse Helen calorosamente.

— Sinto-me grata por poder estar aqui. Veremos o que acontece para o ano. — Ela sabia que os contratos eram feitos em março e abril e não sabia se haveria uma vaga para ela. Esperava que houvesse, mas nada era certo. Por agora, estava a resultar, para ela, para os alunos e para a escola. Eric Walker, o diretor, já tinha ouvido dos alunos coisas boas sobre ela. Dois pais também já tinham comentado que gostavam dos trabalhos dela. Ela inspirava os alunos e, quando era necessário, mostrava-se exigente com eles. Pensava sempre mais além e não tinha receio de experimentar coisas novas. Era exatamente o tipo de professor que eles queriam.

Depois do Dia de Ação de Graças, Victoria parou de comer vorazmente. O comentário do pai e a sugestão da mãe de ir a reuniões dos Obesos Anónimos fizeram-na abrandar o ritmo. Ainda não tinha começado nenhuma dieta maluca, mas estava a pensar fazê-lo depois do Natal. Pensou em ir a um nutricionista, mas convenceu-se de que não tinha tempo. Por agora, abdicara dos gelados e das pizas. Comprava saladas e peito de frango cozido para comer na cozinha juntamente com os outros quando chegava a casa, e tinha sempre fruta para o lanche. Ainda não tinha vida social, além das idas ocasionais ao cinema com Helen, mas gostava de estar com os colegas de casa. Passava mais tempo com Harlan do que com os outros, porque Bill estava sempre com Julie e Bunny ia a Boston quase todos os fins de semana para ficar com o namorado e até andava a pensar em mudar-se para lá. Mas Harlan estava por casa quase tanto tempo quanto ela. Era solteiro e descomprometido. E, tal como Victoria, trabalhava muito. Quando chegava a casa à noite, sentia-se exausto e ficava feliz por se poder sentar em frente à televisão no quarto e jantar com ela na cozinha.

— Onde vais passar o Natal? — perguntou-lhe ela, numa noite, à frente de uma chávena de chá.

— Convidaram-me para ir a South Beach, mas não sei se vou. Não gosto muito de Miami. — Era um homem sério que trabalhava afincadamente no museu. Victoria sabia que ele não era

muito chegado à família e não estava a pensar ir passar a quadra festiva ao Mississípi. Disse que os pais ainda estavam aborrecidos por ele ser *gay*, e que ele não era bem aceite, o que Victoria achava muito triste.

— Eu vou a Los Angeles visitar os meus pais e a minha irmã — disse ela, melancólica, pensando que os pais também nunca a tinham aceitado completamente. Durante toda a vida sentira-se inadaptada e marginalizada no meio deles. Até o físico dela os aborrecia e fazia com que ela fosse diferente. A mãe preferiria morrer a ter aquelas dimensões e nunca deixaria que isso acontecesse. O pai ainda não conseguia deixar de fazer observações desagradáveis, sem ter consciência de como estas a magoavam. Ela nunca acreditou que aquela crueldade fosse propositada.

— Tens saudades deles? — perguntou Harlan interessado na família dela.

— Às vezes. São a minha família. Mas tenho mais saudades da minha irmã. Ela sempre foi o meu bebé. — Victoria sorriu para Harlan, enquanto ele lhe servia mais uma chávena de chá.

— Tenho um irmão mais velho que me odeia. Quando era novo, ser *gay* em Tupelo, Mississípi, não era bem-visto, e ainda hoje não é. Ele e os amigos estavam sempre a bater-me. Eu nem sabia porquê, até fazer quinze anos e perceber a razão. Até então, pensava que era só diferente. Depois disso, passei a saber. Assim que fiz dezoito anos, vim-me embora para estudar aqui. Acho que eles ficaram aliviados por eu ter saído de lá. Só regresso de tempos a tempos quando esgoto as desculpas.

Victoria achou a história dele muito triste, a história de um homem solitário. Mas a vida dela em casa também seria assim se não tivesse Grace.

— Eu também sou a pária da minha família — admitiu. — Eles são todos magros com olhos castanhos e cabelo escuro e eu sou a estranha. O meu pai está sempre a criticar-me por causa do peso. A minha mãe deixa-me recortes sobre dietas novas em cima da minha secretária.

— Que horror! — exclamou Harlan com tristeza, embora já tivesse reparado no que ela comia e nas porções exageradas de que se servia quando estava cansada ou deprimida. Ele achava que ela tinha uma cara bonita e umas pernas fantásticas, apesar do tronco generoso. Contudo, era uma mulher bonita. Ficou surpreendido por ela não sair com ninguém.

— Há pais que fazem muitos estragos — comentou ele atenciosamente. — Ainda bem que nunca vou ter filhos. Não queria fazer a ninguém o que me fizeram a mim. O meu irmão é um autêntico parvalhão. Trabalha num banco e é tão monótono quanto uma máquina de lavar louça. É casado e tem dois filhos. Acha que ser *gay* é como ter uma doença. Está sempre à espera que um dia eu deixe de o ser, que tenha uma amnésia e que me lembre de repente de que sou heterossexual, o que seria muito menos vergonhoso para ele. — Harlan riu-se ao dizer isto. Tinha vinte e seis anos e sentia-se confortável assim. Esperava um dia ser conservador do museu, apesar de o salário não ser muito bom. Mas ele era dedicado ao trabalho, tal como Victoria era dedicada à escola.

— O Natal em Los Angeles vai ser divertido? — perguntou ele com uma expressão melancólica, e ela anuiu. Seria divertido por causa de Grace.

— Adorava quando a minha irmã era pequenina e ainda acreditava no Pai Natal. Púnhamos

bolachinhas para ele e cenouras e sal para as renas. — Ele riu-se com a descrição dela.

— Tens planos para a passagem de ano? — perguntou ele interessado, tentando imaginar a vida dela lá. Ela nunca falava muito sobre os pais, apenas da irmã mais nova.

— Nem por isso. Normalmente fico em casa com a minha irmã. Um dia destes, ela vai ter idade para sair e aí é que vou sentir-me realmente sozinha.

— E se fizéssemos qualquer coisa os dois, se estivermos cá? — perguntou Harlan e ela concordou. — Podemos ir a Times Square ver a bola a cair com os turistas todos e com as prostitutas. — Riram-se os dois com a imagem.

— Sou capaz de vir de Los Angeles a tempo disso — disse Victoria pensativa. — Uns dias depois, tenho de regressar à escola. Logo vejo o que se passa por lá.

— Manda-me uma mensagem a dizer o que vais fazer — pediu Harlan, Victoria concordou e puseram as chávenas na máquina de lavar.

Victoria deixou prendinhas em cima das camas de cada um dos três colegas de casa antes de partir para Los Angeles. Levava na mala prendas para Grace e para os pais. Estava feliz por regressar a casa e estar com a família, em especial com Grace. Quando chegaram a casa vindos do aeroporto, juntaram-se todos a decorar a árvore de Natal e a beber um ponche de rum delicioso. Era forte e queimava-lhe a língua, mas ela gostava e, quando se foi deitar, sentia a cabeça a andar à roda. Era bom estar em casa. Grace enfiou-se ao lado dela na cama e estiveram a rir e a conversar até adormecerem. Os pais também pareciam bem-dispostos. O pai comentou que conseguira um cliente importante para a agência e a mãe tinha vencido um torneio de *bridge*. Grace estava radiante por estar de férias e ter Victoria em casa na quadra festiva. E ela estava contente por lá estar.

No Natal, correu tudo bem e os pais e Grace gostaram das prendas. O pai deu-lhe um fio de ouro comprido, porque, como disse, não tinha de se preocupar se lhe servia. A mãe deu-lhe uma camisola de caxemira e dois livros de exercícios e de uma dieta nova. Nenhum deles reparou que ela tinha emagrecido desde o Dia de Ação de Graças. Grace reparou e elogiou-a, mas os elogios dela nunca conseguiam fazê-la esquecer os insultos dos pais.

Dois dias depois do Natal, Grace foi convidada para uma festa de Ano Novo em casa de uma amiga em Beverly Hills. Victoria não tinha nada para fazer. As pessoas que conhecia trabalhavam noutras cidades e as duas que ainda viviam em Los Angeles tinham ido esquiar. Durante as férias, tudo o que Victoria fez foi andar com a irmã. Grace ofereceu-se para ficar em casa com ela na noite de Ano Novo.

— Não sejas tonta, deves ir com os teus amigos. Eu até estava a pensar em voltar para Nova Iorque.

— Tens um encontro com um rapaz? — Grace ficou entusiasmada. Era a primeira vez que a ouvia falar disto.

— Não, é só um dos meus colegas de casa. Não sei se ele vai lá estar, mas falámos em fazer qualquer coisa pelo Ano Novo.

— Ele gosta de ti? — perguntou Grace com um olhar traquina e Victoria riu-se da pergunta.

— Não é nada disso. Mas é um bom amigo e divertimo-nos juntos. Ele trabalha no

Metropolitan Museum.

— Que chatice! — disse Grace a revirar os olhos. Ficou desapontada por ele não parecer promissor. Percebeu que Victoria não o considerava como uma opção para namorar.

Por fim, Victoria partiu de Los Angeles na manhã da passagem de ano. Grace ia à festa em casa dos amigos e os pais tinham sido convidados para ir jantar fora. Ela teria de ficar em casa sozinha, por isso, decidiu regressar a Nova Iorque. De qualquer maneira, precisava de se preparar para a escola. Mandou uma mensagem a Harlan, esperando que ele estivesse em Nova Iorque. O pai levou-a ao aeroporto enquanto Grace e a mãe foram ao cabeleireiro. As duas irmãs despediram-se de manhã.

— Achas que voltas para casa quando acabares este ano letivo em Nova Iorque? — perguntou-lhe o pai a caminho do aeroporto.

— Ainda não sei, pai. — Não lhe queria dizer que achava pouco provável e que era feliz em Nova Iorque. Ainda não tinha muitos amigos, mas gostava dos colegas de casa, do apartamento e do trabalho. Era um começo.

— Ias sair-te muito melhor noutra área — repetiu ele pela milionésima vez.

— Gosto de dar aulas — disse ela calmamente.

E depois ele riu-se e olhou para ela.

— Pelo menos sei que nunca irás passar fome. — Ela espantou-se com o facto de ele nunca perder uma oportunidade de fazer um comentário inadequado, de a rebaixar. Era uma das grandes razões para ela estar em Nova Iorque. Não lhe respondeu nada, tendo permanecido em silêncio até chegarem ao aeroporto. Como sempre fizera, o pai tirou as malas do porta-bagagem e deu uma gorjeta ao carregador. De seguida, virou-se para ela e abraçou-a, como se não tivesse feito aquele comentário no carro. Nunca se apercebia disso.

— Obrigada por tudo, pai.

— Tem cuidado contigo — disse ele, parecendo-lhe sincero.

— Tu também. — E deu-lhe um último abraço antes de se dirigir para a zona de segurança. Ao embarcar, viu que tinha uma mensagem de Harlan.

«Chego a Nova Iorque às seis horas», escreveu-lhe ele. Ela aterrava às nove.

«Estou em casa por volta das dez», respondeu Victoria

«Times Square?», perguntou ele numa nova mensagem.

«Combinado.»

Foi a sorrir que desligou o telemóvel. Pelo menos, era bom ter qualquer coisa para fazer na passagem de ano e não ficar sozinha. Almoçou no avião, viu um filme e dormiu nas duas últimas horas de voo. Estava a nevar quando aterrou em Nova Iorque. Os flocos de neve davam à cidade um ar de postal de Natal enquanto seguia de táxi. Estava entusiasmada por estar de volta, apesar de ficar sempre triste por deixar Grace, mas tinha-lhe prometido recebê-la uns dias em Nova Iorque nas férias da Páscoa. Os pais tinham dito que talvez também fossem. Victoria esperava que eles desistissem.

Harlan estava à espera dela em casa, muito bronzeado, acabado de chegar de Miami. Disse que não tinha gostado do ambiente *gay* de lá, que era demasiado faustoso e superficial e estava

contente por estar de volta.

— Então, como foi em Los Angeles? — perguntou ele, quando Victoria entrou.

— Foi bom. Diverti-me com a minha irmã. — Ela sorriu e ele abriu uma garrafa de champanhe e deu-lhe um copo.

— Os teus pais portaram-se bem?

— Nem melhor, nem pior. O costume. Diverti-me com a minha irmã, mas estou contente por estar de volta.

— Eu também. — Sorriu e bebeu o champanhe. — É melhor calçares as botas para a neve para irmos a Times Square.

— Ainda vamos? — A neve rodopiava lá fora, mas era uma neve macia que ficava a flutuar no ar antes de cair no chão.

— Claro que sim! Não o perderia por nada deste mundo. Temos de ver a bola grande a cair. Podemos voltar para casa depois para nos aquecermos. — Ela riu-se e bebeu o resto do champanhe.

Saíram do apartamento, apanharam um táxi às onze e meia e chegaram a Times Square dez minutos antes da meia-noite. Uma multidão enorme olhava para a gigantesca bola espelhada e Victoria sorriu para Harlan à medida que a neve lhes caía no cabelo e nas pestanas. Era a forma perfeita de passar a noite. E, ao bater da meia-noite, a bola espelhada desceu e toda a gente bateu palmas. Eles riram-se, abraçaram-se e ele deu-lhe um beijo na face.

— Feliz Ano Novo, Victoria! — desejou ele a rir. Adorava estar com ela.

— Feliz Ano Novo! — retribuiu ela, enquanto se abraçavam e olhavam para o céu como duas crianças a ver a neve a cair. Era um autêntico cenário de um filme e aquele momento pareceu-lhes perfeito. Eram novos e era a noite de Ano Novo em Nova Iorque. Por agora, pelo menos, não havia nada melhor. E foi bom passarem essa noite juntos. Ficaram ali até o cabelo e os casacos estarem cheios de neve. Andaram alguns quarteirões a pé ao longo de Times Square, entre as luzes brilhantes e a multidão, e chamaram um táxi para regressar a casa. Tinha sido uma noite maravilhosa para ambos.

CAPÍTULO 11

Em janeiro, os alunos do décimo segundo ano estavam tensos. Tiveram duas semanas depois das férias para trabalhar nas candidaturas às universidades e muitos deles ainda não as tinham terminado e precisavam de ajuda. Victoria ficou todos os dias na escola depois das aulas para os aconselhar sobre a melhor forma de escreverem os textos e eles ficaram agradecidos com a sua orientação e conselhos excelentes. Isto aproximou-a mais dos alunos com quem trabalhava e alguns deles até lhe falavam das expectativas e dos planos, das famílias, da vida em casa e dos sonhos. Até Becki Adams lhe pediu ajuda, assim como muitos dos rapazes. Uns quantos admitiram precisar de bolsa, mas a maioria dos alunos da Madison não tinha quaisquer preocupações com o dinheiro. Foi um alívio geral quando completaram as candidaturas e as enviaram. Só em março ou abril é que teriam as respostas, e agora só tinham de acabar o ano letivo sem chumbar a nada e não se meterem em sarilhos.

Nos últimos dias de janeiro, Victoria assistiu a uma conferência sobre educação no Javits Center com muitos outros professores. Havia uma série de painéis em que se podiam inscrever, grupos de debate e palestras dadas por educadores famosos. Ela achou tudo muito interessante e ficou agradecida pelo facto de a escola a ter deixado participar. Estava a sair de uma palestra sobre identificação precoce e sinais de aviso do suicídio nos adolescentes, dada por um pedopsiquiatra, quando chocou com um homem que não estava a ver por onde andava e que quase a derrubou. Ele pediu muitas desculpas e ajudou-a a apanhar os panfletos e as brochuras que lhe tinha atirado para o chão e, quando ele se levantou, Victoria ficou surpreendida com a sua beleza.

— Desculpe. Não queria ir contra si — disse ele amavelmente com um sorriso deslumbrante. Era difícil não ficar especada a olhar para ele e Victoria reparou que muitas outras mulheres também o observavam. — Foi uma palestra muito boa, não achou? — comentou ele com um sorriso simpático. A palestra tinha-lhe aberto uma linha de pensamento completamente nova. Ela nunca se tinha preocupado com o facto de os alunos poderem ter tendências suicidas ou andar perturbados, mas agora percebia que era efetivamente preocupante.

— Achei, sim — concordou ela.

— Dou aulas a alunos do décimo primeiro e décimo segundo anos e parece que a maioria está em risco.

— Também tenho alunos desses anos — disse ela enquanto caminhavam na mesma direção, dirigindo-se para o *buffet* que tinha sido preparado para os intervalos. Até então tinha sido uma

conferência fascinante.

— Onde é que dá aulas? — Ele pareceu-lhe completamente à vontade a falar com ela e assim continuou até pararem os dois diante do *buffet*.

— Na Escola Madison — respondeu ela orgulhosa e a sorrir.

— Já ouvi falar. Miúdos ricos, não é? Eu dou aulas numa escola pública. É um mundo completamente diferente.

Continuaram a falar durante uns minutos e ele apresentou-a a Ardith Lucas, uma senhora que ele conhecia e que se juntou a eles, e convidou-a a sentar-se na mesma mesa. Todos estavam a tentar arranjar lugares antes de irem para a próxima palestra. Havia também várias mesas espalhadas pela sala com literatura grátis e livros que podiam comprar. Ele tinha um saco cheio e Victoria já tinha recolhido as brochuras que lhe interessavam, justamente as que deixara cair e que ele ajudara a apanhar. Chamava-se John Kelly e parecia poucos anos mais velho do que ela. Ardith era consideravelmente mais velha e estava ansiosa por se poder reformar. Disse que já era professora há quarenta anos e que desejava ver-se livre da escola. Victoria e John estavam a começar.

Durante o almoço, os três falaram bastante. John era inacreditavelmente bonito, muito simpático e inteligente. Depois do almoço, deu-lhe o número do telemóvel e o *e-mail* e disse que adorava encontrar-se de novo com ela. Victoria não ficou com a sensação de que ele queria marcar um encontro romântico com ela, mas sim ser seu amigo. Pareceu-lhe até que ele devia ser *gay*. De qualquer maneira, também lhe deu os contactos dela. Não sabia se iria ter notícias dele e até se esqueceu disso, mas, uma semana depois, ficou admirada quando ele lhe telefonou a convidá-la para ir almoçar num sábado.

Havia uma exposição de pintura impressionista no Metropolitan Museum, e ambos queriam ir vê-la. Encontraram-se à entrada e viram a exposição juntos. No fim, foram almoçar no bar. Victoria estava a divertir-se bastante com ele e disse que um dos colegas de casa trabalhava no Instituto do Traje e que estava a montar uma nova exposição nesse dia. Depois de almoço, decidiram ir visitar Harlan. Ele ficou admirado ao ver Victoria, e fascinado com o novo amigo dela. Era impossível não reparar na beleza loura de John e no seu corpo atlético e, quando viu os dois rapazes a observarem-se mutuamente, confirmou que a sua intuição não falhara. Os dois homens estavam atraídos um pelo outro como ímanes. Harlan fez-lhes uma visita guiada ao Instituto do Traje e, quando se foram embora, John pareceu triste. Quando desciam as escadas do museu, comentou que Harlan parecia ser um tipo fantástico e Victoria concordou. De repente, sentiu-se um verdadeiro Cupido e adorou a ideia de os aproximar. E, num impulso, convidou John a ir jantar lá a casa no domingo. Ele aceitou, parecendo muito contente. De seguida, ele seguiu de autocarro em direção à Baixa, onde vivia, e ela foi a pé para casa.

Nessa noite, Harlan só chegou a casa às oito horas, depois de sair da exposição e foi logo ao quarto dela. Ela estava deitada na cama a ver televisão.

— Que pedaço de beleza era aquele que levaste hoje ao instituto? Quase que desmaiava quando entraste com ele. Como é que o conheces?

Victoria riu-se com a cara dele.

— Conheci-o na conferência para professores na semana passada. Deu-me um encontrão que quase me deitou ao chão.

— Que sortuda! Parece um tipo espetacular.

— Sim, também acho — disse ela a sorrir para ele —, e acho que joga na tua equipa.

— Então, porque é que te convidou para sair? — Harlan estava com um ar desconfiado e preocupado achando-o heterossexual.

— Para sermos amigos, acho eu. Acredita em mim, ele não me olha da mesma maneira que olha para ti. — Os homens nunca olhavam, pelo menos, assim lhe dizia a experiência. — E, já agora, convidei-o para vir jantar amanhã. — Victoria riu-se só de olhar para a cara de Harlan. Parecia que lhe tinha dito que ganhara na lotaria.

— E ele vem?

— Vem. E é bom que sejas tu a fazer o jantar. Se for eu, envenenamo-nos todos, a menos que mande vir uma piza.

— Com muito gosto — disse Harlan contente, voltando para o seu quarto completamente nas nuvens. Nunca tinha visto ninguém tão bonito quanto John. Harlan também era um rapaz bonito e Victoria achava que eles faziam um belo par. Começou a pensar se foi premonição ou instinto que a levou a apresentá-los. Tinha sido uma ideia do momento, mas agora parecia-lhe inspiração divina e o colega de casa achava o mesmo.

Harlan era um cozinheiro talentoso e passou o dia todo na cozinha, depois de comprar perna de borrego, batatas, feijão-verde e um bolo de chocolate. E, à hora de jantar, os aromas que vinham da cozinha eram deliciosos. John Kelly foi pontualíssimo. Trouxe um ramo de flores e uma garrafa de vinho tinto. Deu as flores a Victoria e o vinho a Harlan, que o abriu e serviu os amigos, e foram todos sentar-se na sala. Os dois homens deram-se muito bem. Nunca pararam de falar até ao jantar, uma hora depois. Harlan tinha posto a mesa muito bonita na sala de jantar, com individuais e guardanapos de pano e velas ao centro. Tinha-se esmerado. No fim do jantar, Victoria sentiu-se uma intrusa num encontro romântico e deixou-os sozinhos. Disse que tinha trabalhos para corrigir e que depois ajudava Harlan a lavar a louça. Fechou a porta do quarto suavemente, ligou a televisão e deitou-se em cima da cama. Estava a dormitar quando John lhe bateu à porta para se despedir e lhe agradecer o convite. Quando ouviu a porta da frente a fechar-se, foi à cozinha ajudar Harlan a arrumar tudo.

— Então, como é que correu? — perguntou Victoria a sorrir.

— Caramba! — disse Harlan com um sorriso de orelha a orelha. — Ele é o homem mais fantástico que eu já conheci!

John tinha vinte e oito anos, parecia muito educado, sério, responsável e também muito agradável. Harlan disse que se divertiu imenso.

— Ele também gosta de ti — comentou Victoria, enquanto passava por água os pratos que Harlan lhe dava.

— Como é que sabes?

— Qualquer pessoa percebe — garantiu-lhe ela. — A cara dele iluminava-se sempre que vocês olhavam um para o outro.

— Podia ficar a noite toda a falar com ele — disse Harlan a sonhar.

— E ele convidou-te para sair? — perguntou ela, apreciando o romance a nascer mesmo à frente dos seus olhos e a adorar a ideia de ter sido ela a apresentá-los.

— Ainda não. Disse que me ligava amanhã. Espero que ligue.

— Com certeza que liga.

— Fazemos anos no mesmo dia — comentou Harlan a rir.

— Só pode ser um sinal. Agora estás a dever-me um grande favor. Se ficarem os dois juntos, quero uma rua com o meu nome ou qualquer coisa assim em grande.

— Se ficar com ele, podes ficar com os meus cromos todos de basebol que tenho desde criança e com as pratas da minha avó.

— Só quero que sejas feliz — disse ela com simpatia.

— Obrigado, Victoria. Ele parece ser um tipo maravilhoso.

— Tal como tu — sublinhou ela calorosamente.

— Nunca penso assim de mim. Sinto sempre que toda a gente é melhor do que eu, mais inteligente, mais bonita. — Ele parecia-lhe nervoso enquanto desabafava.

— Eu também — disse ela com um ar triste. Victoria conhecia bem essa sensação e sabia bem de onde vinha. Era o resultado de anos a fio a ouvir os pais a dizerem-lhe como ela era desproporcionada e o pai a insistir sempre que ela era gorda e feia. Tudo isso lhe destruiu a confiança e autoestima desde o dia em que nasceu. E agora era uma cruz que ela tinha de carregar. No fundo, sempre acreditou que o pai tinha razão.

— Acho que os nossos pais foram, desde cedo, os culpados — admitiu Harlan sereno. — Acho que o John também não teve uma vida fácil. A mãe suicidou-se quando ele era pequeno e o pai não fala com ele por ele ser *gay*. Mas pareceu-me bastante saudável e normal, apesar de tudo isso. Acabou recentemente uma relação de cinco anos. O companheiro traiu-o, por isso, acabaram. — Victoria estava feliz por Harlan e esperava que corresse tudo bem entre os dois. Ele voltou a agradecer-lhe imenso. Os dois amigos desligaram as luzes e cada um foi para o seu quarto. O jantar estava delicioso e tinha sido uma noite muito agradável. Ela gostou de falar com os dois homens, embora não tanto quanto eles haviam gostado de falar um com o outro.

No dia seguinte, Victoria saiu cedo de casa e não viu Harlan nesse dia, nem no dia a seguir. Foi já na quarta-feira que se encontraram os dois na cozinha quando chegaram a casa do trabalho. Ela estava com receio de lhe perguntar se John tinha dado notícias, pois podia não ter telefonado, mas ele fez logo questão de lhe contar tudo.

— Jantei com ele ontem à noite — revelou, radiante.

— E como é que foi?

— Espetacular! Eu sei que ainda é cedo para dizer isto, mas estou apaixonado.

— Vai com calma e logo vês como corre. — Harlan concordou, mas não parecia capaz de seguir o conselho dela.

Nesse fim de semana, encontrou John de novo na cozinha. Ele e Harlan estavam a preparar o jantar. John tinha trazido um *wok* e oferecera-se para o deixar lá. Convidaram Victoria a juntar-se a eles para jantar, mas ela disse que já tinha planos e foi ao cinema sozinha para os deixar a

sós. Quando voltou para casa, eles não estavam. Não sabia para onde tinham ido, nem precisava de saber. Agora era a história e a vida deles. Ela só queria que se tornasse uma relação de amor entre os dois e tudo o fazia prever. Estavam a ter um começo maravilhoso. Victoria sorria ao pensar naquilo enquanto se dirigia para o quarto. Como de costume, ao fim de semana, todos saíam. Isso fazia-a ter presente de que não tinha saído com nenhum rapaz desde que chegara a Nova Iorque. Ninguém a tinha convidado a sair desde o último verão em Los Angeles e já lá iam seis meses.

Ela não ia a lado nenhum onde pudesse conhecer rapazes, tirando a conferência de professores onde conhecera John. Além disso, não frequentava nenhum ginásio nem pertencia a nenhum clube. Não ia a bares. Não havia um único professor solteiro, heterossexual e da sua idade na escola. Ninguém a tinha apresentado a ninguém, e ela própria não tinha conhecido ninguém. Pensou que seria bom se tivesse acontecido, mas, até agora, tudo o que lhe preenchia a vida era o trabalho. Agora era a vez de Harlan e de John. Estava feliz por eles. Sabia que mais cedo ou mais tarde havia de conhecer alguém. Tinha vinte e dois anos e era pouco provável que ficasse sozinha para o resto da vida, independentemente do excesso de peso. Lembrou-se de que a sua avó costumava dizer que havia uma tampa para cada panela. Esperava que Harlan a tivesse encontrado. Com sorte, esperava um dia encontrar também a sua.

CAPÍTULO 12

Em março, os pais e Grace foram visitar Victoria a Nova Iorque durante as férias da Páscoa. Ficaram uma semana e as duas irmãs divertiram-se imenso enquanto os pais visitavam amigos e se mantinham os dois ocupados. Jantaram muitas vezes juntos em restaurantes que Victoria escolheu a partir de um guia que lhe haviam dado e todos gostaram muito. Grace adorou estar em Nova Iorque com ela. Ficou em casa de Victoria e os pais hospedaram-se no Hotel Carlyle, que ficava ao fundo da rua da escola onde Victoria dava aulas. A escola estava fechada para as férias da Páscoa, por isso, ela tinha imenso tempo livre para ficar com a família. Foram várias vezes ao apartamento e conheceram os colegas de casa. O pai gostou de Bill e achou Bunny uma rapariga bonita, mas nem o pai nem a mãe ficaram muito entusiasmados com Harlan. Mais tarde, ao jantar, Jim fez vários comentários negativos sobre o facto de ele ser *gay*, mas Victoria defendeu o amigo.

Quando se foram embora, Grace estava convencida de que também queria viver em Nova Iorque, talvez até ir estudar para lá, se conseguisse entrar nas universidades. As notas dela não eram tão boas quanto as de Victoria e, por enquanto, Victoria duvidava que ela conseguisse entrar na Universidade de Nova Iorque ou na Barnard. Mesmo assim, havia outras universidades boas em Nova Iorque. No final dessa semana que tinha sido muito divertida para ambas, Victoria ficou triste por a ver partir.

Duas semanas depois de a família ter estado com ela, Eric Walker chamou-a ao gabinete e ela sentiu-se como uma criança que tivesse feito uma asneira. Perguntou-se se alguém teria feito queixa dela ou se algum dos pais teria falado mal dela. Sabia que muitos dos pais achavam que ela dava demasiados trabalhos de casa e tinham tentado chegar a um acordo com ela. Ela foi inflexível. Os alunos tinham de fazer o trabalho que ela mandava. Helen tinha-a ensinado bem e o seu lema era «ser forte». Victoria nunca era tão forte quanto Helen, mas obrigava os alunos a andar na linha e, nos últimos seis meses, eles ganharam-lhe respeito. Já não tinha problemas com nenhuma das turmas graças ao bom conselho de Helen.

— Como estão a correr as aulas, Victoria? — perguntou-lhe o diretor com uma expressão agradável. Não estava com ar severo ou aborrecido, mas ela não fazia ideia por que razão ali estava. Talvez ele quisesse apenas conversar. O ano letivo estava a aproximar-se do fim e o tempo dela na Escola Madison ia acabar em junho.

— Acho que estão a correr bem — respondeu ela. Acreditava com sinceridade naquilo que dizia e esperava estar certa. Não queria acabar o ano em desgraça. Sabia que, se não a

contratassem para o ano seguinte, teria de voltar a procurar uma nova escola em breve. E ia odiar deixar a escola onde estava. Madison era a escola ideal para ela, adorava os miúdos inteligentes e ia ter saudades de todos.

— Como sabe, a Carla Bernini vai voltar no próximo ano no outono. — E continuou: — Vamos ficar muito contentes por tê-la de volta, mas a Victoria fez um trabalho excelente. Os miúdos adoram-na e deliram com as suas aulas. — E também tinha boas informações dos pais, apesar dos receios dela quanto aos trabalhos de casa. — Chamei-a aqui hoje porque houve uma alteração de planos. O Fred Forsatch vai entrar de licença sabática no próximo ano. Quer ir para Oxford e passar algum tempo na Europa. Normalmente, precisaríamos de o substituir. — Estava a falar do professor de Espanhol. — Mas a Meg Phillips gostava de ficar com as turmas dele no próximo ano, o que nos deixa com mais um ano para preencher no Departamento de Inglês. Como sabe, ela só tem alunos do décimo segundo ano e eu ouvi dizer que a Victoria tem muito jeito para eles. Queria saber se gostava de ficar com o lugar dela no próximo ano, até o Fred voltar. Significa que pode ficar mais um ano connosco e, quem sabe, talvez até mais tempo. O que lhe parece?

Victoria estava de olhos bem abertos a ouvi-lo. Foram as melhores notícias que ela teve desde que ele lhe ofereceu o emprego no ano passado. Estava radiante.

— Meu Deus! Está a brincar? Adorava! Está a falar a sério? — Parecia um dos alunos a falar e ele riu-se.

— Não, não estou a brincar. E, sim, estou a falar a sério. Estou a oferecer-lhe trabalho para o próximo ano letivo.

O diretor ficou satisfeito por a ver tão entusiasmada. Era exatamente aquilo que esperava. Falaram durante mais uns minutos e depois ela voltou para a sala dos professores e contou a toda a gente.

Agradeceu muito ao professor de Espanhol quando o viu mais tarde. Ele riu-se quando a viu tão contente e contou-lhe que estava satisfeito por ir para a Europa durante um ano, pois era uma coisa que queria fazer há muito tempo.

Victoria foi a pairar para casa e, quando chegou, contou aos colegas de casa e todos a felicitaram. Quando nessa noite ligou aos pais a contar as novidades, a reação deles foi mais ou menos o que ela já esperava, mas ela queria partilhar à mesma com eles a boa nova. Ainda se sentia na obrigação de lhes contar praticamente tudo da sua vida, apesar das reações previsíveis de desilusão, que desta vez não foram diferentes.

— Estás só a adiar a decisão de arranjar um emprego a sério, Victoria. Não podes viver desse salário para sempre — disse-lhe o pai, mas, na verdade, ela conseguia viver assim. Desde que saíra de casa que não lhe tinha pedido qualquer ajuda. Tinha cuidado com o que gastava e ainda dispunha de algumas poupanças. A renda baixa que pagava ajudava a manter o orçamento equilibrado a maior parte do tempo.

— Este trabalho é a sério, pai — insistiu ela, sabendo que não valia a pena tentar convencê-lo. — Adoro o meu trabalho, os miúdos e a escola.

— Podias estar a ganhar três ou quatro vezes mais do que eles te pagam numa agência de

publicidade qualquer ou numa empresa que te contratasse. — Ele desaprovava veementemente e não estava impressionado por a melhor escola particular de Nova Iorque lhe oferecer um contrato pelo segundo ano por estar satisfeita com o trabalho dela.

— Não é pelo dinheiro — disse Victoria, desapontada. — Sou boa naquilo que faço.

— Qualquer pessoa pode dar aulas, Victoria. Isso é só tomar conta dessas crianças ricas. — Numa só frase, o pai valorizou as suas capacidades e a sua carreira. Aquilo que disse não era verdade e ela sabia-o. Não era qualquer pessoa que podia dar aulas. Era uma capacidade muito específica e ela tinha esse talento. Nem toda a gente conseguia fazê-lo. Mas, para os pais, isso não significava absolutamente nada. Não falou com a mãe, porque ela tinha saído para jogar *bridge,* mas Victoria sabia que ela não ia ficar impressionada. Nunca ficava e seguia sempre o exemplo do marido. Ela era o eco de todas as opiniões dele em todos os assuntos.

— Quero que penses a sério nisso antes de assinares o contrato — insistiu ele, e ela suspirou.

— Já pensei. É isto que quero e é aqui que quero estar.

— A tua irmã vai ficar muito transtornada por não vires para casa — disse ele, jogando a cartada da culpa. Mas Victoria já a tinha avisado nas férias da Páscoa de que poderia ficar mais um ano se tivesse oportunidade, e Grace compreendia. A irmã também sabia qual a verdadeira razão para Victoria se sentir infeliz em casa. Os pais não perdiam uma oportunidade para a fazer sentir-se mal. Grace sentia-se sempre culpada por eles serem simpáticos com ela e nunca o terem sido para a filha mais velha. Durante toda a vida, Grace tinha observado estas situações. Não era de admirar que tivesse pensado que Victoria era adotada, quando eram mais novas. Era difícil de acreditar que eles fossem tão críticos e tão cruéis com a própria filha, mas eram mesmo. Nada do que ela fazia os impressionava ou era suficientemente bom para eles, e, desta vez, não era diferente. O pai estava aborrecido e não orgulhoso. E, como sempre, apenas Grace festejou por ela e com ela quando lhe ligou por causa do emprego.

Harlan e John também ficaram entusiasmados por ela e abraçaram-na efusivamente para a felicitar. Neste momento, John era uma presença regular no apartamento e já tinham passado dois meses. A relação deles estava a ficar cada vez mais sólida. Bill e Bunny também gostavam dele.

Nessa noite, Victoria jantou com John e Harlan e falou-lhes da reação do pai, acrescentando que não era novidade nenhuma, era típico dele.

— Devias ir a um psicólogo falar sobre isso — disse John sereno, deixando Victoria pasmada. Não tinha problemas mentais, não sofria de nenhuma depressão e conseguia sempre lidar com os seus problemas.

— Acho que não preciso — disse ela horrorizada e um pouco magoada. — Eu estou bem.

— Claro que estás — disse John, acreditando nela. — Mas pessoas dessas são tóxicas nas nossas vidas, especialmente sendo os nossos pais. Se durante toda a vida eles te disseram coisas dessas, deves livrar-te dessas mensagens que eles marcaram no teu cérebro e no teu coração. Isso pode retrair-te e magoar-te a longo prazo.

Victoria tinha contado a Harlan a história de lhe terem dado o nome da rainha Vitória e a

razão disso e ele concordou com John.

— Pode vir a ser muito útil.

Estavam ambos convencidos de que os problemas de peso também eram devidos às reprimendas constantes do pai. Para eles, isso era óbvio. E a mãe não lhes parecia ser melhor, por aquilo que Victoria lhes dissera. Harlan detestava as histórias que ela contara sobre os pais e sobre a infância, os abusos emocionais que sofreu durante anos. Não a tinham maltratado fisicamente, mas com palavras.

— Vou pensar nisso — respondeu ela calmamente e tentou esquecer-se o mais depressa possível desse assunto. Pensar em consultar um psicólogo perturbava-a imenso. Nenhum deles ficou surpreendido por ela se servir, sem pensar, de uma taça de gelado depois de jantar, apesar de nenhum deles comer sobremesa. Não voltaram a insistir no psicólogo e Harlan não voltou a tocar no assunto.

Antes de as aulas acabarem, Victoria arranjou um emprego para o verão, para os meses de junho e julho, só para não ter de regressar a casa. Aceitou um trabalho muito mal pago a dar explicações a crianças desfavorecidas num abrigo onde viviam enquanto esperavam por ser adotadas. Harlan achou que devia ser deprimente, mas ela estava entusiasmada. Ia começar o novo trabalho no dia a seguir à Escola Madison fechar para o verão.

Nesse ano, Grace também arranjou um emprego de verão. Era o primeiro que tinha, aos dezasseis anos, a trabalhar na receção do clube de natação e de ténis onde eles costumavam ir. Estava radiante e os pais também pareciam estar satisfeitos. Achavam que o trabalho de Victoria era desagradável e a mãe até lhe dissera para ela lavar as mãos com frequência para não apanhar nenhuma doença devido ao contacto com os miúdos. Ela agradeceu-lhe o conselho e ficou triste por o trabalho dela não os ter impressionado, nem sequer o emprego como professora, mas Grace a trabalhar na receção de um clube de ténis já era razão para festejos e elogios infindáveis. Não a deixou aborrecida com Grace, apenas com eles.

Antes de começar a trabalhar, Grace foi visitar Victoria a Nova Iorque.

Desta vez, Grace foi sozinha, sem os pais, e elas divertiram-se muito mais do que em março. Durante o dia, a irmã mantinha-se ocupada a ir a galerias, a museus e a fazer compras e, à noite, Victoria levava-a ao cinema e a restaurantes. Até foram ver uma peça na Broadway.

Como sempre, Victoria planeava ir a casa em agosto. Era a altura em que ficava mais tempo com eles. Mas, desta vez, tencionava ficar apenas duas semanas, o que era mais do que suficiente para ela. E, enquanto lá esteve, o pai, mais uma vez, criticou-a frequentemente por causa do emprego, a mãe aborreceu-a por causa do seu peso, que tinha aumentado depois de uma ligeira perda na primavera. Antes de deixar Nova Iorque, Victoria tinha feito uma dieta de legumes que a ajudou a perder uns quilos. A dieta era horrível, mas funcionou. Contudo, passado pouco tempo, voltou a ganhar todo o peso perdido. Era uma batalha que parecia não conseguir vencer. Era desencorajador.

Quando regressou a Nova Iorque, vinha completamente desanimada com as coisas que os pais lhe tinham dito e com o que engordara, e pensou na sugestão de John de ir consultar um psicólogo. Num dia em que se sentia especialmente sombria, mesmo antes de as aulas

começarem, ligou para um número que ele lhe tinha dado. Era uma psicóloga que ele conhecia. Disse que um amigo dele tinha ido lá e que tinha gostado muito dela. Antes que mudasse de ideias, Victoria ligou-lhe e marcou uma consulta para a semana seguinte. Assim que o fez, ficou horrorizada com a ideia. Parecia-lhe uma loucura e pensou em cancelar, mas também não teve coragem para isso. Sentiu-se confusa. E, na véspera da consulta, à noite, comeu metade de um *cheesecake* sozinha. E se a médica descobrisse que ela estava maluca ou que os pais tinham razão e que ela era um completo fracasso como ser humano? O que a impediu de cancelar a marcação foi a esperança de que eles estivessem enganados.

A caminho da consulta com a psicóloga, Victoria ia a tremer e sentia-se cheia de dores no estômago. Não se conseguia lembrar por que razão tinha marcado a consulta e desejou não o ter feito. Tinha a boca tão seca quando se sentou que a língua parecia estar presa ao céu da boca.

A doutora Watson parecia sensível e simpática. Tinha uns quarenta anos e vestia um fato azul-escuro com um bom corte. Tinha um penteado bonito, estava maquilhada e tinha mais estilo do que Victoria esperava. O seu sorriso era caloroso. Perguntou a Victoria alguns pormenores, onde tinha crescido, em que escolas e universidade tinha estudado, quantos irmãos tinha e se os pais ainda estavam casados ou se estavam divorciados. Eram perguntas fáceis de responder, especialmente aquela sobre Grace. O rosto de Victoria iluminou-se quando respondeu que tinha uma irmã e passou logo a descrevê-la e a dizer que era lindíssima. Depois contou à médica que era diferente do resto da família e que tinha pensado, em criança, que era adotada e que a irmã tinha pensado o mesmo.

— O que é que a fez pensar isso? — perguntou a psicóloga casualmente, sentada à frente de Victoria numa cadeira confortável. Não havia nenhum sofá no consultório, só uma caixa de lenços de papel, o que lhe pareceu agourento e a pôs a pensar se as pessoas choravam mesmo ali.

— Sempre fui muito diferente deles — explicou Victoria. — Não sou nada parecida com eles em qualquer aspeto. Todos têm cabelo escuro e eu sou loura. Os meus pais e a minha irmã têm olhos castanho-escuros e os meus são azuis. Eu sou avantajada e eles são todos magros. Não só engordo com facilidade, como também exagero na comida quando estou perturbada. Sempre tive um problema com... com o meu peso. Nem os nossos narizes são parecidos, mas eu sou parecida com a minha bisavó. — E depois deixou escapar uma coisa que ela pensava não ser capaz de dizer. — Sempre me senti como uma intrusa no meio deles. O meu pai deu-me o nome da rainha Vitória porque achava que eu era parecida com ela. Em pequena, eu pensava que ela era bonita por ser rainha, mas, quando tinha seis anos, vi uma fotografia dela e percebi o que o meu pai queria dizer: que eu era gorda e feia, tal como ela.

— Quando descobriu isso, o que fez? — perguntou a psicóloga com serenidade e uma expressão compreensiva.

— Chorei. Quase me despedaçou o coração. Até então, pensava que ele me achava bonita. E, a partir daí, soube a verdade. Ele costumava rir-se disso e quando a minha irmã nasceu, tinha eu sete anos, ele disse que eu tinha sido a fornada experimental para verificar a receita, atirar essa primeira fornada fora e acertar à segunda vez. Grace foi sempre a filha perfeita e é

igualzinha a eles. Eu não sou. Fui a fornada experimental que eles queriam deitar fora. Ela era a sorte grande.

— E como é que isso a fez sentir-se? — O olhar sereno e calmo manteve-se fixo no rosto de Victoria, que nem se apercebeu de que lhe corriam lágrimas pelo rosto.

— Senti-me horrível, mas adorava a minha irmã bebé, por isso, não me importei. Mas sempre soube o que eles pensavam de mim. Nunca sou suficientemente boa para eles, seja o que for que faça. E talvez eles tenham razão. Quer dizer, olhe só para mim, sou gorda. E, sempre que emagreço, recupero o peso logo de seguida. A minha mãe chateia-se sempre que olha para mim e está sempre a dizer-me que eu devia fazer dieta e ir para um ginásio. O meu pai passa-me o puré de batata e depois ridiculariza-me por eu o comer. — O que ela estava a contar teria deixado qualquer pessoa horrorizada, mas o rosto da psicóloga manteve-se impassível. Ela ouvia apenas com um murmúrio ocasional.

— Porque é que acha que eles lhe dizem essas coisas? Acha que é por eles ou por si? Não acha que diz mais sobre eles como pessoas? Era capaz de dizer essas coisas a um filho seu?

— Nunca! Talvez eles só quisessem que eu fosse melhor do que sou. A única coisa que eles acham que tenho de bonito são as pernas. O meu pai diz que tenho umas pernas fantásticas.

— Então e o interior? E o tipo de pessoa que é? A mim, parece-me que a Victoria é uma boa pessoa.

— Acho que sou... Espero ser... Esforço-me muito por fazer as coisas certas. Menos no que toca à comida. Referia-me às outras pessoas. Sempre cuidei muito bem da minha irmã. — Victoria parecia triste ao dizer isto.

— Acredito e também acredito que faça as coisas certas — disse a doutora Watson, com um ar caloroso pela primeira vez. — Então e os seus pais? Acha que eles fazem as coisas mais corretas por si, por exemplo?

— Nem por isso... às vezes... Pagaram os meus estudos. E nunca nos privaram de nada. O meu pai só diz coisas que me magoam. Detesta a minha aparência e acha que o meu emprego não é suficientemente bom.

— E o que faz a sua mãe nessas alturas?

— Ela fica sempre do lado dele. Acho que ele sempre foi mais importante para ela do que eu ou a minha irmã. Ele é tudo na vida da minha mãe. E a minha irmã foi um acidente. Não sabia o que isso significava até ter quinze anos. Ouvi-os dizer isto antes de ela nascer e pensei que ela fosse aparecer toda partida, mas é claro que isso não aconteceu. Ela era o bebé mais bonito que já vi. Já fez anúncios e campanhas publicitárias.

O retrato da família que Victoria estava a descrever era claríssimo, não só para a psicóloga como para ela própria, à medida que ouvia o que lhe saía da boca. Era o retrato de um narcisista típico e da mulher que o apoia, que tinham sido extremamente cruéis para com a filha mais velha, rejeitando-a e ridicularizando-a a vida toda, por não ser um acessório adequado para eles. A irmã mais nova tinha-lhes servido na perfeição. A única surpresa era que Victoria nunca odiara a irmã, adorando-a tanto quanto a irmã a adorava a ela. Era uma prova da sua natureza carinhosa e do seu coração generoso. A beleza de Grace agradava-lhe e ela aceitava as

coisas horríveis que os pais lhe diziam como verdades absolutas. Toda a vida se sentira algemada pela crueldade deles. Victoria estava envergonhada com algumas coisas que contara, mas era tudo verdade e a psicóloga também acreditou em tudo como sendo verdade. Não duvidou de nada um só minuto.

A doutora Watson olhou para o relógio por cima do ombro de Victoria e perguntou-lhe se ela queria voltar na semana seguinte. E, antes de dar por isso, Victoria anuiu e acrescentou apenas que teria de ser da parte da tarde depois das aulas, pois era professora, tendo a psicóloga concordado. Marcou-lhe uma consulta, deu-lhe um cartão com a marcação escrita e sorriu-lhe.

— Acho que fizemos um bom trabalho hoje, Victoria. Espero que também pense assim.

— Fizemos? — Victoria estava surpreendida. Tinha-se aberto por completo e tinha sido sincera. De repente, sentiu-se desleal para com os pais por causa das coisas que contara. Mas não mentiu. Eles tinham-lhe dito aquelas coisas todas ao longo dos anos. Talvez eles não quisessem ser tão cruéis quanto na realidade eram. E se quisessem? O que significa isso quanto a ela e quanto a eles? Para ela, isto era um mistério que teria de esperar mais uma semana para ser resolvido, até voltar a encontrar-se com a psicóloga. Contudo, não se sentiu maluca quando saiu do consultório, tal como receara. Sentiu-se mais equilibrada do que alguma vez se sentira e dolorosamente lúcida em relação aos pais.

A doutora Watson acompanhou-a até à porta e, quando saiu para o sol, Victoria sentiu-se desorientada por um minuto e cega pela luz. A psicóloga fechou a porta silenciosamente e Victoria foi-se afastando devagar. Tinha a sensação de ter aberto uma porta e de ter deixado a luz entrar nos recantos sombrios do seu coração. E, independentemente do que acontecesse agora, ela sabia que jamais poderia voltar a fechar essa porta. Ao pensar nisso, chorou de alívio a caminho de casa.

CAPÍTULO 13

No segundo ano na Escola Madison, Victoria recebeu um aumento considerável. Não era uma quantia que impressionasse o pai, mas dava-lhe um pouco mais de espaço de manobra na vida que levava. Agora tinha apenas turmas do décimo segundo ano, que era o ano preferido dela. O décimo primeiro ano era mais intenso e extenuante e os alunos do décimo ano eram imaturos e mais difíceis de controlar. Em muitos aspetos, eram ainda uns bebés, estavam sempre a testar os seus limites e eram frequentemente mal-educados. Os do décimo segundo ano estavam na reta final e começavam a ganhar uma certa postura e sentido de humor na vida. Era a altura em que desfrutavam do último ano em casa como crianças. Eram grupos muito mais divertidos. A nostalgia começava a instalar-se nos últimos meses do secundário. Victoria gostava de fazer parte dela e de partilhar o último ano com eles. Estavam quase preparados.

Carla Bernini regressou à escola após a licença de maternidade de um ano e ficou impressionada com tudo o que Victoria tinha conseguido fazer com os alunos e passou a ter por ela um respeito enorme, independentemente de ela ser nova. Tornaram-se boas amigas. De vez em quando, Carla levava o bebé à escola e Victoria achava-o amoroso. Era um bebé muito vivo e feliz que lhe fazia lembrar Grace na mesma idade.

Continuou as consultas com a doutora Watson uma vez por semana. Achava que estava a fazer mudanças subtis na forma como olhava para a vida, se via a si própria e recordava as experiências ao longo dos anos com os pais. Durante toda a vida, eles foram tóxicos e prejudiciais para ela. Agora começava a enfrentar tudo isso. Desde que tinha começado a terapia, já dera alguns passos positivos. Andava a fazer dieta de novo e inscrevera-se num ginásio. Por vezes, as sessões em que recordava as coisas que os pais lhe faziam e diziam deixavam-na tão sensível que a única coisa que conseguia fazer era ir para casa e mergulhar em comida que lhe dava uma sensação de conforto. O gelado era sempre a sua droga de eleição e muitas vezes o seu melhor amigo. Mas, no dia seguinte, comia doses muito pequenas e passava mais tempo no ginásio para se redimir dos seus pecados. A doutora Watson tinha-lhe recomendado um nutricionista para lhe dar bons conselhos sobre o planeamento das refeições. Victoria também experimentou um hipnotizador, mas não gostou e não lhe fez qualquer efeito.

O principal era gostar do emprego e dos alunos que tinha. Estava a aprender muito sobre o ensino e sobre a vida. E desde que tinha começado a consultar a psicóloga que se sentia mais confiante, apesar de ainda não ter conseguido controlar os problemas alimentares. Esperava conseguir um dia, mesmo sabendo que nunca seria como Grace, nem como a mãe. Desde que

fazia terapia que andava mais feliz consigo própria.

Estava numa boa situação quando as aulas começaram. Havia um professor novo de Química que tinha vindo substituir o professor que se reformara. Parecia simpático e tinha uma boa aparência. Não era bonito como uma estrela de cinema, mas tinha uma maneira de ser amável e meiga e era simpático com os professores e com os alunos. Toda a gente gostava dele e era notório o esforço que ele fazia para conhecer todos os outros professores. Um dia, sentou-se ao lado de Victoria na sala dos professores. Ela estava a comer uma salada comprada numa cafetaria ali perto e a tentar corrigir os últimos trabalhos que ainda queria entregar aos alunos nesse dia. Tinha algum tempo antes da próxima aula, quando ele desembrulhou uma sanduíche e se sentou ao lado dela. Victoria não pôde deixar de reparar que tinha um cheiro delicioso e sentiu-se como um coelho a comer a salada. As folhas de alface estavam temperadas com limão, em vez da dose generosa de molho para saladas que preferia, pois estava a tentar portar-se bem. No dia seguinte, tinha uma nova sessão com a psicóloga.

— Olá! Acho que ainda não nos conhecemos. Sou o Jack Bailey — apresentou-se ele entre duas dentadas na sanduíche. Tinha já algumas madeixas do cabelo grisalhas, apesar de ter pouco mais de trinta anos, e usava barba, o que lhe dava um ar maduro perante os alunos. Era fácil levá-lo a sério. Victoria sorriu e apresentou-se enquanto mastigava a alface.

— Eu sei quem és — disse ele a sorrir. — Todos os alunos do décimo segundo ano desta escola te adoram. É difícil apanhá-los a seguir a uma aula tua. Eles divertem-se muito mais contigo. Não sei como é que te surgem algumas das ideias que tens. És uma estrela aqui dentro. — Era uma coisa simpática de se dizer e Victoria ficou satisfeita.

— Eles não gostam sempre de mim — assegurou-lhe ela. — Especialmente quando lhes dou testes de surpresa.

— Quando eu era miúdo, nunca me consegui decidir se queria ser físico ou poeta. Acho que tomaste uma decisão mais acertada do que eu.

— Também não sou poeta — respondeu ela, simplesmente —, sou apenas professora. Estás a gostar da escola?

— Estou a adorar! No ano passado, dei aulas numa escola pequena num meio rural em Oklahoma. Os miúdos daqui são muito mais sofisticados. — E ela sabia que ele também era. Já tinha ouvido dizer que tinha estudado no MIT. — Estou a divertir-me muito a descobrir Nova Iorque. Sou do Texas. Vivi uns anos em Boston depois de me ter licenciado, mas depois fui parar a Oklahoma. Adoro estar nesta cidade — disse ele, caloroso, enquanto acabava de comer a sanduíche.

— Eu também. Sou de Los Angeles e estou aqui há um ano. Ainda há muitas coisas que quero ver e fazer.

— Talvez o possamos fazer juntos — disse ele com um olhar esperançoso e, por um momento, ela sentiu um alvoroço interior. Não sabia se ele estava a falar a sério com aquela sugestão ou se estava apenas a ser simpático. Ela ia adorar sair com uma pessoa como ele. Nos últimos meses, tinha saído com alguns rapazes, incluindo um com quem andara no secundário em Los Angeles, e todos eles foram uma desilusão. A sua vida amorosa ainda era quase

inexistente e Jack era o único homem realmente elegível na escola. Todas as professoras solteiras o tinham como assunto preferido desde que ele chegara à escola e referiam-se a ele como um homem bonito. Victoria sabia disso.

— Parece-me bem — respondeu ela num tom informal, caso ele não estivesse a falar a sério.

— Gostas de teatro? — perguntou ele enquanto se levantavam. Jack era bem mais alto do que ela, tinha mais de um metro e oitenta.

— Gosto muito. É um bocado caro para mim — disse ela com sinceridade —, mas, de vez em quando, dou-me a esse luxo como uma recompensa.

— Há uma peça fora da Broadway que queria ver. É um bocado sombria, mas ouvi dizer que é boa. Conheci o dramaturgo. Podíamos ir este fim de semana, se estiveres livre.

Ela não lhe queria dizer que estava livre para o resto da vida, especialmente para ele. Sentiu-se lisonjeada pelo interesse dele.

— Para mim, parece-me ótimo — disse ela sorridente, com a certeza de que ele não iria levar o convite para a frente. Victoria estava habituada a que os homens fossem simpáticos com ela, mas que depois nunca lhe ligassem. Tinha poucas oportunidades de conhecer homens solteiros. Vivia e trabalhava entre mulheres, crianças, *gays* e homens casados. Um solteiro elegível era uma raridade no mundo dela. A psicóloga andava a encorajá-la a sair e a conhecer mais pessoas, não apenas homens. O mundo dela estava limitado à escola, era definido por ela.

— Depois mando-te um *e-mail* — prometeu ele enquanto saíam os dois da sala dos professores e voltavam ao trabalho. Tinham aulas à mesma hora. Ele acenou-lhe e desapareceu na direção oposta a caminho dos laboratórios de ciências e ela passou pela sala de Helen a caminho da sua. Helen estava a falar com Carla Bernini e as duas olharam e sorriram quando a viram a passar. Victoria parou à porta.

— Olá, meninas! — Adorava a camaradagem entre os professores. As duas colegas eram mais velhas do que ela, mas trabalhar numa escola era como pertencer a uma família com muitos irmãos mais velhos, que eram os colegas professores, e com irmãos mais novos, que eram os alunos. Estavam juntos nisto.

— Andam por aí uns rumores de que almoçaste com Jack Bailey na sala dos professores — disse Carla toda contente e Victoria sorriu envergonhada.

— Estás a brincar? Sentámo-nos à mesma mesa. Deixa o pobre rapaz em paz. Metade da escola anda atrás dele. Ele só estava a ser educado. Vocês têm algum radar ou puseram alguma escuta na sala dos professores? — As três professoras riram-se. Todas sabiam bem que as escolas eram centros de coscuvilhice, onde os professores falavam uns dos outros, dos alunos e do que se passava na vida de todos e, por isso, toda a gente sabia de tudo o que se passava.

— Ele é giro — comentou Carla, e Helen concordou enquanto Victoria revirava os olhos.

— Acreditem, ele não anda atrás de mim. Tenho a certeza de que ele tem pescarias melhores a fazer. — Era do conhecimento geral de que a nova professora sensual de francês andava atrás dele. Que hipóteses teria Victoria?

— Ele tinha muita sorte em ficar contigo — disse Carla calorosamente. Gostava muito da

colega mais nova e tinha muito respeito por Victoria como professora, apesar de ela ainda ter muito que aprender. Tinha feito um excelente trabalho no primeiro ano.

— Obrigada pelo voto de confiança — respondeu Victoria e seguiu para a sala de aula. Era impressionante como as notícias corriam rapidamente naquela escola. Eram mais rápidas do que o som. Ficou a pensar se ele lhe enviaria mesmo um *e-mail*. Duvidava, mas foi bom conversar com ele ao almoço. Não esperava que acontecesse fosse o que fosse depois disso e disse-o à psicóloga no dia a seguir.

— Porque não? — perguntou-lhe a doutora Watson. — Porque é que acha que ele não vai fazer o que disse?

— Porque não foi nada de especial, foi só uma conversa normal ao almoço. Provavelmente, ele não estava a falar a sério.

— E se estava mesmo? O que é que isso lhe diria?

— Talvez que ele tenha simpatizado comigo ou talvez esteja apenas a sentir-se sozinho.

— Então, acha que serve apenas como remedeio para rapazes solitários? E se ele gostar mesmo de si?

— Ele estava apenas a ser educado — respondeu Victoria firmemente. Já tinha ficado desapontada com homens que pensava que estavam interessados nela, mas que depois nunca lhe ligaram.

— Porque é que pensa assim? — perguntou a psicóloga interessada. — Acha que não merece um rapaz simpático para sair?

Houve um grande silêncio enquanto Victoria ponderava sobre a questão.

— Não sei. Sou gorda. Não sou tão bonita como a minha irmã. Detesto o meu nariz e a minha mãe diz que os homens não gostam de mulheres inteligentes. — A psicóloga riu-se com a resposta e Victoria riu-se nervosa de si própria.

— Concordamos que é inteligente. É um bom começo. Mas não concordo com a sua mãe. Os homens inteligentes gostam de mulheres inteligentes. Os superficiais podem não gostar e podem sentir-se ameaçados por elas. Mas você também não quer esses homens. A mim, o seu nariz parece-me não ter qualquer problema. E o peso não é um defeito de carácter, é uma coisa que podemos alterar. Um homem que goste mesmo de si e que se preocupe consigo não se vai importar com o seu peso. É uma mulher atraente e qualquer homem teria muita sorte em ficar consigo.

Era bom ouvir estas palavras, mas Victoria não acreditou completamente nela. As demonstrações do outro lado da balança tinham pesado durante muito tempo — os insultos do pai, a rejeição constante dele e da mãe, o seu sentimento de fracasso.

— Vamos ver se ele lhe telefona. Mas, mesmo que não telefone, isso só significa que ele tem outros interesses. Não significa que nunca nenhum homem a há de querer.

Victoria tinha vinte e três anos e até agora nenhum rapaz que conhecera se apaixonara de facto por ela. Durante anos, não lhe prestavam muita atenção ou, simplesmente, ignoravam-na, menos os amigos. Sentia-se como um objeto sem forma, assexuado e completamente indesejável. Ia precisar de muito trabalho e dedicação para reverter essa sensação. Era por isso

mesmo que ali estava. Para mudar a imagem que os pais lhe tinham dado dela própria. Victoria estava disposta a fazer o que fosse preciso, mesmo que fosse um processo doloroso. Viver com aquela sensação de derrota era ainda mais doloroso. Não se sentir amada, tinha sido o legado dos pais para ela, porque eles não a amavam. Começou logo no dia em que nasceu. Tinha agora vinte e três anos de mensagens negativas para apagar, uma por uma. E, finalmente, estava pronta para o fazer.

Após a sessão, Victoria sentiu-se um pouco desanimada. Era difícil embrenhar-se no passado, puxar cá para fora as más memórias e olhar bem para elas. Ainda estava um pouco em baixo quando chegou a casa. Detestava recordar aqueles momentos e todas as vezes em que o pai a magoou e a mãe fez ouvidos de mercador sem nunca vir em defesa dela. A própria mãe. A única pessoa que sempre a defendera foi Grace.

E o que dizia isso sobre ela? Que a mãe não a amava? Nem o pai. E a única pessoa que a amava era uma criança que não podia fazer melhor. Esta situação dizia-lhe que nenhum adulto inteligente a podia amar, nem mesmo os próprios pais. Tinha de aprender a lembrar-se de que era um defeito deles e não dela.

Quando chegou a casa, ligou o computador e foi ver os *e-mails*. Tinha uma mensagem de Grace a contar-lhe o que se passava na escola e sobre um drama com o novo rapaz de quem ela gostava. Aos dezasseis anos, tinha mais rapazes à volta dela de uma só vez do que Victoria tivera a vida inteira, mesmo que fossem só miúdos. O computador deu sinal de mais uma mensagem recebida quando acabou de ler a de Grace e Victoria foi ver de quem era. Inicialmente não reconheceu o *e-mail* e, quando o leu de novo, não teve dúvidas: Jack Bailey. O novo professor de Química do almoço na sala dos professores. Abriu a mensagem rapidamente, tentando não ficar muito ansiosa. Podia ser qualquer coisa sobre a escola ou sobre os alunos que tinham em comum e ficou especada a olhar para o computador depois de ler a mensagem.

Olá! Gostei muito de te conhecer ontem ao almoço e conversar contigo. Consegui arranjar dois bilhetes para a peça de que te falei. Queres ir comigo no sábado? Jantamos antes ou depois? Podemos comer o que houver lá por perto, por conta do professor de Química esfomeado. Diz-me se estás livre e interessada. Vemo-nos na escola.

Jack.

Victoria ficou pasmada a olhar para a mensagem um tempo infindável, a pensar no que significava aquilo. Amizade? Um encontro amoroso? Será que ele gostava dela? Sentia-se como Grace com os romances de escola a tentar ler nas entrelinhas. Ficou nervosa, mas talvez fosse apenas aquilo que parecia ser. Ir jantar e ir ver uma peça de teatro num sábado à noite a convite de um rapaz simpático. Depois logo se via, se quisessem voltar a sair. Estava ansiosa por contar

a Harlan quando ele chegasse a casa.

— É a isso que se chama um encontro amoroso, Victoria. Um rapaz convida-te para sair. Oferece-te jantar, possivelmente entretenimento, neste caso, uma peça de teatro. E se se divertirem juntos, voltam a fazer o mesmo. O que respondeste? — perguntou ele com interesse, mas feliz por ela. Ela parecia entusiasmada.

— Nada. Não sabia o que dizer. Como sabes que é um encontro amoroso?

— Pela hora do dia. Convite para jantar. Entretenimento. Sábado à noite. O vosso sexo, a vossa idade, a carreira em comum. São ambos solteiros. Aposto que é um encontro amoroso. Acho que é seguro ires jantar e ires ao teatro. Senão, podes sempre levar gás-mostarda. — Ela riu-se da sugestão dele.

— Além do mais, isto não é apenas o espetáculo dele. Tu também podes decidir que não gostas dele. — Ele queria que ela soubesse que também tinha nas mãos o poder de decidir.

— Porque é que faria isso? Ele é inteligente e bonito. Andou no MIT. Tem muito mais vantagens a favor dele do que eu. Ele podia sair com quem quisesse.

— Sim, e tu também. Além disso, foi ele que te convidou. Vamos manter o jogo equilibrado. Tens tanta escolha como ele. — Era um bom conselho e ela sabia-o. Era uma verificação da realidade para ela. Sentia-se quase sempre tão inadequada e pouco atraente que agora sabia que se tinha esquecido de que também tinha direito a uma opinião. A decisão não era só dele. — E não te esqueças do teste das costeletas de borrego — disse Harlan com um ar sério, enquanto preparava um chá para os dois.

— O que é isso? — perguntou Victoria perplexa.

— Conheces um rapaz lindo de morrer, que te deixa logo de quatro e mal consegues respirar quando o vês. Ele é brilhante, charmoso e engraçado, assim como o rapaz mais bonito que alguma vez viste. Talvez até tenha um *Ferrari*. Depois vê-lo a comer uma costeleta de borrego, como se tivesse crescido num estábulo, parece um porco a comer de uma gamela e nunca mais o queres ver. — Victoria desatou às gargalhadas.

— Não lhe podemos ensinar boas maneiras à mesa? — perguntou ela inocentemente.

Harlan abanou a cabeça com um olhar determinado.

— Nunca! É demasiado embaraçoso. Assim como apresentá-lo aos amigos, enquanto ele está à mesa, a salivar com a costeleta de borrego, a sorver a sopa e a lamber os dedos. Esquece lá o tipo que come como o Tom Jones. Podes ver como ele é ao jantar — disse Harlan com um ar sério, enquanto Victoria sorria.

— Está bem. Vou pedir costeletas de borrego e depois ofereço-lhe uma.

— Acredita em mim. É o derradeiro teste. Aguentamos praticamente todas as outras coisas.

Estavam já os dois a rir, e ele brincava com ela, mas havia uma pontinha de verdade naquilo que dizia. De início, era difícil prever numa pessoa o que nos iria derreter o coração ou o que poria alguém imediatamente de lado. Os tipos que não davam boas gorjetas ou nem sequer deixavam nada, aqueles que eram mal-educados para os empregados de mesa ou que eram rudes. Até agora, Victoria nunca tinha pensado nas costeletas de borrego.

— Então, o que vais fazer agora? — perguntou-lhe Harlan. — Sugiro que aceites o convite.

Nem me lembro da última vez que saíste com um rapaz e provavelmente nem tu te lembras.

— Lembro, sim — retorquiu ela à defesa. — Saí com um rapaz em Los Angeles este verão. Conhecia-o do secundário e encontrei-o no clube de natação.

— Mas ainda não me tinhas falado dele.

— Ele foi muito chato. Trabalha no sector imobiliário, com a mãe e passou o jantar todo a falar das dores na coluna, das enxaquecas e dos joanetes hereditários. Foi uma noite muito chata.

— Credo! Como é que um tipo desses leva alguém para a cama? Não deve conseguir muitos segundos encontros. — Os dois riram-se da descrição dela. — Espero que não tenhas dormido com ele.

— Não — respondeu ela formalmente —, ele estava com dor de cabeça e, quando chegámos à sobremesa, eu também já estava! Jantei e fui-me embora. Ele ainda me ligou algumas vezes depois disso, mas eu menti-lhe e disse que já tinha regressado a Nova Iorque. Felizmente, não o voltei a encontrar.

— À luz dessa experiência, acho que deves sair com o professor de Química. Se ele não tem agendada nenhuma cirurgia aos joanetes e não tiver nenhuma enxaqueca ao jantar, já estás em vantagem.

— Tens razão — concordou ela e foi responder ao *e-mail* de Jack. Disse-lhe que aceitava com muito gosto e que lhe parecia um programa divertido. Ofereceu-se para dividir a conta, uma vez que eram os dois professores pobretanas. Ele respondeu que não era necessário, desde que ela não se importasse de jantar num *snack-bar* e acrescentou que a ia buscar no sábado. Estava combinado. Agora, tudo o que tinha de fazer era pensar no que ia vestir, lembrou-se ela quando foi falar com Harlan.

— Uma saia muito, muito, muito curta — respondeu ele sem hesitar. — Com umas pernas como as tuas, devias andar sempre de minissaia. Quem me dera ter umas pernas dessas — brincou ele, mas era verdade. Ela tinha umas pernas bonitas, compridas e elegantes que retiravam toda a atenção ao tronco, mais forte. Harlan também achava que ela tinha uma cara bonita, de uma beleza loura tipicamente americana. Era uma mulher muito bonita e muito simpática, com uma mente viva, inteligente e um sentido de humor acutilante. Que mais poderia querer um homem? Ele esperava que esta saída corresse bem para ela. Principalmente porque há oito meses que ele era feliz com John Kelly, graças a ela. Eles formavam uma combinação perfeita e a relação tinha-se tornado séria. Andavam a começar a falar em viver juntos. E adoravam levar Victoria a jantar fora com eles. Harlan tinha-se tornado o melhor amigo dela em Nova Iorque e o único verdadeiro confidente além da irmã. Dava-lhe conselhos excelentes.

Quando Jack chegou pontualmente às sete horas da noite de sábado, o apartamento estava vazio. Os colegas de casa tinham saído e ele deu uma volta pelo apartamento a admirar como era agradável e espaçoso.

— Comparado contigo, eu vivo numa caixa de sapatos — disse ele cheio de inveja.

— É alugado. Tive sorte. Divido-o com mais três pessoas. Descobri-o assim que me mudei para Nova Iorque.

— Tiveste mesmo muita sorte.

Victoria ofereceu-lhe um copo de vinho e, uns minutos depois, saíram para jantar. Apanharam o metro em direção a Greenwich Village. Jack disse que a peça começava às nove horas, por isso, tinham tempo suficiente para jantar.

Victoria seguira os conselhos de Harlan, que, antes de sair para se encontrar com John, foi vê-la. Tinha vestido uma saia curta preta, uma *t-shirt* branca e um casaco de ganga, com umas sandálias de salto alto que lhe realçavam as pernas. Estava muito bonita. Pôs um bocadinho de maquilhagem e deixou o cabelo louro e comprido solto. Harlan disse que era a roupa perfeita para um primeiro encontro. Sensual, jovem, simples e sem parecer que se tinha esforçado demais. Aconselhou-a também a não usar grandes decotes na primeira vez. Avisou-a de que deveria guardar isso para mais tarde, mas, de qualquer maneira, ela também não tinha pensado em usar decotes. Estava satisfeita com uma *t-shirt* folgada. A caminho da Baixa, ela e Jack não pararam de falar. Ele era engraçado e tinha sentido de humor. Fê-la rir-se ao descrever as escolas em que já tinha trabalhado. E era evidente que gostava mesmo de crianças e que gostava igualmente dela.

Quando chegaram ao *snack-bar*, Victoria olhou a ementa a franzir o sobrolho. A sua fraqueza sempre fora o rolo de carne com puré de batata, que a fazia recordar a comida que a avó lhe preparava, que fora a melhor coisa dela, mas não queria exagerar e comer demais. O frango frito também lhe parecia bem. Acabou por se decidir pelas fatias de peito de peru e pediu feijão verde para acompanhar. A comida estava boa. Victoria quase se desmanchou a rir quando Jack pediu costeletas de borrego e batatas assadas. Comeu de garfo e faca, sem sinal algum de Tom Jones. Podia contar a Harlan que ele tinha passado no teste. E esperava que ela também tivesse passado. Dividiram uma fatia de tarte de maçã como sobremesa. Quando acabaram de jantar, Jack disse que gostava de uma mulher com um apetite saudável e contou-lhe que a última rapariga com quem saíra era anorética e que isso o tinha enlouquecido. Ela nunca comia e, pelos vistos, também era gravemente neurótica noutros aspetos. Ele não via problema algum no facto de Victoria gostar de comer.

Ambos gostaram da peça e falaram sobre ela no caminho de regresso a casa. Era deprimente, mas estava muito bem representada e bem escrita. Ela divertiu-se muito com ele e agradeceu-lhe quando pararam à porta do prédio dela naquela noite quente. Victoria não o convidou a subir no final da noite, ainda era muito cedo para isso. Mas pareceu-lhe mesmo uma saída amorosa. Jack também parecia contente e disse que gostava de voltar a sair com ela. Ela agradeceu-lhe e ele abraçou-a. Foi aos saltos e com um sorriso estampado no rosto que Victoria entrou no apartamento vazio. Por um momento, arrependeu-se de não o ter convidado a subir para tomar um copo, mas decidiu que assim era melhor. Para sua surpresa, ele ligou-lhe no dia seguinte.

Disse que ia assistir a um espetáculo de arte na Baixa e perguntou-lhe se ela não queria ir ter com ele. Ela aceitou, encontraram-se na Baixa e foram jantar. Quando voltou à escola na segunda-feira de manhã, já tinha saído com Jack duas vezes e estava ansiosa por contar à psicóloga. Sentia que era uma grande vitória, um elogio enorme, e eles pareciam ser

compatíveis em vários aspetos. Encontraram-se na sala dos professores à hora do almoço e ela gostou que ele tivesse sido discreto e que não tivesse dito nada sobre terem-se visto no fim de semana. Não queria que todos soubessem que eles andavam a ver-se fora da escola, especialmente para encontros «a sério». Ele agiu descontraidamente e foi simpático, mas nada mais do que isso e, nessa noite, telefonou-lhe a convidá-la para jantar na sexta-feira e ir ao cinema. Foi com um grande entusiasmo que ela contou tudo aos colegas de casa enquanto jantavam na cozinha.

— Parece que alguém está bem animada — disse Harlan a rir-se para ela. — E ele passou no teste das costeletas de borrego. Caramba, Victoria, estás no ativo.

Ela riu-se e sentiu-se tonta e quase se servia uma segunda vez do pão de alho para festejar. John era um cozinheiro estupendo, mas ela conseguiu controlar-se. Queria mesmo emagrecer e agora tinha uma boa razão para o fazer. Andava a sair com um rapaz!

A ida ao cinema na sexta-feira foi muito mais divertida do que as outras duas saídas. No domingo, encontraram-se de novo para dar um passeio no parque e ele deu-lhe a mão enquanto caminhavam. Compraram gelados a um homem com um carrinho de mão que andava pelo parque, mas ela deitou fora uma parte. Já tinha perdido um quilo durante a semana e andara a fazer abdominais à noite em frente à televisão. Até a psicóloga estava entusiasmada com o romance a florescer, apesar de Victoria ainda não ter dormido com ele. Ele não tentara, e ela não o queria fazer demasiado cedo. Queria ter a certeza do que sentia por ele e saber se havia alguma coisa de mais sério entre eles. Não queria apenas sexo. Queria uma relação, e Jack, após quatro saídas, começava a parecer o candidato perfeito. No domingo à tarde, voltaram ao apartamento dela, onde ele conheceu Bunny e Harlan e foi muito simpático com eles. Os amigos também gostaram dele.

O mês de outubro foi o mais excitante e esperançoso que Victoria teve em vários anos, pois continuou a sair com Jack todos os fins de semana e no terceiro fim de semana que se encontraram ele deu-lhe um beijo. Falaram sobre isso e concordaram que queriam esperar um pouco antes de aprofundarem mais a relação. Queriam ser cautelosos e maduros, conhecerem-se um ao outro antes de dar o passo seguinte. Victoria sentia-se mais segura e confortável com ele e, sempre que saíam juntos, aproximavam-se cada vez mais e divertiam-se imenso. A psicóloga de Victoria aprovava inteiramente.

Victoria contou a Jack algumas coisas sobre os pais, mas nada de especial. Não lhe falou do comentário da fornada experimental ou de ter o nome da rainha Vitória, mas revelou que eles nunca a elogiavam e criticavam a sua escolha da carreira.

— Também temos isso em comum — disse-lhe Jack. — A minha mãe sempre quis que eu fosse médico, porque o pai dela era médico. O meu pai ainda quer que eu seja advogado, como ele. Adoro ser professor e eles estão sempre a avisar-me de que nunca hei de viver bem ou ser capaz de sustentar uma mulher e filhos. Mas há quem o faça e é isto que eu quero fazer. Quando entrei para o MIT, o meu pai achava que, pelo menos, devia ser engenheiro.

— O meu pai diz exatamente a mesma coisa, menos a parte de sustentar uma mulher e filhos. Ninguém felicita uma pessoa por querer ser professor. Para mim, é uma profissão muito

importante. Temos uma grande influência nos miúdos.

— Pois é. Há quem ganhe cinco milhões de dólares por bater uma bola de basebol para fora de um estádio. Mas educar crianças não vale nada para ninguém, exceto para nós. É doentio. — Ambos concordaram. Costumavam concordar com quase tudo. Em novembro, o ambiente entre eles começou a aquecer. Andavam a sair há pouco mais de um mês, viam-se uma ou duas vezes por fim de semana e Victoria pressentia que estavam prestes a dormir juntos. Estavam a evoluir para isso. Ela sentia-se perfeitamente à vontade com ele e estava a apaixonar-se. Jack era um rapaz fantástico, sério, sincero, inteligente, caloroso e divertido. Era tudo o que ela imaginara num homem e, como diria Grace, achava-o giro. Victoria tinha contado tudo à irmã mais nova, que ficou entusiasmada, mas não contou nada aos pais e avisou a irmã para não se descair. Não queria lidar com os comentários negativos ou as previsões da ruína. Para eles, ainda era inconcebível um homem poder apaixonar-se por ela. Mas ela apercebia-se de que Jack a achava bonita e o calor que partilhavam na relação fez com que Victoria florescesse como um jardim na primavera. Andava descontraída, mais segura de si e permanentemente feliz. A doutora Watson andava preocupada — não queria que a sua autoestima viesse de um homem, preferia que fosse crescendo dentro dela. Mas, definitivamente, Jack estava a ajudar na forma como ela se sentia consigo própria. Já tinha perdido cinco quilos, tendo controlo sobre as doses que comia. Lembrava-se do aviso do nutricionista para continuar a fazer todas as refeições e comer sempre alimentos saudáveis. Desta vez, não fez nenhuma dieta repentina, não bebeu chás de ervas, nem tomou qualquer purga. Estava apenas feliz e tudo o resto ia naturalmente ao sítio. Falaram dos planos de ir a casa pelo Dia de Ação de Graças e estavam a pensar regressar a Nova Iorque durante o fim de semana para poderem passar parte do feriado juntos.

Numa noite, estava ela a pensar nisso, quando entrou na cozinha e viu John e Harlan com um ar muito pensativo e a terem uma conversa séria. Os dois pareciam tristes, e ela pensou rapidamente num pretexto para sair da cozinha. Não queria intrometer-se. Eles pareciam estar com algum problema. Harlan falou-lhe antes de ela conseguir voltar para o quarto com uma chávena de chá.

— Tens um minuto? — perguntou-lhe ele enquanto ela hesitava. Percebeu que John estava perturbado. Perguntou-se se eles estariam a discutir e esperou que não fosse nada de grave. Até agora, a relação deles ia bem e já passara quase um ano. Ia detestar se eles acabassem tudo e sabia que Harlan iria ficar muito perturbado.

— Claro — respondeu Victoria, sem fazer ideia de como os podia ajudar, mas disposta a tentar. Harlan fez sinal para uma cadeira da cozinha e John suspirou. — Parece que estão com algum problema — disse ela compreensivamente, pois gostava muito dos dois.

— Pois, mais ou menos — admitiu John. — É um dilema moral.

— Entre vocês os dois? — Ela estava surpreendida. Não conseguia imaginar nenhum deles a trair o outro. Tinha a certeza de que Harlan lhe era fiel e presumiu que John também fosse. Eles eram mesmo assim, com bons princípios, com moral e muita integridade, além de se adorarem.

— Não, é por causa de uma amiga — respondeu Harlan. — Detesto meter-me na vida dos

outros. Sempre me perguntei o que faria se descobrisse uma coisa que fosse magoar uma pessoa de quem gosto, mas que achava que essa pessoa devia saber. Era uma situação em que eu nunca queria encontrar-me.

— E estás nessa situação agora? — perguntou Victoria com inocência, e ambos anuíram ao mesmo tempo. John voltou a suspirar e, desta vez, foi ele que falou. Sabia que era muito difícil para Harlan e era ele que tinha a informação em primeira mão. Há duas semanas que andavam a falar sobre isso e esperavam que se resolvesse por si só, mas não aconteceu. Piorou. E nenhum deles queria ver Victoria a sofrer. Adoravam-na como uma grande amiga, até mesmo como uma irmã.

— Não sei os pormenores todos, mas é sobre o Jack. O teu Jack. A vida às vezes é mesmo estranha, mas estive a falar com uma professora da minha escola. Nunca gostei muito dela, é um bocado cabra. É muito segura de si mesma e está sempre envolvida com um tipo qualquer. Ultimamente, tem andado a falar muito sobre um professor com quem se envolveu. Trabalha noutra escola. Ela está com ele todos os fins de semana, mas, pelos vistos, apenas uma noite, e está furiosa. Veem-se uma noite e uma tarde e ela acha que ele a anda a enganar, apesar de ele dizer que não. Tirando isso, diz que ele é fantástico e está apaixonada por ele. Estão a planear passar o Dia de Ação de Graças juntos em vez de irem visitar as famílias, e ele disse-lhe que iria vê-los no sábado a seguir ao feriado. E então, não sei porquê, mas houve qualquer coisa que se acendeu cá dentro. Perguntei-lhe como era o apelido do tipo e onde é que ele dava aulas. Nunca me tinha dado ao trabalho de perguntar isso antes, porque, sinceramente, não me interessava. Ela disse que se chama Jack Bailey e que dá aulas de Química na Madison. — John virou-se triste para Victoria que parecia que ia desmaiar ou desatar a chorar. — Parece que o teu rapaz anda com duas ao mesmo tempo ou, pelo menos, está a tentar. Queria contar-te antes que te envolvesses mais. Parece que ele divide os fins de semana, e agora até o Dia de Ação de Graças, entre vocês as duas, o que é uma sacanice, a menos que ele te tenha dito que o anda a fazer e tu tenhas concordado com isso. E, sinceramente, esta rapariga é uma grande cabra. Não é uma pessoa decente. Não sei que raio anda ele a fazer com ela quando te tem a ti.

John e Harlan sentiam-se enojados por ela e agora também ela se sentia assim. Começou a chorar quando se sentaram os três à mesa da cozinha e Harlan deu-lhe um lenço de papel. Os dois sentiram-se muito mal por terem de lhe dar estas notícias, mas acharam que ela devia saber com quem estava a lidar.

— O que hei de fazer? — perguntou-lhes ela lavada em lágrimas.

— Acho que tens de falar com ele sobre isto — disse John simplesmente. — Tens o direito de saber o que ele anda a fazer. Ele tem saído muitas vezes contigo. E, pelos vistos, com ela também, todos os fins de semana. E ela diz que há dois meses que andam a dormir juntos. — John não quis pôr mais achas na fogueira e não contou que a outra mulher afirmava que ele era ótimo na cama. Ela não precisava de ouvir isso, principalmente porque ainda não tinha dormido com ele, mas eles sabiam que em breve isso aconteceria. Ela tinha pensado que era provável que isso acontecesse de forma natural no Dia de Ação de Graças. Todos os colegas de casa estavam fora e ela planeara convidá-lo a ficar lá quando voltassem de visitar as famílias.

Contudo, agora sabia que ele planeara passar o feriado com a outra a quem tinha mentido sobre onde ia passar o fim de semana. Ele tinha sorte por estarem numa cidade grande e nunca ter encontrado uma delas enquanto estava com a outra. De qualquer forma, o mundo era muito pequeno e, por mera coincidência, ele andava a sair com uma mulher que trabalhava com um dos melhores amigos dela. As possibilidades de isso acontecer eram escassas, mas aconteceu. A providência divina tinha interferido.

— O que lhe hei de dizer? Acham que é verdade? — Ela esperava que não fosse, mas John foi sincero com ela novamente.

— Acho. Ela é uma vaca, mas não tinha razões para mentir ou inventar uma coisa destas. Acho que ele é que não está a ser sincero. E isso é uma coisa muito reles, mesmo que ainda não andes a dormir com ele. Saem juntos há quase tanto tempo quanto ela anda com ele. Parece-me que ele anda a brincar com as duas.

Victoria sentiu-se enojada com tudo o que ouvira e ficou paralisada à mesa. De repente, começou a sentir muito frio e eles viram que ela estava a tremer.

— Acham que agora ele vai dizer-me a verdade? — perguntou ela a sentir-se miserável.

— Provavelmente. Foi apanhado com a boca na botija. Deve ser interessante ouvir o que ele tem para dizer ou ver como é que explica isto. Vai ser difícil de justificar ou esclarecer.

— Nunca lhe perguntei se ele andava a sair com alguém — disse Victoria com sinceridade. — Não pensei que tivesse de perguntar. Presumi que ele não andava a sair com ninguém.

— É uma boa pergunta para fazer — acrescentou Harlan triste. — Há pessoas que não dizem nada, a menos que lhes perguntemos. Mas, nesta altura, a saírem todos os fins de semana e a construírem uma relação, ele devia ter-te contado, quer perguntasses, quer não.

Ela concordou e agradeceu a John pelas informações, apesar de ter detestado ouvir tudo aquilo. Ele estava com um ar desoladíssimo, mas todos sabiam que era o mais acertado. Ela tinha de saber. Victoria deixou-se ficar sentada com eles na cozinha durante muito tempo, a matutar sobre a história toda, repetindo o que sabiam e sentiu-se confusa, magoada e zangada com Jack. No dia seguinte, conseguiu evitá-lo na escola. Ainda não se sentia pronta para o confrontar. E, nessa noite, ele ligou-lhe.

— Onde é que andaste hoje? Procurei-te por todo o lado e não te vi — disse ele tão afetuoso como sempre. Era quinta-feira e eles tinham combinado jantar no dia seguinte. Ela tentou manter a voz normal, mas foi difícil. Não o queria confrontar com o que sabia até estarem frente a frente. Não era uma conversa para se ter ao telefone. Sentira-se enojada durante todo o dia e não dormira nada na noite anterior. Era difícil de acreditar que uma pessoa de quem ela gostava tanto, com quem se tinha aberto com sinceridade e em quem confiava, tivesse sido tão desonesta com ela. Foi uma revelação que lhe despedaçou por completo o coração. Todos os receios de que ela não merecia ser amada voltaram. Só esperava que ele tivesse uma boa explicação para tudo isto. Mas não conseguia imaginar que fosse possível. Estava disposta a ouvir o que ele tinha para lhe dizer, mas as provas que John apresentara eram muito condenatórias.

Disse-lhe que tinha andado ocupada com reuniões com os alunos e os pais por causa das

candidaturas às universidades e convidou-o a ir lá ao apartamento beber um copo antes de irem jantar na noite seguinte. Ele disse que lhe parecia uma ótima ideia e foi caloroso como sempre. Ela nunca o tinha pressionado a passarem as duas noites do fim de semana juntos pois nunca quis ser intrometida, mas agora decidiu experimentar para ver qual seria a resposta dele.

— Podíamos fazer qualquer coisa sábado à noite também. Estrearam uns filmes ótimos — disse ela inocentemente.

— Talvez seja melhor no domingo à tarde — disse ele com um tom de mágoa. — Tenho de corrigir provas no sábado durante todo o dia e também à noite. Já estou bastante atrasado. — Aí estava a resposta dela. Podia ser sexta à noite e domingo à tarde, mas sábado durante o dia e à noite não. E com um aperto no coração e um nó no estômago, ela soube que o que John lhe contara era verdade. Não tinha duvidado, mas esperava que ele se tivesse enganado em alguma coisa. Pelos vistos, não tinha.

Na sexta-feira, passou o dia todo distraída e nervosa na escola. Viu Jack, por momentos, na sala dos professores à hora do almoço e quase fugiu pela porta fora a dizer que estava atrasada para uma reunião com os alunos. À noite, ele chegou pontualmente ao apartamento. Estava atraente e descontraído como sempre. Havia uma característica nele que lhe dava um ar honesto e sincero. Transpirava uma integridade que sugeria que era uma pessoa em quem se podia confiar. E ela tinha confiado plenamente. Pelos vistos, ele não era o que parecia ser. Era uma grande deceção para Victoria. Estavam sozinhos no apartamento. Os colegas de casa tinham saído. Harlan e John sabiam o que ela ia fazer, pois tinham falado sobre tudo. Os dois ficaram em casa de John para ela estar mais à vontade, mas disseram que estavam disponíveis se precisasse deles.

Victoria não fazia ideia de como começar a conversa enquanto lhe servia um copo de vinho com as mãos a tremer. Vestia umas calças compridas e uma camisola velha. Subitamente, não se sentia bonita, como se sentira frequentemente quando estava com ele. Sentia-se feia, não amada e, agora, traída. Era uma sensação horrível. Não se tinha incomodado em lavar o cabelo, nem em maquilhar-se. O conceito de competir com outra mulher era novo para ela. O espírito e a confiança em si própria tinham-se desmoronado como um castelo de cartas. Ele estava a dar razão ao pai, não merecia ser amada. Qualquer outra pessoa, sim.

Jack olhava para ela atento e com o copo na mão. Conseguia ver que estava perturbada e não fazia ideia do que se passava.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou ele inocentemente.

As mãos dela estavam a tremer quando pousou o copo.

— Talvez — disse ela baixinho e levantou os olhos para ele. — Diz-me tu. Nunca te tinha falado nisto, mas o namorado do Harlan, o John, trabalha na Escola Aguillera, no Bronx. Pelos vistos, uma amiga tua também trabalha lá. Deves saber quem ela é melhor do que eu. Ela contou que anda envolvida contigo há dois meses e que te vê todos os fins de semana, o que faz de mim muito estúpida e de ti um tipo muito desonesto ou qualquer coisa do género. Então, como é que é, Jack? Que história é esta? — Victoria olhou-o fixamente nos olhos e ele ficou especado por um minuto, pousou o copo e atravessou a sala para olhar pela janela. Em seguida, virou-se

novamente para Victoria, e ela percebeu que ele estava furioso. Tinha sido apanhado.

— Não tens o direito de andar a bisbilhotar a minha vida — começou ele por dizer, mas isso não o ia levar a lado nenhum.

— Não bisbilhotei. A informação veio parar a mim e, pelos vistos, tenho sorte por o John me ter contado. Ela tem andado a gabar-se de ti. O mundo é pequeno, Jack, mesmo numa cidade do tamanho de Nova Iorque. Quanto tempo estavas a planear andar com as duas e porque não me contaste nada?

— Nunca me perguntaste. Nunca te menti — disse ele furioso. — Nunca te disse que éramos exclusivos. Se querias saber, devias ter-me perguntado.

— Não achas que já me devias ter contado isso? Estamos juntos todos os fins de semana há quase dois meses. Pelos vistos, o mesmo tempo que andas envolvido com ela. O que é que ela acha que se passa?

— Também nunca lhe disse que era exclusivo dela — disse ele com um ar zangado. — E, de qualquer maneira, não tens nada que ver com isso. Não dormi contigo, Victoria. Não te devo nada, tirando uma companhia agradável quando saímos e uma noite divertida.

— É assim que funciona? Não devemos viver pelas mesmas regras. Se eu andasse a sair com outra pessoa, a ter relações sexuais ou não, dir-te-ia. Ia sentir que te devia dizer para que não ficasses confuso ou magoado. Tinha o direito de saber, Jack. Como ser humano e como alguém de quem tu supostamente gostavas, eu merecia isso. Isto não eram apenas jantares. Estávamos a tentar criar uma relação. E parece que estás a fazer o mesmo com ela. Há mais alguém? Tens mais vagas durante a semana? Parece-me que tens andado muito ocupado e não tens sido muito honesto. O que fizeste foi uma sacanice, Jack, e tu sabe-lo bem! — Os olhos dela começaram a encher-se de lágrimas.

— Quero lá saber! — disse ele, num tom desagradável pela primeira vez, com um ar frio. Não gostava de ser repreendido, nem de prestar contas do seu comportamento. Queria fazer o que bem entendesse, independentemente de quem magoasse, desde que não fosse ele a sair magoado. Não era o homem que ela pensava. As costeletas de borrego não tinham sido um problema, mas sim a integridade dele. Não tinha nenhuma, afinal. O facto de ela não ter perguntado não era desculpa para ele a enganar.

— Não te devo nenhuma explicação — disse ele de pé a olhar para baixo com um ar rude. — Saíamos juntos, só isso. Se não aguentas a pressão, vai-te embora. Ou, neste caso, vou eu. Obrigado pelo vinho — disse ele, precipitando-se para a porta para, de seguida, a bater atrás de si. E pronto. Dois meses com um rapaz de quem ela gostava e em quem tinha acreditado e ele tinha-a traído e mentido e não sentia arrependimento algum. Não se importava nada com ela. Isso era bem evidente. Victoria sentou-se a tremer, mas orgulhosa por o ter confrontado. Foi feio e doloroso e ela pensou que tinha sido melhor descobrir agora, mas quando voltou para o quarto, sentia-se como se alguém tivesse morrido. Deitou-se na cama e desatou a chorar. Detestou o que ele lhe tinha feito, mas, pior ainda, sentia-se muito mal consigo própria. Só conseguia pensar, quando recordava o olhar dele antes de se ir embora, que, se ela valesse a pena, ele tê-la-ia amado. E ele não a amava.

CAPÍTULO 14

Quando Victoria partiu para Los Angeles para passar o Dia de Ação de Graças, sentia-se destroçada devido à grande desilusão com Jack Bailey. Era bom voltar a ver Grace e passar o feriado com a família, embora se sentisse muito mal por dentro. Grace percebeu e ficou triste por ela. Conseguia aperceber-se de que a irmã estava perturbada pelas quantidades de comida que ingeria. Os pais só repararam que ela tinha engordado, e Victoria resolveu regressar a Nova Iorque no sábado. Não conseguia aguentar mais tempo lá.

Ligou à doutora Watson na segunda-feira de manhã a seguir ao Dia de Ação de Graças e foi falar com ela. Nas últimas semanas, tinham andado a falar sobre Jack. Por muitas voltas que Victoria desse, ainda se sentia culpada e achava que se ela fosse mesmo merecedora de ser amada, Jack ter-se-ia comportado de forma diferente.

— Não tem que ver com quem você é — disse novamente a psicóloga. — Tem que ver com quem ele é. A falta de integridade dele e a desonestidade dele. O fracasso não foi seu, foi dele.

Intelectualmente, Victoria sabia-o, mas emocionalmente não conseguia sentir isso. Voltava sempre à questão se ela era digna de ser amada ou não. E se os pais não a amavam, quem a amaria? E os mesmos princípios aplicavam-se a eles. O fracasso deles a amarem-na tal como ela era dizia imenso sobre quem eles eram, mas, ainda assim, fazia com que se sentisse terrivelmente mal consigo própria. Quando voltou a Los Angeles pelo Natal, tentou preencher esse vazio com quilos de gelado. Ainda se sentia deprimida e não conseguia superar a situação. Os pais não sabiam nada do relacionamento com Jack.

Ela nunca tinha partilhado isso com eles e sabia que, se o tivesse feito, eles teriam mais uma razão para a culpar do fracasso. É claro que ele não a podia amar se ela fosse muito gorda e a outra mulher na vida dele era provavelmente magra. Lá no fundo, Victoria também acreditava nisso. Nunca teve coragem de perguntar a John como era a outra mulher. Acreditava nas mensagens subliminares e diretas dos pais. Os homens só amavam raparigas como Grace. Nenhum homem ia querer uma mulher inteligente. Ela não era bonita como Grace e era inteligente. Por isso, quem é que haveria de a querer? Ainda estava muito deprimida quando regressou a Nova Iorque na passagem de ano. Passou a meia-noite no avião e, quando o comandante veio desejar um feliz Ano Novo ao bater das doze badaladas, Victoria puxou a manta por cima da cabeça e chorou.

Tinha sido uma agonia ver Jack na escola entre o Dia de Ação de Graças e o Natal. Victoria não voltou a almoçar na sala dos professores. Ficava na sala de aula ou ia passear junto ao rio

East. Era um aviso de como não era muito inteligente envolver-se a nível romântico com alguém no local de trabalho. Recompor-se era muito mais complicado. Corriam rumores entre os professores e os alunos de que eles tinham saído juntos e que ele a tinha deixado. Era extremamente humilhante. Victoria fazia todos os possíveis para desaparecer, embora fosse Jack que devia andar envergonhado. Antes do Natal, ouviu dizer que ele andava a sair com a professora de francês que tinha andado atrás dele desde o primeiro dia de aulas. Victoria teve pena dessa professora, pois presumia que ele continuava a sair com a colega da escola de John e não estava a ser mais sincero com a professora de francês do que fora com ela. Ou talvez a outra fosse mais esperta e soubesse que lhe devia fazer a pergunta-chave: «Andas a sair com mais alguém?» Ou talvez ele tivesse mentido. De qualquer modo, esse problema já não era de Victoria. Jack Bailey já não fazia parte da sua vida. Fora um sonho quase tornado realidade, que se desfizera antes de se concretizar. Mais do que tudo, para Victoria era uma perda de esperança. Helen e Carla tentaram confortá-la o melhor que podiam, mas ela também as evitava. Não queria falar mais sobre isso, nem na escola nem fora dela. Também não voltou a tocar no assunto com John e com Harlan. Estava acabado. Mas eles aperceberam-se do efeito negativo que teve nela.

Victoria ficou grata pela distração que arranjou numa viagem que fez com a irmã pelas universidades durante um fim de semana prolongado de janeiro. Foram visitar três escolas na zona este, mas Grace estava determinada a ficar na costa oeste. Era uma rapariga da Califórnia, mas, mesmo assim, as duas desfrutaram da viagem. Foi uma oportunidade maravilhosa de passarem algum tempo juntas. E Grace não dizia nada quando Victoria comia um bife enorme com batata assada e molho cremoso, seguido de um *sundae* à sobremesa. Ela sabia como a irmã estava triste por causa de Jack. E Victoria estava bem consciente de que as suas calças mais largas já lhe começavam a apertar desde a altura do Dia de Ação de Graças. Sabia que tinha de fazer alguma coisa, mas ainda não estava preparada. Não estava preparada para abdicar daquilo a que a psicóloga chamava «garrafa debaixo da cama», que, no caso dela, eram os alimentos que engordavam. A longo prazo, o resultado iria fazê-la sentir-se pior, tal como um alcoólico, mas, de momento, davam-lhe algum conforto, ainda que breve.

Um dos pontos altos da visita de Grace foi passar um dia com Victoria na escola dela. Assistiu às aulas da irmã mais velha e divertiu-se a falar com os alunos. Desta forma, os alunos também passaram a conhecer melhor Victoria. Grace foi um grande sucesso nas aulas, falava com facilidade e foi a atração imediata de todos os rapazes, que queriam o *e-mail* e saber se ela estava no Facebook ou onde é que estava. Grace distribuiu o *e-mail* como um rebuçado e eles agarraram-no logo. Victoria ficou aliviada por a irmã se ir embora antes de virar as aulas dela completamente de pernas para o ar. Estava mais bonita do que nunca, quase com dezoito anos, o que, de repente, fazia com que Victoria se sentisse velha e enorme. Deprimia-a pensar que ia fazer vinte e cinco anos daí a poucos meses. Um quarto de século. E o que tinha para mostrar? Só conseguia pensar que não tinha namorado e que ainda lutava contra o peso. Tinha um emprego e uma irmã que adorava e mais nada. Não tinha namorado, nem nunca tinha tido um namoro a sério, e a vida social resumia-se a Harlan e John. Não lhe parecia o suficiente para a

idade dela. Na consulta seguinte, a doutora Watson entrou em colisão com ela, quando Victoria lhe relatou a viagem pelas universidades que fez com Grace e como tinha sido divertido.

— Quero fazer-lhe uma pergunta para a deixar a pensar — disse calmamente a psicóloga. No último ano e meio, Victoria passara a confiar e a valorizar o que a psicóloga lhe dizia. — Acha que é possível manter peso a mais para não ter de competir com a sua linda irmã mais nova? Sai logo da competição, refugiando-se no seu corpo. Talvez tenha receio de que, se emagrecer, mesmo assim não consiga competir ou não queira.

Victoria afastou logo o que ela disse e rejeitou-o liminarmente.

— Não tenho de competir com uma rapariga de dezassete anos, nem devo. Ela é uma miúda, eu sou adulta.

— São ambas mulheres numa família em que os vossos pais vos põem uma contra a outra e lhe disseram que não era suficientemente boa, mas que ela era desde o dia em que nasceu. É um grande peso para as duas e muito maior para si. Por isso, retira-se da competição. — Era um ponto interessante que Victoria não queria ouvir.

— Eu já era matulona antes de ela nascer — insistiu Victoria.

— Matulona em comparação com a sua irmã. Não confunda os assuntos. Ser pesada é diferente. — A psicóloga estava a sugerir que ela usava uma capa protetora, uma camuflagem que impedia que as outras pessoas a vissem como uma mulher, apesar de ela ser uma rapariga bonita. Mas não tão bonita quanto Grace. Por isso, ela retirara-se da competição e desaparecera num corpo que a tornava invisível para a maioria dos rapazes. Mas a psicóloga esperava que ela perdesse peso, essa capa pesada, só porque a tornava infeliz.

— Está a dizer que eu não amo a minha irmã? — perguntou Victoria quase zangada.

— Não — disse a psicóloga calmamente. — Estou a dizer que não se ama a si própria.

Victoria ficou em silêncio por um longo período de tempo, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Já há muito que aprendera qual a finalidade da caixa de lenços de papel e porque é que as pessoas a usavam com tanta frequência.

Na primavera do segundo ano de Victoria na Escola Madison, ofereceram-lhe um contrato permanente no Departamento de Inglês. E ela ficou aliviada por saber que não iam renovar o contrato de Jack Bailey. Corria o rumor de que ele «não se encaixava ali». O caso acalorado com a professora de francês tinha-se tornado feio e eles foram vistos a discutir nos corredores e a parisiense apaixonada bateu-lhe mesmo no meio da escola. E, depois disso, Jack ainda se envolveu com a mãe de um dos alunos, o que era um velho tabu no meio escolar. Victoria estava aliviada por ele se ir embora. Era doloroso sempre que o encontrava nos corredores e recordava-lhe, de certa forma, que ela fora insuficiente e não digna de ele a amar e que ele fora desonesto e um parvalhão.

Victoria ficou muito entusiasmada por ter o emprego para sempre e por não ter de se preocupar com isso todos os anos. Agora tinha uma casa em Madison e podia instalar-se com

segurança no trabalho. Helen e Carla também ficaram entusiasmadas quando ela lhes disse e levaram-na a almoçar fora. À noite, festejou também com Harlan e John. Nessa altura, Bill já tinha saído do apartamento para ir viver com Julie, e John tinha ficado com o quarto dele e usava-o como escritório, partilhando o quarto com Harlan. John era um bom elemento do grupo e Bunny também gostava dele. A rapariga passava cada vez mais tempo em Boston e Victoria pressentia que ela se ia mudar em breve e que, provavelmente, se ia casar. Como pessoas solteiras, era uma comunidade fluida, mas ela, John e Harlan não iam a lado nenhum. Ela nem se incomodou em ligar aos pais a contar as novidades, apesar de ter contado a Grace que ia acabar o secundário daí a dois meses e que andava em êxtase por ter entrado na Universidade do Sul da Califórnia. Queria ir viver para uma residência de estudantes. Finalmente, os pais teriam o ninho vazio. Não estavam muito satisfeitos com isso, mas ela estava inflexível e eles cediam sempre às vontades da filha mais nova. Magoou Victoria pensar que eles ficavam mais incomodados por Grace ir viver para uma residência de estudantes do que pela mudança dela para cinco mil quilómetros de distância. Independentemente do que acontecesse, Grace seria sempre a menina dos olhos do pai, o seu bebé, e Victoria era a fornada experimental. Não a tinham deitado fora, mas era como se o tivessem feito. A falta de afeto e de aprovação tinha causado os mesmos danos. E, para Victoria, esta era a realidade da sua relação com eles.

CAPÍTULO 15

A cerimónia de entrega do diploma de Grace foi motivo de grande festa. Enquanto a cerimónia de entrega do diploma de Victoria, mesmo até do da universidade, foi discreta, os pais deixaram Grace convidar cem amigos para um churrasco no terraço, pondo o pai ao grelhador a preparar frangos, bifes, hambúrgueres e cachorros-quentes. E também havia pessoal contratado de um *catering* com *t-shirts* e calças de ganga. Todos se divertiram a valer! Victoria foi até lá para a festa e para a cerimónia do dia seguinte. Grace estava linda com o traje académico. O pai até chorou quando ela recebeu o diploma. Victoria não se lembrava de ele alguma vez ter chorado por ela, provavelmente porque nunca tal tinha acontecido. A mãe, então, estava desfeita. Foi emocionante. No fim, as duas irmãs abraçaram-se e também choraram.

— Não aguento isto! — disse Victoria a rir-se com as lágrimas a correrem-lhe pela cara enquanto a abraçava. — A minha bebé está tão crescida! Como te atreves a ir para a universidade? Detesto isto!

Victoria preferia que Grace se tivesse esforçado mais para entrar numa universidade em Nova Iorque, em vez de ficar na Califórnia. Adoraria tê-la ali mais perto para poder ter família em Nova Iorque. Mas também gostava de ver a irmã a afastar-se um pouco da influência sufocante dos pais. Eles andavam sempre à volta dela e o pai era uma força poderosa na vida dela e tentava moldar todas as suas opiniões. Victoria nunca conseguiu tolerar esta faceta do pai, mas Grace aceitava-a muitas vezes — o estilo de vida, as opiniões, as políticas, a filosofia de vida. A irmã mais nova acreditava em muitas coisas deles e até as admirava. Mas os pais agiam de forma muito diferente para Grace e para Victoria. Grace tinha pais que a adoravam, veneravam e apoiavam em todos os passos e em todas as decisões. Isso era mais do que certo e ela não tinha razão para se revoltar contra eles ou para se afastar deles. Fazia tudo o que o pai achava que ela devia fazer. O pai era o seu ídolo. E Victoria tinha tido pais que a ignoravam, que a ridicularizavam e que nunca aprovavam um único passo que ela dava. Victoria tinha tido bons motivos para se afastar deles. Grace tinha razões igualmente convincentes para ficar perto de casa. Era incrível ver como as suas experiências e vidas eram tão diferentes com os mesmos pais. Era como o dia e a noite, positivo e negativo. Por vezes, Victoria tinha de se lembrar como a vida de Grace tinha sido muito mais fácil e como eles tinham sido sempre muito mais amáveis com ela para poder perceber por que razão a irmã não queria separar-se deles. Tinha sido uma grande decisão para Grace viver na residência universitária em vez de permanecer em casa. Parecia-lhe um passo enorme, apesar de parecer muito pequenino para a irmã mais velha.

Victoria ainda acreditava que eles eram pessoas tóxicas e que o pai era um narcisista e ela gostava que a irmã tivesse mais espaço para respirar, mas ela não queria. Na verdade, Grace teria lutado para ficar perto deles.

A prenda de Victoria para festejar o fim do secundário de Grace era uma prenda em grande. Tinha sido cuidadosa com o dinheiro e poupou tudo o que pôde. Não fez extravagâncias, apesar de viver em Nova Iorque. Como prenda, ofereceu-se para levar Grace numa viagem pela Europa. Já tinham ido com os pais quando eram muito mais novas, mas, durante vários anos, os pais não mostraram qualquer interesse em viajar. Portanto, Victoria ia levar Grace a Paris, Londres e Veneza em junho e talvez também a Roma, se ainda tivessem tempo. Grace ficou entusiasmadíssima e mal podia esperar, assim como Victoria. O plano era ficar fora durante três semanas, quatro a cinco dias em cada cidade. Com o novo contrato na Escola Madison, Victoria tinha sido aumentada, o que lhe permitia não ter de trabalhar durante o verão. Depois de ir à Europa com Grace em junho, estava a planear ir até ao Maine com Harlan e John em agosto.

Grace tinha milhões de planos antes de as aulas começarem na universidade no final de agosto. Victoria percebeu, assim como Grace, que, a partir de agora, ia ser tudo diferente para a família. Os pais tinham a possibilidade de ser mais independentes e de fazer mais coisas sozinhos. Iriam juntar-se todos nas quadras festivas, mas, no restante tempo, teriam as suas vidas independentes. Menos Victoria, que tinha um emprego, mas não uma vida. Ainda estava a tentar construir uma. Aos vinte e cinco anos, ainda sentia que tinha um longo percurso pela frente. Pensava muitas vezes se algum dia iria lá chegar, e começou a brincar referindo-se a si própria como a irmã solteirona de Grace. Por vezes, parecia que era esse o seu destino.

Ao contrário, Grace tinha uma dezena de rapazes sempre atrás dela, alguns de quem ela gostava, outros de quem não gostava e um ou dois por quem ela era louca e entre os quais não conseguia decidir-se. Conhecer rapazes nunca fora um problema para ela. Victoria apenas provava que os pais tinham razão. Ela não era suficientemente bonita para encontrar um namorado, segundo o pai, e era muito gorda para atrair um. E, segundo a mãe, era demasiado inteligente para manter um. De qualquer maneira, não tinha ninguém.

Partiram para Paris no dia a seguir à escola de Victoria ter fechado para férias. Grace viajou até Nova Iorque com duas malas cheias de roupas de verão e as duas raparigas foram para o aeroporto bem cedo na manhã seguinte. Victoria tinha apenas uma mala e fez o *check-in*, enquanto Grace falava com os amigos ao telemóvel. Victoria sentiu-se como um guia numa excursão da escola, mas estava ansiosa por viajar com a irmã. Embarcaram no avião muito bem-dispostas e Grace ainda estava a mandar mensagens freneticamente quando a hospedeira lhe disse para desligar o telemóvel. Victoria tinha os passaportes das duas. Por vezes, sentia-se mais como mãe do que como irmã de Grace.

Conversaram, comeram, dormiram e viram dois filmes durante o voo de seis horas para Paris. Chegaram quase sem darem por isso, aterrando no Aeroporto Charles de Gaulle às dez da noite. Para elas, eram quatro da tarde e, como tinham dormido no avião, nenhuma das duas estava cansada. Estavam animadas para darem uma volta pela cidade de táxi. Victoria estava a gastar grande parte das suas poupanças para pagar a viagem e o pai tinha-lhe mandado um

cheque para a ajudar, o que ela agradecia imenso.

A pedido de Victoria num francês muito elementar, o taxista levou-as pela praça Vendôme, passando pelo Hotel Ritz, até à espetacular praça da Concórdia, com todas as luzes das fontes acesas, passando depois pelos Campos Elíseos em direção ao Arco do Triunfo. Viraram para a avenida larga e viram a Torre Eiffel a explodir com luzes brilhantes, o que acontecia de hora a hora durante dez minutos. Estavam as duas recetivas a todas as sensações provocadas pela beleza de tudo quanto viam e Grace observava com admiração. Uma bandeira francesa enorme debaixo do Arco esvoaçava com a brisa.

— Meu Deus — disse Grace a olhar para a irmã —, nunca mais volto para casa! — Victoria sorriu e as duas deram as mãos, enquanto o taxista dava a volta no meio do trânsito ao Arco do Triunfo, dirigindo-se novamente para os Campos Elíseos, em direção ao Sena. Viram o Palácio dos Inválidos, que acolhe o túmulo de Napoleão, e atravessaram a Ponte Alexandre III para a margem esquerda. Estavam hospedadas num hotel pequeno na rua Jacob de que Victoria tinha ouvido falar. Tencionavam viajar da forma mais barata possível, ficando em hotéis pequenos, comendo em *bistrots* e indo visitar galerias e museus. Tinham um orçamento reduzido para uma viagem que ambas sabiam que iam lembrar para sempre. Fora uma prenda incrível de Victoria para a irmã.

Nessa noite, comeram sopa de cebola num *bistrot* perto do hotel. Depois do jantar, passearam pela margem esquerda e, em seguida, regressaram ao hotel e estiveram à conversa até adormecerem. Grace andava a receber mensagens dos amigos desde que ligara o telemóvel no aeroporto e as mensagens continuaram a chegar pela noite dentro.

Na manhã seguinte, comeram *croissants* e beberam café com leite no hotel e depois foram a pé para o Museu Rodin na rua de Varenne e daí para o Boulevard Saint-Germain, onde entraram no famoso café dos artistas e intelectuais dos anos cinquenta, Aux Deux Magots. Tomaram um café e, de seguida, foram ao Louvre e passaram a tarde a ver tesouros famosos.

Grace queria visitar o Museu Picasso, o que fizeram no dia seguinte. Jantaram na Place des Vosges, uma das zonas mais antigas da cidade, no Marais. E, depois disso, andaram de *bateau-mouche*, uma embarcação que navega pelo Sena.

Viram uma exposição no Grand Palais, passearam no Bosque de Bolonha, visitaram a entrada do Hotel Ritz e andaram pela rua de la Paix. Ambas sentiam que tinham percorrido a cidade toda de Paris naqueles cinco dias em que lá estiveram. Na altura em que partiram para Londres, tinham visto tudo o que queriam e, na nova cidade, foram igualmente ativas. Nos dois primeiros dias, visitaram a Tate Gallery, o Museu Vitória e Alberto e o Museu de Cera Madame Tussaud. Viram as joias da coroa na Torre de Londres, o render da guarda no Palácio de Buckingham, visitaram as cavalariças, foram à Abadia de Westminster e caminharam ao longo da magnífica New Bond Street a espreitar as lojas caríssimas onde não tinham dinheiro para fazer as compras. Victoria tinha-se mimado com uma carteira no Printemps, em Paris, e Grace perdera a cabeça com umas *t-shirts* e umas calças de ganga engraçadas em King's Road, em Londres, mas andavam ambas a portar-se bem e a gastar o dinheiro de forma sensata. À noite, jantavam em pequenos restaurantes e, durante o dia, comiam sanduíches. Conseguiam fazer e ver

tudo. Os pais costumavam ligar-lhes com regularidade e Victoria sabia que era por Grace estar com ela. Eles diziam que tinham saudades dela.

Já andavam em viagem há quase duas semanas quando partiram de Londres para Veneza e, assim que chegaram, abrandaram consideravelmente o ritmo. A chegada ao Grande Canal foi de cortar a respiração. Foram de gôndola até ao hotel, e Grace sentou-se feliz no barco e parecia uma princesa. Assim que chegaram a Itália, todos os homens na rua olhavam para ela e, enquanto passeavam por Veneza, Victoria reparou por várias vezes que os homens as seguiam a olhar especados para a irmã mais nova.

Passearam pela praça de São Marcos, compraram um gelado, entraram na basílica e andaram horas infindáveis pelas ruas estreitas e sinuosas, a entrar e a sair das igrejas, e, quando finalmente pararam para almoçar, Victoria devorou um prato de massa. Grace comeu só umas garfadas. Disse que era deliciosa, mas que estava demasiado entusiasmada para conseguir comer e que estava muito calor. Não pararam de se mexer por um só minuto. No final, ambas concordaram que Veneza era a sua cidade preferida. Passearam mais, comeram e relaxaram, a um ritmo muito mais lento, passando horas em esplanadas de cafés a observar as pessoas que passavam. Grace insistiu em comprar para a mãe um camafeu pequenino, o que não passaria pela cabeça de Victoria, mas teve de admitir que era muito bonito e um gesto muito querido. Para o pai compraram uma gravata na Prada e lembranças disparatadas para elas. Victoria apaixonou-se por uma pulseira de ouro que viu numa loja perto da praça de São Marcos, mas achou que era muito cara. Grace comprou uma caixa de música em forma de gôndola que tocava uma música italiana que nenhuma das duas conhecia.

Os dias e as noites em Veneza foram perfeitos. Visitaram o Palácio dos Doges e todas as igrejas mais importantes que vinham no guia. Andaram de gôndola e passaram por baixo da Ponte dos Suspiros e abraçaram-se nesse exato instante, o que significava que iriam ficar juntas para sempre, embora a lenda se referisse a casais. Mas Grace insistiu que também se aplicava a elas. E, numa noite elegante para elas, foram ao Harry's Bar, onde desfrutaram de uma refeição monumental. A comida em Veneza era fantástica, e Victoria comeu risoto ou massas com molhos deliciosos a todas as refeições e *tiramisu* à sobremesa. Não era comida para a confortar, era cozinha requintada italiana, mas os efeitos no corpo dela eram os mesmos.

As duas irmãs detestaram deixar Veneza e voar para Roma para a última parte da viagem. Passearam mais, fizeram mais compras e visitaram mais igrejas e monumentos. Visitaram a Capela Sistina, foram até às catacumbas e andaram pelo Coliseu. No fim da viagem, estavam as duas exaustas, mas felizes. Tinha sido tão inesquecível quanto Victoria desejara e era um momento nas vidas delas e nas suas memórias que iriam partilhar para sempre. Tinham acabado de atirar uma moeda para a Fonte de Trevi e encontrado uma esplanada na Via Veneto quando o pai lhes telefonou. Estava ansioso por vê-las regressar a casa e Grace também parecia entusiasmada por voltar a vê-lo. O plano era ir de Roma para Nova Iorque. Grace iria passar lá dois dias com a irmã e depois voltava sozinha para Los Angeles. Victoria tinha prometido ir ajudá-la a instalar-se na residência de estudantes em agosto, mas não tencionava passar férias em Los Angeles nesse ano. Agora a vida dela era em Nova Iorque e ela sabia que Grace ia

andar ocupada com os amigos antes de se separarem todos e irem para a universidade. Era um alívio para Victoria não passar duas ou três semanas com os pais. Queria relaxar em Nova Iorque.

No voo de Roma para Nova Iorque, as duas raparigas falaram de tudo o que viram e fizeram. Victoria estava aliviada por não ter havido um único mau momento durante a viagem. Grace tinha sido uma companhia muito agradável. E, apesar de terem opiniões muito diferentes dos pais, Victoria teve o cuidado em não tocar nesse assunto. Falaram de outras coisas. Grace agradeceu-lhe imenso pela viagem maravilhosa. Iam a meio do caminho quando Grace lhe deu um pacote embrulhado em papel italiano com um laçarote verde. Estava com um ar misterioso e entusiasmado quando o deu à irmã mais velha e lhe agradeceu novamente pela viagem fantástica. Disse-lhe que fora a melhor prenda de sempre.

Victoria abriu a prenda com cuidado e sentiu qualquer coisa pesada lá dentro. Estava num saquinho de veludo preto macio, e, quando o abriu, viu a linda pulseira de ouro por que se apaixonara em Veneza, mas que tinha decidido não comprar.

— Meu Deus! Grace, que loucura! — A generosidade da prenda deixou-a sem fôlego e Grace pô-la de imediato no pulso de Victoria.

— Comprei-a com a minha mesada e com o dinheiro que o pai me deu para a viagem — disse a irmã orgulhosa.

— Nunca mais a vou tirar — respondeu Victoria, inclinando-se para lhe dar um beijinho.

— Nunca na vida me tinha divertido tanto — disse Grace feliz — e, provavelmente, nunca mais me hei de divertir assim. Estou triste por ter acabado.

— Eu também — admitiu Victoria. — Talvez possamos voltar a fazer uma coisa do género quando acabares o curso. — Sorriu melancólica. Naquele momento, parecia-lhe muito longínquo, mas Victoria sabia que, a partir de agora, os anos iam passar a correr. Parecia que ainda ontem estava a sair do secundário e agora já tinha vinte e cinco anos e já acabara o curso há três anos. E sabia que seria igualmente rápido para a irmã.

Conversaram durante imenso tempo e, por fim, acabaram por adormecer. Acordaram as duas quando estavam a aterrar em Nova Iorque. Era triste pensar que a viagem estava a acabar. O tempo que passaram juntas tinha sido mágico e, enquanto aterravam, sorriram uma para a outra nostálgicas. Estavam as duas a pensar que desejavam começar a viagem de novo.

Demoraram uma hora a ir buscar as malas e a passar pela alfândega e mais uma hora para chegar à cidade de táxi. Quando pararam à frente do prédio de Victoria, Roma, Veneza, Londres e Paris pareciam estar a anos de distância.

— Quero voltar! — disse Grace melancolicamente enquanto Victoria abria a porta de casa. Era fim de semana e todos os colegas de casa estavam fora, por isso, tinham a casa só para elas.

— Também eu — disse Victoria a ler uma mensagem de boas-vindas de Harlan. Ele tinha deixado algumas coisas no frigorífico para ela poder preparar o pequeno-almoço a Grace. Victoria pousou as malas no quarto e teve uma sensação estranha de voltar a casa.

Nessa noite, deitaram-se cedo depois de ligarem aos pais a dizer que tinham chegado bem. Grace era sempre atenciosa com eles e nunca queria que ficassem preocupados. A irmã mais

nova nunca passara por uma fase rebelde e, por vezes, Victoria desejava que ela tivesse passado. Era capaz de ser mais saudável do que ser tão ligada aos pais. Esperava que Grace ganhasse alguma independência na universidade, mas pressentia que eles iriam querer que ela fosse a casa várias vezes. Victoria ficou feliz por ter ido estudar para Northwestern, mas eles também nunca tinham sido muito ligados a ela. E Grace era a bebé deles.

Na manhã seguinte, Victoria fez rabanadas para o pequeno-almoço. Depois, as irmãs apanharam o metro em direção ao SoHo e andaram a passear no meio dos vendedores de rua, das pessoas às compras e dos turistas. As ruas estavam apinhadas e elas almoçaram num pequeno café. Mas não era nada como na Europa e ambas concordaram que preferiam estar em Veneza. Tinha sido o ponto alto da viagem. Victoria trazia no pulso, orgulhosa, a linda pulseira de ouro que Grace lhe dera.

Passaram o domingo num concerto no Central Park e jantaram depois de Grace fazer as malas de novo. Victoria já tinha arrumado todas as coisas dela. Sentaram-se as duas à mesa da cozinha até bastante tarde. Os colegas de casa só voltavam segunda-feira e o fim de semana seguinte era o feriado do 4 de Julho. Grace tinha muitos planos em Los Angeles e Victoria não tinha nenhum em Nova Iorque. Harlan e John iam para Fire Island e Bunny para Cape Cod.

Na manhã seguinte, Victoria levou a irmã ao aeroporto e desataram as duas a chorar. Era o fim de uma linda viagem, um tempo de partilha magnífico. Depois de Grace se ir embora, Victoria sentiu, ao regressar de comboio para casa, que lhe tinham destroçado o coração. Antes de o avião descolar, Grace mandou uma mensagem a Victoria. «Foram as melhores férias de sempre e tu és a melhor irmã. Irei adorar-te para sempre. G.» Ao ler a mensagem, os olhos de Victoria encheram-se de lágrimas e, assim que chegou a casa, ligou à doutora Watson. Ficou satisfeita por saber que a psicóloga tinha uma vaga para essa tarde.

Victoria ficou feliz por a ver e contou-lhe tudo sobre a viagem. Comentou como Grace tinha sido agradável e como se divertiram bastante. Mostrou-lhe a pulseira e riu-se quando lhe contou sobre os homens que seguiam Grace em Itália.

— E atrás de si? — perguntou a psicóloga calmamente. — Quem é que andou atrás de si?

— Está a brincar? Se podiam escolher entre mim e a Grace, quem é que acha que iam escolher?

— Também é uma mulher muito bonita — confirmou a doutora Watson. Percebeu o quanto Victoria tinha feito pela irmã mais nova e esperava que recebesse em troca um apoio emocional suficiente para ela própria.

— A Grace é linda. Mas estou preocupada por ela ser tão ligada aos nosso pais — admitiu Victoria à psicóloga. — Acho que não é muito saudável. Eles são mais simpáticos para ela do que alguma vez foram para mim, mas sufocam-na, tratam-na como se fosse propriedade deles. O meu pai enche-lhe a cabeça com ideias dele. Ela precisa de ideias próprias.

— Ela é nova. Há de lá chegar — comentou a psicóloga filosoficamente. — Ou talvez não. Pode ser mais parecida com eles do que você julga e isso pode ser confortável para ela.

— Espero que não — respondeu Victoria e a psicóloga concordou, mas também sabia que nem sempre era assim. E nem todas as pessoas eram tão corajosas como Victoria, a libertar-se e

a mudar-se para Nova Iorque.

— E você? Para onde vai estes dias, Victoria? Quais são os seus objetivos?

Victoria riu-se da pergunta. Costumava rir-se com frequência quando, na realidade, o que queria fazer era chorar. Era menos assustador assim.

— Ficar magra e ter a minha vida. Conhecer um rapaz que me ame e a quem eu ame também. — Tinha engordado na viagem e tencionava perder uns quilos durante o verão.

— O que vai fazer para que isso se concretize? — perguntou a psicóloga sobre o homem que Victoria esperava um dia conhecer.

— Por agora, nada. Acabei de chegar este fim de semana. Não é assim tão fácil conhecer pessoas. Toda a gente está casada ou tem uma relação, ou é *gay*.

— Talvez precise de se expandir e experimentar coisas novas. Como está o seu peso agora? — Normalmente ela estava de dieta ou num grande desespero.

— Comi muita massa em Itália e *croissants* em Paris. Agora tenho de sofrer as consequências. — Tinha comprado um livro sobre a mais recente dieta antes de ir de viagem e ainda não o tinha lido. — É uma luta constante. — Havia qualquer coisa que a impedia de perder o peso que queria, contudo tinha sempre a certeza de que, do outro lado do arco-íris do peso, estava o homem dos seus sonhos.

— Sabe que, um dia destes, pode encontrar alguém que goste de si tal como é. Não tem de fazer uma dieta maluca para encontrar alguém. Mantermo-nos elegantes é bom para a nossa saúde, mas a sua vida amorosa não tem de depender disso.

— Ninguém me vai amar se eu for gorda — observou ela sorumbática. Era a mensagem que o pai lhe passara durante anos, quase como uma maldição.

— Isso não é verdade — disse a psicóloga num tom calmo. — Alguém que a ame vai amá-la quer seja gorda, magra ou de outra forma qualquer. — Victoria não respondeu e era evidente que não acreditava no que a doutora Watson dizia. Ela sabia bem como era. Não havia ninguém a cair-lhe aos pés, a parar por ela na rua para lhe pedir o número de telefone ou para a convidar para sair. — Pode sempre voltar ao nutricionista. Da outra vez, resultou bem consigo. — Já tinham falado várias vezes sobre essas consultas, mas ela nunca chegara a ir. Dizia sempre que andava muito ocupada.

— Sim, acho que lhe posso ligar daqui a umas semanas. — Primeiro queria instalar-se, mas queria perder peso antes de voltar para a escola. Estava a vestir novamente os tamanhos maiores. Falou de novo sobre a viagem, e a hora acabou. Quando saiu, teve de novo a sensação de ter chegado a um impasse. A vida dela não ia a lado nenhum. A caminho de casa, comprou um gelado e convenceu-se de que já não fazia grande diferença. No dia seguinte, começaria a dieta a sério.

Quando chegou, Harlan e John estavam em casa, assim como Bunny. Ficaram contentes por a ver e, nessa noite, jantaram todos juntos depois de Bunny voltar do ginásio. John tinha preparado massa e salada de lagosta, que estavam irresistíveis. Harlan viu logo que ela tinha engordado, mas não disse nada. Estavam felizes por voltarem a estar todos juntos e Bunny contou-lhes que estava noiva e mostrou-lhes o anel. Ia casar na primavera. Não foi uma surpresa

para ninguém, e Victoria ficou contente por ela.

Grace já lhe tinha mandado uma mensagem a dizer que tinha chegado bem a casa e, nessa noite, antes de se deitar, ligou a Victoria. Disse que os pais a tinham levado a jantar fora e que no dia seguinte ia a Malibu com os amigos. Tinha um verão agitado pela frente. Victoria adormeceu a sonhar com Veneza, sentada numa gôndola ao lado de Grace por baixo da Ponte dos Suspiros. E depois sonhou com o risoto à milanesa que tinha comido no Harry's Bar.

O resto do verão passou a voar. No fim de semana do 4 de Julho, Victoria juntou-se a Helen e a um grupo de professoras solteiras da escola numa pensão nos Hamptons. Em agosto, foi ao Maine com Harlan e John. Houve uns dias de um calor infernal em Nova Iorque em que não fez nada além de ficar por ali. Estava demasiado calor para ir correr, por isso, de vez em quando ia ao ginásio. Era um esforço mínimo, mas ela não estava com disposição para mais. Ficou triste depois de Grace se ter ido embora a seguir à viagem. Tinham-se divertido muito juntas. Victoria tinha muitas saudades dela e sentia-se sozinha sem a irmã. Foi a uma reunião dos Obesos Anónimos, mas nunca mais lá voltou.

E, tal como tinha prometido, foi até à Califórnia passar o fim de semana para ajudar Grace a instalar-se na residência de estudantes na Universidade do Sul da Califórnia. Foi um dia caótico, de memórias agridoces, de lágrimas de saudação e de despedida. Victoria ajudou-a a arrumar as coisas, enquanto o pai montava a aparelhagem e o computador, e a mãe dobrou a roupa interior com cuidado numa gaveta.

Grace dividia o quarto com duas colegas e foi uma proeza arrumar as coisas de todas nos cacifos, no único armário e na cómoda de três gavetas, com três secretárias e três computadores a encherem o quarto. Os pais das raparigas e Victoria tentavam ajudar as novas estudantes. Ao fim da tarde, já tinham feito tudo o que podiam e Grace acompanhou-os à rua. Estava quase a entrar em pânico e o pai parecia que ia chorar. Victoria sentia um peso enorme no coração. Grace tinha crescido e eles tinham de lhe abrir a porta da gaiola para ela poder voar. Os pais estavam muito mais relutantes em fazê-lo e, para Victoria, também não era fácil.

Estavam à porta da residência a falar quando um rapaz alto e bonito com uma raquete de ténis na mão passou por eles. Assim que viu Grace parou, como se tivesse sido atingido por um raio e não conseguisse dar mais um passo. Victoria sorriu com a cara dele. Não era a primeira vez que via rapazes a reagirem assim perante a irmã.

— És caloira? — perguntou-lhe ele. Calculou que sim, pelo corredor onde estava, e ela anuiu. Ela estava com uma expressão igual à dele no olhar e Victoria quase se desmanchou a rir. Era demasiado simples se Grace encontrasse o rapaz do momento no dia em que se mudava para a residência. Poderia ser mais fácil do que isto?

— E tu? Andas no segundo ou no terceiro ano? — perguntou ela com um ar esperançoso e ele sorriu.

— Estudo Economia — respondeu ele com um sorriso aberto, o que significava que seria

pelo menos quatro anos mais velho do que ela, mas, mais provavelmente, cinco ou seis. — Olá! — disse ele a olhar para todos. — Sou o Harry Wilkes. — Já todos tinham ouvido falar do Edifício Wilkes e perguntavam-se se ele seria da família. Apertou as mãos aos pais e a Victoria e, com um sorriso radiante para Grace, perguntou-lhe se ela queria ir jogar ténis às seis horas. Ela resplandecia e aceitou. Ele prometeu ir buscá-la e depois saiu a correr.

— Foi fácil! — comentou Victoria quando ele se afastou. — Alguém quer jogar ténis? Não sabes a sorte que tens.

— Sei, sim — disse ela com um ar sonhador. — Ele é muito giro. — E depois, como se tivesse sido levada por um ser extraterrestre, disse em voz baixa só para Victoria:

— Um dia, hei de casar com ele.

— Porque é que não o observas melhor no jogo de ténis? — Victoria já tinha visto todos os rapazes que vinham e iam na vida de Grace. Isto era apenas o início de quatro anos na universidade. Só esperava que Grace não seguisse as pisadas da mãe e passasse os quatro anos do curso à procura de um marido em vez de andar a divertir-se. Não havia razão alguma para ela pensar em casamento naquela idade.

— Não. A sério, vou mesmo. Senti-o quando ele me disse «olá» — disse Grace com um ar sério que fez com que Victoria lhe quisesse atirar com um copo de água à cara para ela acordar.

— Então?! Estás na universidade! Quatro anos de diversão, de coisas para aprender e rapazes fantásticos. Não cases já no primeiro dia.

— Deixa que a tua irmã há de encontrar o rapaz mais rico da universidade — disse o pai cheio de orgulho, presumindo que o Wilkes era o do Edifício Wilkes. — Ele pareceu-me bem entusiasmado com ela.

— Assim como metade de Itália em junho. Não vamos já perder a cabeça — disse Victoria, tentando ser a voz da razão, mas sem ninguém a ouvir. O nome dele tinha convencido o pai. A beleza tinha convencido Grace. E a palavra «casamento» tinha convencido a mãe. O pobre Harry Wilkes era um caso perdido, se os três lhe pusessem a mão em cima, pensava Victoria com os seus botões.

— Ouve bem, miúda — disse ela à irmã —, tenta não ficar noiva até eu voltar no Dia de Ação de Graças. — Deu-lhe um abraço forte e as duas irmãs ficaram ali agarradas, desejando poder parar no tempo e congelar aquele momento para sempre. — Adoro-te — sussurrou Victoria por entre os caracóis pretos de Grace, que parecia uma criança nos braços da irmã, quando olhou para cima com lágrimas nos olhos.

— Também te adoro. Estava a falar a sério há bocado. Tive uma sensação estranha quanto a ele.

— Cala-te! — respondeu Victoria a rir e deu-lhe um empurrãozinho. — Diverte-te a jogar ténis. Liga-me depois a contar como foi. — Victoria só ia para Nova Iorque na manhã seguinte. Assim que Grace saísse de casa, não havia razão alguma para lá ficar, nada que prendesse Victoria. Há anos que não havia.

Regressaram os três ao parque de estacionamento enorme e encontraram o carro do pai. Victoria entrou para o banco de trás e foram em silêncio até casa, cada um perdido nos seus

pensamentos, pensando como tudo tinha passado a correr. Num minuto, Grace era uma bebé, uma criancinha a gatinhar a toda a velocidade pelo quarto, Victoria a levá-la no primeiro dia de aulas e a atirar-lhe um beijinho de despedida, e, de repente, já era uma adolescente e agora isto. E todos sabiam, com tristeza e certeza, que os próximos quatro anos também iam passar rapidamente.

CAPÍTULO 16

O medo de todos de que os anos de Grace na faculdade passassem a correr veio a justificar-se. Aconteceu tudo num abrir e fechar de olhos e, assim que se aperceberam, já estava a acabar o curso. Estava de traje académico e os pais e a irmã mais velha viram-na novamente a atirar o chapéu bem alto. Era o fim. Quatro anos na universidade. Tinha-se licenciado em Inglês e Comunicação e ainda não sabia bem o que havia de fazer com o curso. Queria trabalhar para uma revista ou para um jornal, mas ainda não tinha começado a ir a entrevistas. Decidira fazer férias no verão e planeava procurar emprego em setembro. Tinha a bênção do pai. Ia viajar pela Europa — Espanha e Itália em especial — com os amigos durante o mês de julho e o namorado também ia com eles. Os dois iam encontrar-se depois com os pais dele no sul de França. A profecia dela do primeiro dia na universidade estava prestes a concretizar-se. — Harry Wilkes namorava com ela desde o início e o pai de Grace aprovava veementemente. O rapaz era mesmo da família que dava o nome ao edifício. Harry tinha acabado o curso de Economia no ano anterior e trabalhava agora para o pai numa empresa de investimentos financeiros. Era forte como uma rocha, como o pai dela gostava de dizer, e um ótimo partido. Harry acompanhou a família no almoço a seguir à cerimónia de entrega dos diplomas, assim como mais meia dúzia de amigos de Grace, e Victoria reparou no jovem casal a conspirar na outra ponta da mesa, depois ele deu-lhe um beijo e ela sorriu.

Victoria gostava de Harry, embora o achasse demasiado controlador e preferisse que a irmã mais nova tivesse sido mais aventureira durante os anos na universidade. Estava constantemente com ele. No terceiro ano, tinha deixado a residência de estudantes para ir viver com ele num apartamento fora do campus universitário e ainda viviam juntos. Victoria achava que ela era muito nova para estar a assentar tão cedo e a limitar-se a um rapaz. Além disso, ele lembrava-lhe um bocadinho o pai, o que a deixava nervosa. Harry tinha opiniões sobre tudo e Grace apoiava-o sempre, independentemente do que ela própria achasse. Victoria não queria que ela um dia viesse a ser como a mãe, uma sombra do marido, posta neste mundo com o propósito de apenas o melhorar e de o fazer sentir-se bem. Então, e ela?

Mas não havia como negar que Grace era feliz com Harry. E Victoria tinha ficado abismada quando os pais não puseram qualquer objeção a eles irem viver juntos. Tinha a certeza de que, se fosse com ela, a reação deles teria sido diferente. Contudo, quando ela comentou isso com o pai, ele disse-lhe para não ser tão antiquada, não se preocupar tanto. Mas uma razão para ele aprovar esta relação já tão séria era o dinheiro que a família de Harry tinha. Victoria estava

certa de que eles não ficariam tão descontraídos se Harry Wilkes fosse pobre. Já tinha comentado isto com Helen, Harlan e John, sempre que o assunto vinha à baila. Preocupava-se muito com Grace. Tinha receio de que os pais lhe tivessem feito uma lavagem cerebral para seguir todos os ideais errados.

O almoço tinha começado tardiamente depois da cerimónia e prolongou-se até às quatro horas da tarde. Por fim, levantaram-se da mesa e Grace foi devolver o seu traje alugado. Pediu a Victoria para lhe guardar o diploma e disse que Harry a levava a casa depois. Nessa noite, iam sair com amigos. Harry ia levar o *Ferrari* que os pais lhe tinham dado como prenda de licenciatura. Victoria viu-os a beijarem-se assim que se afastaram e pensou que parecia que ainda no dia anterior ele estava especado à frente deles com uma raquete de ténis na mão quando ela era caloira e foi viver na residência de estudantes.

— Devo estar a ficar velha — lamentou-se Victoria para o pai quando entraram no carro para se irem embora. — Ainda há cinco minutos ela tinha cinco anos. Como é que chegámos aqui?

— A quem o dizes! Sinto o mesmo contigo. — Ele até conseguiu ficar com um ar afetuoso ao dizer isto, o que surpreendeu Victoria.

Durante os quatro anos que Grace esteve na universidade, Victoria saiu com alguns rapazes que conheceu, um advogado, um professor, um corretor da bolsa, um jornalista. Mas nenhum deles tinha tido grande significado para ela e as relações acabavam por durar apenas algumas semanas ou meses. Victoria era agora a responsável pelo Departamento de Inglês da Escola Madison e ainda vivia no mesmo apartamento. Já só o partilhava com Harlan e John. Cada um deles usava um segundo quarto como escritório. Bunny tinha casado há três anos e já tinha dois filhos. Mudara-se há pouco tempo para Washington, DC, com o marido e os bebés. Ele trabalhava para o governo, e os amigos suspeitavam que deveria ser para a CIA. Bunny dedicava-se aos filhos e à casa. Harlan ainda trabalhava no Instituto do Traje e John estava na mesma escola no Bronx. Victoria tinha parado há dois anos com as consultas com a doutora Watson. Não havia mais nada a dizer. Já tinham falado dos mesmos assuntos várias vezes e estavam de acordo. Já não havia mistérios a descobrir. Os pais tinham tido um tratamento injusto para com ela e tinham direcionado todo o amor para a irmã sem nunca deixarem nenhum para ela; nem mesmo antes de Grace nascer lhe tinham dado amor. Resumindo, tinham feito com que ela se sentisse infeliz, mas ela adorava profundamente a irmã e pouco sentia pelos pais, nem raiva, nem afeto. Eles eram egoístas e egocêntricos e nunca deviam ter tido filhos, ou, pelo menos, nunca a deviam ter tido a ela. Grace assentava-lhes bem e ela não. Apesar de tudo isso, Victoria estava bem. Sentia que a doutora Watson tinha sido de uma grande ajuda. Ainda tinha os mesmos pais e o mesmo problema com o peso, mas já lidava melhor com estes dois fatores.

Ainda não encontrara o homem dos seus sonhos e talvez nunca o encontrasse, mas adorava o emprego. Ainda dava aulas ao décimo segundo ano e o peso ainda oscilava. Os hábitos alimentares dependiam do tempo, do trabalho, do estado da vida amorosa ou da falta dela e da disposição. Naquele momento, estava mais pesada do que gostava. Não saía com nenhum rapaz há cerca de um ano, mas continuava a insistir que o peso nada tinha que ver com a vida

sentimental. Harlan não se coibia em discordar, e salientava que ela engordava mais e comia mais sempre que estava sozinha e se sentia infeliz. Tinham comprado uma passadeira para a sala e, apesar de ela também ter contribuído para a compra, nunca a usava. Harlan e John usavam-na constantemente.

Victoria ia voltar para Nova Iorque na manhã a seguir à cerimónia de entrega do diploma de Grace, e, nessa noite, jantou em casa com os pais. Era um sacrifício a que se obrigava pelo menos uma vez em cada visita. O pai andava a falar em reformar-se daí a pouco tempo e a mãe continuava uma fanática jogadora de *bridge*. A cada ano que passava, Victoria tinha cada vez menos para lhes dizer. As piadas do pai sobre o peso dela não eram divertidas e agora ele juntava comentários sobre o facto de ela não ser casada, não ter namorado e não ser provável vir a ter filhos. Ligava tudo ao peso dela. Ela já não discutia com ele, nem sequer se tentava defender ou explicar. Deixava que os comentários e as piadas caíssem em saco roto. Eram sempre iguais. E o pai ainda achava que o emprego dela era uma perda de tempo.

Ao jantar, o pai revelou que ia arranjar um trabalho a Grace como redatora publicitária na agência dele, quando ela regressasse da Europa. Victoria estava a ajudar a mãe a pôr a louça na máquina depois do jantar quando Grace chegou a casa inesperadamente. Como estava a viver com Harry, não ia lá a casa com muita frequência e, por isso, ficaram todos surpreendidos e satisfeitos ao vê-la. Tinha a face ruborizada e os olhos brilhantes ali especada na cozinha a olhar para eles. De repente, Victoria sentiu o estômago a dar voltas quando Grace disse o que ela temia:

— Estou noiva! — Por uma fração de segundos, fez-se um silêncio aterrador na sala, até que o pai soltou um grito e a rodopiou nos braços tal como quando era miúda.

— Bravo! Muito bem! Onde está o Harry? Também o quero felicitar!

— Ele só veio deixar-me aqui e foi contar aos pais dele — respondeu ela contente, enquanto Victoria se voltava para os pratos sem dizer uma só palavra. A mãe andava toda contente à volta da filha e abraçou-a. Grace estendeu a mão para eles poderem ver o grande anel de diamantes no dedo. Ia mesmo acontecer. Era verdade.

— Tal como comigo e com o teu pai — reparou a mãe em êxtase. — Ficámos noivos na noite da cerimónia de entrega dos nossos diplomas e casámos no Natal. — Todos já conheciam a história. — Quando é o casamento? — perguntou ela como se o quisesse começar já a planear.

Os pais não questionaram por um só minuto o que ela estava a fazer ou se não era demasiado nova, por razões óbvias relacionadas com Harry. Acharam que era uma excelente ideia e um grande feito a filha deles casar com um Wilkes. Tudo girava à volta dos egos deles e não se importavam com o que era melhor para Grace. Por fim, Victoria virou-se e olhou para a irmã mais nova com um ar preocupado.

— Não achas que és muito nova? — perguntou ela com sinceridade. Grace tinha apenas vinte e dois anos e Harry vinte e sete, o que, para Victoria, significava ser jovem.

— Namoramos há quatro anos — respondeu Grace, como se assim estivesse tudo bem, mas para a irmã não estava. Só piorava. Nunca teve a oportunidade de crescer sozinha, de desenvolver as suas próprias opiniões ou de conhecer outros rapazes na universidade, e até

mesmo sair com eles.

— Alguns dos meus alunos também namoram há quatro anos, mas não têm idade para casar. Estou preocupada contigo — acrescentou Victoria. — Só tens vinte e dois anos. Precisas de um emprego a sério, uma carreira, alguma independência e uma vida própria antes de casar. Qual é a pressa? — Por um momento, ficou aterrorizada a pensar se ela estaria grávida, mas achava que não. Grace tinha anunciado que ia casar com ele logo no dia em que o conheceu. E, agora, ia acontecer. Era um sonho realizado. Era o que Grace queria e parecia zangada por causa das perguntas que Victoria lhe estava a fazer e pela evidente falta de entusiasmo.

— Não podes ficar feliz por mim? — perguntou ela irritada. — Tem de ser tudo como tu achas? Estou feliz. Amo o Harry. Não me interesso por ter uma carreira. Não tenho uma vocação como tu. Só quero ser a mulher do Harry! — Para Victoria não parecia ser o suficiente, mas talvez Grace tivesse razão. Quem era ela para decidir?

— Desculpa — disse ela tristemente. Não discutiam há anos. A última discussão tinha sido sobre os pais, quando Grace os defendeu calorosamente e Victoria lhe disse que ela estava enganada. Por fim, acabou por recuar, porque a irmã era muito nova para perceber e, de qualquer maneira, era um deles. Desta vez, Victoria sentiu a mesma coisa. Era novamente a diferente, que não ficara feliz por ela e que se atrevera a dizê-lo, era aquela que não se encaixava. — Só quero que sejas feliz e que tenhas a melhor vida possível. E acho que és muito nova.

— A mim, parece-me que ela vai ter uma vida ótima — reforçou o pai a apontar para o anel.

Victoria sentiu-se enojada ao vê-lo fazer aquele gesto. Sabia que não estava com ciúmes. Ter uma filha que ia casar com um homem rico era o complemento perfeito para o narcisismo do pai. Com o anel no dedo, Grace tornava-se um troféu, uma prova do seu sucesso como pai que tinha educado uma filha que conseguia casar com um homem rico. Victoria detestava o que isso significava e Grace nem se apercebia. Estava demasiado envolvida na vida dela e tinha demasiado medo de entrar no mundo a sério, arranjar um emprego, conhecer pessoas novas, fazer alguma coisa por ela. Portanto, em vez disso, ia casar com Harry. E enquanto estes pensamentos ocupavam Victoria, Harry entrou na cozinha radiante e Grace atirou-se para os braços dele. Era fácil perceber como ela estava feliz e ninguém lhe queria negar essa felicidade. O pai felicitou Harry com palmadinhas nas costas e a mãe foi buscar uma garrafa de champanhe, que Jim abriu de imediato, começando a encher os copos enquanto Victoria os olhava nostálgica. Os acontecimentos mais importantes avançavam a uma velocidade estonteante. Acabar o secundário, a universidade e agora ficar noiva. Era muito para digerir de uma só vez. Pôs as desaprovações de lado, atravessou a sala e foi abraçar Harry, pela irmã, enquanto Grace olhava aliviada. Não queria que ninguém interviesse no que estava a fazer, que a impedisse ou que a desafiasse. Era o sonho dela.

— Então, e quando é o grande dia? Já marcaram uma data? — perguntou o pai depois de fazerem um brinde ao casal e beberem um gole de champanhe. Harry e Grace olhavam radiantes um para o outro e Harry respondeu por ela, que era uma das coisas que Victoria não gostava nele. Grace também tinha voz e queria que ela a usasse. Esperava que o casamento não fosse

para breve.

— Em junho — disse Harry sorrindo para a noiva pequenina. — Temos muita coisa para organizar antes disso. A Grace vai andar muito ocupada a planear o casamento. — Alternava o olhar entre a futura sogra e a futura cunhada, como se estivesse à espera que elas dissessem alguma coisa e se pusessem a tratar já do casamento. — Calculámos, para já, cerca de quatrocentos ou quinhentos convidados — acrescentou ele alegremente, sem sequer consultar os pais da noiva para saber se haveria algum problema. Também não lhes tinha pedido a mão da noiva em casamento. Tinha-a pedido em casamento, mas também sabia que Jim Dawson aprovaria. A mãe de Grace quase que desmaiava ao ouvir o número de convidados. Mas Jim pareceu satisfeito ao abrir mais uma garrafa de champanhe e a servir mais uma rodada.

— As senhoras tratam de tudo — disse ele a sorrir primeiro para Harry e de seguida para a mulher e para as filhas. — Eu só tenho de pagar as contas. — Victoria ficou especada a olhar para o pai e a pensar como ele era um vendido, mas era este o tipo de casamento que ele queria para a filha, sem sequer questionar se ela era demasiado nova ou se aquilo tudo não era um grande erro. Victoria sabia que, se dissesse alguma coisa, seria acusada de ser a filha mais velha com excesso de peso, que não tinha namorado, não conseguia encontrar um marido, que tinha ciúmes da linda irmã mais nova e que queria intrometer-se.

Acabaram de beber a segunda garrafa de champanhe e abraçaram novamente o jovem casal. Harry disse que os pais queriam jantar com eles um dia destes. Victoria pôde abraçar mais uma vez a irmã.

— Adoro-te! Desculpa se te chateei.

— Não faz mal — sussurrou Grace. — Só quero que fiques feliz por mim. — Victoria anuiu. Não sabia o que dizer. E, assim, o jovem casal foi-se embora. Iam encontrar-se com uns amigos e iam a uma festa. Grace queria exibir o anel. Depois de eles saírem, Victoria ouviu o *BlackBerry* dela a tocar e foi buscá-lo. Era uma mensagem da irmã: «Adoro-te! Fica feliz por mim.» Victoria respondeu rapidamente com a única resposta que podia dar: «Também te adoro.»

— Tens um ano para planear o casamento — disse Jim a Christine assim que Grace e Harry se foram embora. — Vai manter-te ocupada. Talvez até tenhas de parar por uns tempos com o *bridge*.

E, nisto, Victoria recebeu mais uma mensagem. Era de Grace novamente: «Dama de honor?» Victoria sorriu. Iam convencê-la de qualquer maneira, mas ela nem sonhava em recusar tal pedido à irmã. «Sim. Obrigada. Claro!» Foi a única resposta possível. Era a dama de honor, e a irmã mais nova ia casar. Tinha sido um dia em cheio!

CAPÍTULO 17

Assim que regressou a Nova Iorque, dois dias depois da cerimónia de entrega do diploma de Grace, Victoria ligou à doutora Watson. A psicóloga ainda dava consultas no mesmo sítio e tinha o mesmo número, e, nessa noite, ligou de volta a Victoria. Perguntou-lhe como estava e ela respondeu que estava bem, mas que precisava muito de a ver, por isso, a psicóloga conseguiu encaixá-la entre as consultas do dia seguinte. Quando Victoria entrou, a psicóloga reparou que ela, no geral, estava na mesma. Não tinha mudado. Victoria usava umas calças de ganga pretas, uma *t-shirt* branca e umas sandálias. Estava um dia quente de verão em Nova Iorque. O peso dela estava igual à última consulta que tiveram. Não estava melhor nem pior.

— Está tudo bem? — perguntou a psicóloga, parecendo preocupada. — Pareceu-me um assunto urgente.

— Acho que é. Estou a ter uma espécie de despertar ou crise de identidade. — Desde o dia da festa da irmã que andava mal-humorada. Já era difícil vê-la acabar o curso, quanto mais vê-la ficar noiva no mesmo dia. — A minha irmã mais nova ficou noiva recentemente. Tem vinte e dois anos. Ficou noiva no dia em que acabou o curso, tal como os meus pais. Eles acham ótimo, pois o rapaz com quem ela vai casar, ou com quem quer casar, tem muito dinheiro. Eu acho que eles estão todos doidos. Ela tem vinte e dois anos. Não vai ter um emprego porque ele não quer. Queria trabalhar na área de jornalismo, agora já não quer saber. E vai acabar tal e qual como a minha mãe, a servir-lhe de cenário, apoiando todas as opiniões dele, e o noivo tem muitas, tal como o meu pai. Ela vai perder-se se casar com este rapaz e, só de pensar nisso, fico maluca. Tudo o que quer fazer é casar com ele. Eu acho que ela é muito nova. Ou talvez eu tenha apenas inveja por não ter vida própria. Tudo o que tenho é o trabalho que adoro. E se disser qualquer coisa sobre não concordar com o casamento, tanto ela como os meus pais vão pensar que é rancor. — Victoria expôs a história toda de rompante.

— E é rancor? — perguntou-lhe a psicóloga diretamente.

— Não sei. — Victoria era sempre sincera com ela.

— O que quer, Victoria? — pressionou-a a psicóloga. Sabia que estava na altura de o fazer. Victoria estava pronta. — Não para ela, mas para si.

— Não sei — disse ela novamente, mas a doutora Watson sabia bem.

— Sabe, sim. Pare de se preocupar com a sua irmã. Pense em si. Porque é que voltou aqui? O que quer? — Os olhos de Victoria encheram-se de lágrimas ao ouvir a pergunta. Ela sabia. Só tinha medo de o dizer ou de o admitir.

— Quero uma vida própria — disse ela baixinho. — Quero um homem na minha vida. Quero o que a minha irmã quer. A diferença é que eu tenho idade para o ter e nunca o terei. — De repente, a voz ficou mais forte e ela sentiu-se com mais força. — Quero uma vida, um homem, e quero perder dez quilos até junho ou, pelo menos, nove. — Era evidente.

— O que vai acontecer em junho? — A psicóloga estava confusa.

— É o casamento dela. Eu vou ser dama de honor. Não quero que as pessoas tenham pena de mim por eu ser um fracasso. A irmã mais velha gorda e solteirona. Não quero ser isso no casamento dela.

— Está bem, é justo. Temos um ano para trabalhar nisso. Parece-me aceitável — disse a psicóloga a sorrir. — Temos aqui três projetos. Uma vida, como disse, e tem de definir o que isso significa para si. Um homem. E o peso. Temos muito trabalho pela frente.

— Está bem — disse Victoria com a voz trémula. Foi um momento emocional para ela. Tinha tido uma epifania. Estava farta de não ter o que queria e de nem sequer o admitir a si própria, porque pensava que não o merecia, pois os pais sempre lho haviam dito. — Estou pronta.

— Acho que está — confirmou a psicóloga satisfeita, enquanto olhava para o relógio atrás de Victoria. — Vemo-nos na próxima semana? — Victoria anuiu, consciente do que tinha de fazer. Era mais importante do que um casamento. Tinha de fazer uma dieta a sério e, desta vez, fazer tudo o que fosse preciso para a manter. Tinha de fazer um esforço para sair para o mundo, conhecer rapazes e vestir-se para tal. Além disso, tinha também de abrir a vida a novas oportunidades, pessoas, lugares, coisas, a tudo o que desejava, mas que nunca teve a coragem de fazer. Era mais aterrador do que quando se tinha mudado para Nova Iorque e mais difícil de organizar do que um casamento. Mas ela sabia que o tinha de fazer. Quando Grace casasse, Victoria teria trinta anos. Nessa altura, também queria ter o seu sonho já concretizado, não apenas o de Grace.

Saiu do consultório sentindo-se fortalecida. Entrou no apartamento, foi direita à cozinha e começou a limpar o frigorífico. Começou com a parte do congelador e atirou fora todas as pizas congeladas e oito caixas de gelado. Harlan e John entraram quando ela estava nestas limpezas. John andava a trabalhar no museu com Harlan durante as férias de verão da escola.

— Caramba! Isto parece sério — comentou Harlan a olhar para ela admirado. O chocolate que tinha trazido de uma festa da escola foi a seguir para o lixo, assim como um *cheesecake* meio comido. — Há aqui alguma mensagem subliminar ou estás só a fazer limpezas maiores?

— Vou perder dez quilos até junho e, desta vez, quero mantê-los.

— Há alguma razão para essa resolução? — perguntou ele com alguma cautela, enquanto John tirava duas cervejas do frigorífico. Abriu-as e passou uma a Harlan e bebeu um gole. Que bem que lhe sabia. Mas ela não gostava muito de cerveja. Preferia vinho, que também engordava. — Há namorado? — perguntou Harlan a olhar para ela esperançoso.

— Também, mas ainda não o conheci. — Ao dizer isto, virou-se para eles, fechando o frigorífico. — A Grace vai casar em junho. Não vou ser dama de honor com dez quilos a mais e a viver como uma velha. Voltei a ir à psicóloga.

— Isso até parece a marcha sobre a Geórgia — comentou Harlan satisfeito. Era o que ela precisava e teve durante anos. Ultimamente, tinha começado a deixar de ter esperança nela. Os seus hábitos alimentares estavam piores e o peso nunca diminuía. — Força, miúda! Se precisares de alguma coisa, diz-nos.

— Chega de gelados e de pizas. Vou começar a usar a passadeira e vou ao ginásio. Talvez até vá a um nutricionista ou a um hipnotizador. Faço tudo o que for preciso.

— Com quem é que a Grace vai casar afinal? Ela não é muito novinha? Ainda a semana passada acabou a faculdade.

— É demasiado nova! É uma estupidez completa. O meu pai adora-o, porque é rico. É o mesmo rapaz com quem namora há quatro anos.

— Que mau! Mas nunca se sabe. Talvez resulte.

— Espero bem que sim. Ela vai abdicar da sua própria identidade para casar com ele. Mas é o que ela quer ou pensa que quer.

— Ainda falta muito até junho. Pode acontecer muita coisa até lá.

— É verdade — concordou ela com uma luz intensa nos olhos que ele não via há anos, talvez até nem nunca tivesse visto. Tinha uma missão sagrada. — Estou a contar com isso. Tenho um ano para pôr a minha vida e o meu corpo em forma.

— Tu consegues — assegurou-lhe Harlan.

— Eu sei que consigo — disse ela, acreditando finalmente em tais palavras, pensando porque teria demorado tanto tempo. Durante vinte e nove anos, tinha acreditado nos pais, que era feia, gorda e condenada ao fracasso, porque era pouco atraente. E, subitamente, percebeu que, só por eles o dizerem ou pensarem, não significava que fosse verdade. Estava determinada a tirar as algemas que eles lhe tinham posto. Tudo o que queria agora era ser livre.

No dia seguinte, foi a um nutricionista e voltou a casa com instruções e uma balança para a comida. De seguida, inscreveu-se num ginásio novo. Tinham máquinas fantásticas, uma sala de musculação, um estúdio de dança, uma sauna e uma piscina. Victoria ia ao ginásio todos os dias e, de manhã, corria à volta do lago. Seguiu a dieta com muito cuidado e pesava-se todas as semanas. Quase todos os dias falava com Grace sobre o casamento e com a mãe mais do que queria. Elas não pensavam em mais nada. Victoria chamou-lhe a «febre do casamento». No primeiro dia de aulas, já tinha perdido quatro quilos e sentia-se bem. Estava em forma, mas ainda tinha muito que fazer. Já tinha atingido uma meta, mas estava determinada a não se sentir desencorajada. Já tinha passado por isso. Muitas vezes. Mas, desta vez, não ia deixar que isso acontecesse e, por isso, continuou a consultar a psicóloga com frequência. Falavam dos pais, dos desejos para a irmã e, finalmente, falavam do que ela queria para si própria. Nunca antes tinha feito isso.

Os alunos também sentiram diferença nela. Estava mais forte e mais segura de si. Helen e Carla estavam orgulhosas dela e não se cansavam de o dizer.

Victoria estava zangada por a irmã não estar a trabalhar e não ter feito nada depois de se licenciar. Agora que estava noiva, nem sequer andava à procura de um emprego e Victoria achava que isso não era bom para a sua autoestima. Grace dizia que não tinha tempo, mas a irmã

mais velha sabia que a vida era mais do que planear um casamento e ser casada com um homem rico. A psicóloga disse-lhe que isso não era problema seu e que devia concentrar-se em si própria, e ela assim fez. Mas a preocupação com a irmã também a incomodava.

Em setembro, perdeu apenas um quilo, mas, ao todo, já tinha perdido cinco, por isso, já tinha cumprido metade do objetivo e estava mais magra quando Grace anunciou em outubro que ia lá passar um fim de semana para ver vestidos de noiva e para escolher os vestidos das damas de honor e queria a ajuda de Victoria. Victoria não sabia se estava preparada para isso, mas Grace era a irmã mais nova que ela adorava e a quem nunca conseguia recusar nada, por isso, concordou, apesar dos trabalhos que tinha de corrigir durante o fim de semana. A psicóloga perguntou-lhe porque é que ela não pedira a Grace para ir noutra altura. O casamento era só em junho.

— Não podia fazer isso — respondeu Victoria com sinceridade.

— Porquê?

— Não consigo dizer-lhe que não. Nunca digo.

— Porque é que não quer que ela venha este fim de semana? — Estavam a ser completamente sinceras.

— Tenho muito trabalho — disse Victoria enquanto a psicóloga olhava para ela e a pressionava.

— É mesmo essa a razão?

— Não. Ainda não emagreci o suficiente e tenho receio que ela escolha um vestido para as damas de honor que me fique horrível. As amigas vestem o tamanho dela. Devem usar um trinta e quatro e nunca ouviram falar no quarenta e quatro.

— Você é você. Em junho, já não há de vestir um quarenta e quatro — assegurou-lhe a psicóloga. Victoria ainda não tinha vacilado na sua resolução.

— E se ainda vestir? — perguntou ela em pânico. O sonho dela era chegar ao trinta e oito. Mas até mesmo um quarenta já seria um grande entusiasmo se conseguisse mantê-lo.

— Porque é que acha que não consegue?

— Porque tenho receio de que o meu pai tenha razão e eu seja um fracasso. A Grace provou novamente que ele tinha razão. Vai casar aos vinte e dois anos com o rapaz perfeito. Quando ela se casar, eu já terei trinta anos e ainda não me casei. Nem sequer tenho um namorado, não saio com ninguém. Sou apenas uma professora.

— E uma professora muito boa — recordou-lhe a psicóloga. — É a responsável pelo Departamento de Inglês na melhor escola particular de Nova Iorque. Não é nada pouco. — Victoria sorriu com o comentário. — Além disso, é a dama de honor. Pode vestir uma coisa completamente diferente, se a sua irmã escolher um vestido que não lhe fique bem. Ela está a dar-lhe a possibilidade de escolher.

— Não — corrigiu-a Victoria. Conhecia bem a irmã mais nova. Podia deixar Harry decidir tudo, mas tinha ideias próprias sobre algumas coisas. — Está a dar-me a possibilidade de vê-la a escolher.

— Então, é uma boa oportunidade para fazer as coisas de forma diferente com ela —

sugeriu a terapeuta.

— Vou tentar. — Mas Victoria não pareceu muito convencida.

Grace chegou na sexta-feira de manhã, quando Victoria ainda estava na escola. Assim que pôde, correu para casa para se encontrar com ela. Tinha deixado a chave debaixo do tapete da entrada e, portanto, Grace já estava lá dentro à sua espera, a andar na passadeira.

— Esta máquina é muito boa — disse ela a sorrir para a irmã. Parecia uma anã ou uma criança naquela máquina enorme.

— É bom que seja — respondeu Victoria. — Custou-nos uma fortuna.

— Devias usá-la um dia destes — disse Grace ao sair da máquina.

— E tenho usado — retorquiu Victoria, orgulhosa do peso que tinha perdido até então e desiludida por Grace não ter reparado nisso. A cabeça dela estava completamente virada para o casamento, enquanto abraçava a irmã mais velha. Queria ir de imediato para a Baixa e começar as compras. Até tinha uma lista de lojas onde queria ir. Victoria passara o dia todo na escola e sentia-se estafada. Teve de ir de manhã cedo para uma reunião do departamento. Mas preparou-se em cinco minutos e saíram as duas para a Baixa. Era difícil não dar conta da pedra enorme no dedo dela.

— Não tens medo de levar um esticão por andares com essa coisa? — Ainda estava preocupada com ela. Grace seria sempre a sua irmã bebé, não era diferente do dia em que foi para o primeiro ano.

— Ninguém julga que é verdadeiro — disse Grace descontraidamente quando saíram do táxi e se dirigiram para o Bergdorf.

Subiram ao piso dos vestidos de casamento e começaram à procura de vestidos de noiva. Tinham uma dúzia deles pendurados em cabides e espalharam-nos pelo piso, enquanto Grace os ia vendo a abanar a cabeça. Nenhum deles lhe pareceu o certo para ela, embora Victoria os achasse lindos. Grace decidiu mudar de direção e pediu para ver vestidos de damas de honor. Tinha uma lista de estilistas e cores que queria ver e as funcionárias da loja levaram-lhe tudo o que tinham. Ia ser um casamento formal ao fim da tarde. Harry ia usar uma gravata branca e os amigos mais chegados iam usar gravata preta. Até agora, Grace tinha pensado em vestidos cor de pêssego, azul-claro ou champanhe para as damas de honor, cores que Victoria podia usar. Era tão loura e tinha uma pele tão clara que havia algumas cores que não lhe ficavam nada bem, como o vermelho, por exemplo, mas Grace assegurou-lhe que nunca iria vestir as damas de honor de vermelho. Parecia um general a dar ordens às tropas à medida que as funcionárias da loja lhe iam trazendo os vestidos. Grace estava a controlar tudo e a planear aquilo que parecia ser um grande evento nacional, como um concerto de *rock*, uma feira internacional ou uma campanha presidencial. Este era o momento dela, em que iria ser a estrela do espetáculo. Victoria não pôde deixar de pensar como estaria a mãe a lidar com tudo isto. Era um bocadinho avassalador estando perto, e o pai não andava a conter-se nas despesas. Queria que a família Wilkes ficasse impressionada e que a filha preferida ficasse orgulhosa. Na ânsia da concentração intensa naquilo que estava a fazer, Grace ainda não tinha reparado no peso que Victoria já perdera, o que a magoava, mas não quis ser infantil e ficou atenta aos vestidos que

Grace estava a escolher. Quando saíram, ficou a pensar em três vestidos. Ia ter dez damas de honor. Victoria começou a pensar que, se fosse ela a casar não teria dez amigas. Teria apenas Grace como sua acompanhante e mais ninguém. Mas Grace fora sempre uma menina de ouro. E agora era a estrela e estava a adorar todos os momentos. Estava cada vez mais parecida com os pais, mais do que Victoria queria admitir. Vinha de uma família de estrelas e Victoria sentia-se como um meteorito que tinha caído na Terra num monte de cinzas.

A loja seguinte foi o Barneys e, por fim, acabaram no Saks. No dia seguinte, Grace tinha marcado um encontro com Vera Wang. Também queria ver Oscar de la Renta, mas não tinha tido tempo para marcar uma visita. Victoria começou, então, a perceber a grandiosidade do acontecimento. A família Wilkes também ia dar um jantar de ensaio formalíssimo que ia ser maior e mais elaborado do que muitos casamentos. Portanto, ia ser uma dor de cabeça dupla em termos dos vestidos de que iam precisar. Grace revelou que a mãe já tinha decidido usar bege no casamento e verde-esmeralda no jantar de ensaio na noite anterior. Já estava preparada. Tinha ido ao Neiman Marcus e encontrara os vestidos perfeitos para ambos os eventos. Assim, Grace podia concentrar-se em si própria.

Também não gostou dos vestidos de noiva no Saks e deixou bem claro que procurava algo de extraordinário para o casamento. Grace, a irmã bebé, tinha crescido. Já nada parecia ser suficientemente especial para ela. Victoria ficou um pouco espantada com a determinação dela. Grace também não ficou entusiasmada com os vestidos das damas de honor que viram, mas, de repente, deu um grito quando viu um.

— Meu Deus! — disse ela completamente maravilhada, como se tivesse encontrado o Santo Graal. — É este! Nunca tinha pensado nesta cor!

Era, sem dúvida alguma, um vestido maravilhoso, embora Victoria não o conseguisse imaginar num casamento, especialmente multiplicado por dez. Castanho era a cor da estação que se iniciava. Era mais suave do que o preto, explicou-lhes a funcionária da loja. O vestido que chamou a atenção de Grace era de seda pesada, sem alças, com pregas pequeninas justas ao corpo até à anca, que depois se abriam até ao chão. O acabamento era requintadíssimo num tom de castanho-escuro. Na opinião de Victoria, o único problema era que apenas uma mulher magra e sem peito o podia vestir. O sítio em que deixava de ser justo ao corpo e alargava nas ancas iria tornar Victoria descomunal. Era um vestido que apenas assentava bem numa rapariga com as medidas de Grace e da maioria das amigas dela. O modelo que estava a ver seria muito grande para a irmã. Victoria nem queria imaginar como ficaria nela, mesmo que emagrecesse.

— Toda a gente vai adorar — exclamou Grace com uma expressão de delírio. — Depois também o podem usar num evento formal.

O vestido era caro, mas isso não era problema para a maioria das damas de honor e o pai prometera pagar a diferença se encontrasse um vestido que alguma delas não pudesse pagar. O preço não era o problema para Victoria, uma vez que o pai é que ia pagar. O problema é que o vestido lhe ia ficar horrível. Ela tinha o peito e as ancas demasiado largos para aquele estilo. E a juntar à angústia dela, era cor de chocolate amargo, que não combinava com o tom de pele claro, os olhos azuis e o cabelo louro de Victoria.

— Não posso usar esse vestido — disse ela à irmã com sensatez. — Vou parecer uma montanha de mousse de chocolate. Nem que perca vinte quilos ou mesmo quarenta! O meu peito é demasiado grande e essa cor não me fica bem. — A irmã mais nova olhou para ela com olhos suplicantes.

— É exatamente isto que eu queria. É um vestido lindíssimo.

— Pois é — concordou Victoria prontamente —, mas para uma pessoa com as tuas medidas. Se o vestires e eu ficar com o vestido de noiva, ficamos perfeitas. Esse vestido vai ficar horrível em mim. De certeza que nem sequer há o meu número.

— Pode mandar fazê-lo em qualquer tamanho — disse a funcionária da loja toda prestável. Era um vestido caro que faria uma ótima venda.

— Podemos encomendar dez para junho? — perguntou Grace com um olhar de pânico, ignorando por completo os apelos de clemência da irmã.

— Com certeza que sim. Provavelmente, conseguimos arranjá-los para dezembro se me der os tamanhos. — Grace mostrou-se aliviada e Victoria ficou quase em lágrimas.

— Grace, não me podes fazer isto. Vou ficar horrível nesse vestido.

— Não vais nada. Também já disseste que querias emagrecer.

— Mesmo assim, não o vou poder usar. Para usar esse vestido, tinha de ter as tuas medidas. — Grace olhou para ela com lágrimas nos olhos e a mesma expressão que derretia o coração da irmã mais velha desde os cinco anos.

— Só me caso uma vez — disse ela num tom de súplica. — Quero que fique tudo perfeito para o Harry. Quero que seja o casamento dos meus sonhos. Toda a gente escolhe tons de rosa, azul e pastel. Nunca ninguém pensa em castanho para as damas de honor. Vai ser o casamento mais elegante de Los Angeles!

— Com uma dama de honor que parece um elefante.

— Hás de emagrecer até lá. Quando te esforças, consegues sempre emagrecer.

— A questão não é essa. Para caber nisso, teria de me submeter a uma cirurgia. — E as preguinhas no tecido ao longo do corpete só pioravam.

Grace já estava a planear pôr as damas de honor com orquídeas castanhas a condizer com os vestidos. Nada a ia dissuadir e Victoria, quase em lágrimas, viu-a fazer a encomenda ao seu lado. A irmã acabava de garantir que ela iria ficar um monstro no casamento, enquanto as amigas anoréticas e magrinhas iriam ficar maravilhosas no vestido castanho sem alças. Não estava em questão a beleza do vestido, mas não era adequado para Victoria. Desistiu de tentar dissuadi-la e sentou-se em silêncio enquanto Grace dava à funcionária da loja os tamanhos para os vestidos. Quando regressasse a casa, confirmaria os restantes números. Estava completamente em júbilo quando saíram da loja. Quase que dançava de excitação e Victoria sentou-se em silêncio no táxi durante todo o caminho. Pararam num mercado pequeno a caminho de casa e, sem pensar, Victoria pôs três caixas de *Häagen-Dazs* no balcão. Grace nem sequer reparou. Estava habituada a ver Victoria a comprar gelados. Não fazia ideia de que ela não comia nenhum há quatro meses. Era como um alcoólico em recuperação a ter um deslize num bar e a pedir vodka com gelo.

Voltaram para o apartamento e Grace apressou-se a ligar à mãe enquanto Victoria arrumava as compras no momento em que Harlan entrava. Olhou para o gelado, apontou como se alguma coisa estivesse a arder e olhou para Victoria com horror e incredulidade.

— O que é isso?

— Ela encomendou vestidos castanhos sem alças para as damas de honor que eu não posso vestir.

— Então, diz-lhe que não o podes vestir e encomenda outra coisa qualquer — disse ele tirando-lhe os gelados da mão e pondo-os no lixo. — Talvez o vestido não seja tão mau quanto pensas.

— É lindo! Mas não em mim. Nem sequer aquela cor me fica bem, quanto mais o modelo.

— Diz-lhe isso — frisou ele com firmeza, parecendo a psicóloga a falar.

— E disse. Ela não me deu ouvidos. É o casamento de sonho dela. Está a pensar fazê-lo só uma vez e quer que seja perfeito. Para toda a gente, menos para mim.

— A tua irmã é uma boa miúda. Explica-lhe.

— Ela é uma noiva em missão. Devemos ter visto uns cem vestidos hoje. Vai ser o acontecimento do século.

— Não ajuda em nada estragares a dieta agora — disse ele, tentando encorajá-la. Tinha ficado incomodado por vê-la com o gelado na mão. Portara-se tão bem até agora que não queria que ela estragasse tudo por causa de um vestido.

De seguida, Grace telefonou às amigas todas a falar-lhes do vestido fabuloso que tinha encomendado, e Victoria, sentada na cozinha, estava desesperada. Sentiu-se novamente uma pessoa invisível. Grace não estava a ouvi-la. Agora, tudo girava à volta da irmã mais nova. Era difícil viver com isso. Victoria estava deprimida por causa do vestido. Não sabia o que havia de fazer. Era evidente que Grace não lhe ia dar ouvidos, acontecesse o que acontecesse.

Nessa noite, jantaram com Harlan e John na cozinha e Grace contou-lhes todos os pormenores do casamento. No final da refeição, Victoria já estava enjoada.

— Talvez eu esteja só com inveja — sussurrou ela a Harlan depois de Grace sair da cozinha para ir telefonar a Harry antes de se deitar.

— Não me parece que seja inveja. É um bocado exagerado. Ela está completamente descontrolada. O teu pai está a criar um monstro ao deixá-la fazer o que ela quer para o casamento.

— Ele acha que o faz parecer importante — explicou Victoria, ainda com um ar deprimido. Era a primeira vez na vida que não gostava da companhia de Grace. Até agora, o fim de semana estava a ser uma catástrofe.

O dia seguinte não foi muito melhor. Victoria foi com ela à reunião com Vera Wang. Viram dezenas de possibilidades de vestidos de noiva e, por fim, a estilista ofereceu-se para lhe mandar uns esboços feitos com base no que Grace tinha dito. Ela ficou entusiasmadíssima.

Como já era tarde, foram ao Serendipity almoçar. Grace pediu uma salada e Victoria pediu ravioli de queijo e um *mochaccino* gelado com natas por cima e comeu tudo. Grace não viu nada de invulgar no que a irmã pediu, pois estava habituada a que Victoria comesse coisas do

género. Estragar a dieta por completo ainda deixou Victoria mais infeliz. Quando voltaram para o apartamento, estava exausta, deprimida, e sentia que estava prestes a explodir. Há meses que não comia nada daquilo e Harlan conseguiu ver-lhe a culpa estampada no rosto.

— O que é que fizeste hoje?

— Fui ver vestidos de noiva da Vera Wang — respondeu ela com ar vago.

— Não era a isso que me referia e tu sabe-lo bem. O que é que almoçaste?

— Não queiras saber. Esqueci a dieta por completo — confessou ela com ar de culpa.

— Não vale a pena, Victoria — relembrou-lhe ele. — Esforçaste-te tanto nestes últimos quatro meses. Não estragues tudo.

— O casamento está a deixar-me nervosa. Sinto que estou a dar cabo de mim por causa do vestido que tenho de vestir. E a minha irmã está a transformar-se numa pessoa que nem conheço. Na idade dela, não devia estar prestes a casar com este rapaz, nem com nenhum. Ele vai controlar a vida dela tal como o meu pai faz. Ela vai casar com o nosso pai — disse Victoria sentindo-se miserável.

— Deixa-a casar, se é isso que ela quer. Já tem idade para tomar as suas decisões, mesmo que sejam um erro. Não podes estragar a tua vida. Não vai mudar nada, só te vais sentir mais miserável. Esquece o casamento. Veste o que tens de vestir, embebeda-te no casamento e volta para casa. — Riram-se os dois com o comentário dele.

— Talvez tenhas razão. E, além disso, ainda tenho oito meses. Mesmo que o vestido não seja apropriado para mim, posso emagrecer à mesma e ficar bem.

— Se estragares a tua dieta, não.

— Não vou estragar. Hoje vou portar-me bem. Vamos ficar em casa, porque ela vai voltar para Los Angeles amanhã. Vou voltar a entrar nos eixos assim que ela se for embora.

— Não. Já! — reforçou ele e voltou para o quarto. Victoria subiu para a passadeira para se redimir dos seus pecados. Grace mandou vir uma piza de um restaurante cujo número estava no frigorífico. Chegou meia hora depois e Victoria não conseguiu resistir. Grace comeu apenas uma fatia e a irmã mais velha acabou com tudo. Queria comer a caixa para que Harlan não a visse, mas ele viu. Olhou para Victoria como se ela tivesse matado alguém. E tinha. Matara-se a si própria. Ficou consumida pela culpa.

No dia seguinte, foram almoçar fora antes de Grace partir. Para lhe agradecer toda a ajuda, Grace levou a irmã ao Carlyle e Victoria pediu ovos Benedict e, quando Grace pediu um chocolate quente e bolachinhas, ela não conseguiu resistir.

Quando se foi embora para o aeroporto, Grace agradeceu-lhe do fundo do coração e as duas abraçaram-se com força. Disse que se tinha divertido imenso e que a ia manter a par dos desenhos de Vera Wang e de tudo o resto. Victoria ficou parada no passeio a dizer-lhe adeus até o táxi arrancar e, assim que o perdeu de vista, desatou a chorar. Do ponto de vista dela, o fim de semana tinha sido um verdadeiro desastre e sentiu-se um fracasso em tudo. E, para cúmulo, ia ficar horrível no casamento. Subiu para o apartamento, entrou e meteu-se logo na cama a desejar estar morta.

CAPÍTULO 18

Para Victoria, foi um alívio voltar para a escola na segunda-feira. Pelo menos, era um mundo que ela conhecia e onde tinha algum controlo. Achava que a irmã Grace estava completamente descontrolada com o casamento e ficar com ela nesta altura era demasiado depressivo. O efeito que o fim de semana teve em Victoria foi desastroso. Perdera o controlo em tudo o que comia. Nessa tarde, depois das aulas, teve uma consulta com a doutora Watson e contou-lhe como tinha ficado deprimida.

— Parecia uma louca — confessou ela — a comer tudo o que me aparecia à frente. Não comia assim há anos. Ou meses, pelo menos. Pesei-me hoje de manhã e já engordei um quilo e meio.

— Há de voltar a perder tudo — assegurou-lhe a doutora Watson. — Porque acha que ficou assim? — Ela pareceu-lhe interessada e não em pânico.

— Senti-me invisível de novo, como se nada do que dissesse interessasse. Ela está a transformar-se num deles.

— Talvez tenha sido sempre assim.

— Não, não era. Mas o rapaz com quem ela vai casar é tal e qual o meu pai. Sinto-me de novo a mais. E o vestido que ela quer que eu vista no casamento vai ficar-me horrivelmente mal.

— E porque é que não disse nada?

— Bem tentei. Ela não me deu ouvidos. Encomendou-o na mesma. Está a ser uma mimada de primeira.

— Por vezes, isso acontece com as noivas. Ela não parece estar a ser nada sensata.

— E não está! Quer um casamento de sonho. Nem devia casar-se com este rapaz. Vai acabar como a minha mãe e eu não queria que isso lhe acontecesse.

— Não pode mudar nada — recordou-lhe a psicóloga. — Apenas se pode controlar a si própria. — Victoria começava a aperceber-se disso, mas era doloroso ver Grace ficar igual aos pais.

Quando saiu do consultório da psicóloga, Victoria sentia-se melhor. Quando chegou a casa, andou na passadeira durante uma hora e depois foi ao ginásio.

Regressou a casa às oito horas da noite e estava tão exausta que foi logo deitar-se. Grace tinha-lhe mandado duas mensagens durante o dia a agradecer-lhe tudo novamente. Victoria sentia-se culpada por ter ficado aborrecida com o fim de semana. Embora Grace o tivesse achado fabuloso, não tinha sido divertido para a irmã mais velha. Estava ansiosa para que o

casamento passasse depressa para elas poderem ter de novo oportunidade de passar um tempo agradável juntas. Iam ser oito longos meses.

No dia seguinte, Victoria foi ao nutricionista antes de ir trabalhar. Confessou os seus pecados e pesou-se. Já tinha perdido um quilo dos que tinha engordado durante o fim de semana, o que era um alívio, pois estava a entrar de novo nos eixos.

Deu três aulas seguidas antes do almoço e estava a sair da sala para ir para o seu gabinete quando viu uma das alunas a chorar no corredor. A rapariga estava com um ar de desespero e precipitou-se para dentro da casa de banho quando viu Victoria a ir na direção dela, o que a deixou ainda mais preocupada. Seguiu-a lá para dentro e encontrou-a sozinha na casa de banho.

— Estás bem? — perguntou Victoria cautelosamente. A rapariga chamava-se Amy Green, era boa aluna e Victoria tinha conhecimento dos rumores que corriam quanto aos pais irem divorciar-se.

— Sim, estou bem — respondeu Amy, e desatou a chorar de novo. Victoria passou-lhe alguns lenços de papel e Amy assoou-se com ar envergonhado.

— Posso fazer alguma coisa por ti? — A rapariga abanou a cabeça, desesperada e sem conseguir falar — Queres ir ao meu gabinete uns minutos ou dar uma volta? — Amy hesitou e depois aceitou. Victoria sempre fora simpática com ela e Amy achava que ela era «fixe».

O gabinete ficava ali perto e Amy seguiu-a. Victoria fechou a porta depois de Amy entrar e indicou-lhe uma cadeira. Deu-lhe um copo com água e Amy recomeçou a chorar convulsivamente. Alguma coisa não estava mesmo bem. Victoria sentou-se em silêncio à espera que ela se acalmasse. E, por fim, Amy olhou para ela aterrorizada.

— Estou grávida — soluçou ela. — Nem sequer sabia. Descobri ontem. — Era fácil adivinhar quem era o pai. Há dois anos que ela namorava com o mesmo rapaz, que era um bom miúdo. Ambos iam acabar o secundário em junho. E, de repente, Victoria esqueceu-se por completo de todas as trapalhadas do casamento da irmã.

— Já contaste à tua mãe? — perguntou Victoria calmamente, estendendo-lhe mais lenços.

— Não posso. Ela vai matar-me. Está zangada por causa do divórcio. — O pai tinha-a deixado por outra mulher e Victoria tinha ouvido rumores acerca disso. — E agora isto. Não sei o que hei de fazer.

— O Justin sabe?

Amy anuiu.

— Fomos agora ao médico. Usámos preservativo, mas rompeu-se. Eu tinha parado de tomar a pílula, porque me deixava maldisposta.

— Merda! — disse Victoria e Amy riu-se por entre as lágrimas.

— Bem pode dizê-lo.

— Está bem. Merda! — Desta vez riram-se as duas, apesar de não haver grande motivo para gargalhadas. — Já sabes o que queres fazer? — Era uma decisão a tomar com os pais, mas Victoria podia ouvir.

— Não sei. Sou muito nova para ter um bebé, mas não quero fazer um aborto. Acha que me vão expulsar da escola? — A aluna estava em pânico e, de repente, arrependeu-se de lhe ter

contado.

— Não sei — disse Victoria com sinceridade. Nos seus sete anos na escola, nunca tinha lidado com uma situação destas. Sabia que outras alunas já haviam engravidado, já tinha ouvido falar disso, mas nunca tinha sido a primeira a saber, a enfrentar a situação diretamente. Em geral, esse tipo de coisas era tratado pelos conselheiros, o reitor ou o diretor. Ela era apenas uma professora de Inglês, mesmo sendo a responsável pelo departamento. Mas era mulher e talvez pudesse ajudar esta rapariga. Detestava a ideia de Amy não acabar o ano. Tinha boas possibilidades de entrar em Yale ou Harvard e em qualquer das universidades a que se tenha candidatado.

— Talvez possamos resolver isto. — Ela sabia que nunca tinham permitido que uma aluna grávida fosse às aulas. — Acho que tens de falar com a tua mãe primeiro.

— Isto vai matá-la.

— Não vai nada. Acontece a muitas jovens. Só tens de encontrar a melhor solução para ti, seja ela qual for. Cabe-te a ti e à tua mãe decidirem. Queres que eu fale com ela?

— Não. Ela pode ficar aborrecida por eu lhe ter contado a si primeiro — respondeu Amy com um suspiro e bebeu um gole de água. Já se tinha acalmado, mas tinha decisões difíceis a tomar. Tinha dezassete anos e um futuro brilhante pela frente, sem um bebé. Com um bebé nos braços, seria muito mais difícil.

— O Justin disse que ia comigo falar com ela. Ele quer que eu tenha o bebé e talvez um dia nos possamos casar — continuou ela com um ar triste. Não se sentia preparada para ter um bebé ou para se casar, mas a alternativa parecia-lhe pior.

Victoria anotou o seu número de telemóvel num papel e deu-lho.

— Liga-me quando quiseres, a qualquer hora do dia. Farei tudo o que puder para te ajudar. E, se fores falar com o senhor Walker, gostaria de te acompanhar. — Não queria que a aluna fosse expulsa ou suspensa. Queria que acabasse o secundário, que era também o que Amy queria.

Uns minutos depois, saíram as duas juntas do gabinete e Victoria abraçou-a antes de Amy ir ter com Justin à cafetaria. Depois do almoço, viu-os a sair da escola juntos. Esperava que fossem para casa para falarem com a mãe dela. No dia seguinte, Amy faltou às aulas e, mais tarde, ligou a Victoria. Disse que iam reunir-se com o senhor Walker no fim das aulas e pediu a Victoria para estar presente. Ela concordou e estava à porta do gabinete dele à espera quando Amy e a mãe chegaram. Amy estava com ar de choro e a mãe parecia abatida. Amy sorriu assim que viu Victoria e a mãe agradeceu-lhe por estar ali.

O diretor estava à espera e levantou-se assim que elas entraram. Ficou surpreendido por ver Victoria e convidou-as a sentarem-se. Estava com um ar preocupado. Não tinha conhecimento de nenhum problema na escola com Amy e não fazia ideia por que razão estavam ali. Presumiu que teria alguma coisa a ver com o divórcio e esperava que ela não quisesse mudar de escola. Era uma excelente aluna e eles iriam ficar com muita pena se a perdessem. Ficou muito surpreendido quando a senhora Green lhe contou que Amy estava grávida. Sentiu imediatamente pena dela. Não era a primeira vez que uma situação destas acontecia, mas era sempre difícil

para a aluna e para a escola. A senhora Green acrescentou que o bebé iria nascer em maio e, de seguida, surpreendeu Victoria e o diretor ao confirmar que Amy tinha decidido ficar com ele. A mãe iria tomar conta do bebé, quando Amy fosse para a universidade. Tinha-se candidatado à Barnard e à Universidade de Nova Iorque e, assim, podia ficar em casa com o bebé. A mãe de Amy estava a ser muito prestável e Amy parecia menos perturbada do que há dois dias.

— O que queremos saber — disse a senhora Green da forma mais calma possível — é se a Amy pode continuar na escola. — Era um dos maiores medos no momento e, provavelmente, iria ter um grande impacto no facto de ela entrar ou não na universidade, caso o último ano do secundário fosse interrompido.

— Amy, o que achas de continuar aqui? — perguntou-lhe o diretor com franqueza. — Achas que seria muito difícil para ti, com toda a gente a comentar a tua situação?

— Não. De qualquer maneira, vou ter o bebé. — Ela sorriu com gratidão para a mãe e Victoria percebeu que não tinha sido uma decisão fácil, mas achava que era a mais acertada. Achava que ter o bebé e dá-lo para adoção seria um grande erro e seria muito mais traumático para Amy do que os ajustamentos que teria de fazer agora. E se a mãe estava disposta a ajudar, ela podia continuar com a vida dela. — Preferia ficar aqui — continuou Amy com sinceridade e o diretor anuiu. Nunca havia permitido que uma aluna grávida continuasse na escola, mas também não queria destruir a carreira académica de Amy. Tinha uma responsabilidade para com ela, assim como para com os outros alunos. Estava a tentar calcular quando é que se iria começar a notar.

— Podia pôr-te a estudar sozinha, mas as universidades são capazes de não gostar muito. Quando é que o bebé nasce?

— No início de maio — respondeu-lhe Amy.

— Temos umas férias mais longas em abril na altura da Páscoa — disse ele a pensar alto. — Vão até ao final de abril. E se continuares na escola até às férias da Páscoa e depois de teres o bebé ficares em casa? Podes voltar à escola no final de maio para fazer os exames finais e acabares o secundário juntamente com a tua turma em junho. Já tive alunos que ficaram mais tempo em casa com mononucleose. Não quero que estragues o teu último ano do secundário. Vai ser uma situação nova para a escola, mas nós conseguimos aguentar tudo, se tu também conseguires — disse ele a olhar para as duas.

Amy anuiu e começou a chorar de novo. Estava muito aliviada. Victoria não tinha dito uma única palavra, mas tinha estado ali para a apoiar. A mãe de Amy agradeceu ao diretor e, minutos depois, saíram todas do gabinete. Justin estava à espera do lado de fora, com um ar preocupado. Amy sorriu para ele assim que saíram e ele abraçou-a, enquanto a mãe dela e Victoria os observavam. Ele era muito carinhoso com ela e muito protetor. Victoria estava esperançosa pelos dois. Talvez as coisas resultassem com a ajuda da mãe.

— Vão deixar-me ficar — contou Amy a Justin radiante. — O senhor Walker foi muito simpático. Vou continuar na escola até às férias da Páscoa e regresso depois de ter o bebé para fazer os exames finais e acabar o secundário.

Parecia que tinham tirado um peso enorme de cima dos ombros de Justin. Eram os dois bons

miúdos e todos estavam empenhada em ajudá-los.

— Obrigado — disse Justin para Victoria e para a mãe de Amy.

— Eu não fiz nada — corrigiu de imediato Victoria e Amy interveio logo.

— Fez, sim. Ouviu-me no outro dia e ajudou-me a arranjar coragem para contar à minha mãe. Fomos logo falar com ela depois de a professora ter estado comigo.

— Fico satisfeita — disse Victoria calmamente. — Acho que todos tomaram boas decisões e algumas bem difíceis. — Não havia uma solução ideal, mas esta foi a que lhes pareceu melhor.

— Obrigada pelo seu apoio — disse a mãe de Amy a Victoria com uma voz abafada.

Uns minutos depois, Amy, a mãe e Justin saíram da escola para ir para casa.

Esta situação fez com que Victoria pensasse na irmã. Estava feliz por nada disto lhe ter acontecido. Sabia que podia acontecer a qualquer pessoa. O senhor Green fora particularmente compreensivo. Amy e Justin também estavam a lidar bem com tudo e tentavam ser corajosos. Quando chegou a casa nessa noite, ainda ia a pensar neles. No dia seguinte, Amy foi à sala de aula de Victoria para, mais uma vez, lhe agradecer por tudo. Justin estava ao lado dela, tal como o fazia desde há dois anos, e o aspeto de Amy era melhor do que nos últimos dias. Ia ser um ano escolar diferente com uma aluna grávida entre deles. E, tal como o diretor tinha dito, era uma situação nova. Victoria não pôde deixar de pensar que não havia momentos monótonos com os miúdos.

CAPÍTULO 19

Tal como fazia todos os anos, Victoria foi até Los Angeles para passar o Dia de Ação de Graças. Este ano ia ser diferente, porque Harry tinha aceitado o convite para se juntar a eles. Era um prelúdio daquilo que seria o casamento dos dois. Quando Victoria chegou a casa na quarta-feira à noite, a mãe andava numa azáfama a pôr a mesa com as melhores toalhas e Grace não estava presente. Ela e Harry tinham ido jantar com a irmã dele que ia para casa dos sogros no dia seguinte. Os pais não estavam, por isso, Harry ia passar o Dia de Ação de Graças com a família Dawson. Os pais de Victoria agiam como se um chefe de Estado fosse lá a casa. Usava-se tudo do melhor, o que parecia a Victoria um pouco idiota. Mas, assim que chegou, ajudou a mãe a pôr a mesa. Iam usar as toalhas e os cristais da avó e o serviço do casamento de Christine.

— Credo, mãe! Temos mesmo de nos dar a esta trabalheira só por ele? Não me lembro de alguma vez usares estes pratos.

— Não os uso há vinte anos — admitiu ela acanhadamente. — O teu pai quer que eu os use. Acha que o Harry está habituado ao melhor e não quer que ele pense que não temos coisas bonitas e boas.

De repente, Victoria ficou com vontade de transformar o Dia de Ação de Graças num churrasco ao ar livre e usar pratos de papel. Achava que era demasiado pretensioso tanto aparato para um rapaz de vinte e sete anos, que, afinal de contas, ia fazer parte da família. Provavelmente, Harry ficaria satisfeito com os pratos de todos os dias que até já tinha visto e que serviam muito bem. O feriado ia ser muito mais importante do que alguma vez fora.

Grace chegou a casa à meia-noite e fartou-se de falar da irmã de Harry, que era uma querida e que se tinha divertido imenso, apesar de já a conhecer antes. Mas agora iam ser cunhadas. A irmã dele tinha um marido simpático e dois filhos. Victoria tinha saudades dos dias em que Grace falava de outra coisa que não fosse a família Wilkes e o casamento. E ainda não tinha aceitado o facto de ter de usar o vestido castanho na cerimónia. Ultimamente, era impossível fazer com que Grace pusesse os pés na terra e falasse de outra coisa além do casamento.

— Talvez devesses arranjar um emprego — disse-lhe Victoria com muita cautela. — Assim já podias falar de outra coisa além do casamento.

— Acho que o Harry não quer — respondeu Grace quanto ao emprego.

— Ela não tem tempo — acrescentou a mãe. — Tem muitas coisas a tratar para o casamento. Ainda temos de pensar nos convites e escolher tudo para as listas de casamento em três lojas. O

Harry quer começar a procurar um apartamento novo e ela tem de o ajudar. Ainda estamos à espera dos desenhos da Vera Wang, e o Oscar de la Renta também vai fazer uns desenhos para o vestido de noiva a condizer com os vestidos das damas de honor. Ainda não escolheu o bolo. Temos de nos reunir com a empresa de *catering* e a florista. Precisamos de uma banda. Ainda não temos a certeza em relação à igreja. E depois vão começar as provas do vestido e ela tem de ser fotografada com ele. Provavelmente, também vai haver aconselhamento na igreja. Ela não tem tempo para procurar um emprego. Vai andar todos os dias muito ocupada com o casamento. — Victoria ficou exausta só de ouvir aquela lista, assim como a mãe parecia estar. Tinha-se tornado uma preocupação a tempo inteiro para mãe e filha, mas Victoria achava tudo aquilo ridículo. Havia muitas pessoas que conseguiam trabalhar *e* casar-se. Mas Grace não.

— Isto deve estar a custar uma fortuna — comentou Victoria com o pai na manhã seguinte, enquanto a mãe regava o peru envergando um fato de lã branco *Chanel* e um avental a protegê-lo.

Estavam todos com roupas elegantes, porém, demasiado formais. Victoria tinha vestido umas calças compridas de lã cinzentas e uma camisola branca, o que lhe parecia mais do que suficiente para o Dia de Ação de Graças. Normalmente, não se arranjavam assim, nem se esforçavam tanto. Mas um novo dia tinha amanhecido desde que Grace ficara noiva de Harry. Victoria achava que era tudo absurdo e inapropriado e não quis alinhar.

— Acredito que está a sair uma fortuna — confirmou o pai. — Mas é uma família muito importante e eu não quero que a Grace se sinta envergonhada. Não esperes nada disto se alguma vez casares — avisou-a ele. — Se encontrares alguém para casar, mais vale fugires e ires casar longe. Não podemos voltar a fazer isto.

Foi como se ele lhe tivesse dado uma bofetada. Como de costume, informou-a de que Grace merecia um casamento digno de uma princesa, mas se ela alguma vez casasse, o que o pai achava que seria pouco provável, era melhor que pensasse em fugir e ir casar longe, porque eles não iam pagar o seu casamento. Que simpáticos... E que explícito ele fora. Bem-vinda, novamente, à cidadania de segunda classe. A família viajava em primeira classe e ela tinha de ir em terceira. Estavam sempre a pô-la de parte por ser diferente e «menos» do que todos os outros, isto é, um fracasso. Perguntou-se porque é que eles não punham simplesmente um sinal na porta do quarto dela a dizer «não te amamos». Os pais diziam-no de todas as formas possíveis e, por um instante, Victoria arrependeu-se de ter ido passar o feriado a casa. Podia ter passado o Dia de Ação de Graças com Harlan e John em Nova Iorque. Eles iam convidar uns amigos e, de certeza, que ela se iria sentir muito melhor do que com os pais. Não era possível sentir-se menos bem recebida e menos amada depois daquilo que o pai lhe dissera. Não voltou a falar do casamento. Começava a ser um assunto doloroso para ela, mesmo sendo a única coisa em que a irmã pensava. E quando Harry chegou ao meio-dia, ainda ficou pior.

Ficaram todos nervosos e começaram a andar agitados de um lado para o outro. O pai serviu champanhe em vez de vinho. A mãe estava ansiosa por causa do peru. Victoria estava a ajudar na cozinha e Harry e Grace foram para o terraço cochichar e rir, enquanto os pais faziam figuras de parvos. Quando se sentaram à mesa, o pai e Harry falaram de política. Harry disse-lhes o

que estava mal no país e o que devia ser feito para tudo melhorar, e o pai concordou. Sempre que Grace começava a dizer qualquer coisa, Harry interrompia-a ou acabava a frase dela. Ela não tinha voz, e não lhe era permitido ter opiniões sobre nada, exceto sobre o casamento. Não era de admirar que ela estivesse sempre a falar nisso, era a única coisa de que Harry a deixava falar. Victoria sempre o achara irritante enquanto eles namoravam, mas agora revelava-se insuportável e muito mais afetado do que se pudesse imaginar. Entre ele e o pai, Victoria só queria gritar. Agora, Grace fazia-se sempre de estúpida para agradar a Harry e a mãe não parava de andar para trás e para a frente na cozinha. Victoria não conseguiu ter uma conversa inteligente com ninguém durante toda a tarde. Por fim, decidiu sair para o terraço para apanhar ar fresco. Estava horrorizada ao ver no que Grace se estava a meter. E quando esta veio à procura de Victoria, a irmã mais velha olhou para ela com ar de desespero.

— Querida, és mais inteligente do que isto. O que estás a fazer? O Harry nem sequer te deixa dizer nada. Como é que consegues ser feliz assim? Há uma vida além do casamento. Não podes estar com um homem que mande em ti a toda a hora e que te diga o que deves pensar.

— Ele não faz isso — respondeu Grace aborrecida com o que a irmã tinha dito. — Ele é maravilhoso para mim.

— Tenho a certeza que é. Mas trata-te como se fosses uma boneca sem cérebro. — Grace ficou espantada a olhar e começou a chorar, enquanto Victoria a tentava abraçar em vão, pois a irmã não deixava.

— Como é que podes dizer uma coisa dessas?

— Porque te adoro e não quero que estragues a tua vida. — Foi o mais sincera possível, pois achava que aquilo tinha de ser dito.

— Não vou estragar a minha vida. Eu amo-o, ele ama-me e faz-me feliz.

— Ele é igualzinho ao pai. Também não ouve a mãe. Nenhum de nós a ouve. Só o ouvimos a ele. Por isso, ela sai e vai jogar *bridge*. É assim que queres ser quando fores grande? Devias ter um emprego e alguma coisa inteligente para fazer. És uma rapariga esperta, Grace. Eu sei que isso é um pecado nesta família, mas no mundo a sério é bom.

— Tu estás é com inveja — disse Grace furiosa. — E estás zangada por causa do vestido castanho. — Parecia uma criança impertinente.

— Não estou zangada. Estou desiludida por me obrigares a vestir uma coisa que me vai ficar muito mal. Mas, se for importante para ti, eu visto-o. Só queria que tivesses escolhido uma coisa que também me ficasse bem e não apenas às tuas amigas. O casamento é teu e tu é que decides. Só não quero que dês o teu cérebro no altar em troca da aliança. Acho que é uma má troca.

— E eu acho que estás a ser uma cabra! — disse Grace e foi de rompante para dentro de casa. Victoria, ali fora, pensava quando é que poderia voltar o mais depressa possível para Nova Iorque. O próximo voo não seria suficientemente cedo para ela. Estavam todos tão ocupados a exibir-se para Harry e a tentar impressioná-lo que o feriado tinha sido um verdadeiro desastre. Voltou para dentro e bebeu café com a família, mas não disse mais nada. Grace estava sentada no sofá ao lado de Harry e, uns minutos depois, Victoria levantou-se e foi

para a cozinha ajudar a mãe a lavar os pratos. Tinham de ser lavados à mão por serem muito delicados. O pai ficou na sala a conversar com Harry. Tinha sido um dia difícil para Victoria. Eles pareciam cada vez mais a família de outra pessoa qualquer. Toda a gente tinha um papel ali, menos ela. O papel dela era o de inadaptada e marginalizada e ela não gostava disso.

— O peru estava bom, mãe — disse ela enquanto enxugava os pratos.

— Achei-o muito seco. Fiquei nervosa e deixei-o demasiado tempo no forno. Queria que ficasse tudo perfeito para o Harry. — Victoria queria perguntar porquê. Que diferença fazia, se ele ia ser da família? Não era nenhum rei, nem era o papa. Ela nunca tinha visto tanto espalhafato por alguém que os visitasse. — Está habituado a tudo do bom e do melhor na vida — acrescentou a mãe a sorrir. — A Grace vai ter uma vida maravilhosa com ele.

Victoria não tinha assim tanta certeza. Na verdade, estava certa de que Grace não teria uma vida assim, se ele nunca a deixasse acabar uma frase ou nunca a deixasse dizer uma só palavra. Era um rapaz bonito e inteligente, de uma família abastada, mas Victoria preferiria ficar sozinha para sempre do que casar com alguém como ele. Ela achava que a irmã estava a cometer um erro terrível. Harry era insensível, teimoso, dominador, convencido, e parecia não ter respeito algum por Grace como pessoa, ela era apenas uma decoração ou um brinquedo. Ela ia casar com o pai, ou talvez ainda pior.

Durante o resto do dia, Victoria não comentou mais nada e no dia seguinte tentou fazer as pazes com a irmã. Encontraram-se para almoçar no Fred Segal's, que fora sempre um dos sítios preferidos de ambas, e Grace ainda parecia estar triste com o que Victoria lhe dissera na véspera. Mas, a meio do almoço, foi melhorando. Victoria estava tão aborrecida que comeu um prato de massa com *pesto* e o cesto inteiro de pão. Percebeu que estar junto da família era o que a fazia comer doses excessivas, mas não o conseguia evitar.

— Quando é que voltas para Nova Iorque? — perguntou Grace, enquanto Victoria pagava a conta. A irmã parecia já a ter perdoado, o que era um alívio. Não queria ir-se embora zangada.

— Acho que vou amanhã — disse Victoria. — Estou com muito trabalho.

Grace não discutiu com ela. Sabia que, ultimamente, não estavam em sintonia. Grace pensava que era apenas a pressão do casamento, mas Victoria sabia que era mais do que isso e, portanto, estava triste. Sentia que estava a perder a sua irmã bebé para «eles». Nunca tal tinha acontecido, e Harry tinha unido esforços com eles e agora era um deles. Victoria sentiu-se uma órfã, como nunca se sentira, e esse era o sentimento mais solitário do mundo. Pela primeira vez, a comida não lhe acalmava o sofrimento. Nem sequer tinha comido sobremesa no Dia de Ação de Graças e, por norma, adorava a tarte de abóbora com *chantilly*. O pai não reparou na abstinência de Victoria, mas se ela tivesse comido sobremesa, ele teria feito comentários desagradáveis quanto a isso e à quantidade de que ela se serviria. Não havia como ganhar com eles. Era inútil.

Reservou um voo para sábado de manhã e, na sexta-feira, jantou com os pais. Grace estava em casa de Harry e Victoria telefonou-lhe quando estava para sair. Todos se despediram até ao Natal, mas ela já tinha tomado uma decisão. Não ia a Los Angeles no Natal. Não lhes disse nada, mas sabia que não valia a pena. Só lá iria para o casamento. Ia passar o Natal com Harlan

e John. Agora, aquela era a casa dela e não esta com os pais. Era um grande passo para ela. Sentiu que tinha perdido a irmãzinha que durante anos fora a sua única aliada e que agora já não era.

O pai levou-a ao aeroporto e Victoria despediu-se dele com um beijinho. Ao olhar para ele, não sentiu absolutamente nada, apenas um vazio. Ele disse-lhe para tomar conta de si e Victoria sabia que, provavelmente, estava a falar a sério. Agradeceu-lhe e afastou-se em direção à zona de segurança, sem olhar para trás. Nunca na vida se sentira tão aliviada como quando o avião partiu de Los Angeles e seguiu para Nova Iorque. Sabia que regressava a casa.

CAPÍTULO 20

O período entre o Dia de Ação de Graças e o Natal era sempre caótico lá na escola, mas Victoria esforçava-se por ir todas as semanas ao nutricionista, mesmo que estivesse muito ocupada. Ninguém estava com disposição para trabalhar. Estavam todos ansiosos por ir de férias e, quando acabaram os exames, o tema das conversas girava sempre à volta do que cada um ia fazer durante esse tempo. Havia quem fosse viajar até às Baamas, outros iam visitar os avós a Palm Beach ou familiares a outras cidades. Havia ainda quem fosse fazer esqui em Aspen, Vail, Stowe e outros iam até à Europa para esquiar em Gstaad, Val d'Isère e Courchevel. Eram, definitivamente, férias de meninos ricos em lugares sofisticados espalhados pelo mundo fora. Victoria ficou admirada ao ouvir umas das alunas a discutir os planos para as férias. Ela estava a falar com outras duas raparigas, enquanto arrumavam as mochilas depois da aula, e Victoria não pôde deixar de ouvir. A aluna chamava-se Marjorie Whitewater e anunciou alegremente que ia fazer uma cirurgia plástica para reduzir o peito nas férias de Natal. Era uma prenda do pai, e as colegas quiseram saber mais. Uma delas riu-se e disse que queria fazer exatamente o contrário. A mãe tinha-lhe prometido uns implantes mamários, como prenda por concluir o secundário no próximo verão. As três raparigas pareciam fazer com facilidade várias cirurgias e Victoria olhou-as espantadas.

— Não é muito doloroso? — Victoria não conseguiu resistir a perguntar. Para ela, parecia-lhe terrível e ela sabia que não teria coragem para o fazer. E se não gostasse do resultado? Durante toda a vida queixara-se do tamanho do peito, mas tirá-lo, mesmo que fosse só uma parte, era dar um grande passo. Já tinha pensado nisso, mas nunca suficientemente a sério para o fazer.

— Não é assim tão doloroso — respondeu Marjorie. — A minha prima fez no ano passado e agora está fantástica.

— Eu fiz uma plástica ao nariz quanto tinha dezasseis anos — disse uma das outras raparigas.

Era uma discussão séria sobre as vantagens da cirurgia plástica entre os jovens. Victoria ficou abismada com a frieza e o conhecimento que tinham sobre variadíssimas operações.

— Doeu — admitiu a rapariga ainda sobre a cirurgia ao nariz —, mas adoro o meu nariz novo. Por vezes até me esqueço de que não é o nariz com que nasci. Detestava o meu nariz.

As outras raparigas riram-se e Victoria concordou também timidamente

— Detesto o meu nariz — confessou Victoria às três alunas. Era uma conversa fascinante.

Foi por acaso que se meteu na conversa, mas agora estava a tê-la. — Sempre detestei.

— Então, devia fazer uma cirurgia e ficar com um novo — disse uma das raparigas com facilidade. — Não é nada de especial. A minha cirurgia não foi muito dolorosa. A minha mãe fez um *lifting* no ano passado.

As outras alunas ficaram impressionadas e Victoria ficou como que hipnotizada com o que elas diziam. Já tinha falado em operar o nariz, mas na brincadeira. Nunca tinha pensado nisso a sério. Começou então a imaginar se seria muito caro, mas não quis perguntar às raparigas.

Nessa noite, falou sobre o assunto com Harlan.

— Conheces algum cirurgião plástico? — perguntou-lhe ela, enquanto faziam o jantar. Iam comer legumes e peixe cozido ao vapor. Victoria andava a portar-se bem com a dieta e começava a perder os quilos que há tanto tempo queria perder.

— Não. Porquê?

— Acho que vou fazer uma operação ao nariz. — Disse-o como se se referisse a um chapéu ou a um par de sapatos novos e ele riu-se.

— Quando é que pensaste nisso? Nunca me falaste.

— Depois de uma aula, estive a ouvir umas alunas a conversar. Elas são umas enciclopédias completas sobre cirurgias. Uma delas operou o nariz há dois anos. Outra vai reduzir o peito. É uma prenda de Natal. E a outra vai fazer implantes mamários no verão como prenda por acabar o secundário. Senti que era a única na escola com as partes todas originais. E são apenas umas miúdas — disse ela admirada.

— Miúdas ricas — acrescentou John. — Nenhuma das minhas alunas vai receber como prenda de Natal operações ao nariz ou implantes.

— De qualquer maneira, não sei se é caro, mas estava a pensar em oferecer-me um nariz novo no Natal. Não vou a casa, por isso, tenho tempo.

— Não vais a casa? — Harlan ficou surpreendido por saber que ela ia ficar em Nova Iorque. — Quando é que decidiste isso?

— Por altura do Dia de Ação de Graças. Ultimamente, a minha família anda demasiado enlouquecida com o casamento e, agora que o noivo da minha irmã também faz parte, estou a mais. Há muitos «deles» e só um como eu. Não vou voltar até ao casamento.

— Já lhes contaste?

— Ainda não. Achei melhor dizer-lhes pouco tempo antes do Natal. Só queria saber sobre o cirurgião. Não queria perguntar às alunas.

Harlan não disse nada, mas, no dia seguinte, deu-lhe três nomes de cirurgiões plásticos. Conseguira-os através de pessoas que sabia terem ficado satisfeitas com o trabalho deles, e Victoria mostrou-se entusiasmadíssima. Ligou a dois deles. Um ia de férias durante a quadra festiva e o outro, uma mulher, marcou-lhe uma consulta para o final da semana. Referiu-se à operação como rinoplastia e Victoria disse a Harlan que se sentia como um rinoceronte a quem iam tirar o chifre e ele desatou a rir.

Na sexta-feira à tarde, Victoria foi ao consultório da doutora Carolyn Schwartz. Era num espaço luminoso e animado na Park Avenue, não muito longe da escola, e, portanto, Victoria foi

a pé até lá depois da última aula. Estava um dia frio, mas com sol, e soube-lhe bem uma caminhada depois de ter estado o dia todo fechada na escola. A doutora Schwartz era jovem e simpática. Explicou-lhe todos os procedimentos e falou dos preços. Victoria ficou impressionada por descobrir que ficava a um preço bastante razoável. Conseguia pagar tudo sem grandes dificuldades. A doutora Schwartz disse que ela iria ficar com a cara pisada durante uma semana, mas que depois tudo voltaria ao normal. Quando fosse para a escola, podia disfarçar com maquilhagem. Havia uma vaga nas marcações para o dia a seguir ao Natal e Victoria ficou bastante tempo a olhar para ela até que sorriu.

— Marque. Vamos a isso. Quero um nariz novo. — Há muitos anos que não se sentia assim tão entusiasmada com nada. Depois de lhe tirar fotografias de perfil e de frente, a médica mostrou-lhe imagens computorizadas de possíveis narizes para ela. Ao olhar para elas, Victoria disse que queria uma variação do nariz da irmã para poder ser mais parecida com a família. A médica sugeriu uma modificação do nariz para que melhor se adequasse ao rosto de Victoria. Esta disse que iria lá, na semana seguinte, entregar uma fotografia da irmã depois de vasculhar as que tinha em casa. Durante toda a vida achara que Grace tinha um nariz lindíssimo, ao contrário do dela, que a fazia parecer uma matrafona, segundo Victoria, e a médica riu-se. Ela assegurou-lhe que o nariz dela não tinha nada de anormal, mas que podia melhorar. Com a ajuda do computador, mostrou-lhe várias possibilidades e Victoria gostou de todas. Tudo lhe parecia melhor do que o nariz que tinha.

Quando Victoria saiu do consultório, sentia-se a andar nas nuvens. O nariz que durante toda a vida odiara e que era pretexto para o pai a ridicularizar, ia desaparecer. Adeusinho, nariz!

Assim que chegou a casa, contou tudo a Harlan e a John. Eles ficaram admirados por ela já ter tomado a decisão e por ter marcado a operação. O único problema, continuou ela, era precisar de alguém que a fosse buscar ao hospital depois da cirurgia. Olhou para eles esperançosa, e John disse que iria lá buscá-la, pois, nessa altura, também estaria de férias.

Victoria também falara com a cirurgiã sobre uma lipoaspiração, o que, por vezes, parecia uma opção mais fácil do que fazer dieta e uma solução rápida. Mas, como a doutora Schwartz a descreveu, parecia mais desagradável do que pensara e, por isso, decidiu não ir em frente com isso, mantendo o plano do nariz novo.

Os últimos dias de aulas foram repletos das tensões normais e da excitação que antecede o Natal. Teve de pressionar os alunos para acabarem os trabalhos e para os entregarem. Instigou-os a trabalharem durante as férias nas apresentações das candidaturas às universidades. Sabia que alguns o fariam, mas, a maioria, não. Consequentemente, em janeiro, seria uma luta para acabar tudo antes dos prazos impostos pelas universidades.

Na última semana de aulas, houve um drama na escola, quando um aluno do décimo primeiro ano foi apanhado com droga. Estava a preparar uma linha de cocaína na casa de banho e um outro aluno denunciou-o. Tiveram de chamar os pais e ele foi suspenso. O diretor tratou de tudo e os pais concordaram em pôr o filho numa clínica de reabilitação durante um mês. Victoria ficou aliviada por não ser um dos seus alunos e por não ter de se envolver. Pareceu-lhe tudo uma trapalhada. Ela já tinha os seus próprios alunos com que se preocupar. Andava

preocupado com Amy Green, que continuava a fazer um bom trabalho na escola e cuja gravidez ainda não se notava e, provavelmente, nem se notaria durante algum tempo. Estava tudo a correr bem com ela.

Na semana antes do Natal, Victoria informou finalmente os pais de que não ia a casa para passar o Natal. Eles disseram-lhe que estavam desapontados, mas ela não ficou com essa sensação. Andavam ocupados com Grace e Harry e estavam a planear jantar com a família Wilkes antes de eles partirem para Aspen de férias.

Grace telefonou-lhe e mostrou-se verdadeiramente aborrecida por ela não ir e, para o justificar, Victoria confessou que ia ser operada ao nariz, o que deixou Grace pasmada, mas divertida.

— Vais mesmo? Porquê? Que tontice! Adoro o teu nariz!

— Pois, mas eu não. Durante toda a vida estive presa ao nariz igual ao da avó do pai e agora vou ter um novo.

— Vais fazer um nariz igual ao de quem? — perguntou-lhe Grace ainda em choque e desiludida por ela não ir a casa. Mas agora compreendia melhor. A irmã não lhe contou que, mesmo que não fizesse a rinoplastia, não iria a casa. Não valia a pena dizer isso.

— Vou ter o meu próprio nariz, uma versão pessoal do teu e do da mãe — disse Victoria e Grace riu-se. — Escolhemo-lo no computador e fica muito melhor na minha cara do que aquele que eu tenho.

— Vai doer muito? — Grace parecia preocupada, o que emocionou Victoria. A irmã era a única pessoa que se preocupava com ela, independentemente do que acontecesse.

— Não sei — respondeu Victoria com sinceridade. — Vou estar anestesiada.

— Referia-me ao período a seguir à cirurgia.

— Vão dar-me analgésicos para tomar em casa e disseram que vou ficar muito pisada durante várias semanas, e ligeiramente inchada durante alguns meses, embora a maioria das pessoas nem se aperceba. De qualquer maneira, não tenho nada planeado, por isso, é uma boa altura. Vou ser operada no dia a seguir ao Natal.

— Lá se vai a tua passagem de ano — comentou Grace com compaixão e Victoria riu-se.

— De qualquer maneira, não tinha ninguém com quem a passar, por isso, vou ficar em casa. Acho que o Harlan e o John vão esquiar em Vermont. Mas eu fico bem. Se quiseres, podes vir fazer-me companhia.

— Eu e o Harry vamos estar no México na passagem de ano — disse ela desculpando-se.

— Então, ainda bem que vou ficar aqui.

— Depois manda-me uma fotografia do teu novo nariz, quando já não estiver pisado.

Falaram mais uns minutos sobre isso e, no fim do telefonema, Victoria estava bem-disposta e decidiu ir ao ginásio. Estava muito frio na rua, mas ela não queria perder a rotina. Andava a portar-se muito bem e até usava a passadeira em casa.

A médica tinha-lhe dito que não ia poder fazer exercício físico logo a seguir à cirurgia, por isso, Victoria queria fazer tudo o que pudesse antes. Queria estar em forma enquanto recuperasse da cirurgia.

Quando chegou ao ginásio, estava a começar a nevar e parecia que o Natal tinha chegado à cidade. As pessoas já tinham enfeitado as árvores e ela andava a planear com Harlan e John montar uma nesse fim de semana. Tinham convidado amigos para ajudarem a decorá-la. Estava absorta nestes pensamentos, enquanto andava na bicicleta estática, quando reparou no rapaz ao lado dela que era extremamente vigoroso e bonito e que estava a falar com uma rapariga bonita que usava a bicicleta do outro lado. Victoria ficou a olhar para eles durante uns minutos, completamente hipnotizada. Faziam um casal muito simpático, parecia que se davam muito bem e estavam sempre a rir-se. Por um momento, não pôde deixar de sentir inveja da relação que obviamente eles partilhavam. Victoria estava a ouvir música no *iPod*, por isso, não conseguia escutar o que eles diziam, mas as caras deles, quando olhavam um para o outro, eram calorosas e ternas, e estar ali a vê-los despedaçou-lhe o coração. Ela nem sequer conseguia imaginar o que era ter um homem como aquele na sua vida.

O rapaz que estava a fazer exercício ao lado dela tinha olhos azuis, cabelo escuro, maxilar quadrado e uma covinha no queixo. Os seus ombros eram largos e as pernas compridas, e Victoria reparou também que tinha umas mãos bonitas. Quando se virou para ela e lhe sorriu, ficou envergonhada. O rapaz apercebera-se de que ela estava especada a olhar para ele e Victoria desviou de imediato o olhar. E depois reparou que ele estava de novo a olhar para ela e a admirar-lhe as pernas enquanto saía da bicicleta. Victoria vestia umas *leggings* e uma camisola e ele estava de calções e *t-shirt*. Pensou que deviam estar muito seguros da relação que tinham pelo facto de a rapariga não se zangar por ele estar a olhar para ela assim. Parecia não se importar com nada. Victoria sorriu para ele e foi-se embora para casa. Estava ansiosa pelas férias para ter um nariz novo. Detestava ter de faltar ao ginásio, mas prometeu esforçar-se o dobro no programa de treino assim que pudesse começar de novo. Com um corpo mais elegante e tonificado e um nariz mais bonito, estava ansiosa pela nova vida que ia começar. Nessa noite, saiu do ginásio a sorrir, a pensar em tudo isto e a sentir-se cheia de esperança.

CAPÍTULO 21

Victoria passou um Natal calmo com Harlan e John no apartamento deles e, apesar de ter saudades de Grace, estava feliz por não ter de viajar nas férias, nem ter de lidar com a histeria da família por causa do casamento. Ainda faltavam seis meses e já andavam todos malucos, especialmente os pais. Era a primeira vez que não ia a casa e isso parecia-lhe estranho, mas foi um descanso para ela.

Na véspera de Natal, os três amigos trocaram prendas, como Victoria costumava fazer com a família, e depois foram à missa do galo. As tradições não tinham mudado, apenas as pessoas e os locais de encontro. Foi uma missa muito bonita na Catedral de St. Patrick e, apesar de nenhum deles ser religioso, acharam-na muito comovente. No fim, regressaram a casa, beberam um chá na cozinha e foram-se deitar. No dia seguinte, Victoria falou com Grace várias vezes. A irmã mais nova andava de um lado para o outro entre a casa dos pais e a casa da família Wilkes. Harry tinha-lhe dado uns brincos de diamantes como prenda e ela disse a Victoria que eram maravilhosos.

Na noite de Natal, Victoria estava muito nervosa com o que ia acontecer no dia seguinte. Tinham-lhe dado instruções para o pré-operatório. Não podia comer, nem beber nada depois da meia-noite, nem tomar aspirina. Nunca tinha sido operada e não sabia o que a esperava, além de um nariz que ia adorar quando tudo acabasse, ou, pelo menos, um que não ia odiar tanto quanto o que tinha de momento e que sempre odiara. Estava ansiosa por mudar. Sabia que o novo nariz não a ia transformar, nem torná-la subitamente bonita, mas acreditava que iria sentir-se diferente e que um elemento importante que sempre a irritara e a envergonhara iria mudar. Não parava de se olhar no espelho e mal podia esperar pela mudança. Já se sentia diferente. Andava já a desprender-se das coisas que a deixavam infeliz ou, pelo menos, andava a tentar, e estava orgulhosa de si mesma por não ter ido a casa no Natal, tal como tinha feito todos os outros anos. O Dia de Ação de Graças fora demasiado penoso. E o Natal que passou com os colegas de casa, em Nova Iorque, foi agradável e acolhedor.

Era triste, mas os pais eram demasiado severos para ela se aproximar deles. A mensagem manifesta, dissimulada e subliminar era sempre a mesma: «Não te amamos.» Durante anos, tinha tentado dar a volta a esta questão, mas não conseguia. Agora já não queria tentar. Era o primeiro passo para uma vida saudável. E a rinoplastia era outro. Tinha um grande significado psicológico para ela. Não estava condenada a ser feia e ridicularizada para o resto da vida. Ia assumir o controlo da sua vida.

Victoria levantou-se cedo e andou nervosa pelo apartamento antes de sair de casa. A árvore de Natal estava no canto da sala. Victoria pôs-se a pensar como se iria sentir quando viesse para casa. Esperava não se sentir muito mal. Esperava não ter muitas dores, nem ficar maldisposta. Quando às seis da manhã apanhou um táxi para ir para o hospital, estava cheia de medo. Se fosse outra coisa, tinha-se acobardado e cancelado tudo. Estava aterrorizada quando passou as portas duplas da unidade cirúrgica. A partir daí, foi como se estivesse numa máquina bem oleada. As pessoas cumprimentaram-na, deram-lhe papéis para assinar e puseram-lhe no pulso uma pulseira de plástico para identificação. Tiraram-lhe sangue, mediram-lhe a tensão arterial e auscultaram-lhe o coração. O anestesista foi falar com ela e assegurou-lhe que não ia sentir nada, que ia estar sempre a dormir. Quiseram saber se tinha alergias, mas ela não tinha. Pesaram-na, vestiram-lhe uma bata e calçaram-lhe umas meias elásticas para evitar coágulos sanguíneos, o que lhe pareceu estranho, pois ia ser operada ao nariz e não aos joelhos ou aos pés. Além disso, as meias ficavam-lhe esquisitas e iam até às coxas. Detestou ser pesada, porque na balança deles já tinha engordado um quilo e meio, apesar de ter insistido em tirar os sapatos para o fazer. A guerra com o peso ainda não estava ganha.

As enfermeiras e os técnicos entravam e saíam, vinham pôr-lhe um cateter e, antes de ela perceber o que se estava a passar, deu por si na mesa da sala de operações, com a cirurgiã a sorrir para ela e a fazer-lhe festinhas na mão, enquanto o anestesista falava com ela e, segundos depois, estava a dormir. Depois disso, não aconteceu nada e ela acordou a sentir-se incrivelmente zonza, enquanto alguém muito longe repetia o nome dela vezes sem conta.

— Victoria... Victoria... Victoria?... Victoria... — Ela queria que se calassem e a deixassem dormir.

— Sim... O que é?... — Continuavam a tentar acordá-la, enquanto ela tentava adormecer de novo.

— Já acabou a cirurgia, Victoria — disse uma voz. Voltou a adormecer e depois puseram-lhe uma palhinha na boca e deram-lhe de beber. Ela bebeu um gole e começou a acordar lentamente. Sentia uma ligadura na cara e era estranho, mas não tinha dores. Depois de acordar, deram-lhe analgésicos. Passou o dia a adormecer e a acordar. E eles certificaram-se de que ela estava quentinha. Por fim, disseram-lhe que tinha de acordar, se quisesse ir para casa. Subiram a cama e fizeram-na sentar-se, enquanto ela adormecia de novo. Deram-lhe gelatina, e só nessa altura é que ela olhou para cima e viu Harlan junto à cama. John estava constipado e não podia vir.

— Olá... O que estás aqui a fazer? — Olhou surpreendida para ele e sentiu-se atordoada. — Ah, pois... é verdade. Vou para casa... Estou um bocado desorientada — disse ela como que a pedir desculpa e ele sorriu.

— Eu que o diga. Não sei o que te estão a dar, mas também quero. — Ela riu-se e sentiu logo uma pontada aguda na cara.

Ele não lhe disse que as ligaduras da cara lhe davam um ar de extraterrestre. Tinham estado a pôr-lhe gelo durante todo o dia. Uma enfermeira veio ajudá-la a vestir-se enquanto Harlan esperava do lado de fora. Quando o viu de novo, Victoria estava numa cadeira de rodas ainda

com um ar muito sonolento.

— Como é que estou? O meu nariz é bonito? — perguntou-lhe ela completamente zonza.

— Estás linda! — disse Harlan, sorrindo para a enfermeira, que estava habituada a ver pacientes sob o efeito da anestesia. Victoria vestia umas calças de fato de treino e uma camisola com um fecho à frente, uma recomendação para não ter de puxar a roupa pela cabeça. A enfermeira tinha-lhe calçado as meias e os sapatos e tirado as meias elásticas. O cabelo em desalinho estava preso atrás com um elástico. Deram-lhe analgésicos caso tivesse dores em casa. Harlan deixou-a à entrada com a enfermeira enquanto foi chamar um táxi e voltou em menos de um minuto. Victoria ficou espantada por ver que estava escuro lá fora. Já eram seis da tarde e ela tinha estado doze horas lá dentro. A enfermeira empurrou a cadeira de rodas até ao táxi e Harlan ajudou Victoria a sentar-se e agradeceu à enfermeira. Esperava que Victoria não a tivesse ouvido dizer que era uma matulona e para ele não tentar levantá-la. Harlan sabia como ela odiava essa expressão. Era um dos traumas dolorosos da sua infância. Não queria ser uma «matulona», só uma criança, na altura, e agora uma mulher.

— O que é que ela disse? — Victoria olhou para ele a franzir o sobrolho.

— Disse que parecia que estavas bêbeda há duas semanas e que adorava ter as tuas pernas.

— Pois — anuiu Victoria com um ar sério —, toda a gente diz isso... Querem as minhas pernas... Boas pernas... Grande rabo. — O condutor sorriu no retrovisor quando a ouviu.

Harlan deu-lhe a morada e lá seguiram eles. Era uma viagem curta, mas Victoria adormeceu de queixo caído no peito e até ressonou. Não era uma visão romântica, mas Harlan adorava-a. Tinha-se tornado a melhor amiga dele. Quando chegaram, acordou-a.

— Pronto, Bela Adormecida. Já estamos no castelo. Tira o teu lindo rabo para fora do táxi. — Desejou ter a cadeira de rodas em casa, mas ela não precisou. Estava um bocadinho desorientada e zonza, mas Harlan precisou de apenas alguns minutos para a pôr no elevador e a levar até casa. Sentou-a no sofá enquanto lhe tirava o casaco, e despiu também o seu. John saiu do quarto de roupão e sorriu quando a viu. Ela parecia um extraterrestre com aquelas ligaduras que lhe tapavam a cara quase toda, com dois buracos nos olhos e uma tala a proteger o nariz. Mas ele não fez nenhum comentário sobre isso e só esperava que Victoria não se visse ao espelho. Tinha tido algodão no nariz durante o dia, mas quase não sangrara, por isso, a enfermeira tirara-o antes de ela se ir embora.

— Onde é que queres ficar? — perguntou Harlan amavelmente. — No sofá ou na cama?

Ela pensou durante um bom bocado.

— Cama... Estou com sono...

— Tens fome?

— Não, sede... — disse ela passando a língua nos lábios. A enfermeira tinha-lhe dado vaselina para lhes aplicar e não os sentir tão ressequidos. — E frio — acrescentou. No hospital, tinha estado o dia todo com cobertores quentinhos em cima e agora desejava tê-los também.

Harlan trouxe-lhe um sumo de maçã com uma palhinha, como lhe tinham recomendado. Victoria tinha muitas instruções de pós-operatório para os dias seguintes. Uns minutos depois, ele levou-a para o quarto, ajudou-a a despir-se e a vestir o pijama e, passados cinco minutos, já

ela estava a dormir profundamente com bastantes almofadas para manter a cabeça elevada. Harlan voltou para a sala para junto de John.

— Caramba! Parece que levou com um comboio — sussurrou John a Harlan e ele concordou.

— Disseram-lhe que era normal ficar dorida e inchada. Amanhã vai ter os olhos pisados. Mas está feliz ou vai ficar. Queria um nariz novo e já o tem. Para nós, pode não ser nada de especial, mas acho que é muito importante para ela a nível psicológico.

John concordou. Passaram uma noite sossegada no sofá, a ver dois filmes e, de vez em quando, Harlan ia espreitar Victoria. Ela dormia profundamente e respirava tranquila. Algures debaixo das ligaduras tinha o nariz que queria. O Pai Natal tinha-lho trazido. Era uma prenda que ela sempre desejara.

No dia seguinte, Victoria acordou com a sensação de ter andado num *rodeo* durante o ano todo. Estava com dores, cansada, parecia ter sido drogada. O nariz começava a doer-lhe e, por isso, decidiu tomar o pequeno-almoço antes de tomar um analgésico, para não se sentir mal. Por puro hábito, abriu o congelador e ficou a olhar para o gelado, na altura exata em que Harlan entrou.

— Não me parece — disse a voz da consciência atrás dela, quando ele se apercebeu para onde Victoria estava a olhar. — Tens um nariz novo fabuloso. Não vamos perder a cabeça com gelado, está bem? — Fechou a porta do congelador e deu-lhe um sumo de maçã. — Como te sentes?

— Mais ou menos, mas não muito mal. Zonza, talvez. Estou com um bocadinho de dores. Vou passar o dia a dormir e a tomar os analgésicos. — Queria fazer tudo direitinho para não piorar. O inchaço tinha piorado, mas ela tinha sido avisada de que poderia acontecer nos primeiros dias.

— Boa ideia — disse ele e fez-lhe uma torrada de pão de trigo, barrou-a com manteiga magra e deu-lha. — Queres ovos? Ela abanou a cabeça. Não queria sair da dieta nos próximos dias, principalmente porque nem sequer podia fazer exercício.

— Obrigada por teres tomado conta de mim ontem — disse ela a tentar sorrir, mas, com as ligaduras na cara, sentiu-se esquisita. Sentia-se como o homem da máscara de ferro e estava ansiosa por poder tirar aquilo tudo daí a uma semana. Era um incómodo e ela tinha medo de se ver ao espelho. Esforçava-se por não o fazer no quarto, nem na casa de banho. Não queria ficar assustada, pois sabia isso iria acontecer e, de qualquer maneira, nem sequer conseguiria ver o nariz. Estava tudo tapado com as ligaduras e a tala.

Nos dias seguintes, Victoria limitou-se a dormir e a ficar em casa. Passou um tempo sossegada, não tinha planos e marcara a cirurgia para a altura das férias do Natal, para poder fazer tudo com calma. Harlan trouxe-lhe filmes e ela fartou-se de ver televisão, apesar de, nos primeiros dias, ter tido dores de cabeça. Falou com Helen, mas não quis ver ninguém, além de Harlan e John. Não lhe apetecia e tinha receio de estar com um ar demasiado assustador. Pela altura do Ano Novo, sentia-se muito melhor e já não precisava de tomar analgésicos. Harlan e John foram esquiar para Vermont e ela passou a noite sozinha a ver televisão e a adorar a ideia

de ter um nariz novo, mesmo ainda não o tendo visto. Nessa noite, Grace telefonou-lhe do México. Estava no Hotel Palmilla, em Cabo, com Harry e uns amigos dele e disse que estava a ser tudo fabuloso. Como noiva e em breve mulher dele tinha agora uma vida maravilhosa. Contudo, Victoria não a invejava, porque não quereria estar lá com ele, mas Grace parecia em êxtase.

— Então, como está o teu novo nariz? — perguntou-lhe Grace. Já lhe tinha telefonado várias vezes durante essa semana e mandado flores, o que foi um gesto muito querido. Victoria tinha ficado comovida. Os pais não sabiam da cirurgia e Victoria não queria que eles soubessem. Tinha a certeza de que iam desaprovar a ideia e fazer comentários grosseiros sobre isso. Grace concordou em guardar segredo.

— Ainda não o vi — admitiu Victoria. — Vão tirar-me as ligaduras para a semana. Em princípio, além da cara pisada e de um ligeiro inchaço, deve estar bom. Disseram que voltaria ao normal dentro de uma ou duas semanas, mas que vou sentir-me cansada. Entretanto, posso disfarçar com maquilhagem. — Tinham-lhe dito que ficaria apenas com um penso pequeno no nariz depois de tudo isto, mas as ligaduras e pontos sairiam dentro de uma semana ou duas. — Estás a divertir-te? — De repente, teve imensas saudades da irmã.

— Isto aqui é fantástico! Temos uma suíte incrível — disse Grace feliz.

— Vais ficar uma mimada como a senhora Wilkes — brincou Victoria, mas sem a invejar. Em alguns aspetos, gostava mais da sua vida e do trabalho que tinha. Pelo menos, ninguém lhe dizia o que pensar, fazer ou dizer. Ela não aguentaria tal coisa. Grace parecia não se importar, desde que tivesse Harry a seu lado. Era o mesmo pacto com o diabo que a mãe havia feito e Victoria teve pena das duas.

— Eu sei — riu-se Grace, como resposta ao comentário sobre ficar mimada. — E adoro! Depois diz-me como ficou o nariz.

— Assim que o vir, ligo-te.

— O teu nariz era bonito — disse Grace novamente. — Não era horrível, era apenas achatado.

— O novo vai ser mais bonito! — disse Victoria contente com o nariz. — Diverte-te em Cabo. Adoro-te... e feliz Ano Novo!

— Igualmente. Espero que seja um bom ano para ti também, Victoria. — Ela sabia que a irmã estava a falar a sério e desejou-lhe o mesmo. Desligaram e Victoria aninhou-se novamente na cama a ver outro filme. À meia-noite, dormia profundamente. Foi uma passagem de ano muito calma, mas ela não se importou nada.

CAPÍTULO 22

Oito dias depois, a doutora Schwartz tirou-lhe as ligaduras e disse que estava muito satisfeita com o resultado. Estava a sarar muito bem. Por aquela altura, Victoria já tinha tido a coragem de ver as ligaduras que lhe tapavam a cara e achou que estava com um ar medonho, mas era por uma boa causa. Nem por um só minuto se arrependeu de ter feito a cirurgia e, quando viu o resultado, ficou radiante, apesar das pisaduras e do ligeiro inchaço. A médica apontou-lhe os inchaços e os sítios onde ela deveria melhorar, mas, tendo em conta tudo, estava ótimo e Victoria soltou um grito de alegria. A cirurgiã tinha feito um trabalho estupendo e a paciente estava em êxtase. Disse que já se sentia uma nova pessoa.

A única coisa chocante, mas que não surpreendeu Victoria, pois já estava prevenida, foi a extensão das pisaduras, que era muito grande. Tinha os dois olhos negros e uma coloração azulada na cara. Mas a médica garantiu-lhe que ia desaparecer em breve, que era normal e que ela podia usar maquilhagem para disfarçar. Acrescentou que iria ter um ar muito apresentável quando começassem as aulas dentro de uma semana. Ia continuar a melhorar, com o inchaço a diminuir e as pisaduras a desaparecer. Com o decorrer dos meses, ia ficar ainda melhor. Pôs um penso por cima da cana do nariz de Victoria e mandou-a para casa. Disse que podia voltar às atividades normais, dentro do razoável. Nada de fazer paraquedismo, nem polo aquático, nem râguebi, brincou a médica. Avisou-a para ser sensata e para não fazer nada em que pudesse bater com o nariz e, quando Victoria perguntou se podia ir ao ginásio, ela disse-lhe para ir, mas sem exercícios exagerados. Nada de correr, nada de exercício extenuante, nada de natação, nem exercícios físicos radicais, que Victoria também não queria fazer. Durante toda a semana, esteve um frio insuportável. A médica acrescentou também «nada de sexo», o que, infelizmente, naquele momento também não era um problema para ela.

Victoria ficou tão contente com o resultado que, a caminho de casa, comprou uma salada César grande e comeu-a na cozinha. Tinha perdido alguns quilos por não ter comido muito durante o período de convalescença e, além disso, os analgésicos tiravam-lhe o apetite. Nem sequer tinha comido gelados, mas, também, como segurança, Harlan tinha-os deitado todos fora, pois dizia que eram a «droga» dela. Nos altos e baixos do emagrecimento, era sempre o gelado que a voltava a pôr na estaca zero.

Depois de comer a salada, vestiu a roupa da ginástica e fez vários quarteirões a pé a caminho do ginásio, com *leggings*, calções de desporto e uma camisola velha de Northwestern, uma parca e sapatilhas de corrida. Harlan e John ainda estavam a esquiar em Vermont. O dia

estava fresco e limpo em Nova Iorque, apesar das previsões de neve.

Entrou no ginásio e decidiu fazer exercício na bicicleta. Ligou-a no programa mais fácil, porque já não fazia exercício há uma semana e queria começar devagar. Pôs os auscultadores do *iPod* e ficou a ouvir a música de olhos fechados, pedalando ao mesmo ritmo. Só abriu os olhos após os primeiros dez minutos em que esteve na bicicleta e ficou espantada por ver ao lado dela o mesmo rapaz bonito que tinha visto antes do Natal. Estava sozinho, sem a mulher bonita que o acompanhara da última vez, e, quando Victoria abriu os olhos, ele estava a olhar para ela. Ela já se tinha esquecido como tinha ficado com a cara depois da cirurgia, toda pisada, e pensou porque é que ele estaria a olhar para ela. Quando se lembrou, ficou envergonhada. Ele estava com um ar de compaixão. Disse qualquer coisa e Victoria tirou os auscultadores dos ouvidos. Estava com o rosto ligeiramente bronzeado, como se tivesse feito esqui e ela ficou surpreendida novamente com beleza dele.

— Como é que o outro tipo ficou? — brincou ele e Victoria sorriu, apercebendo-se, de repente, das pisaduras no rosto e dos olhos negros. Perguntava-se se ele teria percebido a razão. Ficou com um ar mais sério à medida que continuou a conversar com ela. — Desculpa, não queria brincar contigo. Isso parece doloroso. Deve ter sido um acidente muito feio. Foi de carro ou de esqui? — perguntou ele de forma natural. Victoria hesitou, com um olhar confuso, sem saber o que dizer. Rinoplastia parecia-lhe muito pior e, aos olhos de um estranho, podia até parecer ridículo.

— Carro — disse ela simplesmente, enquanto pedalavam juntos.

— Vi logo. Tinhas o cinto de segurança posto ou foi o *air bag*? As pessoas não sabem como se parte o nariz com tanta facilidade contra o *air bag*. Conheço várias pessoas a quem aconteceu o mesmo. — Ela anuiu e sentiu-se estúpida. — Espero que ponhas um processo em cima de quem te bateu — disse ele, ainda com compaixão, assumindo de imediato que a outra pessoa teria sido a culpada e não ela. — Desculpa. Sou advogado. Fico imediatamente bélico. Nas quadras festivas, há tantos condutores bêbedos e tão maus condutores que é um milagre não morrerem mais pessoas. Tiveste sorte.

— Pois tive. — Muita. Tenho um nariz novo, pensou ela para consigo, mas não o disse alto.

— Regressei agora de uma viagem de esqui a Vermont com a minha irmã. Ela estava aqui comigo naquela vez que nos vimos. A coitada estava descansada da vida quando um miúdo a andar de *snowboard* completamente descontrolado veio contra ela e lhe partiu o ombro. Veio da zona centro-oeste para passar as festas comigo e agora voltou com o ombro partido. Foi muito doloroso, mas ela portou-se à altura.

Victoria ficou pasmada a olhar para ele, com a informação de que aquela rapariga bonita da outra vez era a irmã dele. Então, onde estava a mulher dele? Espreitou e não viu nenhuma aliança, mas havia muitos homens que não usavam, portanto, isso não queria dizer nada. E mesmo que ele não fosse casado, nem tivesse namorada, ela não o conseguia imaginar a desejá-la, mesmo com o nariz novo. Ainda era uma «matulona», mesmo com um nariz mais bonito e mais pequeno.

O rapaz apontou para a camisola dela.

— Universidade de Northwestern? A minha irmã estudou lá.

— Eu também — disse Victoria com uma voz rouca, que nada tinha que ver com a cirurgia. Estava demasiado deslumbrada com ele para falar.

— É uma universidade ótima, mas o tempo é horrível. Eu quis sair da região centro-oeste onde cresci, por isso fui para a Duke. — Ficava na Carolina do Norte e Victoria sabia que era uma das melhores universidades do país. Ela estava sempre a ajudar os alunos a entrar lá. — O meu irmão foi estudar para Harvard. Os meus pais ainda se gabam disso. Eu não consegui entrar — disse ele com modéstia a sorrir. — Andei em Direito na Universidade de Nova Iorque e foi assim que vim aqui parar. E tu? És uma nova-iorquina nativa ou não?

Ele não parava de conversar enquanto pedalavam nas bicicletas e para ela era surreal estar ao lado daquele rapaz lindíssimo que lhe falava da família, dos estudos, de onde vinha e lhe fazia perguntas sobre ela. E agia como se a cara dela estivesse normal e não preta e azul, e como se não tivesse os olhos negros. Olhava para ela como se fosse bonita e Victoria começou a pensar se ele seria cego.

— Sou de Los Angeles — respondeu Victoria. — Vim para aqui depois de acabar o curso. Dou aulas numa escola particular.

— Deve ser interessante — disse ele amavelmente. — Miúdos pequenos ou grandes?

— Alunos do décimo segundo ano. Inglês. Dão bastante trabalho, mas eu adoro-os. — Sorriu, esperando não ficar com um ar demasiado vampiresco. Mas ele não pareceu achar nada disso, nem se sentir incomodado.

— É uma idade difícil, pelo menos, a julgar pelo que eu fui. Dei um trabalhão aos meus pais quando andava no secundário. Roubei as chaves do carro do meu pai e espatifei-o duas vezes, o que é bastante fácil de acontecer com o gelo fino de Illinois. Foi uma sorte não ter morrido.

Disse que crescera nos subúrbios de Chicago e ela viu logo que devia ter sido numa zona rica. Apesar das roupas desportivas, ele parecia ser endinheirado, tinha um bom corte de cabelo, falava bem, era educado, bem formado e tinha no pulso um relógio de ouro caro. Ela parecia uma vagabunda e ia sempre assim ao ginásio. Nem sequer ia à manicure há uma semana. Era o único luxo que se permitia, mas desde a operação que não ia. Não queria assustar ninguém, explicar as ligaduras e, de qualquer maneira, não ia sair. Agora, estava ali ao lado do homem mais bonito que alguma vez vira e nem sequer se tinha penteado, nem tinha verniz nas unhas.

As bicicletas dos dois pararam ao mesmo tempo e eles desceram. O rapaz disse que ia fazer sauna e, com um sorriso caloroso, estendeu-lhe a mão.

— Já agora, chamo-me Collin White.

— Victoria Dawson.

Apertaram a mão e, depois de algumas palavras, ela pegou nas coisas dela e foi-se embora e ele foi para a sauna, parando para falar com um homem que conhecia. A caminho de casa, Victoria ainda ia a pensar nele. Sentia-se bem depois de fazer algum exercício no ginásio e ele tinha sido muito simpático. Esperava poder encontrá-lo de novo.

A médica tinha razão e, na altura em que Victoria regressou à escola, já conseguia disfarçar com maquilhagem praticamente todas as pisaduras que ainda restavam. Ainda tinha uma leve sombra à volta dos olhos, mas estava muito bem e o inchaço também já tinha diminuído à volta do nariz. Não tinha diminuído tudo, mas estava quase. E ela adorava o nariz novo. Sentia que tinha uma cara completamente nova. Estava ansiosa para visitar os pais em junho e ver a reação deles, caso reparassem. Para ela, a diferença parecia-lhe enorme.

Tinha acabado de dar a última aula do dia, depois de ajudar dezenas de alunos com as dissertações para as universidades que eles não tinham acabado e que agora começavam a entrar em pânico, e três das alunas demoravam-se na sala à conversa. Uma delas era a aluna que ia fazer uma cirurgia plástica para reduzir o peito nas férias do Natal e era o mesmo grupo que tinha falado sobre isso antes. Eram todas grandes amigas e iam para todo o lado juntas na escola.

— Como é que correu? — perguntou Victoria, com cautela. Não queria intrometer-se demasiado. — Espero que não tenha sido muito doloroso.

— Correu muito bem! — disse a rapariga a puxar a camisola para cima e a mostrar o sutiã, uma vez que não estavam por ali rapazes. — Adoro as minhas mamas novas! Quem me dera ter feito isto há mais tempo. — E, de repente, olhou para Victoria mais atentamente, como se estivesse a vê-la pela primeira vez, o que de certa forma até era verdade, pelo menos uma parte. — Meu Deus! Também fez! — A rapariga estava especada a olhar para a cara de Victoria e as outras raparigas puseram-se a olhar também. — Adoro o seu nariz novo! — disse ela com bastante ênfase, e Victoria corou ao ouvir o elogio.

— Dá para perceber?

— Sim... Não... Quer dizer, também não tinha um nariz de Rudolfo. Mas é uma diferença subtil. É assim que deve ser. As pessoas não devem ficar espantadas e perceber que o fez. Deve ficar apenas mais bonita e sem ninguém perceber porquê. O seu nariz está fantástico! Mas agora tenha cuidado. Isto é viciante. A minha mãe está sempre a fazer qualquer coisa. Implantes de queixo, *Botox*, mamas novas, lipoaspiração. Agora quer reduzir as ancas e a barriga das pernas — comentou a rapariga.

— Eu adoro o meu nariz! — admitiu Victoria contente, uma vez que elas eram todas muito mais sofisticadas do que ela e mais familiarizadas com estes processos. — Na verdade, decidi fazer a rinoplastia depois de falar com vocês. Deram-me coragem. Nunca tinha tido essa ousadia.

— Fez muito bem, então — felicitou-a a aluna, estendendo-lhe a mão para a saudar.

Saíram da sala de aula juntas e passaram pela Amy Green e pelo Justin. Ela sorriu alegremente para Victoria. Ainda não tinha confirmado a gravidez perante a escola e ainda não se notava, embora isso estivesse para breve. Era nova, esbelta, e vestia-se sempre com cuidado para disfarçar. Justin estava permanentemente com ela a protegê-la como um segurança a guardar o diamante Hope. Eram encantadores juntos.

— Ele parece um cãozinho a andar sempre atrás dela para todo o lado — disse uma das raparigas a revirar os olhos.

Victoria agradeceu mais uma vez às alunas pelos conselhos e foi ao gabinete buscar uns dossiês que queria levar para casa. Ficou comovida com os elogios que lhe fizeram ao nariz. Ela também o adorava. Por uns instantes, pensou se não deveria fazer também uma cirurgia para reduzir o peito, mas depois lembrou-se do que as alunas tinham dito, que a cirurgia plástica era viciante e que algumas mulheres não sabiam quando deviam parar. Ela ia parar por aqui, com o nariz. Tinha de se esforçar para reduzir as outras coisas e trabalhava para isso com perseverança. Faltavam cinco meses para o casamento.

Nessa noite, no ginásio, voltou a encontrar-se com Collin White e lá ficaram à conversa enquanto pedalavam nas bicicletas. Ele contou-lhe que era advogado de acusação e que trabalhava num escritório em Wall Street. Era um escritório de advogados importante, e o trabalho dele pareceu-lhe interessante. Ela disse-lhe que dava aulas na Escola Madison. Falaram sobre coisas sem importância e, quando saíram das bicicletas, ele surpreendeu-a ao perguntar-lhe se queria ir beber um copo ao bar do outro lado da rua. Ela estava desmazelada, tal como nos outros dias e mal podia acreditar que ele a estivesse a convidar para ir a algum lado e que quisesse ser visto ao lado dela. Ele voltou a fazer-lhe a mesma pergunta, para reforçar que estava a falar a sério, e ela aceitou. Vestiu o casaco e seguiu-o, a pensar por que razão quereria ele tomar um copo com ela.

Pediram um copo de vinho cada um e ela perguntou-lhe como estava o ombro da irmã depois do tal acidente com o rapaz do *snowboard*.

— É doloroso, acho eu. Estas coisas demoram o seu tempo e não se pode fazer muito ao ombro, a não ser esperar. E ainda assim ela teve sorte por não precisar de ser operada.

Ele fez-lhe mais perguntas sobre a escola onde trabalhava e porque é que tinha ido para o ensino, e também sobre a sua família. Ela contou que tinha uma irmã sete anos mais nova, que tinha acabado o curso na Universidade do Sul da Califórnia e que ia casar dentro de cinco meses.

— Mas é muito nova — comentou ele surpreendido. — Especialmente nos dias de hoje. — Ele revelou que tinha trinta e seis anos e ela disse que tinha vinte e nove.

— Eu também acho. Os nossos pais casaram-se com essa idade, mal acabaram o curso, mas, na altura, isso era mais frequente. Hoje em dia, ninguém casa aos vinte e três anos, que será a idade dela em junho. Eu esperava que ela aguardasse mais tempo, mas ela não quer. Gira tudo à volta do casamento. A minha família está temporariamente louca — disse ela com um sorriso triste. — Pelo menos, espero que seja tudo temporário. Estão a dar comigo em doida.

— Gostas do rapaz com quem ela vai casar? — perguntou Collin a olhar bem para ela.

Victoria hesitou durante um bom bocado, mas decidiu ser sincera.

— Sim. Talvez. O suficiente. Mas não para ela. É muito autoritário e muito teimoso para um rapaz tão novo. Não a deixa abrir a boca e pensa por ela. Detesto vê-la a prescindir da sua personalidade e independência só para ser mulher dele.

Não revelou que ele tinha muito dinheiro por achar que não seria apropriado. E nem sequer era essa a questão. Ela não iria gostar de Harry para a irmã mesmo que ele fosse pobre. O dinheiro tornava-o mais afetado. Mas a sua própria personalidade tornava-o controlador, que

era o que Victoria não gostava. Queria mais para Grace.

— A minha irmã quase casava com um tipo desses. Namorou com ele durante três anos e todos nós gostávamos dele, mas não para ela. No ano passado, ficaram noivos. Ela tinha trinta e quatro anos e estava muito entusiasmada por ir casar e ter filhos, pois tinha medo de perder o barco. Por fim, percebeu no que estava a meter-se e terminaram a relação duas semanas antes do casamento. Foi uma trapalhada. Ela ficou muito transtornada e os meus pais foram fantásticos. Acho que ela tomou a decisão certa. É difícil para as mulheres — disse ele com compaixão — chegarem a uma certa idade e o relógio biológico começar a dar horas como uma bomba. Penso que muitas mulheres tomam decisões erradas por causa disso. Fiquei orgulhoso da minha irmã por ela cancelar tudo. Viste-a cá. Tem trinta e cinco anos e há de encontrar o rapaz certo para ela, a tempo de ter filhos, esperemos. Mas está melhor sozinha do que com um tipo errado. Não é fácil conhecer boas pessoas — disse ele pensativo.

Victoria teve alguma dificuldade em acreditar que uma mulher com a aparência da irmã dele não tivesse dez homens atrás dela a acenar-lhe com alianças ou, pelo menos, a quererem sair com ela.

— Desde que romperam que ela não voltou a sair com ninguém — acrescentou ele —, mas já o esqueceu e diz que não vai voltar para ele. Graças a Deus que acordou!

— Quem me dera que a minha irmã também acordasse — desejou Victoria a suspirar. — Mas é muito miúda. Tem vinte e dois anos e está muito entusiasmada com o vestido, o casamento e o anel. Perdeu de vista o mais importante e acho que é demasiado nova para se aperceber disso. Quando perceber, vai ser tarde demais e ela vai estar casada com ele e muito arrependida.

— Já lhe disseste isso? — Ele parecia interessado no que ela lhe contava.

— Já. Ela não quer ouvir e fica zangada. Acha que eu estou com inveja. E, acredita, não estou. — Ele acreditou. — Os meus pais também não ajudam. São grandes fãs do casamento e ficaram impressionados com quem ele é. — Victoria ficou pensativa. — Além disso, ele é demasiado parecido com o meu pai. É difícil lutar contra isso.

— Estás a nadar contra a corrente — disse ele sabiamente. — Tudo o que podes fazer é dizer o que pensas e deixar andar. Talvez resulte para ela. Nunca se sabe — disse ele filosoficamente. — As pessoas querem coisas diferentes e nem sempre é aquilo que nós achamos que os outros devem ter ou querer para eles próprios.

— Espero que resulte, mas duvido — acrescentou Victoria, com um ar triste pela irmã.

— Vocês devem ser muito diferentes, além da diferença de idades. — Ficou com a sensação de que eram. Victoria parecia ser uma mulher inteligente e sensível, com os pés assentes na terra e a cabeça bem em cima dos ombros. Conseguia perceber isso tudo ao ouvi-la. E a irmã mais nova parecia ser irrefletida, nova e mimada, e talvez obstinada e impulsiva. Não estava enganado.

— Ela é mais parecida com os meus pais — disse Victoria com sinceridade. — Eu fui sempre a estranha. Não sou parecida com eles, não penso como eles, nem me comporto como eles, nem sequer quero as mesmas coisas. Por vezes, parece que não tivemos os mesmos pais.

Na verdade, não tivemos, porque eles sempre nos trataram de forma diferente, portanto, a experiência de vida dela, assim como a infância, foram completamente diferentes das minhas. — Ele anuiu como se percebesse bem e ela ficou com a sensação de que aquilo que lhe estava a revelar não seria assim tão pouco familiar para ele.

Ele olhou para o relógio e pediu a conta.

— Gostei de falar contigo — disse ele a Victoria enquanto pagava. — Queres ir jantar um dia destes? — perguntou-lhe ele com um olhar esperançoso. Mas será que ele estava doido? Porque é que ele haveria de querer sair com ela? Ela achava que ele era bom demais para ela. — Na próxima semana? — acrescentou ele para ser mais preciso. — Uma coisa simples, se quiseres.

Collin não queria impressioná-la com um restaurante elegante. Victoria era uma pessoa amável e com quem era fácil conversar. Queria passar uma noite agradável com ela, conhecê-la melhor, não queria exibir-se. Queria saber mais sobre ela. Gostava do que tinha ouvido até agora e também da aparência dela, mesmo com a cara pisada.

— Sim, claro, gostava muito — respondeu ela, enquanto Collin a olhava à espera da resposta. Victoria não acrescentou o «porquê?». Só podia pensar que ele queria que fossem amigos e que gostava de ter alguém com quem falar. Obviamente que não era um encontro a sério.

— E se for na terça-feira? Na segunda à noite, tenho uma reunião de sócios.

— Claro... sim... — Ela sentiu-se uma idiota por balbuciar tanto.

— Posso ficar com o número do teu telemóvel ou com o teu *e-mail* ? — perguntou ele educadamente. Ela escreveu-os num papel e deu-lho. Ele passou-os logo para o telemóvel, meteu tudo no bolso e agradeceu-lhe.

— Gostei muito de te conhecer, Victoria — disse num tom amável, enquanto ela se esforçava por não se concentrar na beleza dele. Deixava-a nervosa.

— Eu também — disse ela timidamente. Era muito estranho. Ela gostava dele, mas achava que um homem como ele não devia nem sequer falar com ela. Devia estar com uma beldade como a irmã, que não andava a sair com ninguém. Vá-se lá perceber. O mundo era muito estranho.

Separaram-se à porta do ginásio e ela foi a pé para casa a pensar nele e a tentar perceber porque é que ele a tinha convidado para jantar. Quando chegou a casa, contou tudo a Harlan e explicou-lhe que não era uma saída a sério, que ele só queria ser amigo dela.

— Como é que sabes? — Harlan estava surpreendido com o que ela estava a contar. — Ele disse-te isso?

— Claro que não. É demasiado educado, mas é óbvio. Devias ver o rapaz. Parece uma estrela de cinema ou um executivo importante ou alguém saído de um anúncio publicitário numa revista. E olha só para mim. — Apontou para as roupas da ginástica. — Agora, diz-me se ele era capaz de sair com uma mulher como eu?

— Mas ele vai de fato e gravata para o ginásio?

— Que engraçadinho! Não. Mas os homens como ele não saem com mulheres como eu. Isto

é apenas entre amigos, não é um encontro a sério. Acredita em mim.

— Por vezes, os romances começam assim. Não ponhas já de parte essa ideia. Além do mais, não confio na tua interpretação. Não entendes nada, não sabes nada! Só sabes o que os teus pais te dizem, que não és merecedora, que não és digna e que nunca ninguém te há de querer. Acredita em mim, essas conversas falam tão alto que deixamos de conseguir ouvir as outras coisas. Mesmo quando o contrário é evidente. Estou a dizer-te, se esse tipo tem cérebro e olhos na cara, sabe que és inteligente, divertida, boa pessoa, espertíssima, bonita, com umas pernas inacreditáveis e será o homem mais sortudo do mundo se ficar contigo. Por isso, talvez ele não seja parvo nenhum.

— Não é um encontro a sério — insistiu ela.

— Aposto cinco dólares como é — desafiou-a ele cheio de certezas.

— E como é que sei se é? — Victoria ficou com um ar confuso enquanto Harlan ponderava a resposta.

— Boa pergunta, uma vez que o teu radar está avariado e não tens nenhuma capacidade de descodificar. Se ele te der um beijo, é óbvio que é um encontro, mas se ele tiver boas maneiras, não o fará no primeiro encontro. Parece-me mais inteligente do que isso. Hás de perceber. Se ele parecer interessado. Se fizer gestos simpáticos, se te tocar na mão, se parecer gostar de ti. Caramba, Victoria, leva-me contigo e eu digo-te logo!

— Eu descubro sozinha — disse ela com pedantismo. — Mas não é.

— Não te esqueças de que me ficas a dever cinco dólares se for, pelos critérios supracitados. E não vale fazer batota. Preciso do dinheiro.

— Então, começa a poupar, porque me vais ficar a dever cinco dólares. Não é um encontro a sério. — Ela tinha a certeza.

— Não te esqueças do teu nariz novo — brincou ele. — Isso é capaz de te dar pontos.

— Não tinha pensado nisso — disse ela a rir. — A segunda vez que ele me viu, eu tinha a cara toda pisada e os olhos negros e não me tinha maquilhado.

— Meu Deus! — gritou Harlan a revirar os olhos. — Tens razão, não é um encontro. É amor verdadeiro. Vamos subir a parada. Passa a dez dólares.

— Está apostado. Começa a poupar.

Ele deu-lhe um empurrão fraternal quando saíram da cozinha e voltaram para os quartos. Ela tinha muitos trabalhos para corrigir. E o mistério de ser um encontro a sério ou não com Collin White ia resolver-se em breve. Daí a cinco dias iam jantar. Ele não a convidou para jantar no fim de semana, o que a fez pensar se teria namorada. Já tinha passado por isso com Jack Bailey e esperava que não fosse uma situação igual. Mas isto não era nada. Ela tinha a certeza. Era só um jantar com um amigo. Assim, até era menos assustador.

CAPÍTULO 23

Cinco dias depois, no dia em que Victoria ia jantar com Collin White, teve de cumprir uma daquelas funções penosas que, por vezes, surgem relacionadas com o trabalho. O pai de um dos alunos morreu repentinamente com um ataque cardíaco numa estância de esqui em New Hampshire e ela teve de ir ao funeral juntamente com o diretor e muitos outros professores. A família estava destroçada, e o filho mais novo era um dos alunos do décimo segundo ano. Eram quatro filhos e todos tinham andado na Escola Madison. Era uma família que todos adoravam e, por isso, Victoria foi ao funeral com Eric Walker e com vários professores. Foi muito triste, e os elogios fúnebres foram muito comoventes quando cada um dos filhos se levantou para ir falar sobre o pai. Toda a gente chorou. O coração de Victoria estava com o seu aluno. Quando foram para casa da família, na Quinta Avenida ela pôs os braços à volta do rapaz e abraçou-o com força. Nos sete anos naquela escola, Victoria também tinha sido professora do irmão mais velho e de uma das irmãs. Antes de Victoria ser contratada, a irmã mais velha também tinha andado lá e agora estava casada e tinha dois filhos. O pai era relativamente novo e estava em boa forma, e esta morte repentina tinha sido um choque terrível para todos, sobretudo para os filhos.

Foi um momento difícil, e Victoria passou o resto do dia calmamente, a tentar não pensar nisso, até Collin a ir buscar às sete horas. No entanto, ela contou-lhe o que se passara e ele explicou-lhe que tinha tido um tio que também morrera de repente. Tinha sido terrível para a família, mas acrescentou que era a melhor forma de morrer, saudável, sem dores, simplesmente desaparecer, depois de uma vida ótima. Tinha razão.

Victoria foi ter com ele à porta do prédio e apanharam um táxi para um restaurante que ele conhecia e de que gostava em Greenwich Village. Ela já tinha ouvido falar e sabia que era difícil arranjar mesa. Era o Waverly Inn. Era animado, a comida era boa, o ambiente acolhedor e divertido, e a comida era sobretudo americana. Ambos pediram bife e ela teve de se controlar para não pedir massa com queijo como acompanhamento, que ele dizia ser ótima.

— Desde que nasci que faço dieta — confessou ela quando preferiu pedir espinafres cozidos no vapor. — Os meus pais e a minha irmã são magros e podem comer tudo o que quiserem. Pelos vistos, eu herdei os genes da minha bisavó. Ela era uma «matulona», como eles costumam dizer. Travo esta batalha desde sempre.

Era surpreendentemente fácil falar-lhe com sinceridade, pois ela via-o apenas como um amigo. As roupas já lhe estavam largas, portanto, ela podia falar sobre isso, sem a vergonha habitual ou sem sentir culpa pelo que comia. Há meses que se portava bem e isso notava-se.

Estava determinada a baixar para um número quarenta até ao casamento e estava quase a consegui-lo. Depois disso, não podia engordar, o que era como andar às voltas no ar com um *Boeing 747*.

— Hoje em dia, as pessoas vivem tão obcecadas com isso. Desde que sejamos saudáveis, que diferença fazem uns quilos a mais? Dietas malucas! Miúdas de treze anos nas capas de revistas que depois acabam no hospital por serem anoréticas. As mulheres a sério não são assim. E quem é que as quer? Ninguém quer uma mulher que tenha ar de doente ou que pareça ter saído de um campo de refugiados. A história mostra-nos que as mulheres devem ser como tu — disse Collin, e parecia estar a falar a sério e não a tentar agradar-lhe. Victoria ficou pasmada, completamente incrédula. Talvez ele fosse maluco. Ou talvez gostasse de mulheres matulonas. Não fazia sentido nenhum para ela.

Tiveram uma conversa interessante sobre arte, política, história, arquitetura, os últimos livros que leram, a música de que gostavam e a comida que odiavam. Ambos concordaram: couves-de-bruxelas e couves em geral. Ela contou-lhe que, uma vez, tinha experimentado uma dieta de sopa de couves que tinha dado bons resultados, mas que o retrocesso foi ainda mais rápido. Depois falaram das famílias e Victoria revelou mais do que queria. Contou-lhe que lhe tinham dado o nome da rainha Vitória porque o pai achava que ela era tão feia quanto a rainha e isso tinha-se tornado uma piada. Falou-lhe do comentário de ser a fornada experimental e de Grace ser a receita perfeita. Quando ela lhe contou isto, Collin estava horrorizado.

— É impressionante não a odiares — disse ele com compaixão.

— A culpa não é dela, é dos meus pais. Ela é igual a eles, por isso, acham-na perfeita. E ela é linda, tenho de admitir. É como a tua irmã, mas numa versão mais pequena. — Era um padrão de perfeição que Victoria nunca tinha atingido e sabia que nunca conseguiria atingir.

— Pois, e há um ano que a minha irmã não sai com ninguém — lembrou-lhe ele. Victoria achava difícil acreditar nisso. — As pessoas que dizem essas coisas aos filhos não deviam nunca ser pais — observou ele com um ar sério.

— É verdade. Mas são pais, à mesma. Qualquer pessoa, qualificada ou não, pode ter filhos, e muitas pessoas não são qualificadas. O meu pai gosta de se divertir à minha custa. Fiz uns anos de terapia há uns tempos e depois parei durante dois anos. Voltei à terapia no verão. Faz toda a diferença. Pelo menos, a nível intelectual, percebemos que eles é que têm defeitos, não somos nós. Mas, no fundo, lembramo-nos de todas aquelas coisas que eles nos disseram quando tínhamos cinco, seis, treze anos, e ouvimo-las dentro da nossa cabeça para sempre. Tentei afogar essas vozes em gelados — confessou ela. — Não resultou.

Victoria nunca tinha sido tão sincera com ninguém e ele parecia não estar a julgá-la. Ela gostava mesmo dele e esperava que ele estivesse a ser sincero, apesar de ela desconfiar de toda a gente, depois das experiências com homens desonestos, como Jack Bailey e outros. Até agora, a sua vida amorosa não tinha sido muito feliz.

— Também tenho uma relação estranha com os meus pais — admitiu ele. — Tinha um irmão mais velho que era o filho perfeito. O atleta perfeito, o aluno perfeito. Perfeito em tudo. Estudante de Harvard, capitão da equipa de futebol, estudante de Direito, melhor da turma. Era

um miúdo fantástico, um tipo excelente e um irmão maravilhoso. Foi morto por um condutor bêbedo em Long Island no fim de semana do feriado do 4 de Julho, logo depois de saber que tinha passado no exame da Ordem, à primeira, claro, e com a nota máxima. Eu só passei à terceira e andei a arrastar-me na minha turma. Duke e a Universidade de Nova Iorque não serviam para os meus pais, comparadas com Harvard e Yale. Não sou um atleta, nem nunca fui. Gosto de estar em forma, jogo ténis e *squash*, mas é só isso. O Blake era um rapaz de ouro. Toda a gente o adorava. Era o meu mano mais velho. Em miúdos, eu vivi sempre na sombra dele. Depois da morte dele, o mundo parou para os meus pais. Nunca recuperaram, nenhum deles. O meu pai reformou-se e a minha mãe definhou. Desde então, ninguém está à altura dele. Eu não estou de certeza. A minha irmã passou ao lado disto tudo por ser rapariga. Mas eles acham que eu sou uma má troca por Blake. Ele ia acabar por seguir política e, provavelmente, ter-se-ia saído bem. Era um pouco estilo Kennedy, com muito carisma e charme. Eu sou apenas um tipo normal. Vivi com uma pessoa há uns anos e não resultou, por isso, eles começam agora a pensar no que terei eu de errado para não me casar. Na opinião deles, eu fico sempre num mau segundo lugar ou nem sequer chego a qualificar-me, em comparação com o meu irmão. É difícil estar com eles e sentir que nunca hei de estar à sua altura. Ele era cinco anos mais velho do que eu e morreu há catorze anos. Eu tinha acabado de sair da universidade e, desde então, sou uma desilusão para eles. — Ele não tinha tido uma infância difícil como ela, mas há catorze anos que percorria um caminho penoso e ela conseguia vê-lo nos seus olhos, aquela sensação horrível de que não somos suficientemente bons para sermos amados pelas pessoas de quem mais gostamos e, por fim, por todas as outras pessoas. Ela conhecia bem essa sensação. — Não sou tão corajoso como tu. Nunca fiz terapia e talvez devesse fazer. Aceitei simplesmente o lugar que o meu irmão me deixou. Tentei ser ele durante uns tempos, mas não consegui. Eu *não* sou ele. Eu sou eu, o que nunca é suficientemente bom para eles. Eles são pessoas tristes. — E ele não era. Mas vivia com as mesmas mensagens tóxicas com que ela tinha vivido, mas por razões diferentes. E daquilo que leu nuns livros de autoajuda, achou que ele podia ter a culpa do sobrevivente.

— Sinto sempre que os meus pais deviam ter um cartaz a dizer: «Não te amamos.» Seriam mais honestos assim.

Ela sorriu e ele riu-se. A imagem era perfeita e era exatamente o que ele sentia. As experiências de vida de ambos eram incrivelmente semelhantes e ligavam-se bem. Tinham muito em comum. Dadas as relações difíceis com os pais, tiveram de se esforçar para conseguirem sobreviver e permanecer pessoas saudáveis. Ao final da noite, ambos sentiam que tinham feito descobertas importantes sobre cada um deles. Ele pôs-lhe o braço por cima dos ombros e foram até ao táxi, mas Collin não tentou beijá-la, o que era um ponto a favor dele. Ela detestava ser apalpada por estranhos que achavam que tinham esse direito só por pagarem o jantar. Ele não o fez e ela respeitou-o por isso. Antes de chegarem ao prédio dela, Collin perguntou-lhe se ela queria jantar com ele de novo. Acrescentou que esperava que ela aceitasse e pediu desculpas por ter abordado assuntos tão sérios no primeiro encontro. Mas, para ambos, era a realidade, e era um alívio poder partilhá-la com alguém que compreendesse.

— Adorava jantar contigo de novo — disse ela com sinceridade. Ele sugeriu o sábado à noite, o que, em teoria, afastava a preocupação de ele ter uma namorada ao fim de semana, a menos que estivesse com ela na sexta-feira, lembrou-se Victoria. Jack tinha feito uma coisa assim. Mas Collin não era Jack. Ele era maravilhoso.

Ele deu-lhe um beijinho no rosto e ficou a vê-la entrar no elevador, dizendo-lhe que lhe telefonava no dia seguinte. Foi com um ar feliz que entrou no apartamento e Harlan ficou com um sorriso de orelha a orelha quando a viu. John já se tinha ido deitar.

— Devo-te dez dólares — disse ela ao entrar antes que ele avançasse.

— Como é que sabes? — perguntou ele intrigado.

— Conversas fantásticas, noite espetacular, rapaz maravilhoso. O braço por cima dos meus ombros a caminho do táxi. Tocou-me na mão duas vezes durante o jantar. Não se importa se sou gorda ou não, gosta de mulheres «a sério» e convidou-me para jantar no sábado à noite.

Ela estava toda sorridente e ele foi a correr dar-lhe um abraço. Harlan andava sempre a abraçá-la e a dar-lhe beijinhos. John era sempre mais frio com ela, era o feitio dele e também ficava menos à vontade com as mulheres. Tinha tido uma mãe horrível que costumava bater-lhe e isso afastou-o das mulheres para sempre. Todos nós temos as nossas cicatrizes.

— Caraças! — disse Harlan depois de a abraçar — Estás a dever-me cinquenta dólares, talvez até cem. Isso foi melhor do que um encontro. É um homem a sério. Parece-me fantástico. Quando é que o posso conhecer? Antes do casamento. Do teu, quero eu dizer. Que se lixe o da Grace.

Os dois amigos riram-se e ela tirou uma nota de dez dólares da carteira e deu-lha. Teve um encontro a sério! E com um tipo fantástico! Ele valia bem a espera de quase trinta anos, embora fosse demasiado cedo para saber o que ia acontecer. Podia não dar em nada e, mesmo que desse, podia acabar tudo. Era a vida real.

Collin telefonou-lhe mal ela se deitou nessa noite e disse-lhe que se tinha divertido muito e que estava ansioso por vê-la de novo. Ela sentia exatamente o mesmo.

— Sonhos cor-de-rosa — disse ele antes de desligar. Ela sorriu e deitou-se na cama ainda com o telemóvel na mão. Eram mesmo sonhos cor-de-rosa.

CAPÍTULO 24

O segundo encontro de Victoria com Collin foi ainda melhor. Foram a um restaurante de peixe no Brooklyn e comeram lagosta. O restaurante era barulhento e divertido e eles gostaram de estar um com o outro. As conversas foram tão substanciais quanto as da primeira vez e ambos se sentiam confortáveis a falar deles próprios e de quem eram, expondo-se um ao outro. Começaram a encontrar-se no ginásio ao fim do dia e a falar de coisas do dia a dia enquanto pedalavam nas bicicletas. Estavam perfeitamente à vontade. Ele abraçava-a sempre e dava-lhe um beijinho na cara, mas não ia mais longe do que isso, e ela não se importava, até gostava.

No terceiro encontro, ele levou-a ao *ballet*, porque ela tinha dito que gostava. Foram a uma exposição no Metropolitan Museum no domingo, a que se seguiu um *brunch*. Ele levou-a à estreia de uma peça na Broadway. Victoria estava a divertir-se imenso com ele e Collin era muito criativo em todos os encontros. Era sempre tudo muito bem pensado e qualquer coisa que ele achasse que ela ia gostar.

Depois da noite no teatro, ele estava, pela primeira vez, com um ar desconfortável ao convidá-la para jantar. Avisou-a de que iria ser uma noite de que ela podia não gostar e que, decerto, não seria divertida, mas ele queria perguntar-lhe na mesma.

— Os meus pais vêm cá. Gostava que os conhecesses. Mas eles não são nada divertidos. Não são pessoas felizes e vão falar durante toda noite do meu irmão. Mas era importante para mim se os conhecesses. O que achas?

— Acho que devem ser muito melhores do que os meus — respondeu ela num tom suave. Ficou comovida e lisonjeada por Collin querer que ela os conhecesse.

Lá foram, e eles eram tudo o que ele tinha dito ou pior. Eram pessoas bonitas, aristocráticas e inteligentes. Mas a mãe tinha um ar deprimido e o pai parecia despedaçado pela vida e pelo filho que perdera. Ele tinha os ombros descaídos e os seus rostos e as suas vidas deixaram de ter cor. Era como se eles nem sequer vissem Collin, mas apenas o fantasma do irmão. Todos os assuntos iam dar ao filho perdido e todas as referências ao que Collin fazia levavam a uma comparação desvantajosa com o irmão. Collin nunca podia ganhar. À maneira deles, eram tão maus quanto os pais dela e igualmente deprimentes. Quando foram deixá-los ao hotel, ela queria abraçá-lo e beijá-lo até a dor desaparecer, mas, em vez disso, foi ele que a beijou. Era a primeira vez que o fazia, e tudo aquilo que ela sentia por ele, toda a compaixão, simpatia e amor, saltou cá para fora. Ela queria sarar todos os sofrimentos antigos por que ele tinha passado e a solidão da rejeição dos pais. Falaram durante muito tempo sobre como era penoso

para ele, e Collin ficou-lhe muito grato por todo o apoio que ela lhe deu.

John e Harlan já se tinham ido deitar quando Victoria e Collin chegaram a casa. Falaram e beijaram-se durante várias horas. Ela não gostava dos pais dele quase tanto quanto não gostava dos próprios pais, embora os dele tivessem uma desculpa e os dela não. Os dela, simplesmente, não gostavam de Victoria. Os dele sofriam com a morte de um filho. Mas, de qualquer maneira, eram pouco amáveis e pouco afetuosos e rejeitavam-nos ao ponto de se tornarem cruéis e, em ambos os casos, tinham convencido os próprios filhos de que não mereciam ser amados. E ambos iriam carregar essas cicatrizes para sempre, tal como tantas outras pessoas. Para Victoria, parecia-lhe um dos piores crimes cometidos pelos pais, convencer os próprios filhos de que não só não os amavam, como eles não eram merecedores de qualquer amor e que também mais ninguém os iria amar. Tinha sido a sina da vida dela e da de Collin também.

Nessa noite, conseguiram dar um ao outro o amor, o conforto e a aprovação que mereciam e de que há tanto tempo precisavam. Foi uma noite muito importante para eles. Muito mesmo. Victoria já não contava a Harlan tudo o que se passava nos encontros dos dois. Começava a criar uma fidelidade a Collin, que lhe parecia o mais acertado. E ele sentia o mesmo por ela, também não contava à irmã tudo o que acontecia. Também queria proteger Victoria e a relação que partilhavam. Eram os dois respeitadores e discretos.

O jantar que partilharam depois da visita dos pais dele era importante para os dois. Parecia-lhe tonto e patético e Victoria sentia-se envergonhada por isso significar tanto para ela, mas significava mesmo e Collin percebeu. Era o Dia dos Namorados e ele levou-a a jantar a um pequeno restaurante francês muito romântico, com comida deliciosa, embora ela comesse regradamente. O jantar foi maravilhoso e, no final, foram para o apartamento dele e não para o dela. Ele tinha champanhe e ofereceu-lhe uma pulseira de ouro com um pequeno coração de diamante, que lhe pôs logo no pulso, dando-lhe um beijo. Era a altura e o sítio perfeito para os dois. Ela derreteu-se nos braços dele e, uns momentos depois, na cama dele. As roupas desapareceram, assim como todos os anos solitários que viveram sem estarem juntos. E, quando a noite acabou, a única coisa que sabiam é que se amavam. Finalmente, sentiam-se merecedores e amados.

A partir daí, a vida deles em conjunto começou a ganhar a qualidade do dia a dia. Iam jantar fora, ficavam em casa, lavavam a roupa juntos, iam ao ginásio, passavam as noites no apartamento dele ou dela, iam ao cinema e conseguiam juntar duas vidas reais numa só. Funcionava tudo muito bem, melhor do que qualquer um deles alguma vez tinha sequer sonhado.

Collin teve a ideia de tirar uma semana de férias e ir para fora com Victoria por altura da Páscoa. Grace implorou-lhe para ir a Los Angeles, mas Victoria não queria. Ela sabia que a família ia estragar-lhe esse tempo e, se eles ficassem juntos, ele teria de a conhecer em breve. Ela ficava apavorada com a ideia de o apresentar aos pais e falou sobre isso várias vezes com a psicóloga, que estava feliz por ela.

— Porque é que tem medo de o apresentar aos seus pais? — perguntou-lhe a psicóloga perplexa com a resistência dela. A relação estava a correr tão bem, melhor do que Victoria alguma vez tinha sonhado.

— E se os meus pais o convencerem de que eu não sou digna nem merecedora de amor e ele decidir que eles têm razão? — As palavras saíram-lhe de rompante.

— Acha mesmo que isso vai acontecer? — perguntou-lhe a psicóloga, olhando-a nos olhos, e Victoria abanou a cabeça.

— Não. Mas, e se acontecer? Eles são muito persuasivos.

— Não são nada. A única pessoa que eles conseguiram convencer foi você. Ninguém, excetuando a própria filha, iria acreditar neles, e é por isso que aquilo que eles fazem é tão cruel. Mais ninguém ia acreditar nisso. E o Collin parece-me ser um homem esperto.

— E é. Mas preocupa-me aquilo que eles vão dizer e a humilhação que eles me vão fazer passar à frente dele.

— São bem capazes disso. Mas, mesmo que isso aconteça, garanto-lhe que ele não vai gostar disso e vai ficar com uma impressão ainda pior deles. A propósito, já o convidou para o casamento da sua irmã? — Victoria ainda não tinha falado sobre isso.

— Ainda não, mas vou convidar. Não quero que ele me veja com aquele vestido castanho que me fica horrivelmente mal. É uma vergonha!

— Ainda a pode convencer a deixá-la vestir outra coisa qualquer. Não é tarde — lembrou-lhe a psicóloga.

— Já tentei. Ela não deixa. Tenho de aguentar e vesti-lo. Mas detestava que o Collin me visse com ele.

— Parece que ele a ama de qualquer maneira. O vestido castanho não é importante para ele. — A psicóloga lamentava que Victoria não conseguisse fazer frente à irmã nesta questão.

A vida sexual com Collin também era fantástica, mas, inicialmente, ela sentia vergonha do seu peso. Mesmo tendo já emagrecido, estava mais gorda do que desejava, e tinha uns pneuzinhos extra aqui e ali e era roliça. Não queria que ele a visse e apagava sempre a luz. Tapava-se toda e corria para a casa de banho às escuras ou, então, vestia um roupão. Até que um dia ele convenceu-a, por fim, de que adorava o corpo dela exatamente como era, deliciava-se com ele, venerava-o, e ela acreditou. Ele olhava para ela como se fosse uma deusa, sempre que a via nua. Fazia-a sentir-se como uma rainha e uma sacerdotisa suprema do amor. Nada na vida tinha sido tão excitante e, quando ela começou a perceber o que ele sentia por ela e a acreditar nisso, passaram a estar sempre enfiados na cama. Nunca se tinha divertido tanto na vida e isso refletia-se na dieta. Agora comia com sensatez e mantinha-se afastada dos gelados e dos alimentos que engordam e ia com regularidade ao nutricionista. Mas, acima de tudo, queria gritar aos quatro ventos que Collin a amava. Afinal, ela era merecedora de amor. Nunca tinha sido tão feliz na vida e Collin sentia o mesmo. Ele rejubilava no calor do amor de Victoria, na sua aprovação e admiração. Era de tudo isso que ele sempre sentira falta. A vida deles juntos era como um jardim onde tudo crescia com sumptuosidade. O amor que partilhavam era, para ambos, uma coisa bonita.

Antes das férias da Páscoa, Victoria foi a uma festa onde todos levaram presentes para o bebé de Amy Green, que podia nascer a qualquer momento. Era comovente vê-la tão grande com a mãe a girar à volta dela. Amy parecia estar feliz e o acordo com a escola tinha resultado bem. Umas semanas depois do bebé nascer, iria voltar para fazer os exames finais. Tinha sido aceite em Harvard e na Universidade de Nova Iorque. Decidiu ficar ali na cidade para poder estar com o bebé e a mãe que a ia ajudar. Justin também ia para a Universidade de Nova Iorque. Tinha resultado na perfeição para os dois. Ele mudara-se para casa da mãe de Amy nos últimos meses da gravidez, com o consentimento dos pais dele, apesar de, inicialmente, não terem ficado muito satisfeitos com a ideia. Mas a família de Amy tinha sido sensata e era comovente ver os dois jovens a esforçarem-se tanto para fazerem o mais acertado. Tinham agora dezoito anos. Victoria já tinha falado deles a Collin. Adorava partilhar todos os aspetos da vida dela com ele e Collin fazia o mesmo com o trabalho dele e andava ansioso por apresentá-la aos amigos. Juntos sentiam-se mais fortes. Não tiravam nada um ao outro, complementavam-se.

Collin surpreendeu-a com uma casa antiga remodelada numa quinta no Connecticut que arrendou para as férias da Páscoa. Era privada, encantadora e incrivelmente confortável. Era como brincar às casinhas. Ficava perto de uma aldeia pitoresca. Davam longos passeios, alugavam cavalos e andavam pelo campo. À noite, cozinhavam juntos e estavam sempre a fazer amor. Quando a semana acabou, detestaram ter de deixar a casa. Tudo tinha sido perfeito.

Estava tudo a correr muito bem na vida dos dois, até uma semana depois de regressarem das férias da Páscoa. Victoria estava em casa de Collin quando o telemóvel dela tocou. Era Grace, que estava a chorar tanto que Victoria não percebia uma só palavra do que ela dizia. Por algumas partes da conversa e pelas perguntas que Victoria fazia, Collin percebeu que qualquer coisa estranha se passava, mas nenhum deles sabia o que era. Victoria pensou que um dos pais pudesse ter morrido ou Harry. Grace não falava com coerência e Victoria estava a começar a entrar em pânico.

— Grace, acalma-te! — gritou-lhe, e os soluços continuaram enquanto a história se desenrolava.

— Ele traiu-me — disse ela e desatou a chorar novamente.

— Como é que sabes? — perguntou Victoria, pensando que talvez fosse uma bênção, se a impedisse de casar com o rapaz errado. Talvez fosse o destino e não fosse assim tão mau, apesar de ser devastador para Grace.

— Vi-o a sair de um prédio com uma mulher. Eu ia a caminho da casa da Heather para lhe mostrar os desenhos do meu vestido e vi-o. Ele estava a sair do prédio com ela e deu-lhe um beijo, depois meteram-se no carro e foram-se embora. Ele disse-me que tinha de se encontrar com o pai dele por causa de uns negócios e mentiu-me. — Desfez-se novamente em lágrimas. — E, ontem à noite, não voltou para casa. Eu telefonei-lhe e ele não atendeu o telefone.

— Tens a certeza de que era o Harry? — perguntou Victoria.

— Absoluta. Ele não me viu. Eu tinha a janela do carro aberta e consegui ouvi-los a rirem-se. Estava mesmo perto deles. Ela tinha um ar reles, mas eu já a tinha visto antes. Acho que é uma das secretárias do pai dele. — Grace chorava como um bebé.

— Disseste-lhe que o viste?

— Sim. Ele disse que eu não tinha nada que ver com isso, que ainda não estávamos casados e que ele ainda era um homem livre. E que, se eu o chateasse, ele cancelava o casamento. Disse que era por isso que o meu anel era tão valioso, para manter a minha boca fechada e deixá-lo em paz.

Era uma coisa horrível de se dizer e Victoria estava chocada. Vinha apenas confirmar o que ela pensava de Harry.

— Não podes casar com ele, Grace. Não podes casar com um homem que te trata assim. Ele vai voltar a trair-te. — Nessa altura, Collin já tinha percebido tudo e estava sentado no sofá ao lado de Victoria com um ar preocupado. Ainda não conhecia a irmã mais nova, mas já tinha pena dela. Era apenas uma miúda.

— Não sei o que fazer — disse Grace, com uma voz de menina perdida.

— Cancela o casamento. Não tens outra hipótese. Não podes casar com um tipo que já te anda a trair agora, dorme com outras e diz para manteres a boca calada porque te deu um anel valioso. Ele não te respeita. — E, pelos vistos, nem a ele próprio, pensou Victoria. Collin anuía, concordando com tudo o que ela dizia. Aquele tipo parecia um canalha. Ele também não queria que a irmã dele casasse com um tipo daqueles.

— Não quero cancelar o casamento — disse Grace a soluçar. — Eu amo-o.

— Não podes deixar que ele te trate assim. Porque é que não vens passar uns dias a Nova Iorque? Assim podemos falar sobre isso. Já contaste ao pai?

— Já. Ele diz que às vezes os homens fazem isso e não significa nada.

— Isso são tretas! Alguns homens fazem isso. Os homens decentes não fazem, se amam as mulheres. Pode acontecer, mas não assim, com uma mulher qualquer dois meses antes do vosso casamento. Não é um bom sinal.

— Eu sei. — Grace parecia destroçada e perdida.

— Eu compro-te a passagem. Quero que venhas amanhã. — Já era tarde então.

— Está bem. — Entre os soluços, Grace parecia dócil e ainda estava a chorar quando desligaram o telefone.

Logo a seguir, Victoria ligou para a companhia aérea, reservou um voo e mandou todas as informações a Grace. Estava disposta a tirar uns dias na escola, se fosse preciso, para poder ficar com a irmã. Era importante. Ela não podia casar com Harry. Não havia qualquer dúvida. E Collin concordou com ela, depois de saber a história toda.

— Isto é apenas o início. Se ele já a está a trair agora, nunca há de parar. Provavelmente, sempre a traiu, ela apenas não sabia — disse Collin e Victoria concordou.

Tinha tido muitas oportunidades com a família, nas viagens à Europa e nas festas aos fins de semana. Collin tinha razão, se Harry a traía, Grace ia ter uma vida miserável. Quando nessa noite se foram deitar, ainda estavam a falar sobre isso.

No dia seguinte, Victoria esperou por uma hora mais razoável para lhe telefonar entre as aulas. Grace tinha acabado de se levantar, depois de ter passado a noite quase toda a chorar. Disse que Harry não lhe tinha telefonado e que, da última vez que falara com ele, ele a tinha

ameaçado novamente que cancelava o casamento, como se Grace tivesse feito alguma coisa de errado ao reprovar o seu comportamento e dizer-lhe o que tinha visto.

— Deixa-o cancelar — disse Victoria bruscamente. Ela esperava que ele o fizesse.

— Não quero que ele cancele — disse Grace a chorar outra vez e Victoria entrou em pânico. Ela não podia casar com esse homem. Ele nem sequer tinha pedido desculpas pelo que fizera e não mostrava remorsos de nada, o que eram sinais terríveis. Era um rapaz rico malcomportado que fazia o que queria e que ameaçava a futura mulher em vez de se atirar aos pés dela, a implorar-lhe perdão, o que teria sido um começo e talvez nem sequer fosse o suficiente. Para Victoria não seria, certamente.

— Mete-te no avião. Falamos mais sobre isso aqui. Diz aos pais que me queres visitar. Além disso, quero que conheças o Collin. — Ela já lhe tinha falado sobre ele, embora esta não parecesse uma boa altura para se conhecerem.

— E se ele ficar mais furioso por eu ir para Nova Iorque? — Ela parecia estar em pânico.

— Grace, estás maluca? E se ele ficar mais furioso?! Ele traiu-te. Tu é que deves ficar furiosa, não ele.

— Ele disse que eu andava a segui-lo, a espiá-lo.

— E andavas?

— Não. Eu ia ter com a Heather para lhe mostrar os desenhos do meu vestido — explicou ela de novo.

— Exatamente. Ele mente. E é um traidor. Vem para Nova Iorque. — Victoria relembrou-lhe a hora do voo e Grace ainda tinha bastante tempo para conseguir apanhá-lo.

— Está bem, eu vou. Até logo — disse ela nervosa, mas já sem chorar.

Victoria tinha-lhe marcado um voo que saía de Los Angeles ao meio-dia e que devia aterrar no Aeroporto de John F. Kennedy às oito horas da noite de Nova Iorque. Victoria planeava ir buscá-la. Ia apanhar o comboio das sete horas e até já tinha comprado o bilhete. Às seis da tarde, o telemóvel tocou, quando ela estava no apartamento a preparar as coisas para Grace e a mudar a roupa da cama.

Era Grace que lhe ligava e Victoria ficou confusa.

— Onde é que estás? Aterraste mais cedo?

— Estou em Los Angeles. — Ela pareceu-lhe aborrecida e com sentimentos de culpa. — O Harry disse que me perdoava e que não cancelava o casamento, se eu esquecesse tudo e não o voltasse a fazer. — Ela parecia um robô a falar e Victoria ficou maluca.

— Voltar a fazer o quê?! Ser traída? Que raio está ele a dizer? O que é que não deves voltar a fazer? — Tinha a voz a tremer de raiva e preocupação pela irmã. Harry estava a virar a situação contra Grace e a culpá-la, quando ele é que era descaradamente o culpado e não a irmã.

— Andar a espiá-lo e acusá-lo de coisas. — Ela estava a chorar, mas Victoria não conseguia ouvir. — Ele diz que eu não sei o que estou a dizer e que ele só lhe deu um beijo e que, de qualquer maneira, eu não tenho nada que ver com isso.

— É com um tipo desses que queres casar? — Victoria já estava a gritar. Estava sozinha no

apartamento e a ficar completamente desesperada.

— É — respondeu Grace triste e começou a soluçar. — Quero. Não quero perdê-lo. Eu amo-o.

— Nunca o vais ter, apenas no nome, se ele já te anda a trair. Isso não é o suficiente. Ele está a fazer chantagem contigo para te calares, Grace. Está a dizer-te que se o repreenderes por causa destas asneiras, mesmo que ele esteja errado, ele te abandona. Ele é um parvalhão! — Grace chorou ainda mais.

— Não me importa. Eu amo-o! — De repente, ficou zangada com a irmã, em vez de se zangar com o futuro marido, por fazê-la encarar a verdade, que era demasiado assustadora para ela. — Ele diz que não me vai trair quando estivermos casados.

— E acreditas nele?

— Acredito! Ele não ia mentir.

— Mas ainda agora mentiu — lembrou-a Victoria num tom de desespero. — Ele saiu com outra mulher há duas noites. Tu viste-o. E ele não foi dormir a casa. Tu própria mo disseste. É essa a vida que queres?

— Não, ele não vai fazer isso. Ele disse que não. Está só nervoso por causa do casamento.

— Os nervos do casamento não tornam uma pessoa infiel ou, pelo menos, não deviam. E se tornarem, não deve haver casamento.

— Não me importa o que tu achas — disse Grace rancorosa. Victoria estava a alertá-la e ela fazia tudo para escapar a isso e encontrar consolo nas mentiras de Harry. — Nós amamo-nos e vamos casar. Ele não é infiel.

— Não, é um tipo espetacular — disse Victoria irónica. — Isto é nojento e tu é que vais ter de pagar o preço.

— Não vou nada — respondeu Grace. — Vai correr tudo bem. — Victoria sabia que não, mas Grace não a queria ouvir.

— Vens a Nova Iorque? — perguntou Victoria numa voz apagada.

— Não. O Harry não quer. Diz que tenho muitas coisas a fazer aqui e que ia ter muitas saudades minhas. — E não queria que a futura mulher ingénua fosse influenciada pela irmã mais velha e mais sábia, que não se deixava enganar por ele. Victoria apercebeu-se disso com facilidade.

— Aposto que sim. Ele não quer é que tu venhas falar comigo. Faz o que quiseres, Grace. Não te esqueças de que estarei aqui para te apoiar. — E sabia que, mais cedo ou mais tarde, a irmã iria precisar de ajuda. Despedaçava-lhe o coração. Quando desligou, não pôde deixar de pensar se isso teria acontecido também à mãe. Talvez o pai também a tivesse traído em alguma altura e era por isso que ele estava disposto a perdoar Harry. Não o devia fazer, a bem da filha, independentemente do dinheiro. O dinheiro não lhe ia trazer felicidade se Harry fosse infiel ou um mau marido. Mas ele gostava do prestígio que aquele parentesco lhe trazia.

Victoria pensou em ligar ao pai, mas achou que seria inútil. Ele não lhe ia dar ouvidos. Estava demasiado concentrado no casamento de Grace pelas razões erradas. Haviam formado um conluio para a casar com Harry Wilkes, independentemente do que pudesse acontecer. Para

Victoria, aquilo tudo parecia um inferno. Telefonou a Collin e contou-lhe o que se estava a passar e ele ficou transtornado por ela. Sabia o quanto Victoria gostava da irmã e isto parecia-lhe uma situação muito má.

— É uma pena os teus pais não serem mais inteligentes.

— São uns idiotas, só gostam do nome dele. E ela está a ser uma criancinha tonta. Acha que, se o perder, não haverá mais ninguém que goste dela. Um dia, ainda se vai sentir miserável com ele.

Collin não discordava. Nessa noite, ela ficou deprimida por causa de tudo isto. Mandou uma mensagem a Grace a dizer-lhe que a adorava, mas não lhe telefonou mais. Não havia nada que pudesse dizer a não ser a verdade.

Nesse dia, a doutora Watson não foi muito útil. Disse a mesma coisa que já tinha dito vezes sem conta, mesmo agora depois de Harry ter enganado Grace ou, pelos menos, assim parecia.

— São decisões dela — recordou-lhe — e a vida dela. Concordo plenamente com o que está a dizer. Ele está a chantageá-la, a controlá-la e, provavelmente, está a ser desonesto. Mas ela é a única pessoa que pode enfrentá-lo e mudar a situação ou afastar-se. Você não tem lugar nesta história. — Foi muito precisa ao dizê-lo e Victoria ficou furiosa consigo própria. Sentiu-se inútil.

— Então, tenho de me sentar e ficar especada a ver? — Os olhos de Victoria enchiam-se de lágrimas de raiva e frustração.

— Não, tem de viver a sua própria vida. Concentre-se na sua vida com o Collin, com a qual estou muito contente por estar a correr bem. Não há nada que possa fazer, nem deve, pela vida da sua irmã ou pelo casamento dela. É uma decisão dela, seja boa ou má, e não importa o que a Victoria pensa.

— Mesmo aos vinte e dois anos, quando nada sabemos e precisamos de orientação? — Victoria encolheu-se com o que a doutora Watson estava a dizer, sobretudo porque era verdade.

— Exatamente. Ela não está a pedir-lhe nenhuma orientação. Está a dizer-lhe para se afastar. — Victoria sabia que a psicóloga estava certa, o que só dificultava tudo.

— Para poder acreditar nas mentiras dele? — Estava indignada.

— Sim, se é isso que ela quer, e, pelos vistos, é. A mim também não me agrada, e ouvir histórias destas também me perturba. Mas está de mãos atadas.

— Detesto isto. — Estava verdadeiramente transtornada com o facto de Grace ir casar com ele. Mas não queria deixar de se relacionar com a irmã e sabia que isso podia acontecer. Harry tinha chantageado a irmã para permanecer em silêncio, ajudado e incitado pela juventude e necessidade dela e também pelo narcisismo e ambição do pai. Ele queria que a filha casasse com um Wilkes, a qualquer preço, para se poder exibir. E Grace tinha medo de perder Harry. Victoria tinha medo que a irmã se perdesse, o que era pior.

O sobressalto seguinte foi um telefonema de Grace uma semana depois. Como dama de honor, ela queria que Victoria planeasse um fim de semana de despedida de solteira em Las Vegas para ela com as dez damas de honor, incluindo Victoria, o que lhe pareceu horrível. Quando Victoria lhe perguntou por Harry, Grace disse que estava tudo bem e mudou de assunto.

Ela tinha sido ameaçada para ficar em silêncio até mesmo com a própria irmã. Se Grace estava preocupada, não o ia admitir. Ela só queria que Victoria organizasse um fim de semana horrendo. Victoria não queria organizar, nem ir, e não queria incentivar o casamento dela com um parvalhão, mas também não teve coragem para recusar.

— Já não se faz apenas um jantar nas despedidas de solteira? Quem é que tem tempo para um fim de semana fora? — Só mesmo pessoas com muito dinheiro que não trabalhavam, o que não era o caso dela.

— Não, agora é comum ir passar-se um fim de semana fora. O Harry fez a despedida de solteiro dele em St. Bart's na semana passada. Ficaram fora durante cinco dias — revelou Grace e Victoria nem quis imaginar o que se tinha passado por lá.

Suspirou alto, nada contente com esses planos.

— Manda-me uma lista do que queres e eu logo vejo o que posso fazer. Não há outra pessoa que possa fazer isto? Eu trabalho, Grace, e ainda tenho de levar em conta a diferença horária. Vocês estão todas na costa oeste e nenhuma de vocês trabalha. — Todas as outras damas de honor eram meninas ricas e mimadas que viviam às custas dos pais ou que ainda estudavam.

— Tu és dama de honor, é a tua função — disse ela obstinada, e Victoria sentiu-se culpada. A relação entre as duas irmãs andava tensa nesses dias por causa do casamento.

— Quando é que queres ir? — perguntou Victoria num tom desanimado.

— Em maio — respondeu Grace muito contente, sem prestar atenção ao desconforto da irmã.

— Está bem, eu trato disso. Adoro-te — disse Victoria triste e desligou.

Grace prometeu mandar-lhe os nomes todos e os pormenores e acrescentou que o pai iria pagar tudo. Ele andava a gastar bastante dinheiro para conseguir esta relação de parentesco, mas não faria nada disso por Victoria, ela sabia-o bem. Até já a tinha avisado e acrescentara que o melhor era fugir para casar se alguma vez encontrasse um marido.

Felizmente, e apesar de todas as tensões com o casamento, a vida com Collin corria bem, mas Victoria não viu com bons olhos um telefonema da mãe a dizer que o pai tinha de ir a Nova Iorque para se encontrar com um cliente e que chegavam dentro de dois dias. Era só do que Victoria precisava, e eles já sabiam da existência de Collin, por isso, com certeza que haveriam de querer conhecê-lo. Além do mais, ela já tinha conhecido os pais dele. Odiava as coisas que sabia que o pai iria dizer sobre ela. Nessa noite, contou a Collin.

— Vais jantar comigo e com os meus pais? — perguntou-lhe ela com um ar inconsolável e ele sorriu e deu-lhe um beijo.

— Claro.

— E, já que estamos a falar nisto, queria fazer-te outra pergunta.

— A resposta é sim — brincou ele. — Qual é a pergunta? — Sabia que ela andava muito perturbada e ansiosa e tinha pena dela. Victoria preocupava-se com a irmã e, por aquilo que já tinha ouvido, com toda a razão.

— Queres ir ao casamento da minha irmã comigo? — perguntou ela e ele sorriu.

— Estava a ver que nunca mais perguntavas.

— Todas as outras damas de honor vão ficar lindíssimas com o vestido que Grace escolheu, mas eu vou ficar horrenda. Não vais orgulhar-te de mim — disse ela já com as lágrimas a encherem-lhe os olhos.

— Vou orgulhar-me de ti e por estar contigo. E nem que tentasses, não conseguias ficar horrenda. Já agora, quando é que vêm os teus pais?

— Daqui a dois dias — respondeu como se fosse o fim do mundo, e para ela era mesmo. O pai ia ridicularizá-la à frente do homem que ela amava e ia provar que ela não era merecedora de amor. E se Collin acreditasse nele? Nem sequer pensou que o pai é que ficaria malvisto e não ela. Collin sabia que ela era merecedora de todo o amor.

No dia seguinte, fez telefonemas para Las Vegas, embora a doutora Watson lhe tivesse repetido que ela podia recusar se não o quisesse fazer. Mas ela não queria desiludir Grace. Nunca quis.

Passado um dia, os pais chegaram a Nova Iorque. Iam ficar hospedados no Hotel Carlyle e convidaram-na a ela e a Collin para irem beber um copo ao Bemelmans Bar. Afinal, tinham de jantar com o cliente do pai e não dispunham de tempo para jantar com eles, o que era uma bênção. Ir beber um copo seria mais do que suficiente. Ela sabia que o pai a conseguia destruir em cinco minutos — não precisava de uma noite inteira para o fazer.

Percebeu de imediato que o pai ficou muito impressionado com Collin e surpreendido pela boa aparência dele, como se não acreditasse que Collin pudesse namorar com alguém como ela. Victoria também não conseguia acreditar, mas ele queria estar com ela e tinha-o provado nos últimos quatro meses.

Toda a gente se comportou muito bem. Já estavam a conversar há hora e meia quando o pai comentou que esperava que Collin andasse a vigiar o que ela comia para poder caber no vestido de dama de honor que a irmã encomendara. Victoria reuniu forças quando o ouviu dizer isso.

— Já emagreci, pai — disse ela calmamente —, e nós costumamos ir ao ginásio todos os dias.

— Decerto que é uma boa influência para ela — continuou o pai a sorrir para Collin, que estava com um ar defensivo à espera do que ele iria dizer a seguir. — Mesmo assim, esteja atento aos gelados — disse ele com um riso que ela odiava. Nem ele nem a mãe repararam no peso que ela já perdera, nem sequer no nariz novo, coisa que Collin também não sabia. Ela nunca lhe tinha contado. Achava que ele não precisava de saber. De seguida, o pai virou-se para Collin para comentar que Harry era um rapaz magnífico e que estava muito satisfeito com o casamento.

Victoria decidiu falar e ser bem clara.

— Não, ele não é um rapaz magnífico, pai. Ele traiu-a e o pai sabe bem. — Por um minuto, o pai olhou para ela perplexo por estar a ser repreendido. Olhou atentamente para Victoria.

— Foram só uns nervos inofensivos — disse ele alegremente. — Todos os rapazes fazem coisas dessas antes de se casarem. Serve para aliviar a tensão. — Piscou o olho a Collin, como se este concordasse com ele. Collin não retribuiu a piscadela.

— Como é que a pode deixar casar com uma pessoa que já a anda a trair antes do

casamento? — perguntou Victoria com um ar zangado, enquanto a mãe fingia não ouvir nada e dava um gole na bebida a olhar para o vazio. Já se tinha desligado da conversa.

— Foi só uma discussão de namorados e um mal-entendido, tenho a certeza — insistiu o pai ainda a sorrir. Victoria queria explodir, mas não o fez. Sabia que não valia a pena discutir com ele. Ele não ia concordar com ela e aprovava em absoluto o casamento, independentemente do que Harry fizesse. Collin assistia impávido à cena. Tinha um ar bonito e forte e todo o seu comportamento dava a entender que era aliado de Victoria e de mais ninguém. O pai percebeu então que ela agora tinha um aliado e que quem a atacasse ou a rebaixasse teria de lidar também com Collin. Tornou-se bastante evidente, mesmo sem palavras. Pouco depois, os pais foram-se embora e disseram a Collin que tinha sido um prazer conhecê-lo.

— Não foram tão maus como de costume — disse Victoria quando saíram e caminhavam pela rua. Estava uma noite calma e iam de mão dada. Ela estava tensa só de ter visto os pais e por causa de todas as outras coisas que se tinham passado nos últimos dias, sobre as quais não tinha qualquer controlo.

— Eles não me enganaram — disse Collin calmamente. — Ouvi-o bem a falar sobre o vestido, o peso, os gelados, e ele nem se importa se o Harry trai a tua irmã ou não. Ele quer que ela case com um rapaz rico. Acha que isso vai deixá-lo ficar bem. Tal como os meus pais pensavam que todos os sucessos do meu irmão os faziam ficar bem, para se poderem gabar dele, enquanto os meus sucessos nunca eram suficientemente bons. Sei muito bem como é que são estas pessoas — disse ele a olhar para Victoria com compaixão.

Ele conseguia perceber aquilo com que ela tinha lidado durante a vida toda, e os danos que os pais lhe tinham causado. Era infeliz e sentia-se desconfortável na sua própria pele. Parecia tensa e distante quando ele a beijou a caminho de casa. Era como se o estivesse a afastar também. Collin conseguia aperceber-se disso nos olhos de Victoria. Parou de andar e olhou para ela.

— Não sou eu o inimigo, são eles. Eu ouvi-os. Não és suficientemente boa para alguém te poder amar. Anda cá — disse ele a puxá-la para os seus braços e a fitar os grandes olhos azuis, da mesma cor dos dele. — Amo-te. Tu és digna de ser amada. Eles são uns idiotas. E eu adoro tudo em ti, tal como és. Esta é a minha mensagem para ti. Não é a deles, é a minha. És a mulher mais merecedora de amor que eu conheço.

Ao dizer isto, deu-lhe um beijo e as lágrimas de alívio correram-lhe pelo rosto e ela soluçou nos braços dele. Collin tinha-lhe dito tudo o que ela sempre desejara ouvir e nunca tinha ouvido.

CAPÍTULO 25

Quando Victoria chegou à escola no dia seguinte, havia imensos balões azuis à entrada, que um aluno tinha trazido, e um grande letreiro no placar informativo. Amy Green tinha dado à luz um menino. Pesava três quilos, media quarenta e oito centímetros e chamava-se Stephen William. Victoria ficou feliz por ela e esperava que tivesse corrido tudo bem. Decerto que saberia pormenores pelas outras raparigas. As notícias espalharam-se pela escola durante todo o dia.

Victoria soube mais tarde numa das suas aulas que Justin estivera na sala de parto com Amy e com a mãe dela. Não tinham querido saber antes o sexo do bebé e, por isso, foi uma surpresa para todos. Mãe e bebé estavam bem e iam para casa dentro de um dia. Ela esperava regressar à escola dentro de duas semanas ou três, no máximo. A escola tinha conseguido lidar bem com a situação dela. Victoria planeava ir visitá-la quando Amy estivesse recuperada. As raparigas com quem falou disseram que ela se sentia muito bem e que o parto fora normal. Victoria ficou aliviada. Eram novos, mas, pelo menos, já andavam no décimo segundo ano e não no nono. Era difícil, mas eles tinham uma oportunidade de conseguir resolver tudo, especialmente com a ajuda e o apoio da mãe de Amy.

Durante um dos intervalos, Victoria teve de fazer mais telefonemas para tratar da viagem a Las Vegas e, nesse fim de semana, ligou à irmã por causa da festa. Grace pareceu-lhe mais calma do que durante o período em que descobriu que Harry a traía. Tinha sido tudo muito bem camuflado, seguindo os desejos de Harry. Toda a gente colaborava com ele nesta questão, especialmente a noiva e os pais dela, e Victoria achava que não devia ter sido assim. Mas estava a tentar desligar-se de tudo isso. Todas as manhãs, ia ao ginásio com Collin, não por ele estar preocupado com o peso dela, mas por achar que a ajudava a aliviar o stresse e, realmente, parecia estar a resultar. Victoria começava novamente a sentir-se menos ansiosa e deu a Grace todos os pormenores que tinha para o fim de semana da despedida de solteira em Las Vegas, que ela ainda achava uma má ideia, ou uma ideia de que não iria gostar. Preferia um fim de semana sossegado em Santa Barbara com Grace e as amigas, em Baltimore ou San Ysidro Ranch. Mas elas eram muito novas e queriam jogar.

Reservou quartos para todas no Hotel Bellaggio, duas raparigas por quarto e todas elas tiveram de dar o número do cartão de crédito a Grace. Victoria fez reservas para jantar e comprou bilhetes para o Cirque du Soleil. Ia viajar a partir de Nova Iorque e as outras raparigas a partir de Los Angeles, chegando na sexta-feira à noite e partindo no domingo de manhã. Já

tinha cumprido a sua função de dama de honor e a irmã ficou feliz com os planos e pediu-lhe desculpas por a ter pressionado.

— Não faz mal. É o teu grande momento — disse Victoria a tentar ser amiga dela, como sempre fora. E, neste caso, duplamente, pois não gostava de Harry e estava muito preocupada com a irmã. Sentia como se a estivesse a levar para uma execução, mas era o que Grace queria. E a doutora Watson tinha razão. Era a vida de Grace.

— Um dia, faço o mesmo por ti — disse Grace parecendo mais ela própria.

Victoria sabia que ela estava sob muita pressão, não apenas por causa do casamento, mas por causa de Harry, que mandava em tudo cada vez mais. Tinham alterado uma série de coisas para ser mais conveniente para ele. Ia levá-la ao sul de França na lua de mel. Primeiro, para o Hôtel du Cap em Antibes e, de seguida, para St. Tropez, onde ele queria encontrar-se com uns amigos.

— Espero que para mim não faças nada em Las Vegas — riu-se Victoria, já um pouco relaxada.

— Como está o Collin? — Grace estava ansiosa por conhecê-lo e nem acreditava que não a via desde o Dia de Ação de Graças. Foi o período mais longo que tinham passado sem se verem e muitas coisas mudaram para as duas.

— Está ótimo.

— O pai gostou dele — comentou Grace, o que surpreendeu Victoria, uma vez que Collin tinha ficado sentado como um vigilante a protegê-la e tinha mandado uma forte mensagem subliminar ao pai. Talvez ele não a tivesse percebido ou tivesse fingido não perceber. — Ficou surpreendido por ele namorar contigo. Disse que parece ser um homem de sucesso e achou que devia estar com uma advogada e não com uma professora. — O comentário depreciativo era evidente. Ela não era suficientemente boa para Collin. Agora as mensagens vinham através de Grace. Ela não só era o fantoche de Harry, como também do pai delas.

— Talvez ele goste de mim — disse Victoria calmamente. Agora já se sentia completamente segura do amor dele e era uma sensação maravilhosa.

— A mãe disse que ele é muito bonito.

— Sim, é. De certeza que isso também surpreendeu o pai. Ele devia pensar que eu namorava com alguém que ele considerasse um falhado como eu.

— Ele não é assim tão mau. Não sejas tão severa com ele. — Grace defendia o pai e Victoria não ia entrar nessa conversa com ela. Sabia que era inútil. Ele ia dar um grande casamento a Grace e tudo o que ela quisesse e, em troca, ela mostrava-se submissa a ele e ao futuro marido. E ele era o pai que sempre fora bom para ela e que sempre a adorara. Se estava disposta a ser a criada de Harry, também o era para o pai. Agora, ela e a mãe tinham isso em comum e Victoria era o oposto. Era a lutadora pela liberdade que batalhava pelas verdades que ninguém queria ouvir. E Collin era o seu aliado e não Grace. Esses dias já tinham acabado e nunca mais voltariam se ela casasse com Harry, como parecia que iria acontecer. Victoria tinha saudades da relação que em tempos mantivera com a irmã e que agora já não existia. E, mais do que nunca, estava grata por ter Collin a seu lado.

Tratou dos últimos pormenores da viagem a Las Vegas com Grace e passou um fim de semana tranquilo com Collin. O fim de semana em Las Vegas era já o próximo. Não estava muito entusiasmada, pois não era o seu conceito de uma viagem divertida.

Antes de partir, foi visitar Amy Green e o bebé. Era muito fofo e pequenino, e Amy parecia feliz. Estava a amamentá-lo e, quando regressasse à escola, ia tirar o leite com uma bomba. Seriam só umas semanas até às férias de verão. Justin também estava lá e parecia um papá orgulhoso a agarrar no bebé enquanto Amy falava com Victoria. Ofereceu-lhes uma camisola e umas botinhas que Amy experimentou logo no bebé como se fosse um boneco. Era estranho ver aqueles dois miúdos como pais. Bebés a terem bebés, mas ambos pareciam maduros e responsáveis com o filho. Além disso, a mãe de Amy estava sempre por ali a ajudá-los. Era a situação ideal para Amy e Justin, e deu à mãe uma nova vida após o divórcio. Parecia uma bênção para todos.

No dia seguinte, Victoria foi até Las Vegas no final das aulas. Tinha prometido telefonar a Collin. Ele sabia o quão apavorada ela estava com a viagem. Victoria tinha a certeza de que as amigas de Grace iam beber demasiado, jogar, fazer maluquices e seduzir rapazes, uma vez que nenhuma delas era casada. Ela sentia-se como uma professora responsável por um grupo de miúdos numa visita de estudo da escola. Eram raparigas de vinte e dois e vinte e três anos preparadas para cometer loucuras. E ela sentia-se a velha do grupo, quase a fazer trinta.

A única coisa boa da viagem foi poder ver a irmã que se atirou nos braços de Victoria assim que chegou. Examinou o novo nariz de Victoria e disse que gostava.

As raparigas já tinham começado a beber ainda antes de lá chegarem e algumas delas até já tinham ido jogar nas *slot machines* e ganho algum dinheiro. Foram todas jantar fora e depois andaram pelo casino, que era um mundo estranho, iluminado artificialmente, cheio de luzes brilhantes, sem janelas, pessoas excitadas, dinheiro a trocar de mãos e raparigas com roupas sensuais a distribuir bebidas gratuitas. Em parte, as raparigas eram um desperdício, mas elas adoraram a atmosfera e descobriram que havia boas lojas nos hotéis, especialmente no delas, e muitos homens solteiros a andar pelo casino e pelo hotel.

Victoria sentiu que tinha de ficar a noite toda com elas, mas estava exausta e mal-humorada. Eram tontinhas, já tinham bebido muito e metiam-se com os homens que viam, todas menos Grace, que soube comportar-se. Harry ligou-lhe durante toda a noite para ver se estava tudo bem. Eram já duas horas da manhã quando Victoria foi para o quarto. Era a única que não dividia o quarto com ninguém e nem queria. Grace ficou a dormir com a melhor amiga. Victoria não pôde ligar a Collin quando finalmente chegou ao quarto, porque já era muito tarde em Nova Iorque, apesar de lhe ter mandado várias mensagens e de ele ter respondido sempre a encorajá-la para se aguentar. Era um fim de semana de maratona, mas ela sentia que era seu dever como dama de honor e Grace estava visivelmente a adorar todos os minutos. Mais parecia uma criança na Disneylândia do que uma noiva.

O dia seguinte foi preenchido com compras, almoço, jogos, massagens, manicures e pedicures, umas braçadas na piscina, jantar no Le Cirque, Cirque du Soleil, que foi um espetáculo maravilhoso e, por fim, o regresso ao casino até às três horas da manhã. Era fácil

perder a noção do tempo ali, pois não havia relógios e o tempo parecia não passar — era esse o objetivo dos casinos. Algumas das raparigas ficaram acordadas durante toda a noite e apanharam uma bebedeira descomunal, mas Grace não. Às três da manhã, Victoria foi dormir.

No dia seguinte, encontraram-se para um *brunch* tardio e, depois disso, Victoria deixou o grupo e regressou a Nova Iorque. O voo das outras raparigas era mais tarde. Deu um beijinho a Grace antes de se ir embora. Algumas das amigas estavam com uma ressaca valente, mas todas elas disseram que se tinham divertido imenso.

— Fizeste um excelente trabalho — agradeceu-lhe Grace. — Então, parece que não nos vamos ver até ao casamento — disse ela melancolicamente. — Tenho muitas saudades tuas.

— Vou uns dias mais cedo para te ajudar — prometeu Victoria. Abraçaram-se mais uma vez e Victoria foi-se embora, contente por voltar a casa.

Fora um longo fim de semana. Não tinha sido completamente horrível e não houve nenhuma contrariedade, mas ela também não se divertiu. Ir a Las Vegas não era grande diversão para ela. Collin até comentara várias vezes que estava muito satisfeito por não ter ido. Falou com ele enquanto esperava no aeroporto para embarcar. Combinaram encontrar-se no apartamento dele e Collin prometeu-lhe que se iam deitar cedo. Ela bem precisava. Tinha um projeto grande na escola no dia seguinte. Era a peça de teatro anual. Iam representar a peça *Annie*. Era uma produção grande e ela tinha prometido ajudar nos bastidores, com os cenários, o guarda-roupa, tal como tinha feito no secundário. Tinha faltado a todos os ensaios do fim de semana, mas decerto que alguém a teria substituído. Daquilo que tinha visto até então, ia correr tudo muito bem. Na segunda-feira de manhã, era o ensaio geral já com as roupas. A grande estreia para os pais e convidados era nesse mesmo dia à noite. Um dos alunos dela era a grande estrela do espetáculo, com uma voz digna da Broadway. Collin disse que ia tentar ir.

Nunca tinha ficado tão contente por ver ninguém como ficou nessa noite. Foi um alívio quando se envolveu nos braços dele. Tinha estado ansiosa e sentia que passara o fim de semana todo de serviço, a tentar que corresse tudo bem pela irmã, e algumas das raparigas não eram fáceis. Eram jovens mimadas, habituadas a fazer o que queriam. Mas, apesar de tudo, tinha corrido bem. Depois de tomarem banho juntos, Collin meteu-se na cama com ela. Fizeram amor e, cinco minutos depois, Victoria já estava a dormir e ele tapou-a com um sorriso meigo. Tinha tido saudades dela.

Na manhã seguinte, ambos saíram de casa cedo. Ela tinha coisas a fazer no gabinete ainda antes de ir para o auditório para começar a ajudar com a produção em palco. Ficou lá até ao meio-dia, enquanto montavam tudo e ensaiavam de novo as peças musicais. Victoria ia ajudando a mudar os cenários. Afastou-se para dar espaço a um cenário grande. Deu um passo para trás para não levar um encontrão e, antes que o pudesse evitar, caiu do palco e bateu com as costas. Houve um sobressalto geral e ela ficou inconsciente por um minuto. Entretanto, recuperou os sentidos e acalmou toda a gente a dizer que estava bem. Mas não parecia. Estava muito pálida e não conseguiu levantar-se quando o tentou fazer. Sentiu uma dor horrível na perna, que tinha ficado num ângulo estranho em relação ao corpo. Ela insistiu que estava bem, mas Helen avisou o senhor Walker e a enfermeira da escola e ambos chamaram uma ambulância. Victoria ficou

constrangida quando os paramédicos chegaram e a puseram na maca. Tentara levantar-se, mas não conseguia. Tinha também um inchaço grande na cabeça. Na ambulância, disseram-lhe que parecia que tinha a perna partida, o que ela achava ser impossível, pois não caíra assim com tanta violência. Mas Helen, que a acompanhava também na ambulância, disse que a queda fora violenta e que também tinha batido com a cabeça. Acharam melhor fazer radiografias e uma TAC à cabeça.

— Que estupidez — disse ela, tentando fazer-se forte, mas sentia-se enjoada e tinha a tensão baixa. Telefonou a Collin e contou-lhe o que acontecera. Ele prometeu que ia ter com ela ao hospital, mas Victoria disse que não era preciso.

— Eu sei que achas que não mereces, tontinha. Mas eu amo-te e vou aí ter. Quando aí chegar, procuro-te. — As lágrimas começaram a cair-lhe assim que ele disse aquilo. Estava assustada e aliviada por ele ir ter com ela, mas não lhe queria pedir para ir.

Quando chegou, ela estava nas urgências. Já tinham visto na radiografia que a perna estava partida, apesar de ser uma fratura simples e de não precisar de cirurgia, apenas de gesso, para grande alívio dela. Tinha também uma ligeira concussão, mas só precisava de repouso.

— Que bela manhã de trabalho, não? — disse Collin pesaroso. Estava preocupado com ela, mas aliviado por não ser pior. Ela não o disse, mas estava satisfeita por não se ter magoado no nariz novo. Depois de lhe porem o gesso, Collin levou-a para casa e instalou-a no sofá cheia de almofadas. Deu-lhe sopa de cevada e cogumelos e uma sanduíche de atum. Victoria ia ter de usar muletas e só podia tirar o gesso daí a quatro semanas, cerca de dez dias antes do casamento de Grace.

Collin teve de voltar para o escritório, pois tinha uma reunião a que não podia faltar, mas prometeu-lhe que voltava assim que pudesse. Ela agradeceu-lhe, ele deu-lhe um beijo e foi-se embora. Victoria ligou, então, a Harlan a contar o que tinha acontecido.

— Desastrada! — brincou ele e ela riu-se, mas estava com dores. Tinham-lhe dito que era normal ter dores durante uns dias. Também ligou a Grace, que lhe enviou, juntamente com Harry, um ramo de flores, e Harlan levou-lhe para casa pilhas de revistas. Uma hora depois, Collin chegou com um frango cozido e legumes grelhados do Citarella para todos jantarem, e deu um beijo na paciente.

— Desculpa. Vim assim que pude. Estamos a tentar chegar a um acordo neste caso. — Ela sentiu-se como uma rainha rodeada pela corte, enquanto todos se atarefavam à volta dela. Nessa noite, Collin dormiu lá em casa. Victoria estava com muitas dores e ele deu-lhe analgésicos e fez-lhe uma massagem nas costas.

— És um bom enfermeiro — disse ela a agradecer-lhe. — Desculpa. Isto é uma estupidez.

— Pois, vi logo que tinhas feito isto de propósito — disse ele a sorrir.

Victoria ficou com pena de ter faltado à peça, mas sentia muitas dores. Além disso, estava mal-humorada por ter de andar de muletas. Pelo menos, ia tirar o gesso antes do casamento, se recuperasse bem até lá. Era uma dor de cabeça de que ela não precisava. Nessa noite, a mãe também lhe ligou e deixou uma mensagem no atendedor de chamadas a dizer que lamentava pela perna.

No dia seguinte, foi a coxear até à escola e todos os alunos a ajudaram a deslocar-se. Helen e Carla foram vê-la à sala de aula e Eric Walker também passou por lá para a saudar. Estavam todos contentes por a ter de volta e disseram que a peça tinha corrido muito bem. No fim do dia, Victoria estava muito cansada e apanhou um táxi para casa. A caminho do apartamento, apercebeu-se de que não ia poder fazer exercício físico no próximo mês e ficou apavorada com a ideia de poder vir a engordar novamente. Quando chegou a casa, falou desse receio a Harlan. Tinha prometido a si própria perder dez quilos até junho, ter uma vida nova e um namorado de quem gostasse. Naquele momento, tinha uma vida com Collin e nunca fora tão feliz. Já tinha perdido oito quilos e estava fantástica. Mas queria perder os últimos dois quilos até ao casamento e agora ia ser difícil, a coxear com as muletas, sem poder fazer exercício físico e quase sempre deitada no sofá.

— Só tens de ter cuidado e não comer como uma louca — avisou-a Harlan. — Nada de gelados, nada de bolachas, nada de piza, nada de pão, nada de queijos. Principalmente porque não consegues movimentar-te bem.

— Não vou comer nada disso, prometo — disse ela, embora tivesse tido um grande desejo de comer gelado nessa noite quando a perna lhe doeu. Mas não pediu, nem se aproximou do congelador. Contudo, ao jantar, serviu-se duas vezes da massa, que estava deliciosa, mas prometeu não voltar a fazê-lo. Nada de comida que a confortasse para o resto do mês. Caso contrário, iria parecer um balão no casamento e provar que o pai tinha razão, que ela era um caso perdido.

Partilhou com Collin estas preocupações e ele disse-lhe que o peso que ela ganhasse, enquanto andasse de muletas, podia perdê-lo rapidamente quando voltasse a fazer exercício físico, mas também não fazia mal se não perdesse.

— Não tens de te preocupar com isso. És uma mulher bonita e o tamanho de um vestido não é importante.

— Para mim, é — disse ela com um olhar triste. — Não quero parecer uma vaca castanha enfiada naquele vestido.

— Aquele vestido não te assenta bem, seja de que tamanho for. Não te consigo imaginar de castanho — disse ele com cautela, apesar de a moda feminina não ser o seu forte.

— Em breve, hás de ver — comentou ela infeliz, preocupada com o peso. Queria imaginar-se magra. Tinha comprado um vestido azul-claro de *chiffon* para o jantar de ensaio, para vestir com um bolero prateado e umas sandálias de salto alto também prateadas. Favorecia-a e era elegante, ela estava muito contente com a roupa, mas o vestido para o casamento ainda a perturbava. Era um fracasso para ela.

— Podemos fazer uma cerimónia para queimar o vestido logo a seguir ao casamento — disse Collin a sorrir. — Até vestida com um saco de serapilheira eu continuava a amar-te, por isso, não te preocupes.

Ela sorriu para ele e beijaram-se. Ficaram no apartamento alguns dias até ela se sentir melhor e depois mudaram-se para o dele, pois era mais fácil para Collin e mais perto do escritório dele.

Numa tarde de domingo, duas semanas depois de ela ter partido a perna, enquanto estavam em casa dele, Collin abordou um assunto interessante com ela.

— O que achas de arranjarmos uma casa para os dois um dia destes? Podíamos começar a procurar no verão. — Até agora, andavam entre apartamentos. Namoravam há cinco meses e a relação deles estava tão sólida que se sentiam preparados para dar esse passo e ver depois como as coisas se desenrolavam. — O que te parece? — Até então, quando ele andava a preparar algum julgamento e ficava a trabalhar até tarde, dormia em casa dele. No resto dos dias, ficava com ela durante a semana e, ao fim de semana, ficava ela em casa dele.

— Parece-me bem — respondeu ela calmamente, inclinando-se para lhe dar um beijo. Ele tinha assinado o gesso dela seis vezes, Harlan duas e John escreveu o nome dele a vermelho. Todos os miúdos da escola também assinaram pelo menos uma vez. Helen dizia que era o gesso mais decorado de Nova Iorque e que parecia uma exposição de arte ou um exemplar de *graffiti*. — Gosto muito dessa ideia — acrescentou Victoria à pergunta sobre irem viver juntos.

— Eu também gosto. Achas que o Harlan e o John vão ficar zangados? — perguntou ele preocupado.

— Não. Acho que eles andam bem e devem conseguir aguentar a renda sem mim. São capazes até de gostar de ter mais espaço. — Ele concordou. Também não tinham pressa para encontrar uma casa. Collin queria começar a procurar no final de junho, início de julho.

Uns dias depois, contaram a Harlan e a John, quando voltaram ao apartamento. Harlan disse que não estava surpreendido. Esperava que acontecesse qualquer coisa do género ou que eles anunciassem o noivado e, ao dizer isto, mandou um olhar traquinas a Collin, que se riu e sorriu para Victoria. Ainda não tinham falado sobre isso, mas ele já tinha pensado nessa possibilidade. A irmã dele tinha-lhe dito a mesma coisa e queria conhecer Victoria nesse verão. Tinham tempo, não havia necessidade de apressarem as coisas. Desfrutavam daquilo que tinham. Esperaram a vida inteira por isto e agora saboreavam cada momento. A irmã dele também já conhecera uma pessoa. Collin ainda não a conhecia, mas parecia-lhe ótimo para ela. Era um médico viúvo com dois filhos e a irmã dizia que eles eram muito giros. Tinham cinco e sete anos. A vida tinha-se resolvido. A teoria de uma tampa para cada panela parecia que resultava se esperássemos e tivéssemos paciência. Victoria acreditava veementemente em tal teoria. Concordaram em começar a procurar um apartamento depois do casamento da irmã dela, quando Victoria já não andasse de muletas e conseguisse movimentar-se bem. Ele ia ter um tempo de descanso nos tribunais e ela já estaria de férias. Victoria mal podia esperar.

Três dias depois de a escola fechar para as férias de verão, Victoria tirou o gesso. A perna estava fraca e pouco firme e, por isso, tinha de fazer fisioterapia e exercícios para a fortalecer. Entretanto, tinha de conseguir estar de pé para o casamento. Conseguia apoiar o peso todo na perna, mas não se sentia muito firme. E ainda não podia exagerar no ginásio. Primeiro, tinha de fazer fisioterapia.

Não disse nada a ninguém, mas, no dia em que tirou o gesso, meteu-se logo na casa de banho e foi-se pesar. Assim que viu o resultado, sentou-se na borda da banheira e desfez-se em lágrimas. Tinha tido algum cuidado, mas não sempre. Em noites más, quando a perna lhe doía,

tinha comido massa e precisara de comida para a confortar, algumas pizas, um gelado ocasional, bolachas com queijo e puré de batata com um rolo de carne delicioso que Harlan tinha trazido do restaurante. Tudo isso somado provocara um aumento de peso. Estar imobilizada e incapaz de fazer exercício físico resultou em três quilos recuperados dos oito que já tinha perdido. Ou seja, em vez dos dez que queria perder para o casamento, perdeu cinco. Sabia que talvez conseguisse perder mais um ou dois quilos se se esforçasse e fizesse uma dieta especial de chás de ervas. Ia ter de usar um vestido nada engraçado e que não lhe ficava bem e, ainda por cima, estava gorda. Sentou-se e desatou a chorar no momento em que Collin entrou na casa de banho.

— O que é que aconteceu? — perguntou ele preocupado. — A perna está a doer-te?

— Não, o meu rabo é que está — disse ela furiosa. — Engordei três quilos com a porcaria da perna partida. — Ficou envergonhada por admitir isso, mas ele viu que ela estava a chorar e tentou consolá-la.

— Hás de voltar a emagrecer. O que interessa isso? — disse ele, e então teve uma ideia. — Vou mandar a balança fora. Não quero que a tua vida gire à volta daquilo que pesas. Estás fantástica e eu amo-te. Quem é que se importa se engordas dois quilos ou perdes cinco? Eu não!

— Importo-me eu — respondeu ela infeliz e a assoar o nariz, ainda sentada na borda da banheira.

— Isso é diferente — disse Collin. — Fá-lo por ti e não por mim, porque eu não me importo com isso. Amo-te tal como és, com as medidas que tiveres. — Ela olhou para ele e sorriu.

— Como é que tive tanta sorte em te encontrar? És a melhor coisa que alguma vez me aconteceu num ginásio — comentou ela.

— Nós merecemo-nos, porque fomos infelizes durante muito tempo. Merecemos ser felizes. — E, dito isto, inclinou-se para a beijar.

— E amados — acrescentou ela e ele beijou-a de novo. Victoria levantou-se e Collin abraçou-a.

— Quando é que vais para Los Angeles? — Ele sabia que estava para breve agora que já tinha tirado o gesso. Era do que ela tinha estado à espera, assim como do consentimento do médico, que agora já tinha.

— Daqui a dois dias. Detesto ir-me embora sem ti — disse Victoria a suspirar —, mas a Grace diz que precisa de mim.

— Tem cuidado com os teus pais. Eles mordem — avisou-a ele e ela riu-se. Tinha razão. — É como nadar com tubarões. Na quinta-feira antes do casamento já lá estarei. Tentei ir antes, mas não consigo. Tenho de deixar este caso resolvido antes de ir.

— Eu fico bem — disse ela corajosa, e ele deu-lhe mais um beijo.

Por fim, Victoria acabou por passar o fim de semana em Nova Iorque com ele e partiu na segunda-feira para Los Angeles. Collin ia chegar três dias depois. Ela assegurou-lhe que conseguia lidar com a família sozinha durante três dias — afinal, tinha convivido com eles durante quase trinta anos.

Grace foi ter com ela ao aeroporto e levou-a para casa. Disse que todas as damas de honor já estavam na cidade. Os vestidos já tinham as emendas feitas, já tinham sido experimentados e

estavam perfeitos. O *catering* estava organizado, a florista estava em andamento. Já tinham escolhido a música para a igreja e para o copo-d'água e tinham contratado uma banda. Ela adorava o vestido de noiva que tinha sido feito pela Vera Wang. Verificou todas as listas e estava tudo bem, mas depois lembrou-se de que a irmã ainda não tinha experimentado o vestido.

— Devias vesti-lo quando chegarmos a casa — disse Grace com um ar preocupado. — Achas que vai precisar de algum arranjo? — perguntou ela olhando para Victoria sentada no carro ao lado dela. A irmã parecia-lhe estar na mesma, mas nunca percebia bem.

— Não, não estou muito mais magra do que já estava — disse Victoria com um ar desalentado.

— Querias dizer, mais gorda — corrigiu Grace hesitante e Victoria abanou a cabeça. Era isso que toda a gente pensava dela, uma montanha sempre em crescimento que nunca diminuía, só crescia. Desde que tirou o gesso, emagreceu meio quilo, nada mais. Não andava a fazer exercício físico suficiente para se notar, mesmo não consumindo hidratos de carbono.

Quando chegaram, a mãe estava em casa a ver as prendas numa lista. Havia montanhas de pratas e cristais em caixas elegantes. Tinham transformado a sala de jantar num armazém.

O pai estava no escritório e Victoria só o viu à noite. Quando ele apareceu, abraçou-a e comentou que ela estava bem. Para ele, «saudável» e «bem» eram sempre sinónimos de «maior» e «mais gorda». Ela agradeceu-lhe, disse que ele também estava bem e foi para a outra sala. Não o via desde que ele conhecera Collin em Nova Iorque. Victoria lembrou-se do comentário de Collin sobre os tubarões e afastou-se.

Conseguiu manter-se à tona durante três dias até Collin chegar. Nessa noite, tinham um jantar para as duas famílias, que não foi muito complicado. E, no dia seguinte, foi o jantar de ensaio no clube dos Wilkes. O copo-d'água ia ser no clube de ténis e natação dos Dawson num jardim enorme, por baixo de uma tenda gigantesca de «cristal» que tinha custado uma fortuna. Eram esperados quinhentos e quarenta convidados.

Na manhã em que Collin estava para chegar, Victoria conseguiu ficar uns minutos sozinha com a irmã e perguntou-lhe de uma vez por todas se queria ir para a frente com o casamento e se tinha a certeza de Harry ser o homem certo para ela. Se sim, Victoria prometia calar-se para sempre. Grace olhou para ela solenemente e disse que tinha a certeza.

— Estás feliz? — perguntou-lhe ainda. Não parecia. Parecia terrivelmente nervosa e, sempre que Harry estava por perto, ela andava de um lado para o outro para lhe agradar. Se ela se casasse com ele, a partir de agora, a vida dela seria assim. Era o que ele achava que merecia. Victoria odiava isso por Grace.

— Sim, estou feliz — respondeu Grace e Victoria suspirou e anuiu.

— Está bem, eu alinho, então. É tudo o que quero para ti. E podes dizer-lhe que, se te fizer infeliz, eu própria irei desfazê-lo com pancada — disse Victoria e Grace riu-se, muito nervosa. Estava com medo de que a irmã estivesse a falar a sério.

— Ele não me vai fazer infeliz — respondeu Grace com um ar sério. — Eu sei que não. — Parecia que estava a convencer-se a si própria.

— Espero que tenhas razão.

Victoria não voltou a falar sobre isso e ficou aliviada quando Collin chegou. Harry esforçou-se bastante para o impressionar e encantar, e Collin foi educado e alinhou, mas Victoria percebeu que o namorado não gostava dele. Ela também não. Mas agora estavam ligados a ele. Para o bem e para o mal.

O jantar de ensaio foi um evento monumental, organizado por uma empresa de *catering* muito sofisticada de Los Angeles, com todas as pessoas importantes. A família Wilkes foi muito amável, fizeram tudo para a família Dawson se sentir em casa e não pararam de falar bem de Grace. Era nova, sim, mas achavam que era a mulher perfeita para o filho. Jim Dawson disse, até à exaustão, que adorava Harry. Durante o jantar, houve um sem-número de discursos, alguns inteligentes, mas a maioria muito enfadonhos. Victoria também teria de dizer umas palavrinhas, mas ia ser apenas no casamento, como irmã mais velha e dama de honor.

Victoria estava linda no vestido azul-claro de *chiffon* que tinha comprado para a ocasião e Collin elogiou-a por diversas vezes. Quando o jantar já tinha acabado e as pessoas começaram a dispersar, o pai dela, que já tinha bebido uns copos a mais, foi ter com Victoria e Collin. Estava com uma voz forte, o que Victoria sabia que normalmente era um mau sinal e que era provável que começasse a criticá-la. Queria avisar Collin quando viu o pai a aproximar-se, mas não teve tempo. Antes que ela conseguisse dizer alguma coisa, ele já estava em cima deles.

— Então — começou ele a olhar para Collin, como se este fosse um miúdo de catorze anos e tivesse aparecido pela primeira vez com Victoria —, fez uma boa escolha. A Victoria é a nossa filha inteligente. A Grace é a nossa filha bonita. É sempre interessante ter por perto mulheres inteligentes. — Era o primeiro ataque de tubarão da noite. Até então, Victoria não o tinha visto a falar com Collin. E já se via sangue na água. E, como sempre, era o dela. Collin olhou para ele com um ar afável, enquanto pôs o braço por cima dos ombros de Victoria e a puxou mais para ele. Ela sentiu a sua força e proteção. E, pela primeira vez na vida, sentiu-se segura. Sentia-se sempre segura com Collin. E amada.

— Lamento, mas não concordo consigo — respondeu Collin educadamente.

— Sobre as mulheres inteligentes? — Estava surpreendido. Normalmente, as suas opiniões nunca eram desafiadas, por muito revoltantes, incorretas ou insultuosas que fossem. Nunca ninguém se incomodava.

— Não. Sobre a beleza e o cérebro na sua família. Eu acho que a Victoria tem as duas coisas, beleza e cérebro. O senhor subestima-a. Não concorda? — Por um minuto, o pai ficou a gaguejar e anuiu, sem saber muito bem como responder. Victoria desatou a rir e apertou a mão de Collin num agradecimento silencioso. Mas o pai não estava disposto a deixar passar este comentário. Não gostava de ser contrariado ou que interferissem enquanto ele rebaixava a filha e soltou uma gargalhada cavernosa, que era outro mau sinal familiar.

— É impressionante como os genes saltam gerações, não é? A Victoria é igualzinha à minha avó, sempre foi, e não é nada parecida connosco. Até tem a estrutura, o tom de pele e o nariz dela. — Esperava envergonhá-la assim, porque sabia o quanto ela sempre detestara o nariz. Era uma vingança à proteção que Collin lhe dava. Inocentemente, Collin inclinou-se e analisou o nariz de Victoria e depois virou-se para o pai dela com um ar perplexo.

— Eu acho-o muito parecido com o nariz da mãe e da irmã — disse Collin com sinceridade. E era óbvio que era parecido, graças à doutora Schwartz, mas Collin não sabia e Victoria corou. O pai ficou com um ar aborrecido e teve de admitir, para si próprio e não para Collin, que estava mesmo parecido com o nariz de Grace e da mãe.

— Estranho. Era igualzinho ao da minha avó — murmurou ele. — Mas ela é uma matulona como a minha avó — disse ele com um brilho malévolo nos olhos. Era a descrição que ela abominava desde pequenina.

— Refere-se à altura? — perguntou Collin a sorrir.

— Sim, claro. — Pela primeira vez na vida, o pai viu-se obrigado a desdizer-se e, sem fazer mais nenhum comentário, esquivou-se por entre a multidão. As farpas dele foram, como sempre, afiadas, mas, desta vez, falharam o alvo. Era evidente para o pai que Victoria não se importava e era ainda mais evidente que Collin a amava. O pai perdera para sempre o alvo das suas piadas e insinuações depreciativas. Victoria suspirou de alívio à medida que ele se afastou para ir procurar a mãe e dizer-lhe que estava na hora de se irem embora.

— Obrigada — disse Victoria a Collin. Ela gostava de conseguir enfrentar o pai sozinha, mas ainda tinha receio. O passado ainda estava muito presente. Talvez um dia conseguisse, por enquanto, não.

Caminharam em direção ao estacionamento e Collin continuava com um braço à volta dela.

— Não acredito em nada do que ele diz sobre ti — comentou mal-humorado. — E que história era aquela do nariz? — perguntou ele confuso e ela desatou a rir, enquanto esperavam pelo carro e pelo motorista que Collin tinha contratado para essa noite.

— Nas férias de Natal, fiz uma operação ao nariz. Foi o acidente de carro quando te conheci — disse ela envergonhada por ter escondido isso por vaidade. Mas não queria ter mais segredos, nem agora, nem nunca mais, por isso, confessou tudo e sentiu-se aliviada. — Detestava o meu nariz e ele estava sempre a fazer piadinhas por causa dele. Por isso, fiz uma operação. Nunca lhes contei, só à Grace. Nem ele nem a minha mãe repararam quando foram a Nova Iorque, nem agora. — Collin não pôde deixar de se rir com a confissão dela.

— Aquela cena de quando te conheci foi uma operação ao nariz? — Ele estava admirado. — E eu a pensar que tinha sido um acidente horrível.

— Era o meu nariz novo — disse ela, em parte envergonhada, em parte orgulhosa.

Collin analisou-o de perto com um sorriso nos lábios. Já tinha bebido bastante, caso contrário também não teria feito frente ao pai dela. Normalmente não o fazia. Mas as críticas a Victoria irritaram Collin.

— É um nariz muito giro — elogiou-a ele. — Adoro-o.

— Acho que estás com os copos — disse ela a rir. Gostou de o ver a derrotar subtilmente o pai.

— De facto, estou com os copos, mas não de forma perigosa. — Parou para a beijar e, entretanto, o carro e o motorista apareceram e eles entraram.

Collin ia ficar lá em casa com ela, por isso, era provável que encontrassem o pai dela de novo, mas, quando chegaram, foram rapidamente para o quarto. Collin estava tão cansado que

adormeceu em cinco minutos. Victoria deixou-se ficar deitada com ele por um bocado e depois foi ter com Grace ao quarto dela.

Espreitou pela porta e Grace estava sentada na cama com um ar perdido. Victoria entrou e sentou-se ao lado dela, como costumava fazer quando eram miúdas.

— Estás bem?

— Sim. Nervosa por causa de amanhã. Sinto que vou para a família dele e que vou perder a nossa — disse ela com um ar ansioso. No lugar dela, Victoria não consideraria isso uma perda, excetuando Grace, mas sabia que não era assim que a irmã pensava. Ela adorava os pais e eles também a adoravam.

— Sabes bem que não me vais perder — assegurou-lhe Victoria. — Nunca me vais perder. — Grace abraçou-a sem dizer nada. Estava com cara de quem ia chorar, mas não chorou. Victoria não pôde deixar de pensar se ela teria dúvidas quanto a Harry. Bem devia ter. Mas, se as tinha, não o admitiu. — O casamento vai correr bem — continuou Victoria para a acalmar. Mas, infelizmente, a vida de casada não iria correr tão bem, ou, pelo menos, Victoria tinha grandes dúvidas quanto a isso.

— Gosto do Collin — disse Grace para mudar de assunto. — É muito simpático e acho que te ama a sério. — Era fácil de perceber, ele tratava muito bem dela e olhava-a com adoração, como se fosse o homem mais sortudo do mundo.

— Eu também o amo muito — disse ela, feliz.

— Achas que vais casar com ele? — Parecia-lhe que sim e Victoria sorriu.

— Não sei. Ele não me pediu em casamento. Ainda é cedo. Por enquanto, estamos felizes assim. Este verão, vamos arranjar uma casa para vivermos juntos. — Estavam a fazer tudo com calma, mas Grace estava prestes a tornar-se uma mulher casada. Para a irmã, era demasiado nova para dar um passo tão grande, especialmente com Harry, que ia controlar todos os aspetos da vida dela e todos os pensamentos. Victoria ficava triste só de pensar nisso. Mas era o que ela queria e era o preço que estava disposta a pagar para estar com ele.

— Peço desculpa pelo vestido castanho — disse Grace de repente. — Devia ter escolhido um que te ficasse melhor. É que gostei tanto daquele! Mas devia ter pensado em ti. — Victoria ficou emocionada por Grace se ter apercebido disso e por o ter dito e deu-lhe um forte abraço para a perdoar.

— Não faz mal. Depois vingo-me de ti quando me casar. Vou escolher um vestido que te fique horrível.

As duas irmãs riram-se e ficaram a conversar por um bocado até que Victoria a abraçou e voltou para o quarto. Teve pena da irmã. Tinha um pressentimento de que ela não iria ter uma vida fácil. Uma vida endinheirada, de certeza, mas não uma vida feliz. Agora, a única coisa que podia fazer era desejar o melhor para Grace. Cada uma era agora responsável pela sua própria vida.

Victoria enfiou-se na cama ao lado de Collin, sorriu, aninhou-se nele e adormeceu. Pela primeira vez na vida, sentiu-se segura em casa dos pais.

CAPÍTULO 26

Na manhã do casamento, a casa começou logo a fervilhar de excitação e atividades a partir do momento em que todos se levantaram. O pequeno-almoço estava posto na cozinha para que todos se pudessem servir. Collin e Victoria levaram o pequeno-almoço para o jardim para não atrapalharem ninguém. Grace estava a arranjar as mãos e os pés no quarto. A cabeleireira foi lá a casa para pentear todas as mulheres da família. Victoria queria o cabelo apanhado de um modo simples, por isso, foi a primeira a ser penteada.

O casamento estava marcado para as sete horas da noite, mas as pessoas começaram a entrar e a sair desde cedo. À hora de almoço, todas as damas de honor já lá estavam e Victoria não conseguia sequer aproximar-se da irmã, por isso, deixou-as sozinhas e foi ajudar a mãe. Mas, surpreendentemente, parecia estar tudo sob controlo. O vestido de noiva de Grace estava no quarto da mãe. O pai tinha sido relegado para o quarto de hóspedes para se vestir e toda a gente parecia ter uma tarefa qualquer. Havia muitos telefonemas e encomendas e Collin ofereceu-se para abrir a porta e atender o telefone. O pai de Victoria desapareceu por um bocado e voltou mais tarde, mas não dirigiu a palavra nem a Victoria nem a Collin durante todo o dia. Na noite anterior, já tinha tomado uma dose do seu próprio remédio e Victoria estava satisfeita. Já não era sem tempo. Collin tinha-o feito muito bem, com estilo e subtileza. Com a proteção dele, o pai iria começar a pensar duas vezes antes de a atacar novamente.

E, às cinco horas da tarde, começou a contagem decrescente. A cabeleireira penteou Grace depois de todas as damas de honor já estarem prontas. E, às seis horas, vestiram-se todas. Victoria respirou fundo e enfiou o vestido dela. Uma das damas de honor apertou-lhe o fecho, enquanto outra agarrava no vestido e Victoria sustinha a respiração. Não se quis olhar ao espelho. Já sentia como estava. Mal conseguia respirar, apesar de ter perdido algum peso, e o peito estava esmagado e quase saltava para fora do vestido. Estava horrivelmente apertado e o fecho quase não fechava. Ela sabia como o vestido lhe ficava mal, mas não se importava. Collin amava-a e, mesmo que não fosse o vestido mais adequado para ela, não era importante. Tinha arranjado uns sapatos de cetim castanhos a condizer com o vestido e calçou-os. Os saltos eram altos e, de repente, ela parecia uma mulher alta. Alta e bonita. Victoria sentia que se tinha transformado no ano passado, não apenas por causa de Collin, mas por causa dos esforços que fizera para se libertar do passado e dos danos que esse passado tinha provocado. Collin tinha aparecido porque ela estava pronta para ele. Ela mudou e ele apareceu — as mudanças não eram por causa dele. De repente, sentiu-se uma mulher segura, mesmo com o vestido que não lhe

ficava bem. Estava bonita e brilhava por dentro. Pôs mais um bocadinho de *blush* e a cor do vestido já não lhe pareceu tão mal na pele muito branca.

Foi ao quarto da irmã quando a mãe estava a enfiar o elaborado vestido branco de renda por cima da cabeça de Grace. A mãe tinha um vestido bege-escuro de tafetá com um casaco e estava elegante e sóbria. Ainda era uma mulher bonita. Às vezes, Victoria esquecia-se disso. Assim que o vestido branco de renda deslizou sobre o corpo elegante de Grace, ela transformou-se numa princesa. Pôs o anel de noivado e os brincos de diamante que Harry lhe tinha dado. A mãe dele oferecera-lhe como prenda de casamento um colar de pérolas grandes com um fecho de diamante. Era demasiado nova para usar tantas joias, e Victoria recordou os dias em que se mascaravam quando eram miúdas, mas Grace estava lindíssima. Era a noiva perfeita e quando, minutos mais tarde, o pai entrou no quarto, começou logo a chorar. Ficou arrebatado com a imagem dela no vestido de noiva. Ela fora sempre a sua bebé e assim seria para sempre. E também era a bebé de Victoria. Grace olhou para a família prestes a chorar, mas a mãe avisou-a para não estragar a maquilhagem. Grace sentia que os estava a deixar a todos para sempre e a partir para o mundo desconhecido. Era uma sensação aterradora, especialmente para uma rapariga tão nova. Parecia vulnerável, frágil e infantil, enquanto a mãe lhe punha o véu na cabeça.

Victoria e a mãe ajudaram-na a descer as escadas e agarraram-lhe na cauda do vestido. E lá entrou ela no carro com o pai a caminho da igreja para se casar com Harry. O pai estava emocionado quando se afastaram e Grace inclinou-se para ele e deu-lhe um beijinho. Ela tinha um pai que Victoria nunca conhecera e que adoraria ter tido. Mas agora tinha Collin.

De seguida, Victoria e a mãe entraram noutro carro e seguiram também para a igreja. Collin já tinha ido e ela ia encontrar-se lá com ele.

Na igreja, tudo decorreu na perfeição. Harry estava à espera no altar. As damas de honor entraram à frente de Grace e Victoria seguiu a noiva. Os olhos de Victoria cruzaram-se com os de Collin, que sorriu cheio de orgulho. O pai levou Grace ao altar num passo solene e bem estudado.

Depois da promessa solene, Harry pôs uma aliança de diamante no dedo de Grace, e o padre declarou-os marido e mulher. Beijaram-se, enquanto Victoria chorava, e saíram da igreja radiantes. Tinha acontecido. Acabara. O casamento que os tinha enlouquecido a todos acabara. E o copo-d'água foi tão espetacular quanto os pais queriam e tal como Grace tinha sonhado. Quando a festa começou, Grace veio dar um beijinho a Victoria. Queria um minutinho com a irmã mais velha.

— Só queria dizer-te que te adoro. Obrigada por tudo o que sempre fizeste por mim. Sempre tomaste conta de mim, mesmo quando eu me portava como uma miúda ou era estúpida. Obrigada... Adoro-te. És a melhor irmã do mundo!

— Tu também, e eu estarei sempre do teu lado. Adoro-te, querida... Espero que sejas feliz.

— Eu também — disse ela baixinho, mas não pareceu tão segura quanto Victoria queria. Mas, se não resultasse, elas haviam de lidar com isso e haviam de saber o que fazer. Por vezes, não é possível solucionar nada antecipadamente, por muito que tentemos.

Collin sentou-se ao lado de Victoria durante o copo-d'água, numa mesa comprida com todas as damas de honor e amigos do noivo. Victoria fez um discurso e foi muito aplaudida por toda a gente. Ela e Collin passaram a noite toda a dançar. Harry e Grace cortaram o bolo. Victoria até dançou com o pai. Ele estava com um ar bonito e digno de fato e gravata. E, pela primeira vez, não fez nenhum comentário desagradável sobre ela — dançaram apenas, e ele fê-la rodopiar pela pista e voltou a entregá-la a Collin. Foi um casamento bonito, e Grace, uma noiva requintada. E, para grande alívio de Victoria, pelo menos naquela noite, e talvez para sempre, se tivessem sorte, Grace e Harry estavam felizes. Não havia maneira de saber se ia durar para sempre, quer a relação deles, quer a de qualquer outro casal. A única coisa a fazer era dar sempre o melhor.

Victoria estava a dançar com Collin, quando anunciaram que Grace ia atirar o ramo e que queria todas as raparigas solteiras na pista de dança. A noiva pôs-se em cima de uma cadeira à espera e todas as raparigas solteiras começaram a aproximar-se. A mãe passou por Victoria quando esta se preparava para se juntar às outras raparigas e fez-lhe um ar reprovador.

— Deixa-as apanhá-lo, querida. São mais novas do que tu. Um dia, todas elas vão casar e tu nem sequer sabes se algum dia isso te virá a acontecer.

Numa só frase, a mãe rejeitou por completo Collin como uma possibilidade séria e disse-lhe que não só era provável que ela fosse uma solteirona para sempre, como também não merecia apanhar o ramo. Mais uma vez, não tinha mérito nenhum e não era provável que alguém a pudesse amar, uma vez que eles próprios nunca o tinham conseguido fazer. Victoria sentiu-se a diminuir por entre a multidão, enquanto Grace a tentava chamar para a frente, mas a mensagem da mãe tinha sido mais forte. Collin apercebeu-se de que a mãe dela lhe tinha dito qualquer coisa e viu o rosto de Victoria depois disso, mas estava já longe demais para ouvir. Fosse o que fosse, percebeu que a tinha deixado destroçada e ele viu-a a desmoronar-se por dentro, com os braços para baixo, enquanto Grace se preparava para atirar o ramo. A irmã mais nova tinha visto onde Victoria estava e, com uma pontaria de lançador, atirou o ramo na direção dela como um míssil a passar entre a multidão, mas as palavras da mãe tinham-na atingido com muita força. Victoria sentiu-se paralisada e não conseguia levantar o braço, e Collin parou a olhar para ela, assim como Grace, que queria que ela estendesse o braço e apanhasse o ramo. Ela só precisava de esticar a mão e apanhá-lo, se ao menos acreditasse que o merecia. Collin sentiu uma dor aguda ao aperceber-se da agonia por que ela devia estar a passar e disse alto as palavras que lhe surgiram de imediato.

— Tu mereces ser amada! — disse ele a Victoria, apesar de ela não o conseguir ouvir.

E como se tivesse ouvido, o rosto dela abriu-se num sorriso e, num segundo, ela estendeu o braço e apanhou o ramo. Levantou-o no ar e toda a gente aplaudiu, Collin com mais entusiasmo do que todos. Nesse momento, Victoria olhou para ele e Collin fez-lhe um sinal de aprovação. Harry tirou a mulher da cadeira e subiram ao piso de cima para mudar de roupa. Iam partir para Paris no avião do pai dele ainda nessa noite.

Collin atravessou a multidão até Victoria e, quando se aproximou, ela estava com um sorriso radiante. Ele não fazia ideia do que a mãe lhe tinha dito, mas sabia que tinha sido ofensivo e,

desta vez, preferiu não saber. Tudo o que queria fazer era protegê-la daqueles vexames para sempre. Ela continuava com o ramo na mão.

— Um dia destes, vamos dar um bom uso a isso — disse ele, amável, tirando-lhe o ramo da mão e pousando-o em cima da mesa. Pegou nela, levou-a para a pista de dança e abraçou-a enquanto dançavam. Ela era uma mulher bonita. Sempre o fora. Só que ela até então não o sabia, mas agora tinha a certeza. E, ao olhar para ele, soube que era muito amada.